
LS
ONCE PERFECT
SHATTERED PAST
CECY ROBSON


Pl 6 anos
Apresenta:
ONCE
PERFECT
"SHATTERED PAST"
CECY ROBSON

Pégasus Lançamentos

6 anos

Sobre a série:

"SHATTERED PAST"

CECY ROBSON



Lançamento

Em breve







Equipe PL:

Tradução: Nikita

Revisão Inicial: Jade

Revisão Final: M.K.

Leitura Final: Ju Cedro

Layout e Formatação: Gaby B.



A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor/usuário fica ciente de que o download da presente obra se destina tão somente ao uso pessoal e privado. Deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor/usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Equipe Pégasus Lançamentos



SINOPSE

A vida dele nunca foi fácil. A dela não foi assim tão difícil. Eles vêm de mundos diferentes, mas o destino os uniu de uma maneira que eles não esperavam, nessa tórrida e forte estreia de Cecy Robson... perfeito para fãs da Monica Murphy e J. Lynn.

O futuro da Evelyn Preston uma vez pareceu perfeito... até que seu endinheirado pai se viu pego em um escândalo por desfalque de fundos e se matou. Sozinha e lutando para pagar a universidade e as contas, Evelyn encontra trabalho como garçonete no Excess, um clube noturno no qual estava acostumada a ter mais em comum com os clientes privilegiados, do que com seus atuais companheiros de trabalho. Mas algo a faz se sentir atraída pelo gorila sexy e lutador de MMA, de quase dois metros de altura, Mateo Tres Santos. Apesar de suas vidas serem muito diferentes, seus passados problemáticos os unem tanto na sobrevivência quanto no amor.

Mateo é um ex-militar que terminou na prisão por ter agredido o homem que molestou sua irmã. Agora sente o mesmo impulso de proteção pela pequena garçonete loira. Quando Evelyn enfrenta um ataque de pânico no clube, Mateo vem a seu resgate. E quando Mateo é ferido, Evelyn lhe devolve o favor o ajudando.

Enquanto sua atração se intensifica, Mateo está decidido a sondar que pesadelos estão à espreita no passado de Evelyn... inclusive se isso significar que terá de enfrentar seus próprios pesadelos para salvá-la.

Capítulo 1

— Barbie Malibu, precisamos de mais guardanapos!

Deixei de limpar o balcão, dividida entre jogar o balde em Sam ou no grupo de gorilas me provocando, com suas indiretas de Barbie. Ainda tinha mais duas mesas para limpar antes que as portas do infame Clube Excess do Main Line abrisse, e o verdadeiro trabalho começasse. Um grupo de babacas malcriados, "meninos das famílias mais ricas de Philly", com muito dinheiro e atitude, já faziam longas filas. Devia saber. Estava acostumada a ser como eles. Exceto que eles ainda tinham dinheiro.

Eu tinha um chefe estressado.

— Malibu!

— Jesus, Sam, já vou!

Joguei minha toalha sobre a mesa e andei através da pista, com minhas botas pretas, de cano longo e salto fino.

Se não fosse pelas gorjetas gordas que os idiotas bêbados lançavam como bolas de boliche, não haveria maneira nenhuma de trabalhar num lugar onde eu tinha que usar short curto e um top revelador, com estas botas de prostituta. A camisa branca amarrada na altura do meu estômago era a maneira do Sam de ceder quando eu e as outras garçonetes nos queixamos de nossos novos "uniformes". As mais desesperadas aumentam o decote. Eu não. Inclusive se isso significasse menos dinheiro, gosto de pensar que ainda me resta um pouco de orgulho.

Meus passos desaceleraram enquanto me aproximava do grupo de gorilas que se amontoavam ao redor de Mateo. Ele era jovem, mais jovem que pelo menos metade do grupo, mais eles ainda assim, o respeitavam. Considerando que Mateo era um ex-presidiário que lutava MMA em clubes, certamente que eles o evitariam. Eu seguramente faria isso. Falei com ele apenas uma vez em seis meses de trabalho no Excess, usando qualquer desculpa para manter a distância. Dito isso, havia algo nele que fazia com que as pessoas o notassem. Seus braços fortes cruzados sobre seu peito. A palavra ***Poder*** estava tatuada em seu antebraço com letras góticas, ***Ira*** no outro, e chamas negras formavam redemoinhos sobre ambas, desparecendo sob as mangas da sua camiseta preta apertada.

Meus ombros frágeis ficaram tensos à medida que me aproximava. Mateo cumpriu sua condenação por espancar um cara, que passou duas semanas no hospital, se recuperando dos golpes que tomou no rosto e corpo. Eu observava Mateo, muito.

De vez em quando, também o pegava olhando em minha direção. Ele me dava um curto aceno com a cabeça ou um pequeno sorriso, mas eu jamais tinha devolvido nada em respostas. Seu tamanho, a profundidade de sua voz e sua aptidão pela violência me assustam, apesar de sua aparência cativante. Movia-se como uma pantera espreitando a sua presa, pronto para qualquer coisa, seus olhos cor de avelã observando tudo.

Falou grosso e baixo, enquanto o último segurança chegava.

— Escutem. Mantenham as drogas e os traficantes fora. Se entrarem com essa merda ou virem alguém vendendo, atirem seus traseiros por essa porta. Sam não quer outra overdose. Se esses riquinhos querem morrer, podem fazer isso em outro lugar.

Os outros responderam ao Mateo com acenos rigorosos, exceto por Dale, que assobiou enquanto eu passava ao seu lado.

— Lindo traseiro, Evelyn...

Sua voz se apagou. Voltei para lhe dar um olhar de repulsa por cima do meu ombro, só para apanhar o olhar de morte que Mateo estava atirando em sua direção.

— Deixe Evie em paz, porra! E preste atenção no seu trabalho Dale — disse Mateo. Dale baixou o olhar imediatamente, permitindo que Mateo voltasse sua atenção ao resto do grupo. — Como já terminou a primeira semana de aula, estes idiotas estão procurando sair de festa em festa e os traficantes estão preparados para abastecê-los. Não os deixem passar. Peçam

reforços se precisarem. Ficarei perto do bar. Ant é o segundo no comando. Ele ficará do lado esquerdo da pista. Se eu estiver ocupado com alguma merda o chamem. Entenderam?

Os gorilas murmuraram coletivamente, concordando. Inclusive Dale.

Meu coração estava rugindo contra meu peito e eu perdi o equilíbrio. Puxei meu rabo-de-cavalo e apertei rapidamente, tentando fingir que essa era a razão pela que havia tropeçado e não, absolutamente não, porque Mateo me defendeu e calou a boca de Dale. Ou porque me chamou de Evie novamente. Ninguém me chama assim.

Deslizei para trás do balcão do bar, onde Sam estava arrumando outra prateleira de copos.

— Pegue duas caixas e se assegure que tenham o logotipo novo, não o velho — espetou. Os idiotas escreveram "Excess" errado da última vez.

— Eu sei Sam, eu sei — Franzi o cenho. — Está de barman de novo esta noite?

— Não. Só estou de avental para mostrar minhas tetas. É obvio que serei o barman. Tive que despedir o Joe, quando o peguei roubando da caixa registradora na semana passada! — Ele tirou do seu rosto uma mecha de cabelo. Acho que tinha uns cinquenta anos, mas sua juba, agora branca, a do Rei Leão, o fazia parecer dez anos mais velho. — Se apresse Malibu, só temos

vinte minutos antes que esses imbecis passem pela porta!

— Andaria mais rápido se não tivesse que usar estas botas — murmurei.

— Pare de reclamar. Essas botas te fizeram ganhar pelo menos trezentos dólares na primeira noite que as usou. Vi você contando o dinheiro.

Meu corpo desabou enquanto tive que concordar. Sam tinha um ponto. Pés doendo ou não, estas botas estavam pagando minhas contas da faculdade e outras dívidas. Abri a porta atrás do bar e imediatamente acendi a luz antes de deixa-la fechar atrás de mim. O pequeno conjunto de degraus à esquerda conduzia ao sótão, onde Sam tinha um escritório. Mas não precisava ir ali. Tinha que andar por todo o corredor para chegar ao depósito.

A luz fraca iluminava o piso branco, iluminando tudo, exceto o depósito que eu precisava entrar. Não seja medrosa, disse a mim mesma e andei pelo corredor, com o queixo erguido. Jesus. Odiava o depósito. Mas o resto do pessoal estava ocupado limpando os banheiros ou terminando de limpar as mesas. Além disso, eu não era exatamente popular por aqui. Ninguém faria isso por mim, mesmo se eu pedisse.

O corredor parecia mais comprido desta vez, inclusive mais comprido que as últimas doze vezes que tive de pegar artigos para o bar. Minha mão foi até minha garganta e deixei escapar um suspiro, esperando na segurança do brilhante corredor enquanto

procurava a pequena corda para acender a luz do depósito, meu salva-vidas, o único dispositivo que acendia as luzes.

Podia vê-la de onde estava parada, mas só devido à luz do corredor. Como sempre, amaldiçoei Sam por não remodelar esta parte da velha adega quando todo o resto foi remodelado, meses atrás. “Por que gastaria dinheiro extra em algo que armazena copos e garrafas?", argumentou ele.

— Idiota miserável. — Minha queixa se transformou em maldições mais criativas, quando vi que as caixas cheias de cervejas tinham diminuído a alguns potes. Tinha usado essas caixas como batente cada vez que era mandada ao depósito. Agora, não havia caixas suficientes para sustentar a porta de metal pesada, mas possivelmente, poderiam me dar um pouco de tempo para alcançar a corda, algo mais pesado - como os bancos do bar ou as cadeiras estavam na parte traseira... junto com os malditos guardanapos. Nota mental: mover um maldito banco para mais perto da porta.

Empurrei a caixa com meu pé, sem me atrever a entrar ainda e logo a coloquei contra a porta aberta. Por algum milagre, conseguiu mantê-la assim. Com determinação e uma respiração profunda, entrei na sala como uma covarde.

Meus pés pisaram forte no chão liso e minhas botas não tinham atrito contra o piso. Escorreguei enquanto alcançava a corda, caindo de costas no chão. A caixa cedeu e a porta fechou

deixando tudo na completa escuridão.

Minha respiração paralisou enquanto meus olhos lutavam para enxergar. Tudo escureceu, pois o deposito não tinha janelas. Estava desorientada e tinha que sair rápido dali.

Minha respiração continuou em ofegos rápidos e curtos, predizendo meu iminente colapso. Não entre em pânico. *Não entre em pânico. Não entre em pânico.*

— Pare, Evelyn! — disse em voz alta, pondo alguma ordem em minha mente. É só um depósito. Não vão te machucar. — Tratei de não pensar que estava sozinha na escuridão e lembrei que a corda estava ao meu alcance. Meu corpo ignorou meu raciocínio e reagiu a meu crescente medo, tornando meus músculos em gelatina e fazendo meu coração pulsar com grandes golpes em meu peito.

Levantei-me com as pernas tremendo e golpeei o ar na direção em que imaginava que a corda estava pendurada. Não estava ali. Meus pés se moveram um pouco mais para a direita e tentei de novo. Nada.

— Certo Evelyn. Vá para esquerda. Devia ter ido para esse lado, boba.

Assim, me movi à esquerda e golpeei ao ar. Ainda nada. A estúpida corda não estava ali. Tentei acalmar minha respiração, mas meu estrondoso coração não queria cooperar.

Volte. Só volte até a porta.

O medo me deixou atordoada. Me movi para frente, só para bater numa parede, batendo em uma caixa quando meu braço foi para trás. O conteúdo caiu no chão - *bang, bang, crash* – me deixando confusa e fazendo com que o cômodo parecesse dar voltas. Minhas pernas se apressaram, enquanto meu desespero crescia para a histeria. Bati em algo liso e pesado. Poderia ter sido o refrigerador, mas, qual? O que estava contra a parede de trás? Ou o mais próximo à porta? Lutei para encontrar o interruptor e conseguir um pouco de luz, qualquer luz, mas meu estado atordoado não deixava eu me mover corretamente.

— Merda!

O ar que entrava em meus pulmões parecia cimento, apertando meu peito e minha garganta. Me forcei a avançar, tropeçando quando alguém tocou meu braço. Afastei-me de um salto, golpeando a pessoa no rosto.

— Não me toque! — gritei. Mas não havia ninguém.

Só o silêncio me esperava na escuridão.

Breves imagens surgiam em minha mente, me confundindo e aumentando minha histeria. Alguém mais agarrou meu braço. Recuei, agarrando algo pesado. Os objetos caíram em todas as direções, enquanto minha mente trabalhava para discernir o que era real e o que era criado pelo meu medo.

Apertei a cabeça, enterrando minhas unhas curtas em meu couro cabeludo.

— Não há nada aqui. Pare. Basta!

Meus pés se apressaram, dando apenas alguns passos antes que meus joelhos cedessem e eu caísse contra o piso frio, chorando. As náuseas queimavam como ácido, fazendo ferver meu estômago e minha garganta. Ofeguei ainda mais rápido, ordenando a minha garganta que se abrisse, para poder respirar. Precisava respirar. Por que não conseguia respirar?

Cada folego doloroso fechava mais ainda minha garganta. Eu ia morrer.

— Não. Não. Não!

A luz encheu a sala e passos pesados atravessaram o lugar. As lâmpadas fluorescentes do teto piscaram para vida, antes que a porta se fechasse como uma explosão. Me enrolei em mim mesma, soluçando.

Uma voz firme e profunda me chamou.

— Evie. Evie. Está tudo bem.

Não. Não estou. Meus soluços se fizeram mais fortes, soando mais como um doloroso vômito.

— Evie... está tudo bem. Está tudo bem, agora... não deixarei que ninguém te faça mal...

Meu cérebro se apegou ao forte consolo na voz de barítono, enquanto fazia eco pelo depósito. Mateo. De todas as pessoas, ele tinha vindo me buscar.

— Respire. Não pense, baby. Só respire para mim.

Fiz o que ele pedia, trabalhando para respirar mais devagar e sabendo que precisava sair dali. Mateo era perigoso. Já o tinha visto "escoltar" aos festeiros para fora. Não era amável. Não era bonito. Era uma amostra de dominação.

E eu me recusava a sucumbir.

Dentro e fora, dentro e fora, lutei para deter meu choramingo patético. Ataque de pânico fodido. Sabia o que era. Sabia que meu corpo estava fora de controle. Mas não importava o quão duro eu tentasse racionalizar meu caminho pelo terror, isso não o fazia menos real.

— Isso. Boa garota. Está a salvo agora.

Levou um momento para que eu deixasse a posição fetal em que tinha paralisado. Meus músculos rígidos se alongaram gradualmente. Com um grande esforço, me sentei e tirei meu cabelo loiro, que estava grudado no meu rosto.

Mateo se agachou, só a uns centímetros de distância, me vendo com suaves olhos avelã, que não deveriam pertencer a alguém tão feroz. Soltei um suspiro estremecido.

— Está a salvo — disse ele de novo. — Nada vai te fazer mal

— Prometeu. Verificou meu estado e olhou ao redor. — Vou ficar de pé agora, tudo bem?

Não se moveu até que eu assenti, inclusive o fez com cuidado, dando dois passos para trás antes de ir até a prateleira onde estavam os guardanapos. Pegou a caixa mais próxima.

— E-esses não são os corretos. — Obriguei-me a dizer, com minha voz entrecortada.

— Eu sei. — Tirou um pacote de guardanapos com o logotipo errado e voltou, mantendo sua distância, teve que esticar seu braço musculoso para me entrega-los.

— Pegue. Limpe seu rosto. Iremos quando estiver pronta.

Sam e Dale chegaram correndo.

— Que inferno aconteceu aqui? — gritou Sam. — Tudo o que você tinha que fazer era pegar os guardanapos!

Velhos óculos de plásticos e decorações do Halloween estavam no chão. Eu estava sentada entre copos quebrados e grinaldas brancas e alaranjadas, ainda trabalhando em respirar corretamente. As grinaldas tinham caído das prateleiras. Devo ter enganchado nelas, de alguma forma. Agora as grinaldas rasgadas estavam espalhadas por toda a área.

Sam e Dale me olharam. Mateo permaneceu agachado.

— A porta fechou antes que eu pudesse acender a luz.

Consegui dizer.

— E? — perguntou Sam, quando eu não disse mais nada.

Não queria falar sobre meu medo do escuro. Essas pessoas já me consideram estranha o suficiente. Mas tinha que dizer algo. Abri a boca, certa de que conseguiria achar uma resposta decente, exceto que nada me veio à mente, assim pressionei com força os lábios e puxei o elástico que prendia meu cabelo.

— Ela é claustrofóbica — Mateo respondeu por mim.

Não era verdade, mas acredito que ele sabia isso. Dale olhou o amplo depósito e falou.

— Não pode estar falando sério, dá pra estacionar três carros aqui. — Abriu os braços e rodou.

— O local é completamente seguro, você sabe que isso é uma coisa da sua cabeça, né Evelyn?

Mateo se levantou, sua figura pesada parecendo ainda maior, com seu olhar frio na direção de Dale que estava de pé.

— E você é um estúpido que ainda vive com sua mãe e que não diferencia o buraco do seu ouvido com o do seu traseiro. Ninguém é perfeito. Deixe-a em paz.

Havia uma ameaça subjacente em sua ordem. Eu escutei. Dale também. Ele olhou para o chão com o cenho franzido e se apressou em sair, deixando a porta se fechar com força.

Mateo me ofereceu sua mão. Não acredito que teria feito isso, se Sam não estivesse na sala, mas não podia ter certeza disso. Eu tinha trabalhado no Excess por seis meses e ainda não conhecia realmente ninguém ali. Não de verdade. Exceto, talvez, Sam.

Sacudi a cabeça. Mateo pode ter me ajudado, mas eu não deixei de ter medo dele.

Puxou a mão e recuou uma vez mais, observando enquanto eu me levantava lentamente.

Sam saiu no momento em que me endireitei.

— Vamos. Os pequenos idiotas estão quase arrombando a porta.

— Está tudo pronto para abrir? — perguntou Mateo. Com o aceno de Sam, falou por seu comunicador. — Ant, Diga a Jace pra ligar a música e dê o sinal de abrir as portas.

A música detonou contra os blocos da parede, seguida pela voz abafada do Jace:

— Estão proooooooooooooonnntos? — Os débeis gritos emocionados mal podiam ser ouvidos por cima do som, mas os escutei. Havia muitas pessoas lá fora, prontas para beber, dançar e foder.

Mateo agarrou duas caixas dos guardanapos pelas quais eu tinha sido enviada.

— Viu? Já peguei. — Enquanto ele caminhava, suas botas

pretas pesadas chutaram uma das aboboras decorativas. Me abaixei para recuperá-la, mais instintivamente do que pelo desejo de permanecer neste inferno com ele. — Deixa aí — ele disse. — Vou limpar a bagunça depois que fecharmos. Se arrume e volte quando estiver pronta. As garotas vão te dar cobertura, até então.

Caminhei rapidamente através do depósito, enquanto Sam mantinha a porta aberta, passando a seu lado rapidamente, ansiosa para chegar até o vestiário - situado ao outro lado do clube - e chegar até o banheiro das mulheres. Em minha mente, esse pequeno espaço brilhante significava segurança e uma oportunidade de lutar contra meus nervos. Saí pela porta como uma mulher em perigo. Mas bem, talvez estivesse.

O último sucesso de Pitbull estalou através dos alto-falantes enquanto as primeiras músicas eram repetidas. O som ecoava, golpeando meus ouvidos; da mesma forma que as risadas dos clientes.

Mas não me importava.

A música e as vozes se misturavam, enquanto as luzes do clube dissipavam a escuridão, ajudando a me acalmar.

Da mesma forma que a voz profunda de Mateo.

Capítulo 2

Meus pés doíam tanto no final da noite, que até cheguei a pensar em cortá-los fora. Esfreguei minha panturrilha enquanto esperava o outro garçom da fila para trocar minhas gorjetas por notas maiores. Cento e oitenta. Isso foi tudo o que minhas corridas épicas ao bar tinham conseguido. Poderia ter feito mais se tivesse sorrido, mas depois de meu ataque de pânico, estava agradecida por não encontrar uma desculpa para não trabalhar.

Meus olhos vagaram para onde estavam Mateo, Sam, Ant e o resto dos gorilas. Como Mateo, Ant mantinha o cabelo muito curto, ficava de pé em posição de defesa e se armava com um olhar fulminante que poderia carbonizar ferro. Possuía força e inteligência para manter o controle e era o substituto, na ausência de Mateo. Só um idiota poderia arrumar problemas com o Ant.

Apesar de gostar de Ant, ele não chamava minha atenção. Meu foco voltou para Mateo, enquanto discutiam os eventos da noite: quem não tinha permissão de retornar, quem deveria ter sido expulso e como ele deveria ter sido chamado quando foram encontrados rastros de cocaína no banheiro, antes que o consumidor terminasse de inalar toda a evidência.

Mateo me viu observando-o durante a sessão informativa. Eu desviava os olhos, mas logo voltava a olhar, incapaz de controlar o impulso. Ele me pegou em cada vez. Não me correspondeu enquanto o grupo estava ao seu redor, mas uma vez que se dispersaram, me cumprimentou com uma piscada que viajou da minha barriga aos meus doloridos dedos dos pés.

Meu rosto esquentou e afastei os olhos... Outra vez. Não, não era uma idiota total. Noelle se apoiou no balcão do bar.

— Mmm. É gostoso, né?

Tentei brincar com o fecho da minha bota.

— Ant? Sim, eu acho.

Sem dúvidas, sou a pior mentirosa no planeta, possivelmente do universo. O sorriso de Noelle aumentou.

— Sim, eu também. Mas você sabe de quem estava falando.

— Que nada! — murmurei, tirando as notas do balcão e guardando-as na minha carteira.

Noelle bufou.

— Droga, Evelyn. Poderia ser mais antissocial?

— Sinto muito, eu...

Tarde demais. Ela jogou seu cabelo comprido avermelhado para trás e caminhou para o gorila esperando para acompanha-la até seu carro. Era uma surpresa que eu não agradasse a ninguém? Fechei minha bolsa e continue, só para gemer quando vi qual gorila me escoltaria para fora. Dale. Fabuloso. Preferia ter uma chance com um ninja assassino.

— Evie, espera.

A voz profunda de Mateo chegou até mim na metade de meu caminho até a porta, justo no meio da pista de dança. Deixei sair um longo suspiro, disposta a parecer tranquila e serena enquanto virava para enfrenta-lo.

— Tem um celular?

— O que?

Serena, calma, tranquila. Essa era eu.

Ele pressionou os lábios. A princípio, eu não estava segura se o tinha irritado ou se ele estava tentando não rir de mim. A chama que, de repente, iluminou sua íris cor avelã e as sutis rugas ao redor de seus lábios me disseram que era o último. Poderia me envergonhar mais? Sim. Provavelmente.

Ele inclinou o queixo.

— Um celular. Você tem?

Procurei na minha bolsa.

— Sim, tenho. Precisa fazer uma ligação? — Entreguei meu maltratado iPhone, o único aparelho luxuoso junto com meu laptop, que tinha sobrevivido ao embargo feito pelo IRS[1] dos nossos ativos. Merda, todo esse drama foi há apenas três anos?

A mão enorme de Mateo cobriu a minha enquanto a baixava. Era quente, apesar do intenso frio do ar condicionado. Agora que a multidão tinha desaparecido, não havia respirações febris nem corpos acalorados para camuflar a baixa temperatura.

As pontas de seus dedos roçaram meus nódulos. Retirei apressadamente minha mão como se queimasse e, no processo, deixei cair meu celular.

— Droga.

Tratei de reprimir meu nervosismo. Mateo nunca tinha sido inapropriado com as garçonetes e Sam, obviamente, confiava nele para guiar sua equipe. Mas tinha cumprido um tempo na prisão por agressão e quem sabe o quê mais.

Tinha visto em primeira mão a violência da qual era capaz. Nessa noite, tinha agarrado um cara pelo pescoço e tinha posto o miserável para fora do local. Se podia fazer isso com alguém de seu tamanho, então o que poderia fazer comigo?

Tomei meu tempo inspecionando o celular. Quando finalmente levantei a cabeça, seus olhos eram surpreendentemente amáveis, como tinham sido quando me encontrou no galpão. Ignorou meu jeito rude, falando calmamente.

— Baixe um aplicativo de lanterna. Existem muitos disponíveis. Escolha o mais brilhante e mantenha o celular em seu bolso traseiro, enquanto está aqui.

Sabia que eu tinha medo do escuro.

— Eu... Sam não permite celular durante o trabalho. E não há muito espaço nesses shorts curtos

— Falarei com Sam. Desde que não mande mensagens nem faça chamadas, poderá ficar com ele.

Deslizei minha mão pelos minúsculos bolsos. Meus dedos estavam apertados contra meu traseiro.

— Faça com que caiba — apontou. — São bem pequenos.

Mordi meu lábio, assentindo. Observou minha boca e inspirou forte. Minhas pálpebras se abriram amplamente, surpreendida. Ele estava me encarando fixamente? Pigarreou e chamou sobre seu ombro.

— Ant!

— Sim?

— Pode levar Evie lá fora?

Ant deixou o grupo que restava, seu passo diminuindo à medida que se aproximava. Deu uma olhada em minha direção e logo em Mateo, seu sorriso branco e brilhante em contraste com sua pele escura. Tinha-o visto encarregar-se de um grupo de meninos de fraternidade quando tentaram sair sem pagar sua comanda e dar gorjeta para Noelle umas semanas atrás. Ant era malvado, musculoso e capaz de golpear cabeças como alguém invencível. Mas quando as pessoas abandonavam o estabelecimento e as luzes se acendiam, Ant se convertia em um comediante de brincadeiras pesadas. Ninguém se salvava de suas indiretas. Nem seu melhor amigo.

— OH, eu vejo. Não quer deixar a sua pequena Evie nas mãos do imbecil do Dale.

— Ei! Eu estou aqui! — gritou Dale.

— Como se me importasse — desafiou Ant, fazendo com que o grupo atrás dele risse. Sacudiu o queixo. — Está pronta, moça?

— Ah, sim. Tenho tudo o que preciso.

Mateo partiu em direção à outra porta do armazém. Não disse nada, mas Dee-Dee, a outra garçonete, sim. Posou a mão em seu quadril e gritou através da sala.

— Teo! Chegaremos tarde para vermos as lutas. Aonde vai, doçura?

Minha cabeça se elevou de volta para o Mateo. *Doçura*? Isso

era novo. Eles estavam saindo?

— Só vou demorar uns minutos. — disse, sem se incomodar.

Ia limpar meu desastre. Não havia outra razão para que ficasse.

Dee-Dee olhou fixamente para a parte traseira das calças pretas de Mateo. Pela forma como lambeu os lábios, estava ansiosa por sua volta e por mais. E por alguma razão bizarra, eu não gostei nada.

A maioria do pessoal ia jantar em casa, depois do trabalho, ou qualquer outro lugar. Estavam acostumados a ficar até tarde e trabalhar mais que os turnos de fim de semana e as noites alternadas de quinta-feira, que eu atendia. Exceto por Noelle, eu era a única que ainda frequentava a faculdade. Depois de cada turno no Excess, retornava para casa e me jogava na cama, rogando por umas poucas horas de sono, para assim poder despertar e terminar meus planos de cuidados e análise de laboratório.

Consegui me graduar três anos atrás em uma escola privada, somente porque meus estudos haviam sido pagos antes da morte de meu pai. Só que isso não fez com que fosse mais fácil de terminar. Meus supostos amigos tinham me abandonado, por minha escandalosa família, e os parentes que ficavam não queriam ter nada a ver comigo, me acusando de enlamear o sobrenome Preston. Tive problemas de confiança desde então.

Assim, quando as outras garçonetes inicialmente tentaram ser amáveis e me incluir em seus planos, foi mais fácil dizer não e permanecer calada, do que me arriscar a sair machucada outra vez.

O resultado do meu silêncio foi que ganhei a reputação de ser esnobe. Ninguém sabia pelo que eu tinha passado. Era mais fácil que o pessoal acreditasse o que quisesse e me ignorasse. Então, por que Mateo se desviou de seu caminho para me ajudar?

Pensava nisso enquanto seguia focada nele.

— Obrigada — gritei atrás dele, muito depois.

Continuou andando e desapareceu pelo corredor, deixando a porta que dava para o bar fechada, atrás dele. O que ele esperava? Tinha me ajudado e antes não tinha sequer me incomodado em lhe agradecer. Tudo o que eu fiz foi me afastar bruscamente, como uma idiota.

Me assustei um pouco ao notar Ant observando enquanto olhava Mateo. Pendurei minha bolsa no ombro e fui em direção à porta.

— Está pronto?

Ant aumentou seu sorriso.

— Só se você já terminou de olhar para o meu menino Teo.

A lava não poderia ter queimado tanto como meu rosto.

Apressei-me. Ant trotou atrás de mim, me alcançando facilmente.

— Não estava olhando, Anthony — murmurei, ignorando Dale enquanto passávamos.

— Se você diz. — Riu. É obvio que não acreditava em mim.

Franzi meu cenho, porém era difícil de manter. Gostava de Ant, embora ele provavelmente não soubesse. Quando ria, era com todo seu coração. Desejaria poder rir assim. Era um bom menino e surpreendentemente amável, apesar da tatuagem de dragão que serpenteava por seu braço e ia até seu pescoço.

Meu Cherokee estava no lado mais afastado do estacionamento, sob uma luz que quase apagava seu fraco vermelho rosado. Houve um tempo em que meu carro era uma BMW personalizada. Já não é mais. Inclusive na distância, o oxidado para-choque frontal do Cherokee parecia rir de mim, como se consumir mais gasolina do que podia pagar não fosse humilhação suficiente. Tentei vendê-lo, mas ninguém queria comprar essa velha monstruosidade.

— É um bom menino, sabe. — Riu entre dentes quando minha atenção foi para ele.

— Eh? — Por acaso, eu não era a garota mais expressiva

— Teo é uma boa pessoa. E não digo isso só porque somos amigos.

— Ele esteve na prisão. — No momento que disse isso, me

arrependi, no mesmo instante.

Ele reduziu os passos, até me parar.

— Evelyn, você ainda tem muito que aprender sobre a vida. — Me surpreendeu ao negar com a cabeça e ficar em modo de ataque. — Nem todos que vão para a prisão merecem estar lá.

Puxei minha bolsa, endireitando minhas costas.

— Está dizendo que ele é inocente? Que foi incriminado?

Ant fez uma pausa, parecendo perplexo pela minha resposta estúpida.

— Não. Ele fez o que fez. Porém, isso não significa que não estivesse certo.

Não acreditei no que ele estava dizendo.

— Ele agrediu alguém, Ant. Pelo que escutei, esse pobre homem terminou no hospital!

Ant se elevou em toda sua altura e cruzou seus grandes braços, fazendo com que eu retrocedesse instintivamente. Sua personalidade brincalhona desapareceu, substituída por um homem grande, pronto para defender seu amigo, igualmente ameaçador.

— Evelyn, esse "pobre" cara, abusou da irmã de Teo — Zombou, quando congelei boquiaberta. — Sim, isso mesmo. Sabia que ela só tinha quatorze anos? Sabia que o idiota tinha dinheiro?

E que o dinheiro pode tudo, moça? O suficiente para desaparecer com as provas contra um estuprador e enviar um irmão latino para a prisão.

— OH, Meu Deus!

Ant baixou seus braços devagar, seus ombros caindo ligeiramente.

— Teo voltou para casa de uma licença quando tudo isso veio abaixo. Um ano no Exército, posição exemplar, registro perfeito, e tudo acabou porque ele tentou fazer o que era certo por sua família. Foi expulso por conduta desonrosa, sem possibilidade de voltar.

Ele se apoiou sobre seus calcanhares.

— Meu menino quebrou as leis. Não estou dizendo que não. Mas antes de julgá-lo, pense no porque ele fez e em tudo o que ele perdeu por isso.

Passou um momento entre nós, antes que eu pudesse falar.

— Deus, Ant, sinto muito. Eu só... sinto muito. – Não conseguia olhar seu rosto, a vergonha me manteve cabisbaixa.

— Não espero que alguém como você entenda — disse.

O problema era que eu entendia. Em formas que não me atrevia a admitir.

Capítulo 3

Lourdes se apoiou sobre meu ombro enquanto eu sovava a massa, rindo, enquanto eu golpeava mistura grossa de massa como se fosse o rosto de Donovan.

— Evelyn. Que diabos está fazendo?

— Biscoitos. Pro Mateo — grunhi. Cozinhar não deveria ser difícil assim!

Puxou uma cadeira e apoiou seu cotovelo sobre nossa mesa de linóleo. A pequena cozinha não era nem sequer a metade do tamanho da dispensa em minha antiga casa, em Villanova.

Grunhi outra vez, desta vez, mais forte. Os dias de cozinheiros e empregadas ficaram pra trás. Minha amiga Lourdes e eu tínhamos mudado para o apartamento do segundo piso desta antiga colônia, pouco depois que nos graduamos na escola.

Um banheiro, dois quartos pequenos e uma pequena sala de estar formavam nossa casa. E assim modesta como era, estava em um lugar melhor.

— Gosta dele? — perguntou ela, me trazendo de volta ao momento. Minha surra se reduziu a uns golpes mais afetuosos.

— De quem?

— Sabe de quem. Mateo. Você gosta, não é?

— Eu não gosto. Mas também não me desagrada.

Decidi trocar as colheres. A de metal não estava cortando. Enquanto procurava em nossa gaveta, pensei na melhor forma de minimizar minha intenção.

— Só estou tentando ser gentil. Ele foi... amável comigo durante meu ataque de pânico. — Falhei em o julgar. Possivelmente, ainda restava algo da princesa, depois de tudo, apesar de minha tiara ter sido confiscada.

Encontrei uma colher de madeira e segui misturando, deixando a bacia cair sobre a bancada, sovando mais a massa. Minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos. Se tivesse estado viva enquanto eu crescia, será que teria me ensinado a cozinhar? Era algo que me perguntava com frequência. Agora, tentava me concentrar no meu futuro... e não no que deveria e o que poderia ter sido. Levantei a bacia outra vez, logo a pus de volta na bancada.

— Passou quase uma semana e nunca disse obrigada?

— Mmhmm.

Lourdes sentou-se com suas roupas perfeitamente passadas, pronta para seu turno no asilo, uma hora antes, como de costume. Escolheu trabalhar com um salário menor pela experiência que estava conseguindo, mas ela podia se dar ao luxo de fazer isso, tinha família e uma bolsa de estudos para ajudá-la. Tudo o que eu tinha eram lembranças de meus tios brigando para aproveitar o que podiam da fortuna da família e as acusações de que tinha "escondido" dinheiro. Perdedores.

Um sorriso diabólico brincou em seu rosto. Tentei não demonstrar emoções nos meus olhos.

— Lourdes, você não entende. Sábado passado foi uma loucura total; Setecentas pessoas à meia noite, três da equipe de Mateo agarraram traficantes de drogas e sem contar os imbecis começando brigas na pista de dança. — Sacudi a cabeça. — Mas a parte mais seriamente aterradora, foi quando os traficantes descobriram uns aos outros.

Ela se levantou e arqueou uma sobrancelha.

— Traficando para diferentes líderes?

— Isso é o que parecia. Mateo, Ant e Sam dirigiram as coisas para fora quando a polícia chegou. O resto dos gorilas mantiveram todos afastados. — Acrescentei mais gotas de chocolates na

massa.

— Parece que toda a ação está acontecendo desde a Filadélfia.

— Tem sentido. Há um montão de dinheiro aqui em Main Line. Farão mais aqui com coca e Mollies, que nos clubes menores da Filadélfia. — Ela deu outra olhada na massa.

— Aw, inferno. Se estiver tentando agradecer, somente diga: "Obrigada" — assinalou a massa espessa e fez uma careta. — Não dê essa merda desagradável pra ele.

— Você nem sequer provou!

Ela girou as pontas de seu cabelo preto e curto.

— Evelyn. Provei o suficiente de sua comida para saber que você não tem isso.

Limpei a substância viscosa de minhas mãos.

— Isso o que?

— O dom de cozinhar... o que quer que seja. Faça aquilo que você sabe que funciona: espaguetes, sopa enlatada e torradas. — Tenho que te lembrar quanto tempo levou pra você dominar isso?

Suspirei.

— É uma receita, Lourdes. Estou seguindo linha por linha. — Voltei para minha frenética mistura, tentando livrar a bacia de todos os rastros de farinha. Deixei cair a bacia novamente quando

meu pulso começou a doer.

Lourdes se sentou, brincando com os cordões apesar de que tinha mantido o laço da calça.

— Acredito que deveria falar com alguém, Evelyn — disse em voz baixa. — Ter ataques de pânico só por estar na escuridão não é... normal. Acredito que tenha algo mais.

Se Lourdes não fosse minha colega de quarto, não saberia do meu medo da escuridão ou sobre deixar a luz acessa a noite, para eu poder dormir. Não disse nada, nunca. Os últimos anos tinham ensinado muito. Se eu tinha problemas de confiança? Ah, sim.

— Sabe, um semestre de psicologia não te faz uma psicóloga.

Ela sorriu suavemente.

— Só quero que esteja bem.

Sim. Bom, eu também. Estendi o braço para pegar a bacia, só para soltar quando meu telefone tocou. Fulminei-o com o olhar quando vi a mensagem de texto.

Como você está?

Esta era a segunda mensagem de Donovan, meu ex-namorado. Loiro. Olhos azuis. Jogador de futebol americano. Um completo idiota. Tinha me prometido um para sempre. O para sempre, ao que parece, não tinha nenhuma chance contra um escândalo de família. Estremeci quando pensei em tudo o que lhe

tinha dado. E tudo o que ele tinha tirado de mim.

Lourdes também fulminou meu telefone com o olhar. — Você pode bloquear o pequeno idiota?

— Eu fiz. Mas a companhia de telefone desfaz o bloqueio depois de seis meses. — Apaguei a mensagem como tinha feito com todas as outras, desde a primeira, quando ele teve o descaramento de declarar que sentia saudades. Estou certa de que tinha sua colheita de garotas ingênuas no Notre Dame. E eu não era ingênua. Não mais.

Peguei a massa com uma colher e deixei cair pequenos montes sobre a forma.

— Precisamos de outra forma para o forno.

Lourdes fez uma careta de novo e sacudiu a cabeça. — Se isto for para os biscoitos, acho que não. A massa parece... — Pegajosa?

— Não.

— Grossa?

— Ah, algo assim. — Utilizou a ponta da colher para empurrá-la. — Dura. Esta merda parece muito dura. Os pênis ao redor do mundo invejariam esta massa.

— Lourdes! — Riu.

— Está bem. Tenho certeza que vai ficar uma delícia!

Continuei firmemente, precisando fazer as coisas bem, pelo menos uma vez na minha ridícula vida.

Cheguei ao clube um pouco mais cedo do que o habitual. Mais de uma vez, me debati sobre voltar a minha caminhonete, para deixar os biscoitos. Ao final, "Obrigada" não era suficiente. A amabilidade frequentemente não se oferecia livremente ou genuinamente, especialmente ao redor da zona da Filadélfia. Normalmente, havia uma armadilha.

A preocupação de Mateo tinha surgido quase com a mesma força que sua fortaleza. E o suave toque em seu tom me tinha ancorado novamente à realidade. Enquanto estava no chão, vulnerável, poderia ter feito algo e ninguém saberia. Poderia ter saído, dito a Sam e Dale que eu estava bem e voltar.

Em vez disso, me deu espaço e tempo. Não sei o que teria feito sem ele. Quando cheguei à grande porta de vidro e Chris me viu e acenou para mim, olhando o prato em minhas mãos, soube que não havia como voltar atrás.

Não podia me dar ao luxo de comprar algo para Mateo. Meu pai estava acostumado a me presentear com joias quando consegui ser escolhida como líder de torcida, quando fui eleita rainha do baile e quando fui aceita em Notre Dame, junto com Donovan. Só me parecia justo dar algo a Mateo.

Ele e Ant estavam recostados no bar, esperando que o resto da equipe aparecesse antes de discutir a estratégia para a noite.

No posto do DJ, Jace repassava sua lista de reprodução, seus fones de ouvido firmemente no lugar, golpeando sua cabeça ante qualquer nova mescla que tivesse inventado.

Mateo riu de algo que Ant disse. Seu sorriso revelava constantemente traços do jovem escondido debaixo da parede de duros músculos. Tinha visto garotas de irmandades tentarem atrair esse sorriso. Até agora, nenhuma teve êxito e, esta noite, estava especialmente encantada por isso. Sua camiseta preta do Clube Excess abraçava seu amplo peito e a sombra de uma barba aparecia ao longo de sua mandíbula quadrada. Não tinha se barbeado. Parecia bem... sexy.

Meus olhos se abriram de surpresa, diante de onde meus pensamentos tinham vagado. Contei até dez e me obriguei a me aproximar dele, segurando firmemente meu pequeno prato de papel, como se possuísse o poder de me fazer um pouco mais valente, e de alguma forma, menos estúpida.

Mateo parou de rir quando me aproximei, logo me dando um aceno.

— Evie.

Não estava contente. Maravilhoso. Tudo em mim gritava que corresse e me escondesse. Mas agora era muito tarde.

Ant sorriu.

— Ouça, doçura. O que andou fazendo?

— Nada.

"Nada" parecia ser a palavra chave. Ficaram ali, esperando por mais. Lutei com o que dizer, até que meu olhar caiu na tatuagem da palavra ***Ira*** de Mateo. Fiz um gesto na direção de seu antebraço com meu prato.

— F-fez isso quando estava... já sabe, na grande casa?

Sua pausa aturdida deu a minha cara tempo para esquentar, mas isso não era nada comparado ao rubor ardente que causou a repentina gargalhada de Ant.

— Grande casa? — Riu de novo, desta vez se dobrando e agarrando suas pernas.

— Evelyn é a pessoa mais branca do planeta. Não tem sentido dizer "grande casa".

O peito e os ombros de Mateo se sacudiram e ele lutou para manter seus lábios firmemente pressionados. Não riu em voz alta, mas quando me deu as costas, imaginei que era um mau sinal. Colocou as mãos em seus quadris e baixou a cabeça, tomando umas respirações enquanto eu esperava, como uma idiota, com os malditos biscoitos nas mãos. Quando se voltou pra mim, me surpreendeu ver que todo rastro de humor havia sumido de seu rosto. Enquanto isso, Ant seguia morrendo de rir. Mateo pigarreou.

— Ant, vá perguntar ao Sam se entregaram as novas

camisetas.

Ant secou os olhos cheios de lágrimas.

— Tem certeza quer que te deixe sozinho com esta moça fantástica?

A cabeça de Mateo se sacudiu em direção a parede. Ele limpou a boca com a mão e tomou outra respiração profunda, recuperando sua compostura.

— Só perguntei.

Deu-lhe um empurrão quando Ant abriu a boca para dizer algo mais. Mas que caralho? Só queria morrer. Mateo inclinou a cabeça para os biscoitos.

— Você gosta de cozinhar?

— Não. Sim. Não. — meu Deus. Estendi o prato. — Fiz esses para você. Me ajudou na semana passada e eu nunca tive a oportunidade de... bom, de dizer... — Soltei um suspiro quando ele ficou olhando. — Obrigada. Só estou tratando de dizer obrigada.

Os segundos seguintes foram os mais longos da minha vida e tomou tudo o que tinha pra não sair correndo. Me alegrei de ter ficado. Os lábios cheios de Mateo se curvaram em um sorriso. Olhou em meus olhos e esqueci tudo: a risada de Ant, minha humilhação, meu arrependimento. Eu soube que estava com problemas quando me dei conta de que nunca iria querer me

desviar desse olhar.

— De nada, Evie — murmurou ele, sua voz mais profunda. Agarrou o prato, rompendo nossa conexão enquanto o punha sobre o balcão. Tirou a fina embalagem de plástico. Com uma piscada e um sorriso, pegou um biscoito.

Foi tudo tão mágico.

Até que ele deu uma mordida.

O momento em que seus dentes apertaram, algo mudou em sua expressão. Era a surpresa congelando os fortes ângulos de seu rosto? Dor? Não...

Continuou mastigando com grande dificuldade, justo quando Ant retornou.

— Sam disse que as camisetas devem chegar na segunda-feira. OH, biscoitos.

Mateo estendeu uma mão, tentando deter Ant de roubar um, mas estava muito ocupado se afogando com minha criação mutante para ser de alguma utilidade. Ant deu uma dentada e cuspiu imediatamente.

— Que demo...? — Apontou para o biscoito acusadoramente. — Você fez essa merda?

Respondi da única forma que sabia. — Ah, não?

Mateo limpou a boca com o dorso da mão, partes de massa e

chocolate manchando sua boca e mandíbula. Desta vez não conseguiu conter sua risada. Seu corpo se estendeu pelo balcão enquanto tentava engolir o último pedaço de meu agradecimento.

Havia momentos em minha vida que queria lembrar pra sempre. Este não era um deles. Estava mortificada.

Não podia ficar pior — eu pensava — até que alguns dos gorilas passaram e encontraram seu intrépido líder desabado sobre o balcão, com um ataque de risos. Afastei-me um pouco, pronta para correr, gritando. Ant, é obvio, não pôde deixar passar.

— Escutem, bisbilhoteiros. Se qualquer, e quero dizer qualquer um de vocês encontrarem alguém traficando aqui essa noite, quero que esmurrem seus crânios com uns destes. — Levantou um de meus biscoitos sobre sua cabeça. — Vai nocautear qualquer filho da puta.

Capítulo 4

Não falei com Mateo ou Ant pelo resto da noite da quinta ou sexta-feira, evitando-os como se fossem pacientes infectados com ebola. Em ambas às noites, escapei até os vestiários e me voluntariei para trabalhar nos banheiros, e na noite de sábado isso também não foi exceção.

Odiava os trabalhos nos banheiros. Mas a humilhação avivava minha necessidade de lavar privadas. Também ajudava que Sam pagasse extra a qualquer um disposto a limpar. Aqueles de nós, com complicações, nos oferecíamos como voluntários regularmente, dando ao Sam uma desculpa para não contratar uma companhia de limpeza. Sim, poderia dizer que o homem era barato.

— Evelyn. Ninguém vai comer aqui. Não tem que ser tão meticulosa. Vamos, terminamos. Levanta os pés enquanto ainda pode.

Continuei polindo a torneira automática.

— Só mais uns minutos, Dee-Dee. Quase terminei.

— Bom, que seja.

Abriu a porta de repente, golpeando seu quadril contra ela. O choque - junto com a risada distante do pessoal e a música de Jace - começou a entrar no ambiente e ricochetear nos azulejos pretos e vermelhos.

— Dee, Evie ainda está lá dentro?

Paralisei minha limpeza. OH. Não.

Mateo me esperava lá fora. Meu corpo esquentou, sem sequer olhar em sua direção.

— Evelyn — chamou Dee por cima de seu ombro. — Mateo quer ver você.

Não me diga. Ele e Ant tentaram falar. Só me afastei rígida, rápida e silenciosamente. Se não tinham percebido como uma fuga antes, agora perceberam.

Dee se foi. Olhei meu reflexo. Com nada melhor que fazer, amarei meu espesso cabelo loiro de novo em um bem apertado rabo-de-cavalo. Ainda não estava vestida para o trabalho. Embora Sam insistisse que o pessoal estivesse uniformizado trinta minutos antes de abrir, ainda estava em meus jeans, já que tinha planejado me esconder e lavar os banheiros. Mas agora Mateo estava esperando, provavelmente tentando ter outra risada às minhas custas.

Coloquei todos os produtos de limpeza numa cesta e empurrei a porta para abri-la. Nosso vestiário estava situado na porta do lado. Minha esperança era que Mateo tivesse ido embora e eu pudesse escapulir. É obvio que isso não aconteceu.

No momento no que empurrei o trinco, ali estava ele, inclinado contra a parede oposta com os braços cruzados, olhando diretamente para a porta. Sem nenhuma palavra, dei uma virada brusca à esquerda.

— Evie, espera. — Sua mão agarrou minha mão livre, somente me tocando, mas de algum jeito conseguindo me manter no lugar. — Olha, sei que está zangada.

— Não estou zangada.

— Sim, está.

— Está equivocado.

Essa era a verdade, mas havia mais. Enquanto me segurava passei a cuspir muita informação, como uma universitária depois de muitos goles de tequila.

— Sei que todos aqui pensam que sou uma cadela, mas não é assim. — Seus dedos deslizaram dos meus — Não sei como me encaixar e não sei como fazer amigos. — Então, eu o encarei. Surpresa e preocupação sombreavam seu rosto suave.

Não tinha a intenção de lhe dizer algo. Parecia que não tinha poder de me deter. Algo sobre Mateo contribuía. Assim, aqui

estava eu, soltando tudo.

— As pessoas se aproximavam de mim por ser quem eu era ou o que, supostamente, eu tinha. Nunca tive que fazer um esforço. Não como agora.

Ele apoiou um ombro contra o batente da porta, me observando.

— Mas o fez, quando me deu os biscoitos.

Assenti, sentindo meus olhos picarem pela verdade em suas palavras. — Provei antes de lhe dar aquilo. Não pensei que estivessem tão ruins...

Minha voz se apagou enquanto ele se aproximava e agarrava minha nuca gentilmente. Suaves lábios quentes roçaram minha testa, logo percorrendo minha pele eletrificada.

— Lamento se a ofendi — murmurou. Seu polegar acariciou um ponto suave atrás de minha orelha enquanto seus assombrosos olhos se encontravam com os meus. — Obrigado por pensar em mim.

Soltou-me e se afastou, enquanto eu permanecia imóvel, sustentando minha cesta estúpida.

A noite foi uma loucura. As portas abriram às nove. A meia-noite eu já tinha corrido até o bar ao menos trinta vezes. E eu não era a única. Dee-Dee elevou sua bandeja em cima de minha cabeça enquanto Noelle e eu passávamos com as nossas.

— Essas azeitonas são orgânicas? — A garota vestida dos pés a cabeça em Versace levantou a azeitona em um palito de sua bebida e a agitou para mim. — Eu só como orgânicos.

Sorri e menti.

— Totalmente. Só usamos produtos orgânicos.

Colocou-a na boca.

— Então continue trazendo, querida.

Não era a única lidando com idiotas. O grande Chris retirou dois desinibidos meninos de fraternidade, os agarrando pelas nucas. Andei entre a multidão, observando-o arrastá-los enquanto retornava pra pegar mais bebidas.

Coloquei minha bandeja na bancada de recolher copos, no canto do bar. Sam encheu a bandeja de Noelle com um recorde de chás gelados Long Island e oito drinks Blow Job.

— Idiotas de irmandades — murmurou — Abrindo espaço pela multidão enquanto o remix do Timbaland do Jace levava os universitários a gravitarem para a pista.

— Sam, meu gim tônica da mesa dezesseis!

O suor corria por sua testa, enquanto servia o que parecia Redheaded Slut em dez pequenas taças.

— Julian fará as suas!

Geralmente, trabalhavam três barmans no balcão frontal e

quatro tomavam a parte traseira, mais próximo do DJ. Esta noite só estavam Sam e Julian à frente. Julian era novo. Muito novo. Mas o contratou, o menino sabia misturar bebidas.

— As suas são as próximas, Evelyn! — disse.

— Obrigada!

Meus quadris se balançavam involuntariamente ao ritmo da música, enquanto esperava minhas bebidas. Mateo tomou posição a uns metros de distância. Escaneou a multidão de sua plataforma elevada, parecendo ver tudo, menos a mim. Não tínhamos conversado desde que me deixou perto do vestiário. Não pensei que tivesse me notado, até que sua voz ressonou a meu lado.

— Nem sequer pense nisso!

Saltei, surpresa de como ele se moveu rapidamente. Agarrou algum idiota pelos pulsos, suas mãos a uns centímetros de meu traseiro. O idiota tinha tentado me agarrar.

Mateo se assegurou de que nunca me tocasse.

O cara caiu sobre seus joelhos pela pressão que Mateo aplicou. O olhar fulminante de Mateo permaneceu nele enquanto o soltava e o perdedor se afastava a tropeções.

— Obrigada — murmurei.

Mateo piscou para mim, antes de retornar ao seu posto. Está bem. Isso não era um momento para ficar encantada ou algo

assim. Ele me observou por um momento, até que outra pessoa atraiu sua atenção.

Um bruto sem pescoço em uma jaqueta de couro se moveu pela multidão, com seu olhar fixo em algo diante dele. Meus olhos se abriram. Era um dos vendedores presos na semana passada.

Mateo falou em seu fone de ouvido. Seis gorilas de distintas plataformas ao longo da parede levantaram o olhar ao mesmo tempo, com as mãos sobre suas orelhas enquanto escutavam as ordens de Mateo. Ant estava entre eles. Assentiu e baixou enquanto outro gorila tomava sua posição. O grande Chris, que estava trabalhando na pista, também assentiu, olhando na direção de Ant.

— Aqui, Evelyn. — Julian pôs o meu gim tônica, decorando-o com um limão.

Mateo pôs suas mãos em minhas costas, me fazendo vacilar no lugar. — Fique aqui até que saibamos o que está acontecendo — murmurou em meu ouvido.

Outro gorila tinha tomado sua posição. Não me movi, inclusive quando a palma de Mateo deslizou de minhas costas para mais abaixo do meu corpo, sabendo que era melhor não questioná-lo. Seu enfoque permaneceu em frente, enquanto esperava, angulando seu corpo ligeiramente na minha frente.

O cara da jaqueta de couro se deteve entre os dois homens que se moveram para frente. Entre o mar de corpos dançantes e

braços se movendo, vi quem ele estava procurando.

Um menino muito magro em um moletom cinza lançou sua cabeça para trás e riu, até que percebeu o homem de jaqueta de couro olhando-o diretamente. Arregalou os olhos em pânico e gritou para o seu grupo.

O cara de jaqueta de couro procurou algo atrás de suas costas. Houve um momento que tudo pareceu paralisar, então Mateo gritou:

— Arma!

As luzes do clube cintilaram contra um brilho prateado enquanto Ant segurava o braço do homem a quem estavam observando e o torcia para cima.

Mateo me arrastou atrás do bar pela cintura, sua voz era um rugido. — Abaixe!

A arma disparou quando meus pés golpeavam o chão, congelada onde estava. Meu sangue gelou. Jesus. Conhecia esse som.

Os gritos seguiam, acompanhado do rugido coletivo de todos se apressando para a saída ao mesmo tempo. A bandeja de Noelle voou de sua mão quando alguém se chocou contra ela. Era a última imagem que presenciei antes que me colocasse debaixo do balcão.

Outro disparo, seguido de outro. Meu corpo se sacudia com

cada estalo.

Estava abaixada, com minhas mãos em cima de minha cabeça. OH, Deus. OH, Deus. A sensação de enjoo retornou e minha garganta fechou, até que eu quase não podia respirar. Mas logo algo me ocorreu, me tirando abruptamente de meu pânico crescente.

Uma das garçonetes aterrissou em cima de mim. Rodou por cima de mim, com o rosto marcado de medo.

— Cristo, venham para cá! — gritou Sam.

Sam e Julian estavam falando com as garçonetes que estavam gritando e que estavam se jogando por cima do bar. Dee-Dee engatinhou no chão, em minha direção.

— Evelyn. Onde está Noelle? Você a viu? Gritou por cima do ruído.

— Estava na seção VIP!

— Diabos. É verdade? Ali não tem lugar para se esconder!

Ele tinha razão. Pior, a área elevada a deixava mais visível. Subi por trás do bar, para onde tinha visto Noelle perder sua bandeja. Alguns dos clubbers saltavam sobre algo no chão, alguns tropeçavam. Levei as mãos à boca. Não havia ali nada suficientemente grande para criar uma barreira. Exceto talvez, uma pessoa.

Não pensei. Só reagi, me apressando para passar pela

multidão, correndo para onde pensava que estava Noelle.

— Evelyn!

— Evelyn!

— Droga, Evelyn!

Os gritos do Dee-Dee, Julian e Sam eram apenas audíveis por cima de todos os gritos de uma multidão desesperada. Não era grande e tampouco alta. Mas isso não me fez fraca.

Fui entre os clubbers, empurrando todos diante de mim para fugir do caos. Cada golpe nos ombros, um cotovelo descuidado ou um braço agitado me fazia mais determinada a chegar até Noelle. Se estiver no chão, está em perigo.

O problema era que eu podia terminar da mesma maneira.

Alguém me empurrou contra uma parede, fazendo que o ar em meus pulmões saísse em uma rajada dolorosa. Abracei o bloco negro, tirando um momento para regular minha respiração antes de me dar conta da vantagem do lugar no qual estava. Havia uma plataforma desnivelada, perto de quinze centímetros por cima do chão, restos da parede original que ficou depois das reformas. Era suficiente apenas para deslizar meus pequenos pés, mas servia para me separar da multidão.

Subi ao assento de encosto alto e corri rapidamente até a mesa seguinte, continuando enquanto via o caos na pista de dança.

Cada gorila tinha abandonado seu posto. Alguns usavam seus punhos, outros empurravam ou restringiam os homens tratando de se meter na multidão. O grande Chris e Ant tinham dois caras encurralados no chão. Empurravam seus rostos contra o piso pegajoso de madeira dura, amaldiçoando-os e desafiando-os a se mover.

Mateo estava lutando com um homem monstruoso. Diversos golpes fizeram que Mateo lançasse seu peso para trás, evitando que lhe quebrassem os ossos.

O sangue gotejava de um corte em cima do olho direito de Mateo. Meu corpo estremeceu. OH, Deus, não podia vê-lo sangrar. Por isso me forcei para frente, ofegando quando percebi o pé imóvel de Noelle.

A varanda de vidro e cromo que separava a área VIP estava a uns metros de distância. Tropecei, caí e me arrastei até que alcancei a seção e balancei minhas pernas.

Minhas botas deslizaram pelo chão de madeira, enquanto corria para as pequenas escadas. Estava na parte posterior do clube, permitindo me mover com a multidão para Noelle. Ela estava sobre o chão cheio de vidro, soluçando e agarrando a coxa. Sua perna sangrava, enquanto as pessoas continuavam se chocando contra ela. Ela gritou quando alguém a chutou bem nas costas.

Empurrei os outros para chegar até ela e a levantei pelos

antebraços, usando o impulso da multidão para nos mover em frente. Muitas pessoas esperavam para sair, mas nós não tínhamos que ir. Só precisava levá-la a um lugar seguro.

No momento em que chegamos a primeira mesa, ela se escondeu rapidamente debaixo, enquanto eu engatinhava para o outro lado, grunhindo quando alguém chutou meu tornozelo.

Apertei os dentes pela dor aguda, me perguntando como ela tinha sobrevivido à série de golpes.

— Você está bem?

A máscara de cílios escorria dos seus olhos e manchava sua pele limpa e sardenta, ela assentiu entre seus gemidos.

— Não conseguia me levantar e essas cadelas não me ajudaram.

— Eu sei, Noelle. Está tudo bem. — Tirei minha camisa branca e a pressionei forte contra sua perna. Deveria ter me sentido nua em minha regata fina, mas não me importei. — Pegue. Mantenha pressionado.

Ela agarrou meus pulsos quando levantei.

— Aonde, demônios, você vai?

— O pessoal está na pista. Só quero me assegurar de que todos estejam bem.

Ela sssentiu e soltou meu braço.

Me contorci, saindo debaixo da mesa, agachada enquanto observava a pista.

O cara grande que Mateo tinha vencido estava aturdido, com sangue saindo de seu nariz e boca. Outro cara pequeno atravessou a multidão e tentou confrontar Mateo. Ele levou seu cotovelo à cabeça do cara e este saiu voando como um saco de areia.

Mas, a interferência do cara pequeno deu ao gigante tempo para alcançar a pistola em seu tornozelo.

— Teo!

Não sei se foi meu grito ou os rápidos reflexos de Mateo que o salvaram. Apanhou o pulso do homem em uma chave, segurou os braços do cara e o quebrou com um grande golpe. A pistola caiu e deslizou pelo chão.

Tanto Mateo como um cara com uma camisa vermelha se lançaram tentando pegá-la. O cara de camiseta vermelha estava mais perto e a alcançou primeiro, disparando numa mulher que fugia. Ela desabou, gritando e se retorcendo.

Mateo quebrou o pulso do cara, liberando a pistola enquanto uma frota de oficiais da polícia entrava pelas portas. Apressaram-se para dentro, tirando suas armas e as apontando para Mateo, que se levantou agarrando a pistola.

Os policiais gritaram:

— Solta a arma! — Mateo moveu algo na pistola e o tambor saiu. Um segundo depois, deixou que a arma caísse de suas mãos. Chutou-a com seus pés e colocou suas mãos detrás da cabeça, com sua expressão perigosamente tensa.

— No chão! — gritou outro grupo de vozes.

Mateo se deixou cair sobre seus joelhos. Saltei do meu lugar seguro, furiosa e atravessei a empurrões através do que restava da multidão que fugia.

Sua equipe começou a protestar. Também Sam, que forçou seu caminho pela sala. Chegaram mais policiais, passando a toda velocidade. A maioria prendeu os clubbers que os gorilas tinham detido. Mesmo assim, alguns brigaram aos gritos com nosso pessoal que ordenava que liberassem Mateo.

Tratei de empurrar através da parede de policiais. Mas eram os gritos da mulher que tinha sido alvejada que congelaram todos em seus lugares. Sustentava seu braço sangrando, enquanto franzia o cenho para Mateo.

— Ele atirou em mim! — gritou. — Atirou em mim!

O oficial algemando Mateo perguntou seu nome.

— Mateo Três Santos — murmurou.

O oficial debochou em seu ouvido.

— Ouça. Não esteve preso?

— Fique quieto! — espetei, saltando para frente. Aqueles que me conheciam, paralisaram, boquiabertos.

O oficial bloqueando meu caminho agarrou meu braço fortemente. — Dê outro passo e te prenderei por interferir.

Escapei de seu aperto.

— Mateo não fez nada. Ele tirou a arma da mão desse pequeno idiota. — Apontei pro cara sustentando seu pulso quebrado. Ele me deu um olhar desagradável e eu retribui a careta. — Haviam dois homens armados, e Mateo controlou a situação. Deveriam lhe agradecer, poderia ter sido muito pior!

— É seu namorado, loirinha? — perguntou o policial agarrando Mateo. Mateo se esticou debaixo de seu agarre.

— É meu amigo. — Apertei os dentes. — E suas perguntas estão fora de contexto! — O policial bloqueando meu caminho cerrou os olhos.

— Fique quieto, Zimmerman. — Examinou-me atentamente.

— Você viu o que aconteceu?

— Sim, vi tudo.

Tomaram declarações de todos ali, mas Mateo e eu fomos escoltados a lugares diferentes para nos interrogarem. O sargento que estava no lugar interrogou a ele primeiro, no armazém. Logo veio para me interrogar no escritório do Sam. Nossas histórias devem ter coincidido. Quando retornei à pista, Mateo estava

sentado no bar em um tamborete. A gaze por cima de seu olho tinha parado o sangramento. Obviamente, ele bateu mais forte que seu oponente. Graças a Deus.

Os últimos policiais que ficaram, saíram do edifício. Alguém tinha ligado às luzes e não acredito que poderia estar mais agradecida. O disparo tinha desencadeado lembranças do suicídio do meu pai, suprimidas por muito tempo e a noite selvagem tinha me deixado no limite. A última coisa que eu precisava era um ataque de pânico.

Ant exclamou aos oficiais que se foram:

— Obrigado senhores, por não me prenderem desta vez. Mas suponho que tinham outro tipo de irmão em mente esta noite.

— Fique quieto, Ant — espetou Dee-Dee. Ela e os outros estavam limpando o que restava de vidro quebrado. Ela não queria que Ant fosse detido e estava preocupada com o que diria depois. Não podia culpa-la. Ant tinha perdido o controle quando descobriu o que tinha acontecido com Noelle. Dito isso, tampouco podia ignorar que tinha um ponto.

Mateo estava vestido como todos os outros gorilas. Uma camiseta preta com o logotipo branco do Clube Excess, calças militares pretas, botas pretas também. E como era ele quem sustentava a pistola, a polícia não se incomodou em suspeitar de mais ninguém.

A pele oliva de Mateo sempre o rotulava como o menino mau.

Como seu passado criminal tinha afetado meu julgamento. Tinha descartado sua inteligência e suas habilidades de liderança, e ignorado o respeito - que com direito - ganhou de Sam e do pessoal.

Eu era uma idiota por isso.

Mateo nos manteve a salvo esta noite. Como sempre fazia.

Os gorilas que se reuniram ao redor dele, se dispersaram quando me aproximei. Sentei-me no banco junto a ele e cruzei as pernas. Dessa vez, era minha vez de observá-lo. Se moveu para trás, apoiando seus cotovelos contra o balcão. Eu tinha falado sério com o que disse. Se Mateo não tivesse reconhecido e atuado contra a ameaça, poderia ter sido muito pior.

— Estavam com os vendedores expulsos na semana passada, certo? — Mateo assentiu, prestando atenção nos meus lábios.

— E desta vez trouxeram mais amigos.

Meu corpo se estremeceu involuntariamente. Sabia que lembrava do cara com jaqueta de couro.

— Acha que vão voltar?

— Não depois das acusações que vão encarar. — Tamborilou os dedos no bar. — Dale foi o idiota que permitiu que entrassem no clube, o cara da jaqueta e provavelmente o que tinha a arma no tornozelo. Nunca questionou por que o idiota usava uma jaqueta

tão pesada em uma noite tão extremamente quente. Tampouco procurou vultos em suas pernas. O imbecil de merda teve a cara de pau de me dizer que nunca lhe ocorreu, inclusive quando adverti à equipe uma centena de vezes sobre isso.

— Quantos gorilas estavam trabalhando na porta? — Mateo esfregou o queixo.

— Três, além de Dale. Até agora, eu achava que todos estavam fazendo seus trabalhos. Mas pelo que aconteceu, tenho que coloca-los a prova. Dale já era, se depender de mim. — Assinalou para frente com uma sacudida de cabeça. — Sam concorda comigo. Está despedindo ele agora mesmo.

— Nossa! — Não poderia dizer que sentiria saudades de Dale.

— Não posso ter idiotas na minha equipe, Evie. Não do jeito que a reputação do clube está crescendo. Sam já está falando em aumentar meus homens de vinte a vinte e cinco e, possivelmente, contratar um policial para os fins de semana.

Mateo se aproximou mais de mim.

— Por que não ficou atrás do bar, como eu te disse?

Suspirei.

— Sabia que Noelle estava com problemas. Não podia deixá-la assim.

— Deveria ter deixado que minha equipe se encarregasse.

— Sua equipe estava ocupada rompendo cabeças. Além disso, acredito que fui a única que a vi cair.

Mateo apertou a mandíbula.

— Noelle é uma amiga. E aprecio que a tenha ajudado. Mas foi uma loucura isso que você fez. Poderia ter recebido uma bala. Me entende? Ali em cima, nos reservados, você era um alvo fácil.

Tentei discutir, mas Dee-Dee interrompeu.

— Deixa-a em paz, Teo. — Seus olhos escuros se suavizaram pela primeira vez, desde que a conheci. — Ela ajudou Noelle quando ninguém mais o fez ou pôde. Os médicos que a levaram disseram que podia ter sido pisoteada até morte se Evelyn não a tivesse salvado. — Procurou em seu avental e lhe atirou uma toalha limpa. — Toma, se limpe. Tem sangue por toda parte.

Mateo pressionou a toalha contra sua perna. — É só um pouco de sangue. Me apunhalaram...

— Foi apunhalado! — Quase caí do tamborete.

Mateo franziu o cenho.

— Detive a faca antes que alcançasse o osso.

— Como se isso melhorasse a situação! — Falando de enlouquecer. Tirei sua mão com um tapa e rasguei o tecido com meus dedos. Sangue saía do corte em sua pele.

— Sam! Chame uma ambulância.

— Evie, estou bem.

Podia sentir seus olhos em mim enquanto me apressava pelo bar e agarrava uma garrafa de vodca.

— Ouça! Isso é bebida de primeira classe! — disse Sam.

— Cala a boca, Sam! — Rodeei o bar e esvaziei o conteúdo na coxa de Mateo, encharcando sua pele e calça. — Me dê outra toalha. — Dee-Dee me deu outra, com a boca ligeiramente aberta. Mateo se encolheu quando apliquei pressão na ferida. — Dói?

— Você acha? — alfinetou. — Acabou de esvaziar uma bebida que custa cem dólares, a garrafa, em uma ferida aberta!

Encontrei-me com seu olhar de aço.

— Eu acho que acabei de te salvar de uma possível infecção. Acho que deveria ir ao hospital. E acredito que deveria deixar de me dar essa atitude de merda!

O pessoal reunido no Clube concordou.

— Faça com que os médicos chequem tudo — ordenou Sam.

Tomei a mão de Mateo e agarrei minha carteira, sem me incomodar em esperar uma resposta.

— Vamos, eu dirijo.

Ele não resistiu. Em vez disso, entrelaçou nossos dedos e

deu um apertão dos infernos na minha mão.

Tentei ignorar o calor abrasador que sua mão enviava por minhas veias, enquanto abandonávamos o clube e desaparecíamos na noite.





Capítulo 5

O amanhecer rompeu, derramando luz ao longo do tapete da sala de espera do Serviço de Urgências. Na minha frente, um velho tossiu violentamente. Embora meus olhos ardessem pela falta de sono, eu me levantei e passei a sua esposa um montão de lenços descartáveis que estavam mais próximos. Pobre senhor, esperava que não estivesse sofrendo algo grave.

Sua esposa limpou a boca, antes que aparecesse um técnico de enfermagem e o levasse para longe.

— Obrigada querida, disse a velha, arrastando os pés atrás de seu marido.

As portas duplas se abriram, permitindo a entrada de Noelle e Mateo. Ele caminhava para fora e seus olhos avelã brilharam quando me viu. Seu machucado era apenas perceptível. Ninguém pensaria que foi esfaqueado.

Diferente de Noelle, que gritou a plenos pulmões:

— Evelyn está aqui!

Mateo riu entre dentes, enquanto o enfermeiro que a empurrava numa cadeira de rodas revirou os olhos. Levantei agarrando as alças de minha bolsa e ajustei por cima de meu ombro, na minha pressa de chegar a eles. Noelle era um desastre, mais ainda uma ruiva quente. Seu louco cabelo estava arrepiado nas pontas e tinha bandagens em ambos os tornozelos. Cada botão de sua camisa branca estava retorcido e mal alinhado. As mangas penduravam além de seus pulsos e, embora pudesse ver os rastros de seus shorts, parecia estar nua na parte de baixo.

Isso não impediu que ela me desse um inferno de um sorriso e elevasse dois entusiastas e desequilibrados polegares para cima. Olhei as filas de contusões pintando suas formosas pernas. Considerando o dano, Noelle se sentia bem.

— Medicamentos para a dor? — perguntei.

— Morfina — respondeu Mateo, olhando-a. — E um montão disso, apesar de que seus tornozelos só estão machucados e não quebrados. Deveria tê-la ouvido quando Ant entrou para ver como ela estava.

Ri um pouco, desejando que Ant ainda estivesse aqui para vê-la agora. Ele foi deixar Dee em casa, com sua menina, depois de se assegurar que Noelle estava a salvo. Fiz gestos à perna de

Mateo.

— E você? O que aconteceu?

— Nah, não preciso dessa merda.

— O que ele precisava era de antibióticos. — O enfermeiro me olhou, sorrindo. Supus que minhas botas e o traje de puta tinham esse efeito. Embora, ele não tenha me olhado lascivamente. Não poderia ter mais de vinte e oito anos, mas pela forma com que se movia e mexia seus ombros, estava trabalhado no serviço de urgências por um tempo. — Foi você quem jogou vodca na perna dele? — Assinalou com o polegar em direção ao Mateo. Deixei que minhas bochechas avermelhadas respondessem por mim. Ele riu. — Isso só funciona nos filmes de velho oeste, querida.

Talvez tenha tido a intenção de ser divertido, mas seu comentário e seu remarcado "querida", me fizeram chegar uns centímetros mais longe dele e mais perto de Mateo.

— É bom saber — murmurei. Minhas sobrancelhas se juntaram quando Mateo deu um pequeno sorriso.

— Olhe, ainda não estudamos os ferimentos com armas brancas em minha classe. Só estava, você sabe, tentando salvar sua vida e tudo isso. — Seu sorriso se alargou. — De nada, com certeza — adicionei, minha cara cada vez mais quente.

— Evelyn está aqui! — cantou Noelle de novo.

— Está na escola de enfermagem? — perguntou o enfermeiro. Ante meu assentimento, disse:

— Ainda não começou com suas práticas médicas? Se não, pode passar por aqui. Oriento os estudantes frequentemente e há muitas coisas que poderia te ensinar.

A atenção de Mateo trocou de mim para ele. — Ela terá isso em mente — disse-lhe, com a voz rouca.

— Evelyn está aqui! — Noelle moveu sua cabeça para trás, para olhar entre Mateo e o enfermeiro. — Com dois meninos lindos que querem seu aaaaamoooooor! — acrescentou no último momento.

Minha boca se abriu, mas nenhum dos homens parecia se dar conta de ninguém, mais que o outro. Certo. Hora de se retirar. Meus dedos roçaram o braço de Mateo, para chamar sua atenção.

— Vou pegar o carro e trarei para porta. Pode levar Noelle lá fora?

Sua atenção se manteve fixa no enfermeiro.

— Sim. Verei você lá, Evie.

Apertei seu braço, foi quando ele finalmente me olhou.

— Cuida da Noelle, tudo bem? — disse.

As covinhas de seus lábios se levantaram em um sorriso que acelerou meu pulso.

— Sabe que eu vou. — respondeu em voz baixa. Logo piscou os olhos.

Levei um momento para me mover. Quando o fiz, pude sentir o calor desses olhos cor avelã roçando por minhas costas. Meus passos rápidos e as botas de salto alto faziam com que meus quadris rebolassem mais do que eu gostaria. Roguei a Deus, por tudo o que valia a pena, que não me deixasse tropeçar. Não enquanto Mateo me observava.

A porta de saída se abriu com uma explosão, permitindo que a brisa fresca da manhã ondulasse ao longo de minha pele exposta.

— Evelyn não está mais aqui! — gritou Noelle, através da entrada.

Tampei minha boca, em vez de cruzar os braços para me proteger do repentino frio. As palhaçadas de Noelle me enjoaram, assim como também a atenção de Mateo, mas estava muito cansada e agora com muito frio para rir. Entretanto, sorri e continuei fazendo-o até o estacionamento subterrâneo.

Saltei dentro de meu Cherokee e girei a chave do motor. Tomou vários bombeamentos no acelerador e algumas maldições para que ligasse. Quando o motor finalmente acendeu, dei um suspiro de alívio. Estava ansiosa para levar todos pra casa. Apesar de minha necessidade de me colocar na cama mais próxima e tendo em conta a noite que tínhamos tido, eu me sentia

estranhamente feliz. Mateo e Noelle estavam a salvo. E iam ficar bem.

Girei meu monstro pelo estacionamento subterrâneo e ao longo do meio-fio, parando na calçada onde Mateo esperava com Noelle. O enfermeiro estava notavelmente ausente. E Noelle - a pobre Noelle - tão alta como um cometa, estava sentada na cadeira de rodas rindo a gargalhadas. Mateo estava atrás dela com as mãos nas alças da cadeira de rodas, sacudindo a cabeça.

Parei o carro e abri a porta de trás, antes de sair para ajudar Mateo a carregar Noelle.

— Deixa ela comigo, Evie — disse Mateo. — Só abra a porta.

— Espera, espere que eu estabilize a cadeira. — Segurei as rodas. Boa coisa que Mateo fosse tão forte como era, porque Noelle não era de absolutamente nenhuma ajuda. Em vez de permitir que Mateo a levantasse de seu assento, se agarrou nas laterais e começou a cantar. Ao que parece, ela achou que "Independent Woman" de Destiny Child era uma grande maneira de dizer adeus ao serviço de urgências. Talvez fosse a morfina. Ou, talvez Noelle só não conseguisse cantar. De qualquer maneira, alguns médicos que entravam no hospital fizeram uma careta quando Noelle destroçou o brilhantismo de Beyonce.

— Noelle, solte a cadeira. Noelle! — Mateo riu enquanto arrancava Noelle de seu trono. — É um pé no saco. Evie, lhe faça cócegas.

Parei de forçar seus dedos para que se soltasse. — O que?

— Faça cócegas nas costelas. É sensível ali.

Neste ponto, Noelle pensou que era um bom momento para trocar para "Single ladies ".

— Como você sabe? — perguntei, em vez de fazer o que me pedia. Inclinou a cabeça, perguntando-se por que eu estava saindo com isso. — Não é da minha conta. — acrescentei, apressadamente.

— O que não é da sua conta? — perguntou Mateo.

Que saiba onde tocá-la, pensei.

Fiquei ali, olhando fixamente, sem saber exatamente o que dizer que pudesse desculpar meus estúpidos comentários. Felizmente, Noelle decidiu que esta era a parte perfeita da canção para levantar suas mãos e gritar. Mateo a arrebatou da cadeira e a colocou dentro de meu Cherokee, com pouco esforço. Tomei a cadeira de rodas e a empurrei de volta à entrada, dando graças aos voluntários que se ofereceram a devolvê-la por mim, enquanto eu corria de volta ao carro.

Mateo se apoiou na porta do lado do passageiro, me esperando, sorrindo enquanto me aproximava. Tinha um sorriso sutil. Mas quando Noelle cantou "Halo", me lembrei que não era a única que se deu conta de quão gostoso ele era.

Ele caminhou ao redor da caminhonete comigo e abriu a

minha porta.

— Obrigada — murmurei, cuidando para não olhar boquiaberta diante da forma dos músculos trabalhados em seus braços. Mantive minha concentração para frente até que o lado do passageiro se fechou muito bem e seu cinto de segurança fez clique. — Pra onde?

— Havertown. É lá que Noelle mora.

Excelente. Ele também tinha estado em sua casa.

Noelle conteve seu canto tortuoso e colocou a cabeça entre nós.

— Mas Evelyn vive no Ardmore. E você — ela tentou empurrá-lo e falhou — vive no Haverford. Deixar você primeiro é o mais certo — disse, arrastando as palavras.

Mateo olhou por cima de seu ombro.

— Então, quem vai arrastar seu instável corpo para dentro de sua casa? Noelle, você nem sequer pode se arrastar e muito menos caminhar, e que me amaldiçoem se te deixar nas costas de Evie.

Noelle se pôs a rir de novo, mas eu não entendia a piada. — OH, eu vejo. — Ela moveu seu dedo. — Quer passar tempo com a Shevelyn.

— Evelyn — corrigiu ele, sorrindo.

— Olhe, ele disse isso. Quer beijá-la e... beijá-la... e... — Noelle desabou na parte de trás e aterrissou no chão do carro, quando fiz uma curva para a direita. Tudo o que vi foram suas pernas balançando em meu espelho retrovisor.

— Merda. Você stá bem? — Minha cabeça girou para trás, mas não podia ver como estava sem tirar os olhos da estrada.

Mateo estirou seu grande corpo para olhar o assento traseiro. — Sim, ela está bem.

Noelle começou a cantar "Grown Woman" só para demonstrar que ela era isso (*Grown Woman: Sua tradução é "Mulher adulta" e a isso se refere à oração*).

Meu motor fazia esse som de chiado horrível sempre que eu acelerava. Mateo franziu o cenho.

— Soa como se necessitasse de um novo alternador, Evie.

— É o que dizem — disse.

Ele puxou meu rabo-de-cavalo. — Nem sabe o que é isso, não é?

— Nem ideia. — Entrei na Avenida College, ignorando o arrepio no meu pescoço, com o contato de Mateo. Não tinha que girar meu olhar para saber que seu interesse se mantinha unicamente em mim.

— Dá a volta à esquerda, na Darby — disse Mateo. A voz de Noelle se fez mais forte quando dei a volta para a pequena estrada.

— Escuta, Noelle — disse ele para a parte traseira. — Você gosta de Beyonce?

— Você sabe!

— Então para de assassinar suas canções, mulher.

Noelle não apreciou a crítica e continuou a cantar com todo seu pulmão, em um tributo a Sasha Fierce... todo o caminho para sua casa.

Mateo assinalou. — Aqui, é a segunda, passando aquele ônibus.

Parei o Cherokee perto do meio-fio, no meio de três automóveis.

— Já volto. — disse Mateo, saltando para fora. Abriu a porta do carro e arrastou Noelle pelo assento traseiro. Ela gritou quando Mateo a lançou por cima de seu ombro. É obvio, seu corpo cansado só deteve, momentaneamente, seu tributo. Cantou, fingindo não ouvir a advertência de Mateo, de que despertaria os vizinhos, por todo o caminho até o alpendre de uma pequena casa Branca, tipo Cape Cod.

Mateo bateu na porta escura. Outra ruiva chamativa respondeu.

— Olá, Teo — disse ela, lhe dando um grande sorriso sensual. — O que temos aqui?

— Noelle se meteu em uma briga feia no clube.

— O que? — perguntou a garota, seu tom já não mais brincalhão. Abriu a porta para que Mateo pudesse carregar Noelle, ainda cantando, para dentro.

Ouvi ele começar a explicar enquanto a porta se fechava detrás deles. Bem. Agora o que? Desliguei o motor, sem saber quanto tempo esperaria. A garota que saiu era bonita. De outro lado Noelle também era, inclusive em seu estado desastroso. Poderia Mateo ter... Murmurei uma maldição e olhei minhas unhas. Mateo era um total prazer para ver, o tipo de menino que a maioria de mulheres - e homens - notavam. Não podia culpá-lo por isso, mas isso não quer dizer que eu gostasse da atenção que ele recebia por ser quente.

A ruiva na porta virtualmente tinha ronronado. Cruzei meus braços e me perguntei por que tipo de garota ele se apaixonaria, se é que Mateo de fato se "apaixonava". O fato de que nunca o tivesse visto com alguém não significava que não estivesse, na maior parte de seu tempo, trocando números de telefone e tendo encontros. Podia estar naquela de sexo de uma noite, como muitos dos caras de sua idade? Ou se comprometia? Meus instintos me diziam que alguém como ele não sossegaria facilmente. Depois de tudo, com esses músculos bem definidos em cada centímetro de seu corpo e com seu rosto que poderia pertencer a uma capa da Vogue, não tinha que sossegar, com nada nem ninguém.

Isso sem falar da pequena loira que tinha passado meses

recusando-o.

Suspirei e alcancei a parte traseira minha mochila. Enquanto esperava, possivelmente também poderia fazer um pouco de trabalho.

Meus dedos folhearam através de um plano de saúde pelo qual tinha recebido uma B na última prova parcial. Meu objetivo era descobrir meus erros, para assim corrigi-los na próxima semana e os converter em um A. Se pudesse fazê-lo melhor este semestre, poderia ter uma bolsa de estudo e me ajudaria muito. Ser capaz de fazer o último semestre e pagar por ele. Entretanto, a possibilidade de ter um pouco de dinheiro da cota não foi suficiente para me distrair de pensar em Mateo.

A porta principal se fechou, de repente, e Mateo saltou pelas escadas. Abriu a porta do passageiro, fazendo uma pausa para olhar os livros que povoavam seu assento. Reuni-os com rapidez, tratando de lhe dar espaço.

— Sinto muito que teve que esperar, Evie. Queria me assegurar de que Noelle fosse atendida. Sua irmã, Colleen, pode ser uma boba às vezes.

Coloquei meu material na mochila novamente.

— Tudo bem. Sei que se preocupa com ela.

A mão de Mateo cobriu a minha quando tentei fechar minha mochila.

— É só uma amiga — disse.

A suavidade de sua voz profunda me assegurou de que eu não tinha nada com o que me preocupar, quando se tratava dele e Noelle. Eu era tão óbvia? Meus cílios insistiram em baixar, no momento em que descobri que sim.

— Seria melhor eu te levar para casa — disse em voz baixa. Ele tirou sua mão da minha.

— É, seria. Parece que você tem um montão de trabalho pra fazer. — Meus ombros caíram.

— A escola de enfermagem é mais difícil do que eu pensei que seria.

— Isso foi o que eu ouvi. Minha irmã está em uma universidade particular, perto do Allentown. Cada vez que falo com ela, sempre me conta quão duro vai ser seu curso de enfermagem ali. Está na Villanova?

Joguei minha mochila para trás de mim, gemendo quando tudo caiu. Maldito zíper.

— Não. Não posso pagar. Estou em uma universidade comunitária, terminando meu título de associada. Uma vez que eu passar nos exames e conseguir um trabalho de verdade, talvez pense em ganhar minha Licenciatura em Ciências de Enfermagem. Por agora, não é uma opção.

Subiu no assento e colocou o cinto de segurança.

— Ah sim, trabalhar no clube não é um trabalho de verdade, né?

Minhas bochechas se ruborizaram.

— OH, não me referia a isso. O que estava tentando dizer era que não era um trabalho real para mim. — Poderia ter me esbofeteado, eu mesma. Por que tudo era tão difícil de falar perto dele? E por que eu sempre conseguia dizer alguma bobagem?

Ele riu, entre dentes.

— Evie. Está tudo bem. Quando você olha o que faz, é um beco sem saída. É inteligente. Sei que é capaz de mais que anotar pedidos e evitar idiotas bêbados tentando agarrar a sua bunda.

— Você também é — assinalei. Quase imediatamente me arrependi de minhas palavras, pensando que, mais uma vez, o tinha ofendido.

— Não é tão ruim. A maioria desses idiotas não se metem com minha bunda.

Comecei a gargalhar. Ele sorriu suavemente, enquanto seus olhos percorriam meu rosto e seus nódulos roçavam minha bochecha.

— É muito bonita quando sorri, sabia? Eu gostaria de poder ver mais esse sorriso.

Sustentou meu olhar com o seu. A princípio, não podia me mover e muito menos responder, sobre tudo porque não me sentia

bonita há muito tempo... ou sorria muito. O estresse pela universidade, a preocupação por como pagaria minhas contas e a falta de tempo, não me permitia tais prazeres tão simples. Todo o dinheiro que gastava estava destinado à minha sobrevivência. Meu último grande gasto esbanjador foi em um novo brilho de lábios na farmácia, duas semanas atrás. Talvez por isso as palavras de Mateo significassem tanto e batiam tão forte. Ou talvez fosse só porque era ele. Não era obrigado a ser tão amável. Apenas era.

— Obrigada — disse finalmente.

— Pronta para ir? — perguntou, quando não disse mais nada. Diante do meu assentimento, gesticulou indicando para frente com um movimento de seu queixo. — Vá em frente e vire à esquerda no semáforo.

Girei a chave do motor, provocando um som dilacerador horrível, que fez com que Mateo fizesse uma careta.

— OH. Evie, quando foi à última vez que fez uma revisão nessa coisa?

— Troquei o óleo faz uns meses. — Ele me olhou. — Funciona muito bem. Só é escandaloso. — O motor rugiu de novo. — Muito bem, realmente muito escandaloso.

— Isso é porque ele está sofrendo.

— Sofrendo?

O chiado voltou, só para mostrar seu ponto. Me encolhi um

pouco, entendendo o que ele queria dizer. Ele tocou meu braço.

— Se quiser, deixa ele na minha casa amanhã, vou dar uma olhada.

— No motor?

— E provavelmente em algo mais, pelo barulho que ele faz. — Paramos em uma intercessão. — Sou bom com as mãos — murmurou. — Sempre fui.

Meus olhos passaram por suas mãos e por seus dedos grossos. Sim... com certeza que é. Mateo me apanhou olhando-o. Sua boca se curvou em um sorriso. Jesus havia calor suficiente em seu olhar para aquecer cada parte de mim.

A luz mudou para verde. Acelerei, provavelmente muito forte.

— Você é mecânico? — Não sei o que chiava mais, se minha voz de garota ou meu motor velho.

O duro tom de Mateo baixou e seu sorriso desapareceu.

— Esse era meu plano original. Sempre estive entre os carros. Aprendendo um pouco aqui e ali com qualquer um que me ensinasse e olhando qualquer carro que passasse por minhas mãos. — encolheu os ombros. — Fui ao exército esperando obter meu certificado arrumando caminhonetes e tanques, mas não funcionou.

— Sei. Ant me contou.

— Ele fez? — Mateo bufou quando assenti. — Ant tem a boca muito grande.

Suspirei.

— Possivelmente, mas precisava escutar o que ele me disse.

Queria lhe dizer mais. E provavelmente ele queria dizer mais também. Em troca, tudo foi silêncio entre nós. Bom, tudo menos o fodido ruído de meu Cherokee. Mateo conhecia bem a área. Me levou diretamente para as estradas até Haverford. O caminho provavelmente foi mais longo deste modo, mas não me importava. Com meu cansaço crescente de um lado, sem mencionar meus livros, que estavam ricocheteando e demandando atenção na parte traseira, era agradável passar um tempo com ele. Não, ele era agradável. Tão agradável como podia imaginar que alguém tão rude podia ser.

Paramos em uma pequena rua, passando a rua Ivy

.— É a casa à esquerda. Pode estacionar lá dentro, Elaine não se importará.

— Quem é Elaine?

— É a dona da casa. Faz a contabilidade para o Sam. Alugo a casa independente em cima de sua garagem, por quase nada. Em troca, eu a ajudo com a casa: arrumo o que quebra, faço o trabalho do jardim, esse tipo de coisas.

— Ela não é casada?

— Não. O idiota de seu marido não a tratou bem. — Ele olhou para frente, como se soubesse quão mal a tratou. — Mas ela foi suficientemente esperta para não aceitar sua merda.

Abriu a porta logo que estava diante da casa, parando com um pé fora. — Quer entrar?

Levantei minha cabeça um pouco, jogando uma olhada na casa. Houve um momento da minha vida que não me sentia intimidada por uma casa vitoriana despretensiosa. Não poderia ter mais de duzentos e oitenta metros quadrados, algo que meu ex, Donovan, teria considerado pequeno para seus gostos arrogantes. E mesmo assim, eu estava tentando me esconder de sua vista.

— Melhor não.

Mateo se inclinou, assim seu ombro descansou sobre o assento.

— Não tem que ficar Evie, não estou pedindo isso. Mas ao menos dê uma olhada, assim saberá aonde tem que vir quando trouxer seu carro amanhã.

Apertei o volante com as mãos.

— Você está assumindo que eu deixarei meu bebê em suas garras.

Como se estivesse provando algo e estivesse totalmente ao lado de Mateo, meu Cherokee fez um ruído estranho, apesar de estar parado. Mateo riu.

— Parece que seu bebê não pode esperar para que eu ponha as mãos em cima dele.

Joguei com as mechas de meu cabelo que se escaparam do meu rabo-de-cavalo. Sim... realmente, não posso culpá-lo.

Sua mão posou sobre meu cotovelo. — Vamos, prometo que não vou te segurar por muito tempo.

Desliguei o motor a contragosto. Mateo me esperou e agarrou minha mão, o que fez mais fácil ir pelo amplo meio-fio. Por um momento, seu toque retardou meus passos. Suspirei e me forcei a ir em frente. Deus, o que acontecia que tudo que ele fazia me afetava dessa maneira?

Na tentativa de relaxar, tentei prestar atenção em tudo, menos nele. Jardim de arbustos e filas de flores lilás e lavanda estavam alinhadas a cada lado.

— Você fez tudo isto? — perguntei, tentado lhe animar a falar.

— Não — respondeu — Elaine é a jardineira e tem habilidades loucas quando se trata das flores. Essencialmente, podo arbustos e mantenho o gramado aparado. Não é difícil. Ela me comprou um cortador de grama, assim não demoro muito.

Meus olhos se detiveram sobre nossos dedos entrelaçados. Supus que depois que o tirei do clube, pelas mãos, encorajei seu comportamento. Mordisquei o lábio, estranhamente contente por

sua resposta e seu desejo de andar de mãos dadas. Ele levantou nossos braços assim que olhei seu rosto e me ofereceu uma piscadela. Não era suficiente ser quente, Mateo sabia como deslumbrar.

A temperatura do meu corpo subiu alguns graus e meus passos ficaram mais lentos, enquanto ele continuava me olhando.

Olhei para outra parte, tentando manter minhas emoções de menina no controle. Ele deu outro apertão na minha mão, de alguma forma me tranquilizando enquanto me deixava saber que tinha notado meu não tão sutil atordoamento.

Esperava dizer algo que nos levasse a falar e me desse a oportunidade de parecer sofisticada. Mas em vez disso, fiquei em silêncio e permiti que Mateo nos guiasse, passando a casa onde os paralelepípedos criavam um caminho que levava a uma velha piscina de cimento.

Foi quando avistei, pela primeira vez, a garagem independente que levava ao seu apartamento. O telhado sobressaía entre uma seção de árvores altas, longe do caminho de entrada e o suficientemente longe da casa principal. Ele gesticulou para a piscina.

— Terei que fechá-la semana que vem, o bom tempo não durará muito mais.

— Parece que você faz muitas coisas pela Elaine.

Ele encolheu de ombros.

— Não realmente. Mas ela parece apreciar.

Uma porta de tela se abriu enquanto estávamos na metade do pátio de trás. Uma mulher alta e perto dos cinquenta anos, com o cabelo curto loiro e encaracolado saiu correndo, seus passos se detiveram ligeiramente enquanto se aproximava. Arregalou os olhos brevemente quando me viu, mas se recompôs rapidamente.

Mateo assentiu educadamente.

— Bom dia, Elaine. Esta é Evelyn.

Elaine continuou andando, com seus suaves olhos marrons fixando-se em minha falta de roupa e em quão desgastada parecia no geral. Me mexi nervosamente, desejando ter guardado uma jaqueta em minha caminhonete.

— Bom dia, senhora. — Enquanto continuava com seu escrutínio, puxei a prega de minha camiseta. — Desculpe-me por minhas roupas. Só me visto assim para o trabalho. — *E para me prostituir, deveria ter acrescentado.* Notei imediatamente quão mal tinha soado o que falei. Gemi. Não fazia muito tempo, me considerava inteligente.

A atenção de Elaine trocou para Mateo.

— A nova escolha de uniforme de Sam? — Bufou com uma risada. — Não estou surpresa. Esse homem só pensa em ganhar

dinheiro. — Sorriu com simpatia e limpou a mão sobre o avental antes de me oferecer. Bem-vinda a nossa casa, Evelyn.

Ela disse "nossa casa", como se Mateo não fosse um inquilino. Eu gostei disso. E imediatamente, eu gostei de Elaine. Parecia mais jovem do que seus cinquenta anos e era absolutamente impressionante, inclusive em seu vestido de verão e um simples avental.

— Encantada de conhecê-la — disse.

Elaine franziu o cenho em direção ao Mateo.

— Sam me chamou faz umas horas. Me contou o que aconteceu. Poderia tê-lo matado quando me disse que tinham te esfaqueado e que nem sequer se incomodou em te levar ao hospital. Mas posso ver que tem uma companhia melhor — disse com uma inclinação de cabeça, a modo de aprovação. — Deram-lhe uma receita para antibióticos? — Quando ele assentiu, ela estendeu sua mão. — Deixe comigo. Trarei quando sair às compras mais tarde. Falando nisso. Precisa de mais alguma coisa?

— Estou bem de comida, obrigado, Elaine. — Mateo deslizou sua mão no bolso da parte de trás de suas calças militares, tirando duas notas de vinte.

Seu cenho se aprofundou.

— Guarde seu dinheiro, filho. Sam vai pagar por isso, é o mínimo que ele pode fazer. — Voltou seu amável rosto para mim.

— Estou fazendo o café da manhã. Vocês aceitam? Estive cozinhando durante toda a manhã.

Mateo esperou que eu respondesse. A montanha de trabalho que tinha me esperando, pairava sobre minha cabeça.

— Obrigada, mas só estava trazendo Mateo de volta pra casa.

— Trazendo-o para seu apartamento. — Ela bateu na cabeça, como se algo lhe acabasse de ocorrer. — Desculpa, querida. Provavelmente, acabo de interromper suas relações.

Relações? Jesus me ajude. Tentei tirar minha mão da de Mateo, e ele apertou mais forte me aproximando dele, rindo enquanto Elaine levantava a mão.

— Por favor, me perdoe, Evelyn. Mateo não traz jovens para casa. Não estava pensando. — Ela segurou meu braço. — De todos os modos, o café da manhã estará pronto em quinze minutos. Espero vocês — Corou — Quero dizer, se não decidirem passar um tempo a sós.

Cobri a boca para evitar um grito. Mateo permanecia inalterado. Bom para ele. Minha falta de roupa não implicava exatamente que ia ser uma futura enfermeira. Dançarina de striper? Inferno, sim. Mas, definitivamente, não uma jovem universitária. Não era de admirar que Elaine assumisse que eu estava ali para isso.

Mateo me levou pelo caminho de entrada, enquanto Elaine desaparecia dentro da casa.

— Não fique envergonhada, Elaine só tem boas intenções.

Encolhi os ombros quando, de repente, algo me veio à cabeça. — Como conheceu Elaine, de qualquer forma?

A voz de Mateo caiu uma oitava. — Seu filho e eu nos conhecemos na prisão. Mantive John a salvo enquanto estivemos lá. Assegurei-me de que ninguém se metesse com ele ou comigo. — encolheu os ombros. — Elaine soube que o mantive a salvo e me ofereceu a garagem quando nos liberaram. John... não conseguiu permanecer limpo. Teve uma overdose não muito depois de que me mudei.

Olhei para trás, para a casa, antes de voltar minha atenção para ele. — Deus, eu sinto muito. Isso é tão horrível para ela... e para você.

— Sim, bem... merda acontece, não se pode controlar tudo. — Respirou brevemente antes de passar seu polegar por meus dedos. — Vamos, mostrarei onde pode deixar seu carro.

O caminho de entrada virava para a direita, com um nítido decline para baixo, até uma garagem. A construção era definitivamente nova, apesar de que quem a construiu foi o suficientemente inteligente para fazer que coincidisse com a arquitetura vitoriana da casa. Mateo liberou minha mão e marcou alguns números no painel de controle, para que a porta

automática se abrisse.

— Vinte e três, vinte e dois, doze. Esse é o código.

— Está bem. — Poderia simplesmente ter dito que eu seguisse o caminho e estacionasse em frente à porta. Possivelmente, como eu, ele não estava preparado para dizer adeus.

A garagem era ampla, suficiente para guardar seis automóveis. As ferramentas se alinhavam ordenadamente na parede, enquanto havia uma academia na parede oposta. Esse foi o espaço que atraiu minha atenção. Havia uma esteira de frente para a parede na qual tinha sido montada uma velha televisão. Um pesado saco de boxe pendurado no centro, sobre um tapete de espuma negro. E como se isto não fosse suficiente para revelar que era o espaço de Mateo, havia um colchonete para abdominais e uma fila de pesos alinhados ao lado.

— Onde está seu Explorer? — perguntei, tentando não imaginá-lo malhando.

— No clube. Chamarei Ant para que me ajude a trazê-lo depois. Só quero dar a ele, e a mim, um tempo para dormir. — Olhou sobre seu ombro. — Teria dirigido para o hospital, mas não queria zangar uma ferinha loira que estava tentando salvar minha vida.

— De nada — disse, tentando não rir.

Ele me fez digitar o código, até que finalmente fechamos a porta da garagem.

— Vai ficar para o café da manhã?

Chutei uma pedrinha. — Não. Deveria ir para casa.

Não discutiu e pegou minha mão, outra vez. Meus saltos clicaram contra o asfalto enquanto me acompanhava para o carro. Quando me encolhi pela brisa, Mateo me rodeou com seu braço e me aproximou dele. Não lutei contra, mas tampouco lhe devolvi seu afeto. No lugar disso, cruzei os braços e baixei a cabeça, esperando que ele não visse meu pequeno sorriso.

Mateo abriu a porta do meu carro quando o desbloqueei com a mão. A chave automática não funcionava desde antes que eu comprasse esta sucata velha.

— Tem alguma ideia de quanto custará tudo? — perguntei antes de entrar. Ele moveu os dedos sobre o teto do carro.

— Terei uma ideia melhor quando o olhar. Mas não se preocupe com isso. Não vou te cobrar pela mão de obra e tenho um amigo que me conseguirá peças mais baratas.

Inclinei meu queixo, assim podia vê-lo melhor. Deus, era tão alto. E Noelle tinha razão, era gostoso.

— Por que está sendo assim?

— Assim como?

— Gentil. Acabou de me conhecer.

Mateo apoiou seu cotovelo sobre a porta e se inclinou para frente, me analisando de perto.

— Poderia dizer o mesmo de você. Não tinha que dizer aquela merda quando a polícia pareceu.

— Sim, eu tinha. Não podia deixar que te tratassem desse jeito. — Olhei para baixo. — Quero dizer, somos amigos, não?

Ele sorriu.

— Sim, somos.

Somos? Não é como se estivesse esperando uma resposta diferente, mas a observação "amigos" reduzia totalmente o calor entre nós a uma temperatura morna. Continue assim, Evelyn. Na próxima vez, lhe dê um chute nas bolas.

Suspirei e entrei no carro antes de fazer outra observação estúpida. Ele deu uma batida no vidro. Liguei meu Cherokee - com um rugido e um gemido e alguns outros sons aleatórios que fizeram que Mateo se encolhesse de novo - e apertei o botão para baixar o vidro.

— Tenho uma luta na quarta-feira, às dez. Quer vir comigo?

— Para ver você bater em alguém?

Pressionou os lábios durante um momento, do mesmo modo que fez quando lhe perguntei pela vida na penitenciária.

— Não tô penando em perder.

Abaixei minha cabeça, para ver suas calças rasgadas por onde a faca tinha passado.

— Acredita que isso é inteligente, na sua condição?

Ele jogou a cabeça para trás e riu, tão forte que seus ombros sacudiram.

— Não estou acabado, Evie. E já lutei mais ferido do que agora. Além disso, será uma boa luta. Da última vez, meu oponente e eu empatamos, assim as apostas são altas. Se ganhar, farei uma boa quantia de dinheiro.

Mas o que acontece se perder? Pensei em quão duro foi vê-lo levar golpe atrás de golpe, daquele traficante.

— Tenho que ir assistir?

Tocou meu queixo com os dedos.

— Não vou te obrigar. Mas eu gostaria que estivesse comigo.

Isso me fez sorrir; isso e a forma como tocou ligeiramente minha pele, antes de se afastar.

— Está bem. Eu vou.

Ele me fez enviar uma mensagem, para ter meu número. Eu não queria admitir o muito que queria que me ligasse.

Seus olhos avelãs procuraram os meus, me mantendo presa.

— Quer saber? — ele me perguntou, com sua voz tão rouca que podia senti-la. Assenti. — Noelle tinha razão sobre uma coisa. Eu quero te beijar. — Colocou sua mão através da janela, passando meu ombro, massageando meu pescoço até que seus dedos encontraram rapidamente o elástico do meu cabelo. Puxou o elástico, liberando meu cabelo liso, assim podia senti-lo ao redor de mim. — você vai deixar? — perguntou, com seus olhos fixos sobre os meus enquanto brincava com meus cabelos.

Me inclinei para frente, ansiando por cada parte de Mateo: sua voz, seu corpo, tudo me empurrava para ele.

Ele inclinou a cabeça e fechou os olhos, pressionando seus lábios contra os meus.

Jesus.

Sua língua empurrou dentro de mim, abrindo minha boca e me provando com suaves lambidas. Meus punhos apertaram a gola de sua camiseta, incitando-o a apertar seus lábios, mais forte contra os meus. Não queria que parasse. Pela forma como seus dedos puxavam meu cabelo enquanto seu outro braço fazia círculos sobre meu ombro, parecia que ele tampouco tinha pressa em terminar.

Mateo beijava como um homem de verdade, rude, seguro e sexy. Foi um inferno de primeiro beijo. Não tenho certeza de quanto tempo durou, até que meu doce carro fez outro ruído horripilante.

Nos separamos, rindo um pouco, mas ofegando muito.

— Você beija muito bem. — ele me disse, voltando a brincar com meu cabelo.

O observei por debaixo de minhas pálpebras, me perguntando o que teria acontecido se a porta do Cherokee não tivesse atuado como barreira. Tanto como tinha desfrutado do nosso momento, por agora, estava agradecida pelo amparo. Ele roçou seus lábios contra meus.

— Verei você amanhã, certo?

— Certo.

Mateo me observou, até que saí do caminho da entrada de Elaine e girei para a rua larga.

Capítulo 6

Não me lembro de ter deitado, mas recordo meu último pensamento. Mateo. Tinha beijado Mateo.

O que não recordava era meu sonho, que se entrelaçou em minhas entranhas e me fez acordar gritando.

— Evelyn. Evelyn!

Lourdes me sacudiu com força, até que me sentei em um salto. Suor frio escorria por minhas costas; meu cabelo grudado em minha cabeça. Empurrei-o fora do caminho e esfreguei meu peito, onde uma dor surda parecia estar cavando para o interior de meu coração.

— O que aconteceu?

O aperto de Lourdes em meus ombros se suavizou.

— Não sei, querida. Você quem tem de me dizer. Estava fazendo o jantar e me assustou. Merda. Foi como se alguém estivesse tentando matá-la.

Esfreguei meus braços. Não, talvez não me matar... Imagens como de um carretel impreciso de filme antigo trataram de empurrar seu caminho em minha mente. Recordei mãos vagando, mãos asquerosas tirando minha roupa e uma terrível dor entre minhas pernas que fez com que estômago retumbasse.

— Não me lembro. — O pouco que podia lembrar não tinha sentido, mas as imagens esporádicas me adoeceram o suficiente para forçar que se afastassem de minha mente. – Lembro apensas de estar assustada.

Lourdes envolveu seus braços a meu redor. Não pude lhe devolver o abraço, mas deixei minha cabeça cair em seu ombro. Lourdes era boa em demonstrar que se importava, embora eu parecesse precisar desse gene. Me soltou depois de um momento e me sustentou com os braços estendidos.

— Está a salvo aqui. Sabe disso, né? — Limpei o rastro das minhas lágrimas.

— Sim. Sei. Obrigada, Lourdes. — Fiz uma pausa quando minha mente se concentrou no que havia dito. — Você disse que estava fazendo o jantar?

Ela arqueou suas sobrancelhas finas para mim.

— Garota, você dormiu o dia inteiro.

— Merda. — Lutei pra sair da cama. Minha mochila e livros abertos estavam no chão. Tinha tentado fazer um pouco de

trabalho depois de dirigir para casa, mas a falta de sono e os pensamentos sobre Mateo não tinham permitido que terminasse nem um maldito capítulo. — Ainda tenho uma centena de páginas sobre desordens alimentares para ler.

Lourdes ficou de pé, olhando a pilha no chão.

— Olhe desta maneira: Dormiu o suficiente para começar agora e só parar quando terminar. A que horas é sua primeira aula amanhã?

— Não tenho aula até as onze.

— Bom. Inclusive se ficar até tarde, ainda pode dormir um pouco.

— Você não entende. Pretendo conseguir fazer meus trabalhos do laboratório. — Não pude reprimir um sorriso. — Tenho planos na quarta-feira à noite.

— Sério? — Quando mantive minha cabeça inclinada, Lourdes dobrou e retorceu seu corpo, de modo que sua cara redonda empurrasse a minha.

— Com quem? — perguntou, sabendo muito bem com quem era.

Encolhi os ombros.

— Não é grande coisa. Mateo me convidou para vê-lo lutar.

Silêncio. Nada mais que silêncio. Lourdes ficou com a boca

aberta.

— Querida, como diabos você vai de não ter nenhum encontro - nada de sexo, nada de nada - para assistir lutas em clubes ilegais, com um cara quente cujo traseiro quero morder como um Snickers? Sério, eu mataria por ser loira.

— Como você sabe que Mateo é atraente?

Ela riu, jogando a cabeça para trás.

— Porque todo vez que você fala sobre ele, sua cara fica toda vermelha. —Riu de novo e assinalou. — Justo como agora. Estava começando a pensar que jogava no meu time.

Deixei de sorrir.

— Ele é gentil comigo.

O sorriso da Lourdes se suavizou, ficando um pouco mais amável.

— Bem. Isso é algo bom, Evelyn. — Fez um gesto para o telefone. — É melhor que verificar isso. Tocou mais de uma vez hoje. — Riu como um menino pequeno quando meus olhos se abriram. — Estou fazendo chiles recheado. Estará pronto a qualquer momento.

— Obrigada, Lourdes. — Esperei até que ela fechou a porta e peguei meu telefone. Três mensagens de texto de várias horas. Todas de Mateo.

OI! Obrigado por cuidar de mim. Chegou bem em casa?

Murmurei uma maldição quando me dei conta de que, provavelmente, pensou que o tinha ignorado. Estava a ponto de chamá-lo quando o telefone chamou em minha mão. Meus pensamentos foram diretamente a ele e não olhei a tela antes de deslizar o dedo para responder.

— Olá?

Houve uma pausa. — Olá, garota linda.

Donovan. Merda. Meus pulmões caíram à boca de meu estômago.

— Evelyn?

— O que você quer? — Outra pausa.

— Só queria ver se estava bem. — E só assim, sua voz suave, se voltou defensiva. — Droga. Não retorna minhas mensagens de texto e bloqueia as porras das minhas chamadas. Tem alguma ideia do que você me faz sentir?

Estava tentando me deixar culpada, como sempre tinha feito quando estávamos juntos e me zangava por flertar com outra garota ou por cancelar nossos planos e ir beber com seus amigos.

— Não sei. O que os imbecis sentem?

— O que? Que diabos aconteceu, Evelyn? Estou tentando fazer um esforço aqui!

— Não se incomode e não me ligue. Vai estar bloqueado, de novo.

Desliguei. Minhas mãos tremiam com tanta força que quase não consegui abrir meu computador. O telefone soou uma e outra e outra vez enquanto esperava que meu lento computador ligasse. Não podia bloqueá-lo sem ter acesso à página web de minha operadora. Enquanto isso, Donovan se fez mais persistente.

Lourdes entrou com dois pimentões recheados em um prato e uma toalha de papel dobrado ao redor de um garfo. Deixou o prato na minha mesa enquanto observava que meu iPhone vibrava e eu não respondia.

— É Mateo?

Enxuguei minhas lágrimas de raiva.

— Não, é o Donovan.

— OH — disse Lourdes e saiu do quarto. Quando retornou, tinha sua buzina de ar em suas mãos. Meus olhos se abriram enquanto desbloqueava o telefone quando Donovan voltava a chamar. Me abaixei, cobrindo meus ouvidos quando a melhor companheira de quarto no mundo soou a buzina em meu iPhone.

Ambas esperamos no silêncio que se seguiu e sim, o telefone deixou de tocar então.

— Te devo uma, Lourdes.

— Lave minhas toalhas e lençóis da próxima vez e estaremos

quites, querida. — Pensou sobre isso. — Também, me empreste seu trabalho de médico cirúrgico do semestre passado.

Abri os arquivos em meu computador. — Sério? Qual? — O de queimaduras de terceiro grau.

— Bom. Ouça, poderia me emprestar o seu de transtornos alimentares? Essa é a primeira aula que teremos na próxima semana.

— Certo. Darei o da bulimia. Tenho que te advertir querida, vai ser um semestre difícil de trabalhar. A maior parte desses transtornos são realmente sombrios. — estremeceu. — Mesmo assim, quase não consigo ler os capítulos sobre as queimaduras. Comecei a ler ontem à noite e fiquei com tanto medo de acender o fogão.

— OH. — Procurei através da tela e dei um clique na pasta. Meu navegador pode ser lento, mas felizmente, meus documentos de Word eram de fácil acesso. Li rapidamente através do trabalho antigo. — É principalmente sobre a prevenção da infecção e limpeza. Estou te enviando por e-mail.

— Obrigada, querida. Só preciso de uma base para poder fazer o meu. Quero saber se o pequeno imbecíl ligar de novo. — Começou a sair do quarto e se deteve na porta. — Quer algo para beber?

Pensei em quão sedenta estava.

— Água e uma taça grande de sorvete seriam maravilhosos.

— Já trago.

Sorri enquanto ela se afastava. Lourdes era muitas coisas: uma amiga, uma mãe quando necessitava de uma e minha defensora. Sua avó estava acostumada a ser uma das minhas empregadas. Às vezes, Lourdes queria acompanha-la e ajudá-la com a limpeza.

A vergonha me empurrou duro. Nunca notei Lourdes. Mas sua avó se fixou em mim, especialmente quando mais importava.

Quando perdi tudo, foi sua avó quem veio por mim. Ela me arrastou longe de meus tios e me deu um lugar para ficar. Quando ficou evidente que estava por minha própria conta, ela me ajudou a formar um plano. Enfermeira. Essa foi à carreira que sua neta fazia; a que tinha a via mais rápida, a que pagava mais e a que asseguraria meu futuro. Tinha razão e era bondosa.

Nem eu, nem Lourdes podemos deixar de chorar quando ela morreu de um ataque ao coração, um ano depois.

Apaguei as mensagens de texto que Donovan tinha enviado antes de começar meu trabalho. Era uma parte do meu passado que eu não precisava recordar.

Apesar de não ter a intenção de lê-los, vislumbrei umas palavras aqui e lá; os textos eram zangados primeiro, insistindo em que o chamasse de volta; o último foi uma desculpa.

Provavelmente, tinha chegado antes que Lourdes furasse seu tímpano.

Meus dedos percorreram o teclado enquanto acrescentava Donovan, uma vez mais na minha lista de "bloqueados". Minha operadora provavelmente achava que eu tinha um perseguidor. Não, era só um ex-namorado idiota e arrogante.

Saltei quando meu celular vibrou de novo, preparada para que fosse Donovan, sabendo que o bloqueio não teria um efeito imediato. Um sorriso apareceu em meus lábios quando vi que era Mateo.

— Alô.

— Oi. Acabou de acordar? — Sua voz soava sonolenta.

— Sim. Não me dei conta de quão cansada estava.

— Eu, tampouco. Voltei para a cama depois que Ant e eu trouxemos meu carro de volta. A que horas você vem amanhã?

— Por volta das três, depois de minha aula. Tudo bem?

— Sim, mas não estarei lá. Elaine tem uma cirurgia dental manhã. Terão que anestesiá-la, já que não pode suportar que alguém mexa em seus dentes e não poderá dirigir depois. Eu a levarei. Pode me esperar? Será só por uma hora.

Meus olhos se fixaram na pilha de coisas que eu tinha para estudar. Eu gostava de Mateo. Mas não podia deixar meus

estudos por ele.

— Evie?

— Sinto muito, tenho um montão de trabalho para fazer. Não poderei ir a sua luta se não terminar.

— Quer fazê-lo aqui?

Olhei para a tela de meu computador sem realmente vê-la.

— Na sua casa?

— Por que não? Deixarei a chave debaixo do tapete. Pode trabalhar enquanto espera e enquanto dou uma olhada no seu carro.

— E a luta? Não tem que se preparar?

— Treinarei pela manhã e nos dias seguintes.

— E sua perna, Mateo?

Riu entre dentes.

— Jesus, Evie. É só um arranhão. Não é grande coisa.

— Os arranhões normalmente não envolvem facas e traficantes de drogas.

— Confie em mim, passei por piores.

Algo em suas palavras me disse que era verdade. Por um momento, não pude me mexer, distraída pelo que pode ter

acontecido com ele.

— Então, você vem? Ficaremos um pouco de tempo a sós.

Meus dedos tamborilaram na mesa. Tinha ido de uma rápida passagem para deixar meu carro a ser convidada para ficar em sua casa. Por um momento, pensar em estar ali, só com ele, me deixou apavorada. Mas então me lembrei de que já tinha estado a sós com ele antes.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— O que é que vai acontecer se eu for?

Mateo esperou antes de falar, imaginando o que realmente eu tinha perguntado.

— Nada que você não queira. — Sua voz áspera ficou tensa. — Nunca. — A honestidade brutal em seu tom de voz dizia mais que suas palavras. Sorri ao telefone.

— Está bem. Estarei aí depois da aula.

Eram três e dez quando cheguei à casa de Elaine. Tudo estava silencioso, exceto, é obvio, por meu carro. Era quase como se o monstro estivesse zangado que Mateo não estivesse ali esperando para atender suas necessidades. Deslizei para fora, cuidando para manter minhas pernas juntas, apesar de que somente uma árvore estava a minha esquerda, o que não fazia

diferença em ver minha calcinha.

Geralmente, eu me vestia com jeans e uma camiseta para assistir aula. Hoje não. Hoje um vestido de verão azul da Donna Karan abraçava minhas pequenas curvas. Lourdes tinha comprado isso no meu aniversário, uns meses atrás. Originalmente, planejei usá-lo durante minha cerimônia de formatura, mas depois do conjunto desastroso no que me viu Elaine da primeira vez, queria deixar uma melhor impressão.

Meu sistema de ar condicionado teve uma morte miserável no verão passado, por isso tinha conduzido esta tarde aqui com as janelas baixas. Mateo estava errado. Ainda restava um pouco do verão. Deixei meu carro em marcha e apertei o teclado, abrindo a porta da garagem destravada. A caminhonete preta de Mateo estava notavelmente ausente. Apesar do quão vergonhoso era escutar os grunhidos de meu carro ecoando em todos os lados, tinha esperado secretamente que ele estivesse aqui. Parecia estranho estar em sua casa sem ele.

Deliguei o motor e peguei minha mochila e minha carteira, fechando a porta da garagem antes de me dirigir para as escadas de madeira que conduziam ao apartamento de Mateo. Sua casa. Onde dormia. Em sua cama. Nu.

Os homens em seus vinte anos dormiam nus, o tempo todo, certo?

Parei no início das escadas, antes de subir. Meus sapatos

planos se chocavam contra a madeira, ameaçando escorregar, mas não deixaria que me atrasasse. Se eu parasse, certamente voltaria e me acovardaria. Por isso continuei para frente, me agachando quando alcancei o topo.

Dei risada de seu tapete, na entrada da porta, que dizia: "Os vendedores serão espancados até perder o sentido e serão comidos por mutantes", e agarrei a chave debaixo. Embora claramente não estivesse em casa, toquei a campainha. Uma pequena fileira de vidro se encontrava na parte superior da porta, mas era muito alta para olhar para dentro. Esperei por um momento, abri a porta e a empurrei. Enfiei minha cabeça para dentro do lugar, onde ele dormia nu, sem lençóis e...

Só entre no maldito apartamento!

Algumas vezes eu precisava me segurar para não bater em mim mesma.

A porta abria para uma cozinha. Azulejos azuis e dourados cobriam o chão. Um padrão dos mesmos azulejos cobria a parede sobre as bancadas. A cozinha tinha um fogão elétrico e era espaçosa o suficiente para acomodar quatro banquinhos. Atrás dela, havia uma pequena sala de estar, só ligeiramente maior que a minha, com um sofá de couro cor café e uma poltrona reclinável, que estava em frente a uma TV de tela plana. Portas francesas à direita da poltrona se abriam para outro cômodo. Sem entrar, pude ver um pequeno banheiro no canto e uma cama perto da

porta.

Saltei quando meu celular tocou e o peguei dentro de minha bolsa.

— Alô?

— Onde você está? — perguntou Lourdes. — Pensei que tinha um montão de trabalho pra fazer.

— Estou na casa do Mateo — sussurrei, como se fosse um grande secreto.

— Estão transando?

— Não.

— Se for fazer sexo, melhor usa proteção.

— Lourdes, estou aqui para estudar e... e ele vai dar uma olhada no meu carro.

— Evelyn, ele é um homem. Provavelmente, também vai querer dar uma olhada debaixo do seu capô.

— Jesus, Lourdes, não é assim.

— Coloque uma cela antes de montar no cavalo, Evelyn. Não monte sem cela nesse cavalo selvagem.

Fechei a porta e afirmei. — Não vou fazer sexo.

— Ainda.

— O que?

— Não vai fazer sexo - ainda. Evelyn, eu sei que você gosta dele.

— Sim, mas eu ainda não o conheço direito. — Deixei cair minha mochila na sala e comecei a tirar meus livros. — Além disso, ele disse que não tínhamos que fazer nada que eu não quisesse. — Grunhi por quão estúpido isso soava.

— É obvio que foi isso que ele disse. Ele é homem. Os homens dizem esse tipo de merda o tempo todo. Se lembra daquele filho da puta que me disse: "Não temos que fazer nada, podemos só ficar deitados, com nossas roupas íntimas"?

Me recostei contra a bancada e pus minha mão contra meu rosto. Sim, eu lembrava de filho da puta.

— Escada de incêndio, Evelyn. Tive que sair pela escada de incêndio, no centro da Filadélfia. Tenho que te lembrar dessa noite, ou como o filho da puta me perseguiu com seu carro...?

— Em roupas íntimas, sim, eu sei. — Pra não mencionar que quase roubaram meu carro nesse dia. Bons tempos. — Não vou me envolver com o Mateo, Lourdes. Não estou preparada. E nem sequer tenho certeza de que seja o menino certo com o qual me envolver. — Esfreguei meu braço, quando pensei sobre como tinha sido o sexo com o Donovan. Não era nada digno de se repetir. Nunca.

Lourdes captou minha repentina apreensão.

— Quer que eu te busque? Ou espere contigo enquanto ele conserta seu carro?

— Não, acredito que vou ficar bem.

— Está bem, mas me mande uma mensagem se mudar de ideia. As palavras do código secreto são "Lourdes, estou fodida".

Ri, apesar de tudo.

Ela também estava rindo, mas logo suspirou. — Você gosta dele, não é?

— Sim, na verdade eu gosto — admiti finalmente.

Capítulo 7

Estava lendo cuidadosamente o último capítulo do livro para a prova, quando o chão rugiu debaixo de mim. Abriram o portão da garagem. Mateo voltou. Cruzei e descruzei as pernas, ansiosa sobre como agir. Tinha enviado uma mensagem de texto quando estava esperando por Elaine, só para assegurá-lo de que eu estava ali e dizer que me sentia confortável em sua casa. Tinha escovado o cabelo, acrescentado brilho labial e retornado a estudar.

Tinha lido e feito anotações até tarde da noite e estava muito cansada. Embora nunca admitisse em voz alta, me sentia incrivelmente bem. Meu trabalho estava quase terminado pelo dia e estava ficando na casa de um menino gentil. *Nada mal, Evelyn.*

Ao menos, não estava mal até que o corpo duro de Mateo bateu contra a porta. Corri para destrancá-la. Ele teve que olhar duas vezes quando me viu através da fileira de vidros da porta. Abri a porta. Bom. Deus. Já o tinha visto com sua roupa preta de trabalho. Mas nunca o tinha visto em jeans... muito menos com uma camiseta branca, que parecia pintada em seu corpo.

Uma boina militar cobria sua cabeça, escurecendo seus olhos avelãs. Esperava que, de algum jeito, também bloqueasse

minha expressão surpresa, mas duvidava.

— Sinto muito, me esqueci de destrancar a porta.

— Não tem problema. — Continuou me olhando. — Você parece... Bem. — Levantou meu queixo com seus dedos. — Sempre se veste assim para a escola, baby?

Baby? Quase desmaiei.

— Não. Normalmente, não.

Não me beijou como eu previa e, possivelmente, esperava. Mas me guiou para dentro, mantendo sua mão enorme nas minhas costas.

— Parece que esteve ocupada — disse, movendo-se para minha pilha de livros. — Você vai conseguir ir à luta na quarta?

Retornei ao meu banquinho, enquanto ele abria a porta do refrigerador.

— Sim. Com certeza.

— Bom. — Piscou um olho. — Quer um refrigerante?

— Não. — Bati no meu copo para mostrar. — Estou bem só com água.

Mateo abriu uma lata de Coca-Cola e se sentou a meu lado, folheando as páginas do meu livro.

— Que diabos é isso?

— Isto? — Assinalei a imagem. — OH, um cérebro dissecado. — Ele fez uma careta.

— Lindo.

Eu sorri.

— OH, pelo amor de Deus, por que isso te enjoa? Não é o seu cérebro.

— Só não gosto dessa merda médica. Quando minha irmã fala de agulhas e sobre colocar tubos em algum pobre coitado, me deprime.

— Você tem medo de agulhas?

Ele não respondeu.

— E os procedimentos médicos?

Fez uma careta. — Não sou um fã.

— Diz o homem que faz as pessoas sangrarem — Ele sorriu.

— Isso é diferente. Posso aguentar o sangue quando ele sai de algum desordeiro que acabo de socar. Mas, quando começa a falar de limpar feridas... É um desastre. — Puxou uma grande baforada de ar. — Minha irmã sabe que odeio escutar sobre isso. Mas cada maldita vez que aprende algo novo, não pode esperar para me contar. A semana passada, ela me chamou só para dizer que colocou uma sonda num cara em... — ele estremeceu. — Não importa. Esquece o que eu disse. Tudo o que sei, é que tem que

haver uma maneira melhor de ganhar a vida.

— Tenho certeza de que existe, mas é uma profissão honrada. — Sorriu e me deu uma cotovelada de brincadeira.

— Sim. Você está certa.

Desenhei círculos com minha lapiseira no caderno, tratando de esconder o meu sorriso.

— Qual é o nome da sua irmã?

— Tenho duas. Lety é quem está na universidade. Sofia é minha irmã pequena. Ainda está na escola.

— É próximo a elas?

— Sim. Somos próximos. Tenho que cuidar de minhas meninas, sabe?

Assenti, embora pessoalmente não soubesse. Tinha chamado Sofia de "irmã pequena". Com sua idade e a atitude protetora em relação ela, acho que essa foi a que tinha sido molestada. Quatorze anos. Essa foi a idade que Ant disse que tinha quando o ataque aconteceu. Não poderia imaginar...

Um calafrio percorreu meu corpo. Soltei a lapiseira e esfreguei meus braços, incomodada.

— O que aconteceu? — Mateo pôs meu cabelo de um lado, franzindo o cenho quando algo em minha expressão chamou sua atenção. — Você está bem?

Engoli a saliva e tentei relaxar meu corpo tenso.

— Sim. Sinto muito, o que estava dizendo?

Afastou-se, me dando espaço. Merda. Isso não era o que queria. — Irmãs. Tem alguma? Ou irmãos?

— Não, nunca tive irmãos. — Trabalhei na melhor forma de terminar meus pensamentos e dizer. — Minha mãe morreu em um acidente de carro quando eu tinha quatro anos.

— Droga, sinto muito.

— Tudo bem. Não tenho muitas lembranças. Queria ter, mas suponho que era muito jovem. — Levantei minha lapiseira de novo. — Meu pai, ele, ah, morreu faz poucos anos. Agora estou sozinha. Não tenho família.

— Está bem — ele disse, se dando conta que esta conversa tinha que terminar.

Terminou seu refrigerante. Eu estava esperando que ele inclinasse seu corpo mais perto do meu. Em vez disso, ficou de pé e apontou pro meu livro.

— Continue fazendo o que está fazendo. Só não me fale disso.

Entrou em seu quarto. Escutei quando abriu o zíper de sua calça. Também escutei seus jeans caindo ao chão. O tecido grosso rangendo. Paralisei, sabendo que tirou as calças. Sem pensar olhei para trás. Tinha deixado à porta francesa do seu quarto

aberta, mas não podia ver nada mais que o lado da parede. Maldita parede.

Meus dedos folhearam as páginas de meu livro de psicologia, quando escutei ele se mover para a porta. Entrou na cozinha em seu macacão escuro. Subiu o zíper enquanto eu olhava. Ah, caramba. Não é que Mateo ficava muito bem, de mecânico quente?

Sorriu por causa das minhas bochechas ruborizadas. — Vou dar uma olhada no seu carro. Se terminar logo, vá até lá.

— Uh-huh.

Ele sorriu outra vez, porque sim, eu era óbvia assim.

Estava certa que Mateo retornaria antes que eu terminasse. Meu trabalho tomou mais tempo de que pensei. Também fez o chiado do carro. Terminei tudo, inclusive avancei um pouco na leitura. Finalmente, entrei na garagem um tempo depois, só para ver as botas de trabalho pretas aparecerem debaixo do meu carro. Me agachei.

— Como está indo?

— Venha até aqui e lhe direi.

Eu fui e ele deslizou debaixo do carro num carrinho de madeira com rodas. Manchas de óleo escorriam por seu rosto e graxa cobria seus dedos. Não, não parecia nenhum um pouco sexy.

— Pode me dar a toalha, baby?

Sua voz rouca e profunda somada a me chamar "baby", me congelou no lugar momentaneamente.

— O que? OH. — Alcancei a toalha da prateleira e a joguei. Ele pegou e limpou as mãos.

— Quer as boas notícias ou as más?

— Sério, tem boas notícias? — ele riu entre dentes.

— Me dê as más primeiro, assim tenho algo pelo que esperar.

— Ok. Troquei seu óleo, arrumei o escapamento, limpei seus filtros e ajustei um montão de cabos soltos e enchi seu ar condicionado com líquido de refrigeração. Deve funcionar agora.

— Tá falando sério?

Riu.

— Sim. Por que mentiria?

— Só achei que ele tinha morrido, só isso.

— Não. Na verdade, esse é o menor de seus problemas. Precisa de velas novas, correias, um silenciador, um alternador e uma nova bomba de combustível.

— Téo, espero que chegue logo nas boas notícias, porque me perdi depois de "silenciador".

Ele encurtou a distância entre nós e se inclinou, mas só beijou minha bochecha.

— Você é um doce, sabia? — Estava sorrindo. — Não fique muito nervosa. A boa notícia é que eu posso arrumar tudo isso. Só levará um pouco de tempo. Também posso conseguir todas as peças.

— Quanto custará?

— Sairá perto de seiscentos, por tudo.

— Isso é barato?

— Seria ao redor de seiscentos só para arrumar o alternador. Não se preocupe — disse quando viu meu rosto cair. — Podemos fazer tudo por etapas. Nada é tão crucial que não possa esperar outro mês. Vamos voltar para casa.

Segui Mateo pelos degraus de madeira, pausando para olhar para a casa principal.

— Você vai ter tempo? Parece que tem um montão de coisas a fazer.

— Evie, não estou te enganando. Se não pudesse te ajudar, eu diria.

Deixou uma garrafa de água na cozinha, antes de desaparecer em seu quarto. Escutei a torneira sendo aberta. Quando retornou, seu rosto e suas mãos estavam limpas e voltou a usar seus jeans e camiseta branca. Deitou no sofá de couro, me

olhando enquanto terminava de guardar o último dos meus livros. Fez gestos para que me aproximasse dele quando terminasse.

— Sente-se comigo.

Mateo estava recostado como uma pantera, todos os músculos relaxados, seus olhos avelã brilhando contra sua pele oliva. Aproximei-me lentamente e sentei junto a ele. O couro do sofá, desgastado e suave, era surpreendentemente cômodo sob minhas pernas nuas.

Ainda não havia me beijado como queria que o fizesse. Envolveu seu braço ao redor de meus ombros e girou para me encarar, seus dedos brincando com meu cabelo.

— Oi — disse em voz baixa e áspera.

— Oi.

— Esperava que eu não me distraísse tão perto de uma luta. — Seus dedos roçaram meu braço e seu olhar provocador se deslizou para baixo. — Mas você e esse vestido são uma tarefa difícil.

Ele se inclinou sobre mim. Fechei meus olhos quando seus lábios encontraram os meus. Desta vez, minha língua se aproximou da sua. Não me dei conta do quanto queria beijar ele até então. Sua mão esquerda se ajustou ao redor de meu quadril, massageando, enquanto meus braços rodeavam seu pescoço.

Mateo me puxou para mais perto. Sua mão deslizou mais

para baixo, chegando sob meus joelhos e me colocando em seu colo. Segurei sua cabeça enquanto aprofundávamos o beijo. Seu cabelo curto alvoroçado fazia cócegas na minha pele, me fazendo sorrir quando meus dentes encontravam seu lábio inferior.

Ele riu do meu pequeno flerte e abandonou minha boca para mover seus lábios por minha mandíbula. Gemi. Droga, estava tão bom. Sua mão, a que sujeitava meu quadril, alisou meu traseiro. A maneira com que me tocava me fez ofegar. Eu gostava de como me tocava, exceto que eu também sabia jogar e seu corpo me fazia querer lhe mostrar. Minhas mãos pressionaram seus ombros e o beijei atrás de sua orelha. Desta vez, ele gemeu. Amava esse som profundo e queria escutá-lo de novo. Assim, beijei seu pescoço, bastante forte para prender sua atenção, mas nem tanto para deixar uma marca.

Sim. Ele também gostou disso.

Sua mão vagou para cima e cobriu meu peito. Sacudi-me, arqueando minhas costas quando seus dedos beliscaram meu mamilo. Sua boca desceu sobre minha garganta exposta e beliscou de novo; esta vez, não se soltou e beliscou forte.

Outra vez, nossas bocas se uniram mais fortes e mais ansiosas. Caramba, ele estava me deixando louca. Sua mão brincou com todo meu peito antes de vagar à parte de trás de meu vestido e baixar o zíper por completo.

Girei de repente, cobrindo a mim mesma embora minha

roupa permanecesse posta.

— Muito rápido? — disse, respirando com dificuldade.

Inclinei meu queixo com os olhos para baixo.

— Sinto muito. Não sei... Sinto muito.

Suas mãos vagaram por minhas costas. Por um momento, congelei certa que tiraria meu vestido. Em vez disso, subiu devagar o zíper, cobrindo minha pele exposta. Quando terminou, seu braço envolveu minha cintura e plantou um beijo em meu ombro.

— Escuta, olhe para mim. — Não consegui e segui cabisbaixa. Ele passou as mãos pelo meu rosto. — Evie, olha pra mim. — Acariciou meu queixo com seu polegar, até que eu fiz o que ele pediu. — Faremos o que você quiser. E só o que você quiser. Entendeu?

Sustentei seu olhar, ainda excitada pela sensação de sua boca e mãos. Isto era algo totalmente novo. Com Donovan, o físico era mais como movimentos mecânicos do que gestos que verdadeiramente me excitassem. Na maioria das vezes, eu desligava até que tivéssemos terminado. Com Mateo, eu sentia tudo... a força de seu toque, o calor de seu corpo, sua respiração quente ao longo da minha pele. Isto era mais do que pensei que a intimidade física seria. Mas, evidentemente, eu não era a única afetada.

— Você está preparado para mais, não é? — perguntei.

— Estou. Não vou mentir. Mas falei sério. Não vou te pressionar a fazer nada.

— Está bem. — Mordi o lábio. Ainda era cedo. E ainda tínhamos muito tempo. — Isto significa que devemos parar de nos beijar?

As bordas de seus olhos se enrugaram quando sorriu. — OH, inferno, não — ele disse, me puxando para ele.



Mateo me levou para jantar cedo na quarta-feira antes de sua luta. Não foi nada sofisticado, só uma pizza. Mas foi agradável, realmente agradável. Não conseguia recordar a última vez que tinha comido fora e tinha sentido saudades desde nosso momento juntos na segunda-feira.

Comi uma porção de pizza e uma salada. Ele comeu duas grandes porções de massa, carboidratos que ele alegava que o enchia de energia para a luta. Durante o caminho, ele não disse muito. Imaginei que precisava se concentrar. Eu estava assustada e esperava poder suportar toda a luta. A luta entre ele e o traficante tinha me deixado alterada. E embora ele dissesse que sua perna estava curada, eu ainda notava um ligeiro mancar em seu caminhar, mesmo que ele tentasse esconder.





Esfreguei as mãos contra meus jeans, tentando diminuir minha energia nervosa. Supunha-se que não eram permitidas armas no clube de luta, mas mesmo assim, era uma luta ilegal. Qualquer um podia entrar com uma faca, uma arma ou algo escondido.

— Você se preocupa muito, baby. — A voz profunda de Mateo atravessou a escuridão de seu carro.

— É só que não quero que te aconteça nada.

— Não acontecerá nada. Posso lidar com isto.

Não estava tão certa. As pontas de meus dedos riscaram meus lábios. O inchaço de nossa maravilhosa sessão de beijos já tinha baixado. Desejava estar de volta em seu sofá, em vez de estar no caminho de vê-lo lutar.

— Você quer cobrir meus olhos?

— Agora? — Perguntou, com uma piscadinha.

Cobri o meu rosto.

— Quero dizer, para que eu não me lembre da localização? Há um apertão secreto de mãos ou algo assim, para entrar?

— Normalmente, não lhe permitiriam entrar, Evie. Mas está comigo. — Sorriu entre dentes. — E o lugar não é tão secreto. É uma academia de MMA, aberta ao público durante o dia. O dono faz lutas depois de fechar e só os seus conhecidos e a equipe têm

acesso depois do horário.

— Como você entrou nisso?

Ficou calado, pensando no que me dizer.

— Meu tio Lino me introduziu nas artes marciais quando eu era um menino. Sentia que eu tinha problemas de controle da raiva e que devia trabalhar isso. — Seus lábios torceram. — E ele tinha razão. De qualquer forma, Lino ajudou a pagar a minha matrícula. Eu fiz o resto trabalhando para o antigo dono, limpando pisos, tirando o lixo, esse tipo de coisas.

— E o seu pai? — Mateo ficou rígido.

— Apenas não estava por perto.

A forma como ele falou deixou claro que não deveria pressioná-lo. Assim como o silêncio, que cresceu entre nós enquanto ele manobrava seu carro ao redor do Konrad Square.

— Como foi sua infância? — perguntou.

Girou para uma rua estreita. Notei uma fila comprida de casas e um grupo de adolescentes reunidos ao redor de uma das escadas, rindo e fazendo piadas.

— Diferente disto.

— Eu tinha a sensação de que você não foi uma garota da cidade. — Pôs sua mão sobre minha perna. — Talvez algum dia me diga um pouco mais sobre você.

Cobri sua mão com a minha. Ele não se ofereceu pra compartilhar mais de seu passado e eu não estava prometendo fazê-lo, tampouco. Parecia que ambos tínhamos segredos que era melhor deixar escondidos. Ao menos por agora.

Entrou no estacionamento de uma igreja católica e estacionou.

— Temos que fazer uma curta caminhada, mas preciso parar aqui por um momento.

— Quer que espere?

— Não. Não te deixarei aqui sozinha.

Mateo esperou enquanto eu dava a volta no carro e pegou minha mão no momento que cheguei a seu lado. Subimos os degraus da igreja e atravessamos um pequeno saguão. Os primeiros dois bancos da grande igreja antiga estavam ocupados por um grupo de velhas mulheres vestidas de preto. Mateo se abençoou com a água benta, se inclinou diante do altar, se benzeu de novo e começou a sair, antes que eu pudesse imitar suas ações.

— O que foi isso? — perguntei, olhando para as pesadas portas de madeira.

— Fui criado como católico. Uma oração para proteção é algo que faço sempre antes de uma luta. — Conduziu-me pelo jardim e para outra quadra.

— Então, você é um bom menino católico?

Sorriu.

— Disse que me criaram como católico. Nunca disse que era bom nisso.

Levantei o olhar para ele, rindo, mas sua expressão se tornou fria. O comportamento despreocupado de Mateo se desvaneceu num instante, substituído pela aparência familiar do gorila com cabeça raspada que dirigia o pessoal do Clube Excess. Dois homens jovens caminharam para nós, suas expressões zangadas e firmes. Seus desgastados sapatos esportivos e grosas correntes de ouro deixavam ver que eram traficantes, membros de gangue ou ambos. A mão de Mateo deixou a minha para enganchar meu quadril e me puxar para mais perto, antes de deslizá-la para pousar em minhas costas.

Mateo queria me manter perto e protegida. Mas também se preparou para atuar e fazer sua ameaça com a mesma força. Seus músculos tensos diziam muito. Não trocaram palavras, mas Mateo definitivamente fez um voto silencioso de fazê-los sangrar se fizessem alguma coisa. Ele os observou enquanto passavam e os manteve em sua linha de visão, até que cruzamos a rua e desaparecemos depois da esquina.

— Merda — murmurei. — Se estivesse sozinha, estaria indo para o outro lado.

— Este não é o tipo de bairro que deve vir sozinha Evie. Nem

você nem ninguém.

— Mas, não passa por aqui só quando vai a uma luta?

— Isso é diferente. — Esfregou minhas costas. — Também é diferente porque está comigo. Tive que mostrar a esses vândalos que não os deixaria fazer merda nenhuma contigo.

Inclinou sua cabeça quando viu meu pequeno sorriso.

— Não saia sem mim e não vá a nenhuma parte sozinha, inclusive na academia. Manterei você a salvo. Mas preciso que esteja preparada.

— Certo. — disse, observando a vizinhança.

Na quadra seguinte, havia várias lojas. O primeiro andar tinha uma loja de sapatos, uma loja de comidas típicas de Porto Rico e uma loja de bebidas. Portas de metal cobriam toda a parte dianteira, exceto pela loja de bebidas, de onde saíram dois homens e uma mulher tropeçando e rindo. Demos a volta na esquina para o ginásio fechado. Mateo me conduziu através de uma entrada lateral. O cara na porta, com todos seus cento e oitenta quilos, levantou-se de seu banco e acenou para Mateo.

— Tudo bem, Garten? — disse Mateo.

— Téo — disse o homem. — Apostei cinco dólares em você esta noite.

— Verei o que posso fazer — respondeu Mateo, sua voz

aprofundando-se.

Passamos por um grande ginásio aberto onde um cara gigantesco com uma cruz celta tatuada em suas costas golpeava um pesado saco. Seus chutes, altos e letais, quase alcançavam a corrente que o sustentava, mesmo estando pendurada a vários metros do chão.

Mateo se deteve quando o viu.

— Killian! — chamou.

O lutador abandonou seu massacre e cruzou o ginásio. Seu corpo enorme brilhando de suor. Ele sorriu enquanto apertava a mão de Mateo. Havia uma familiaridade em sua saudação, do tipo que se podia esperar entre irmãos.

— Passou muito tempo, Téo. Quando vai retornar?

— Não posso. Há muito o que fazer no clube. — Fez gestos para mim. —Esta é Evelyn. Evie, este é Killian Ou'Brien, meu velho companheiro de rounds. É do bairro.

Olhei entre eles. — Vocês cresceram juntos? — Mateo assentiu.

— Sim. Nos conhecemos faz muito tempo.

Tratei de sorrir, mas era difícil ser amigável ao redor de alguém tão intimidante. Um grosso cabelo escuro cobria sua cabeça, e olhos azuis de meia—noite piscaram para mim.

— É bom conhecê-lo — disse.

— Eu digo o mesmo. — disse ele. Voltou-se para o Mateo. — Como está sua irmã?

— Lety? Está bem. Na universidade.

— Falo da Sofia.

Caiu um repentino silêncio entre eles. Os ombros de Mateo caíram.

— Está na escola. É assim que ela está.

Killian não respondeu, mas Teo o fez. — OH, eu sei que não está perseguindo a minha irmã caçula.

— Está tudo bem, cara. Só me perguntava como ela estava. — Killian tirou as tiras de suas luvas de boxe. — Se a vir, diga que mandei lembranças.

Afastou-se e voltou para o saco. Mateo o observou, sua feição convertendo-se em bloco de gelo. Inicialmente, ele tinha estado feliz de ver seu amigo. Agora, nem tanto. Não perdi a tensão ou a ameaça nas palavras do Teo - e Killian tampouco, embora ele não tivesse reagido. Teo não daria a mensagem a sua irmã caçula. Sabia e podia sentir que Killian também sabia.

— Está tudo bem? — eu perguntei a ele.

— Está tudo bem. Vamos.

Pelo seu tom de voz frio, não acreditei nenhum pouco em

sua afirmação, como não acreditei nisso quando Killian tinha usado a mesma frase.

Mateo me conduziu pelo corredor. Tocou a pesada porta de metal com seus nódulos. Estava começando a repensar este encontro, quando um homem calvo com um charuto em sua boca respondeu e o rugido de um montão de vozes floresceu por baixo da porta. O cara olhou de Téo para mim.

— Bem. Precisamos de uma RingGirl. Ladasha ligou para dizer que estava doente.

Minha boca caiu aberta.

— Ela não vai ser sua fodida garota do ring — disse Teo, como se isto fosse algo com o que ele estivesse acostumado a lutar.

— Olhe por onde caminha, Evie.

Embora tenha me advertido, quase tropecei nas escadas. Mateo agarrou meu cotovelo, me estabilizando enquanto o octógono saltava à vista. É isso, o octógono, ele havia me dito que era assim que chamavam o ring de oito lados. Estava coberto com um tapete azul claro. Havia cercas de malha nos lados e uma espuma preta grossa cobrindo os postes e corrimões. Várias filas de cadeiras de metal rodeavam a arena, estendendo-se até as paredes pintadas de cinza.

Parecia que todo o lugar tinha sido remodelado para

acomodar o crescente público. O chão era de concreto pintado de cinza e quatro saídas de emergência estavam situadas em cada esquina.

— Como é que as pessoas ficam sabendo desse lugar? — sussurrei.

— Porque é um estabelecimento legitimo durante o dia. Os membros lutam por aqui em horas regulares. Os tapetes, o equipamento e todo o resto são retirados durante as lutas noturnas.

Ant, que estava falando com alguém perto do ring, inclinou sua cabeça quando nos viu. Deixou o homem e caminhou pelo corredor, saudando Mateo com essa coisa de mão no ombro que os caras fazem.

— O que está fazendo aqui, Evelyn? — disse.

— Só vim ver Mateo — respondi como uma idiota.

— As garotas já chegaram? — perguntou Mateo.

— Ainda não. Big Chris vai trazê-las, visto que Noelle não está caminhando muito. — Seus olhos se fixaram em mim, mas logo seu sorriso se tornou mais atrevido. — Suas coisas estão lá atrás. Quer que eu fique com a Evelyn até que elas cheguem?

— Sim. Obrigado. — Suas mãos alisavam minhas costas. – Verei você num momento, tudo bem?

— Tudo bem, boa sorte. *E, por favor, tente não morrer ou*

sangrar muito.

Ant o observou desaparecer por uma porta aberta. O vestiário, eu presumo.

— Quer sentar na frente, Evelyn?

— Onde você quiser, vai estar bem para mim.

— Mmm. — Ele me olhou de cima a baixo. — Vamos duas fileiras para trás. Do contrário, sairá respingada com saliva e toda essa merda.

Jesus. Esperava que estivesse brincando. Ant me escoltou pelo corredor.

— Teo normalmente começa deste lado... Olá, imbecis. Fora daqui. — Os três homens que tentavam guardar uma fileira de assentos agarraram suas jaquetas e se apressaram em sair.

— O que vocês acham que isso aqui é, uma igreja? Bando de abusados, filhos da puta. — Felizmente, seu tom se aliviou quando se voltou para mim.

— Aqui, querida. Sente-se aqui.

Sentei-me lentamente, agradecida que os dois maiores caras daqui cuidassem de minhas costas.

— Ant, o que eu devo fazer se este lugar for descoberto? Endureceu seus olhos marrons.

— Quer dizer se os policiais aparecerem e nos enviarem para

a grande casa? — Seu rosto ganhando uma expressão divertida e rompendo em gargalhadas, quando eu fiquei olhando pra ele, boquiaberta.

— Evelyn, a maioria dos caras que vêm aqui são policiais da Filadélfia. Os policiais da Filadélfia nos dão cobertura. Está a salvo, desde que seja sempre discreta e não vá a nenhuma parte sozinha. — Sacudiu o queixo, onde um grupo de homens repulsivos tomavam uma fileira de assentos. — Não posso garantir as coisas por todos aqui, Evelyn. Só fica com a gente e vai ficar tudo bem.

— Se você diz.

A porta se abriu de repente e escutei o som de xingamentos familiares vibrando na nossa direção.

— Não, não quero ser sua maldita garota do ring — alfinetou Dee-Dee.

Saiu disparada pelas escadas metálicas, seguida pelo grande Chris, que ajudou Noelle a manobrar pela escada estreita. Ela mancava, mas estava bem melhor do que a última vez que a tinha visto. Me estiquei, sem saber como qualquer uma delas reagiria a minha companhia. Dee tinha sido amável comigo a última vez que a tinha visto, porque eu tinha ajudado a sua amiga. Mas isso não nos tornava melhores amigas e, certamente, não me fazia mais bem-vinda. Especialmente se ela sentisse algo pelo Teo.

As longas tranças de Dee balançavam ao redor de seu rosto,

enquanto andava com confiança e muito mais atitude do que eu tinha.

— Oi, Ant — ela disse, abrindo espaço por suas costas. Parou abruptamente quando me viu.

— Oi, Dee — eu disse, acenando em uma pequena saudação, quando ela não disse mais nada. Mesmo nessa meia-luz, poderia adivinhar que estava, provavelmente, ruborizando com uma maldita idiota.

Noelle soprou atrás dela.

— Que inferno, Dee? O médico disse que preciso manter a perna para o alto. — moveu sua cabeça por trás de Dee quando ela não se mexeu, seus olhos se arregalando. — Olá, Evelyn. Não esperava ver você aqui, querida.

— Ah, sim, bom, você sabe...

Elas trocaram olhares, se dando conta de que, sim, eu era assim estúpida. Ant se levantou.

— Chris, Teo precisa da minha ajuda. Cuida das garotas? — O Grande Chris piscou, bem na minha frente.

— Sim.

Me mexi, um pouco incomodada. Dee se sentou junto a mim, Noelle a seu lado e Chris tomou o assento do final. Dee olhou direto para frente como se eu nem sequer estivesse ali. Noelle

procurou algo em sua bolsa gigante.

— Querem pipoca?

Dee suspirou e se voltou para olhá-la. — Trouxe pipoca para uma luta de MMA?

— Eu estou com fome. Todos estes analgésicos me dão desejos.

— Eu quero pipoca — disse o Grande Chris.

Noelle lhe passou uma embalagem cheia.

— Tá bom, me dê um também — disse Dee.

— Quer que eu gire a cadeira para sua frente, para que possa elevar seus pés? — Ofereci.

Noelle deixou de mastigar ruidosamente.

— Sim. Obrigada, Evelyn. — Ela sorriu para Dee. — É bom saber que alguém está cuidando de mim.

Dee riu. Sua estreita relação com Noelle estava aliviando a tensão entre nós.

— Só coma suas malditas pipocas.

Levantei-me e agarrei a cadeira, quando duas garotas sentaram na nossa frente. Muita maquiagem, cabelo volumoso, pequenos vestidos e aparentemente grandes bocas. A mais próxima me tirou a cadeira de forma suficientemente forte para

machucar minha mão.

— O que você está fazendo? Esse é meu assento, cadela.

— Ah, só estava pegando a cadeira para minha amiga, seus tornozelos...

— Não me importa, cadela! — alfinetou, tratando de se lançar na minha cara.

Eu achei que estava com sérios problemas, até que Dee se levantou e Noelle também.

— Algum problema? — perguntou Dee, sua voz baixa, mas o suficientemente afiada para cortar o ar. As garotas não disseram nada. — Perguntei se tinha algum problema?!

Noelle apontou para seus pés, sem esperar que elas respondessem.

— Veem meu pé? Está quebrado pela última puta imbecíl que chutei na cara. — As cadelas de cabelo volumoso trocaram olhares e começaram a recuar. — Isso, continuem andando. — disse Noelle, gesticulando com a mão para que se afastassem. — Sabia que eram mais inteligentes do que pareciam com seu cabelo falso.

O Grande Chris continuou comendo sua pipoca, como se Dee e Noelle não tivessem prontas para começar uma briga. Não ficou preocupado, devia haver uma boa razão pra isso.

— Já estiveram em brigas antes? — perguntei.

— Sim — responderam, como se não fosse nada.

— Onde vocês cresceram?

— Filadélfia — respondeu Noelle.

— Jersey — respondeu Dee, quase ao mesmo tempo.

— OH — eu disse.

Noelle tomou um gole de uma lata de Sprite que havia trazido.

— Tem certeza de que não quer pipoca, Evelyn? — perguntou Noelle.

— Não. Obrigado. Eu estou bem. — Girei a cadeira e a ajudei a levantar seus pés. No momento que me sentei, alguém apagou as luzes, para que as únicas luzes acesas fossem aquelas que estavam sobre o octógono enjaulado. Um cara se moveu no centro com um microfone sem fio.

— Esta luta não está autorizada pelo UFC.

— Não — murmurou a multidão, seguido de uns palavrões.

— Esta luta não está autorizada por suas mamães, seus papais ou seu oficial da condicional.

A multidão riu. Eu não achei que fosse divertido. Continuou, seu rosto se avermelhou enquanto se inclinava para frente e

gritava:

— Esta luta não está autorizada por ninguém, porra, só por voooooooocccccccccêêêêêêêssssssssss!

— Sim! — gritou a multidão.

— Estão preparados para o sangue?

— Sim!

— Estão preparados para a dor?

— Sim!

— Então vamos!!! Foda-se!!!

A multidão rugiu. Todos ficaram de pé, exceto Noelle, que gritava entre dentadas e eu, que cobria momentaneamente o rosto tentando não vomitar.

Um homem enorme usando uma calça preta, uma camisa preta e luvas de vinil se adiantou, seguido da mulher que queria brigar comigo. Sim, de verdade. Era a garota do ring da noite. Puta.

— Três fodidos rounds — continuou o cara — entre Mateo "O Urso" Três Santos da Filadélfia...

— "O Urso"? — perguntei, enquanto ele anunciava suas medidas — um metro e noventa e três, cento e seis quilos.

Mateo entrou no Octógono, descalço, sem camisa e com uns

shorts laranja com uma listra negra em cada lado. A cola cirúrgica mantinha a ferida da faca fechada, mas eu podia vê-la. Isso significava que seu oponente também a veria. Dee manteve seus olhos fixos no ring enquanto se inclinava em minha direção.

— É conhecido como "O Urso" porque rasga seus oponentes.

— ... e Ernesto "O Assassino" Corte...

— "O Assassino"? — Não queria escutar o resto. Especialmente quando um homem enorme em shorts vermelhos entrava grunhindo para Mateo e cuspindo por seu protetor bucal.

Os olhos do Dee foram vacilantes para mim.

— Há rumores de que ele matou alguém. — Golpeou-me com seu ombro. — Mas não se preocupe, não acho que seja verdade. Está tudo bem, Evelyn.

— Então, por que está nervosa? Parece nervosa, Dee. — estava, exceto que sua voz não era um chiado, como a minha. Mesmo assim, queria que ela estivesse com mais confiança, já que no momento estava muito assustada. Embora Mateo permanecesse tranquilo. Dançava no lugar, com seus olhos fixos no oponente, como se o cara enorme fosse um pedaço de carne. Com sorte, O Urso estava faminto.

Dee murmurou algo que não pude entender. Mas logo me olhou. — Apostei duzentos em Teo. Preciso que ele ganhe.

Noelle amaldiçoou.

— Por que demônios fez isso?

— Por Glori. Suas taxas escolares não se pagam sozinhas e seu pai não está ajudando.

— Isso é porque Shaz é um grande idiota. — Noelle amaldiçoou de novo e olhou para onde Mateo continuava se movimentando em seu lugar, com as mãos livres em suas costas.

— Teo sabe?

A voz do Dee baixou.

— Sim. Sabe.

O Urso e o Assassino se aproximaram. O arbitro disse algo como: "Lutem duro, lutem justo, e não se mordam". Não havia sino. O árbitro apontou para Teo.

— Preparado? — Teo assentiu. Apontou para o “Assassino”. — Preparado? — O Assassino grunhiu. Então gritou: — Lutem!

Teo e o Assassino dançaram, com as mãos pra cima, os quadris relaxados. Pareceu demorar um pouco para que eles começassem. Quando o fizeram, foi uma guerra sem quartel. Seus movimentos eram rápidos. Quase muito rápidos para segui-los. O Assassino rugiu e deu um soco. Teo se esquivou e lhe lançou outro. Os homens se chocaram, dando joelhadas um no outro nas costelas. O Assassino tentou alcançar Teo. Teo trocou seu peso, deixando cair seu centro de gravidade e o derrubou.

O Grande Chris, Noelle e Dee gritaram, clamando por Teo.

Eu também gritei, mas por uma razão diferente. Atrás de nós, a multidão rugiu, lançando seus punhos no ar.

O Assassino se lançou, açoitando-se contra Teo e chocando-o contra a cerca. Teo enterrou os pés, lançando-se para frente quando o Assassino o chutou duro em sua perna machucada.

Colidiram de novo e trocaram joelhadas. Teo o golpeou brutalmente e o forçou a ir na direção oposta enquanto se agachava. Baixou seus quadris e usou seu peso para levar o Assassino para o chão.

Todos estavam de pé. Incluindo Noelle e eu.

Teo golpeou a cabeça do Assassino com murro atrás de murro, mantendo-o no chão. Ant se inclinou sobre a cerca. Não o tinha notado antes, mas o vi e escutei o que dizia, inclusive entre os gritos da multidão.

— Mantenha-o no chão, Teo! — gritava.

Teo logo passou a dar cotoveladas entre os murros que acertava no crânio do Assassino. O Assassino conseguiu rodar sobre Teo, agarrando seu antebraço na garganta dele.

Estava sufocando ele! O Assassino estava estrangulando o meu *quase* namorado. Fui para frente sem pensar. Dee passou seus braços por minha cintura e me segurou.

— Evelyn! Aonde diabos você vai?

Apenas a escutei, meus olhos estavam tão focados no

Assassino e na cara vermelha de Mateo que quase perdi sua reação.

Golpeou duro o Assassino no rosto.

Saiu sangue.

A multidão gritou.

E meus joelhos cederam.

Se Dee não tivesse me sustentando, teria caído sobre meu traseiro.

Teo golpeou de novo, recuperando sua posição em cima dele e o golpeou - murro após murro. O Assassino deu tapinhas em seu ombro. O arbitro descruzou os braços e tirou Teo dele.

Mateo não lutou para retornar sobre o Assassino. Elevou seus braços e a multidão perdeu suas malditas mentes. Ant se apressou, abraçando-o. Teo apontou em nossa direção. Dee, Noelle e o Grande Chris estavam de pé, gritando.

Eu fiquei ali de pé como se fosse feita de pedra.

O cara com o microfone retornou, anunciando Teo como ganhador em um minuto e cinquenta e nove segundos. Sem dúvidas, esses foram os mais longos e violentos três minutos da porra da minha vida!

Mateo mancou para nós, com Ant celebrando a seu lado. Teo bateu os punhos com o Grande Chris e levantou uma Noelle

gritando em um abraço de um braço só. Dee o abraçou por inteiro, envolvendo suas mãos em seu pescoço. Quando o soltou, tinha lágrimas nos olhos.

— Obrigado, Teo — escutei ela dizer enquanto limpava as bochechas.

Deixou Dee depois de outro abraço e caminhou para mim. Foi quando eu vi a garota do ring perambulando detrás dele. Nunca tinha estado em uma briga em toda minha vida. Mas, quer saber? Se ela tivesse seguido Teo, eu teria lhe dado um soco na cara.

A têmpora de Mateo tinha começado a inchar. Teria um bom hematoma pela manhã e provavelmente um olho parcialmente roxo. Suas mãos tinham sangue e a cola cirúrgica foi suficiente para manter a pele junta. Me matava vê-lo lutar tão duro – machucado - e se arriscar a ter uma ferida permanente por dinheiro. Eu me senti tão mal.

Teo se inclinou para me beijar, freando um pouco quando viu minha cara. Murmurou no meu ouvido:

— O que aconteceu? Parece zangada. — Cruzei os braços.

— Pode me levar para casa?

— O que?

Olhei ao redor da multidão que se juntava, que estava revezando para bater em suas costas, como se fosse seu herói. De

alguma forma, suponho que era um herói. Tinha ajudado Dee e provavelmente muito mais. Mas isso não me fazia mais feliz.

— Por favor, me leve para casa — disse de novo.

Mateo esfregou sua mandíbula. Também estava inchando.

— Depois que Dee receber sua parte. Não podemos deixar que saia com todo seu dinheiro sozinha.

Assenti e me sentei. Ele me deixou, olhando para trás uma vez em seu caminho para os vestiários. Retornou um curto tempo depois com uma bolsa de academia preta, usando seus jeans e a camiseta de manga comprida cinza com que tinha chegado. Sentou-se junto a mim quando Dee abandonou sua cadeira para recolher seu dinheiro com Ant e o Grande Chris.

Mateo deslizou um braço ao meu redor enquanto começava a luta seguinte, uma super luta de peso pesados entre dois homens do tamanho de automóveis. Parecia inseguro em me confortar. Não estava zangada, não de verdade, e mostrei isso apoiando minha cabeça contra seu ombro. Seu aperto em mim se fez mais forte quando pus meu braço em seu estômago.

Fiel a sua palavra, fomos embora logo depois que Dee retornou. Todos tinham seus carros no estacionamento da igreja. Teo esperou que Ant e Chris se metessem por uma rua com as garotas e os seguiu. Não foi até que chegamos à estrada que Mateo e eu falamos.

— Trouxe você comigo essa noite porque pensei que você gostaria de me ver lutar. Suponho que fodi com tudo, né?

Inclinei meu queixo em sua direção. — Não. Não é isso.

— Então por que você está tão brava? — Retornou sua atenção para a estrada. — A maioria das garotas acha que é sexy que eu seja um lutador. Especialmente quando chuto os traseiros de alguns caras.

Não estava se mostrando. Podia sentir sua confusão genuína. Me dei conta de que ele só quis me impressionar.

— Só que eu não gosto de ver você machucado — eu disse. Meu dedo se moveu sobre sua pele arroxeada. — Mesmo quando você ganha.

Tomou minha mão e beijou meus dedos. Merda. Mateo Três Santos tinha todos os movimentos certos. Por um segundo, não podia recordar meu próprio nome. Baixou nossas mãos, as mantendo entre nós.

— Não te levarei outra vez — prometeu.

Olhei para os carros na nossa frente. — Mas, mesmo assim vai lutar.

— É a minha forma de ganhar dinheiro. Espero até que o prêmio seja alto e saio. É difícil entrar em lutas legais. Há muita concorrência. Leva muito tempo pra ser reconhecido. E o pagamento? É virtualmente nada.

— Mas é mais seguro.

Mateo encolheu os ombros.

— Um golpe no estômago dói de qualquer maneira. Prefiro que me paguem.

— E eu prefiro que não saia machucado.

— Evie, eu me arrisco a isso no clube. Não é diferente. Além disso, lutar é no que sou melhor. Olhe o que faço cada vez que estou no Excess.

Talvez, dar golpes era no que Mateo pensava que era bom. Mas quando pensava em como liderava sua equipe e enquanto sentia sua mão na minha, soube que estava errado.

Capítulo 8

Já era depois da uma da manhã quando voltamos para casa de Mateo. Devido à hora e a falta de fé de Mateo no meu carro, ele insistiu em me seguir de volta até a minha casa. Não me importava. Em grande parte, me alegrava que ele ainda queria passar tempo comigo. Supus que esperava algo de mim depois de sua luta, por dar uma surra em seu oponente e por ser o ganhador, inclusive depois de ter sido quase sufocado. Possivelmente, era isso que uma garota do Ring teria feito. Não era do meu feitio, ao menos não por essas razões.

Cheguei a nosso pequeno estacionamento. Mateo me seguiu com seu Explorer preto, estacionando na seção mais próxima a casa. Ele me puxou pela mão, quando saí de meu carro.

— Vamos. Eu acompanho você até a porta.

Segurei-o um instante no lugar. Minhas aulas tinham nos mantido separados durante os últimos dias. E sim,

tinha prática clínica no dia seguinte. Mas não estava pronta para dormir. Talvez precisasse de algo mais.

— Quer entrar um pouco?

Ele inclinou a cabeça.

— Você quer que eu entre?

Sua voz sexy me fez sorrir. De maneira nenhuma podia dizer boa noite a isso tão facilmente. Pegou a mochila da minha mão e a pendurou sobre seu ombro.

Estávamos caminhando juntos pela calçada, para as escadas de madeira do alpendre, quando Lourdes saiu apressada com sua namorada. Sua prática clínica tinha sido cancelada devido a um próximo projeto de grupo. Supus que estava celebrando com sua namorada e estavam indo para a casa dela.

Lourdes quase caiu nas escadas quando nos viu. Esperei que não me envergonhasse.

Foi muita maldita esperança.

— Lourdes, este é Mateo. Teo, minha colega de quarto.

Teo deu um rígido aceno em forma de saudação. Lourdes? Simplesmente o olhou, a princípio. Depois, olhou pra mim.

— Este é o Mateo? — perguntou.

Minhas bochechas esquentaram, preocupada para onde

estava indo essa conversa.

— Sim.

Sem absolutamente nada de vergonha ou algo parecido, foi para frente, até que estava praticamente em cima dele. Olhou-o da cabeça aos pés, observando cada centímetro gigantesco de músculo. Inclusive, apontou pra ele.

— Este. É. Mateo?

Ele riu baixo. Tencionei os dentes. — Sim, Lourdes.

— Querida, você está com sérios problemas.

Sua namorada não parecia apreciar que Lourdes olhasse Mateo e a levou arrastando.

— Lamento por isso — disse a Mateo. Ele não disse nada, mas podia dizer que estava se divertindo.

Abri a porta de nosso pequeno prédio e esperei que entrasse, antes de fechá-la atrás de mim e subir pro nosso pequeno apartamento.

— Pode sentar.

Teo deixou minha mochila no chão enquanto se sentava na poltrona e eu perambulava para a cozinha.

— É legal — ele disse.

Enchi uma bolsa de plástico com gelo.

— Não, sua casa é legal. Esta casa é só um lugar barato para morar.

— Estou em cima de uma garagem.

— Uma garagem remodelada — assinalei. — Com coisas muito lindas. — Envolvi a bolsa com um pano de prato limpo e fui para seu lado. — Toma, ponha na sua testa. Vai ajudar com o inchaço.

Ele pegou minha mão que sustentava a bolsa de gelo e a pôs sobre o lado de sua cabeça.

— Não posso, estou muito cansado. — Seus dedos brincaram sobre os meus. — Talvez você deva fazer isso por mim.

Sorri e toquei seu rosto. Tinha alguns cortes em sua testa e têmpora que necessitavam de atenção.

— Você é terrível. — Beijei seus lábios. Uma semana atrás, nunca teria pensado em ser tão atrevida. Principalmente com ele. E, especialmente, sozinhos. Agora era fácil... e algo que eu queria continuar fazendo. Exceto que havia algo mais importante então. Ele.

— Já volto.

Deixei sair uma exclamação quando Teo deslizou seu braço por minha cintura e me puxou.

— Qual é, Evie, fica aqui comigo.

Eu me contorci quando ele trilhou um caminho de beijos para a base do meu pescoço.

— Está acostumado que tudo seja de seu jeito, não é?

— Mm hmm. — Continuou. Ou ao menos tentou, até que me liberei. Saltei pra longe quando ele tentou me pegar de novo e fui até o banheiro.

— Não desta vez, Teo.

Quando retornei, me aproximei e coloquei um kit de primeiros socorros em cima da mesa. Mateo manteve o gelo em seu rosto. Enquanto observava, me ajoelhei na frente dele e comecei a trabalhar.

— Olhe pra você, toda enfermeira — murmurou.

A voz profunda me afetou de todas as maneiras certas. Tentei não demonstrar, mas o calor na minha pele não me permitiu esconder.

— Não é nada, sério. — joguei antisséptico numa bola de algodão, dando a meu corpo um momento para esfriar-se. — Fui voluntária em um acampamento para meninos autistas no semestre passado, para conseguir créditos extras. Passei duas semanas atendendo joelhos ralados, um montão de cortes e erupções pegajosas estranhas.

Ele fez uma careta.

— Obrigado por partilhar comigo.

Ri e comecei a limpar os cortes causados pelos punhos do Assassino. Não eram profundos e não estavam sangrando, mas precisavam ser desinfetados. Mateo se inclinou para frente, fazendo mais fácil que o alcançasse.

— Você gosta de crianças? — perguntou. Assenti.

— Sim. Os meninos com os quais trabalhei eram realmente doces, só precisavam de cuidados e atenção. Também gosto de idosos. — Sorri, lembrando da idosa que cuidei durante minha primeira prática clínica. — Eles tem tanta história. Um montão de histórias para compartilhar.

— Sim. As pessoas mais velhas são maravilhosas. Mas tenho um fraco por crianças. — Pus um pouco de pomada bactericida num corte, quando me ocorreu algo. — Tem alguma?

— O que?

— Criança?

Sua mão acariciou meu antebraço, dificultando a minha aplicação da pomada.

— Não. Nenhuma. Pela forma como vejo, se tiver alguém me chamando de papai, tenho de ser tudo para essa criança. Não estou preparado para esse tipo de responsabilidade, por isso fui cuidadoso. Entendeu?

Uma lembrança de meu pai trabalhando no escritório de

nossa casa começou a se formar. Mas diferente da lembrança da pequena idosa, esta não me fez sorrir. Estava ao telefone, rindo com um sócio de negócios. Sua expressão mudou quando me viu entrar. Eu acabava de chegar da aula de líder de torcida e ainda estava em meu uniforme; meu rosto estava ruborizado e estava ofegando com emoção. Tinham me escolhido como capitã e não podia esperar para lhe contar as notícias.

Apertei meus lábios. Nunca imaginei que se suicidaria. Mas ele fez.

— Evie?

— Não, tem razão — respondi, tratando de recordar o que Mateo havia dito. Por sorte, fiz antes de tropeçar muito com minhas palavras. — Quando se tem um bebê, já não é o número um. Ele ou ela deveriam ser a prioridade. Escutei as dificuldades de Dee, como ela luta. Não é fácil e não é algo que eu queira, até que seja o momento correto.

Observei seu rosto. Múltiplos cortes danificavam seus traços fortes, mas não se encolheu quando toquei sua pele. Mateo era um homem acostumado à dor. Deve ter tido um inferno de vida.

— Vi você depois de suas lutas antes. Isto é bastante ruim, inclusive para você. Não?

Ele sorriu amplamente.

— Esteve me observando?

Mordi o lábio, mas não pude encará-lo diretamente. — Notei antes. É um pouco difícil não fazer.

— Mas tinha medo. — Deixou a bolsa de gelo cair na mesa.

— Sim. — Guardei meu kit de primeiros socorros, com cuidado de colocar tudo no seu devido lugar. Sempre tinha sido organizada, mas também precisava ter um pouco de tempo, sabendo o que vinha a seguir.

A mão de Mateo percorreu minhas costas.

— Tem medo agora?

Olhei-o sobre meu ombro. — Não. Realmente, não.

— Me mostra, então.

Me levantei para ficar entre suas pernas. Suas mãos esfregaram as minhas coxas, massageando todo o caminho para cima e até meus quadris. Seus olhos avelã crepitaram, me observando enquanto agarrava meus pulsos e me puxava para ele. Lentamente, se inclinou para trás e me colocou no seu colo, nossas respirações acelerando quando meu peito se uniu ao dele. Estar debaixo o fazia vulnerável a mim. Provavelmente, essa era sua maneira de aliviar qualquer apreensão restante.

Mas eu não queria estar em cima.

Assim, enquanto nos beijávamos e meus braços se envolviam em seu pescoço e suas mãos vagavam para minhas

costas, girei-o na pequena poltrona, até que estive sob seu peso.

Ele se moveu sobre mim, abrindo minhas pernas e me incentivando a rodeá-lo pela cintura. Inclinei a pélvis para frente e para trás, ofegando enquanto seu corpo tocava o meu e sua língua percorria minha orelha. Era mais do que tínhamos feito antes.

E eu estava pronta para isso.

A fricção entre minhas pernas aumentou, seus movimentos fazendo palpitar as minhas já sensíveis partes. Gemi, minhas unhas arranhando seus ombros.

— Você gosta disto? — disse enrouquecido.

Minha cabeça caiu para trás.

— Sim. — Para prová-lo, estreitei meu aperto e me esfreguei mais forte contra ele. A princípio, não reconheci a sensação que estava se originando. Mas logo experimentei tudo. Gritei, deixando-o louco. Seu corpo se moveu mais rápido contra o meu, desenterrando cada estremecimento, cada sensação, cada grito.

Enquanto desacelerava, me certifiquei de que não era a única que tinha desfrutado do nosso contato. Ele ofegou e se elevou sobre seus cotovelos, me olhando com desejo.

— Droga — foi tudo o que ele disse.

Todas as garçonetes se reuniram em bancos ao redor de Sam. Os porteiros, garçons e nosso DJ formaram um arco atrás de nós, com Mateo de pé - atrás de mim - esperando pela última e maior reunião do pessoal. Alguns de nós, com mais paciência que outros.

Mateo tinha me visto quando cheguei com minhas botas de salto alto e uniforme minúsculo, mas não fez questão de me cumprimentar, inclusive quando sorri timidamente em sua direção. Os cortes em seu rosto tinham sumido nas últimas duas semanas. Logo, quase não havia nenhum rastro de seu encontro no ring ou de sua briga com o traficante.

Ah inferno, Dava pra notar. Eu tinha me perdido nesse rosto e corpo.

Além de nosso tempo no Excess, não o tinha visto. Suas responsabilidades junto a Elaine e o clube, e minha crescente pilha de tarefas nos tinham afastado. E sim, ele me mandava mensagens de texto. E sim, falávamos ao telefone. Mas não era o mesmo. Não ficamos mais juntos desde nosso pequeno momento no meu sofá.

Mateo tinha me convidado para sair algumas de vezes na primeira semana. Mas cada vez que perguntava, tinha aulas ou laboratório ou uma prática clínica para me preparar. Finalmente, ele parou de perguntar. Pensei que talvez tivesse perdido o interesse. Ainda mais porque Ant caminhou comigo nos três turnos seguintes em que tinha trabalhado. Assim, quando esta

noite tinha puxado meu rabo-de-cavalo enquanto se colocava atrás de mim, foi difícil não dar a volta e abraçá-lo.

Meu corpo se esquentou com a ideia de estarmos sozinhos de novo. E estava pronta para mais que um beijo e me retorcer debaixo dele.

— Bem-vindos a nossa noite de sexta-feira — saudou Sam, de uma maneira que soava claramente que não estava falando sério. — Devido ao tiroteio da outra semana, a partir de agora, vamos ter proteção policial cada noite de sexta-feira e sábado. — Fez um gesto ao policial a seu lado. — Este é Pete McQueen. Estará armado e uniformizado. Mateo, como sempre, dirigirá a segurança.

Dee levantou a mão a meu lado.

— Então porquê Pete está aqui?

— Para qualquer merda que tenha a ver com armas ou imbecis que sejam pegos cheirando cocaína nos banheiros.

— Mas ele é só um. — apontou Noelle.

— Não me diga, gênio! — cuspiu Sam.

Algumas das garçonetes trocaram olhares confusos.

— O oficial McQueen fica na porta com dois ou três de minha equipe — explicou Mateo. — Seu trabalho principal é de servir como elemento de convencimento e observar se alguém leva armas. Os gorilas ainda são os olhos do clube. Avaliaremos se está

acontecendo algo real ou se alguém está tratando de criar uma distração para algo maior. Mantenham a comunicação direta com a equipe e comigo, nos encarregaremos do resto.

— Sendo assim, o policial vai estar sempre na porta? — alguém perguntou.

— E só por oitenta dólares a hora — murmurou Sam. Pete nos saudou com um sorriso. Tinha gostado do som disso. As garçonetes começaram a ficar de pé, pensando que nossa reunião tinha terminado. — Aonde diabos vocês vão? Não disse que tínhamos terminado! — ladrou Sam.

Noelle revirou os olhos e caminhou para trás. — Anda logo com isto, Sam. Ainda temos cabines e banheiros para limpar.

Sam sorriu. Como se fosse um maníaco que tentaria nos matar com uma faca de açougueiro.

— Como vocês sabem, todos os idiotas ricos gostam de suas doses. E os idiotas as querem rápido.

— E? — perguntou Dee. Sam franziu o cenho.

— E estamos demorando muito tempo para servi-los, e tempo é dinheiro... isso é o que acontece. Apresento-lhes à "Garota Shot". — Fez um gesto para a porta que conduzia à sala de armazenamento. Todos nos voltamos nessa direção. Não aconteceu nada, arruinando a grande introdução de Sam e seu bom ânimo. — Santa Merda, disse "Apresento-lhes à Garota

Shot!".

A porta se abriu de repente e a surpresa do Sam saiu caminhando.

— Cacete — murmurou Ant.

A Garota Shot era na realidade Candy Lynn. Tinha tetas que envergonhariam a maioria dos melões e era uma das garçonetes mais brincalhonas. Ganhava a maioria das gorjetas. Odiávamos Candy Lynn.

Alguns dos gorilas assobiaram — incluindo Pete — enquanto ela desfilava até nosso grupo. Felizmente, Mateo não estava entre eles. A razão que sabia disso era porque olhei pra trás para verificar.

Candy Lynn não vestia nosso uniforme padrão, não realmente, a menos que contasse nossas malditas botas de puta e os shorts pretos curtos que tinha embutido em seu traseiro redondo. Um sutiã esportivo preto substituía seu colete. Duas compridas tranças loiras apareciam por debaixo de um chapéu preto de vaqueiro. Mas não seria a Garota Shot do Sam sem outra amostra de classe. O cinto em seu quadril continha garrafas de Patrón e Grei Goose[1] e uma extra, acrescentada por debaixo de seu umbigo exposto, sustentava uma lata de chantilly . Virou e moveu sua bunda, na qual havia uma garrafa de Baileys[2].

— Como podem ver, a Garota Shot servirá somente bebida

[1] Tequila e Vodka, respectivamente.
[2] Licor irlandês.

da melhor qualidade.

Candy Lynn procurou entre seus seios para tirar um dos muitos copos de dose metidos nos cinturões que cruzavam seu peito. Colocou um pouco do Baileys nele e acrescentou chantilly.

— Também faço boquetes — murmurou, brindando com Mateo.

— Sim, nós sabemos — sussurrei de volta.

— OH! — gritou a multidão ao meu redor.

Não observei a reação de Mateo. Estava muito ocupada me encontrando com o olhar fulminante de Candy Lynn.

— E rouba nossas gorjetas — apontou Noelle, seu cabelo vermelho praticamente soltava fumaça.

O resto das garçonetes murmurou em conjunto. Sam estendeu uma mão, acalmando a todas.

— Há muitas mesas para uma só Garota Shot. Assim necessito de mais duas.

— Tá falando sério? — perguntou Noelle, dando uma olhada em Candy Lynn.

— Por quê? Você está se oferendo como voluntária?

— Sam — espetou Dee. – Isso é vulgar em um nível completamente novo.

— Cada Garota Shot faz vinte por hora, mais gorjetas. — Oito mãos se elevaram.

— Isso é o que eu pensei — disse Sam. — Venham, vamos fazer as escalas dos próximos turnos.

As oito garçonetes animadas seguiram Sam a seu escritório; duas mais pensaram a respeito antes de perseguir o grupo. Dee as viu saindo, sua expressão devastada.

— Não faça isso, Dee. Darei um pouco de dinheiro para Glori — disse Noelle.

Dee franziu os lábios e tomou seu avental e uma bandeja. Ofereceu-se voluntariamente para limpar os banheiros de novo esta noite. Shaz, seu ex, tinha deixado de dar apoio financeiro a sua menina e ela estava levando-o ao tribunal por isso. Enquanto isso, estava por sua conta.

— Não se preocupe, Noelle — respondeu, com os olhos entrecerrados. — Ainda tenho meu orgulho.

Mateo se ajoelhou a meu lado antes que pudesse começar com minhas mesas, dobrando uma mão sobre o meu joelho. Como tinha ficado sentada, nossos olhos estavam quase no mesmo nível. Agora tinha uma boa desculpa para olhar e possivelmente me deprimir um pouquinho.

— Ouça — disse. — Podemos sair depois do trabalho? Alguns de nós vamos jantar — Mordi o lábio inferior frustrada.

Tinha que lhe dizer não, outra vez.

— Não posso. Tenho que estudar todo o fim de semana. Tenho um exame na segunda-feira. — Mateo ficou olhando o chão.

— Suponho então que está ocupada sábado, depois do trabalho.

— Por que, o que vai acontecer?

— Uma festa na casa do Ant.

Duas oportunidades mais para passar um momento com ele. Outras duas vezes que tinha que dizer não. Muito em breve deixaria de chamar.

— Mateo, quem dera se eu pudesse. Simplesmente não posso falhar em nenhuma das provas. São muito difíceis e menos de oitenta e três pontos se considera fracasso.

Encolheu os ombros.

— Não tem problema. Nos vemos por aí.

Isso foi tudo o que disse. Mas ouvi o "adeus" em sua voz. Agarrei-o pelo braço quando tentou ficar de pé.

— Espera... que tal no domingo?

— O que tem domingo?

Cheguei mais perto, para que ele visse que estava falando sério sobre passarmos um tempo juntos.

— Você pode me ligar assim que acordar? Já devo ter terminado com meus estudos até essa hora.

Seus olhos cor avelã me analisaram. Talvez fosse minha imaginação, mas ele não pareceu acreditar em mim.

— Muito bem — disse. — Quer passar na minha casa? — Meu dedo riscou a tinta de sua tatuagem.

— Eu quero.

Ele baixou o olhar para minha mão em seu antebraço, antes de encontrar o meu.

— Sabe, eu estava começando a pensar que você estava me evitando.

— Essa é a última coisa que eu quero, Mateo — eu disse com sinceridade.

— Sim, eu também, Evie. — ele se levantou, fazendo uma pausa antes de se afastar.

— Obrigado.

— Pelo que?

— Por não se oferecer como voluntária para ser uma Garota Shot.

Ele se despediu com uma piscadela, antes de reunir a sua equipe para discutir o plano para a noite: quem tomaria tal lugar, quantos gorilas seriam porteiros e a cadeia de comando que

tinham que seguir de agora em diante. Inclusive o oficial Pete prestou muita atenção. Mateo era um líder sólido e inteligente. E eu simplesmente não conseguia tirar os olhos dele.

Capítulo 9

Mateo me acompanhou até meu carro no sábado de noite, como na sexta-feira. E como na sexta-feira, me deu um tremendo beijo de boa noite. Possivelmente o bate-papo da sexta-feira era o que ambos necessitávamos para nos assegurar que nosso lance não tinha morrido.

— Um sofá nos viria a calhar neste momento — murmurou em meu ouvido, acariciando meu pescoço.

Gemi e fechei os olhos enquanto beijava a base de meu pescoço. A última coisa que queria era que parasse. Amava seus lábios e como trabalhavam para provar minha pele.

Meus dedos se enroscaram atrás de seu pescoço. Beijei-o com força, animando-o a pressionar seu corpo contra o meu. A maçaneta da porta de meu Cherokee estava pressionando contra as minhas costas. Doía. E eu não podia me importar menos. Minha única preocupação era manter controle suficiente para não me esfregar contra ele. E mesmo assim, quando a virilha de Mateo pressionou minha cintura e o senti, comecei a gemer.

Meus mamilos endureceram em resposta. Voltei a gemer,

desta vez mais desesperada, quando a língua de Mateo brincou com a minha. A necessidade de deixar ir parecia me superar, mas não durou. Ele se afastou abruptamente, com a respiração agitada.

— Deveríamos...

Sua voz se apagou, enquanto trabalhava para controlar sua respiração. O que ia dizer? "Deveríamos transar"? Se fosse isso, me assustaria, mas não o suficiente para ter certeza de dizer não.

— Deveríamos parar — ele disse.

— OH. — Não saberia dizer se ele notava minha decepção. Mas certamente, eu sim. O lugar não era de todo privado, mas como era na esquina do clube, estávamos escondidos da avenida principal e ocultos nas sombras. Alguns empregados estavam próximos. Porém duvidava que pudessem nos ver daqui. Então, por que exatamente queria que parássemos?

Mateo brincou com a barra da camiseta que eu tinha vestido debaixo do cardigã comprido, que eu tinha posto para trabalhar. Examinei seu rosto intenso, esperando encontrar uma explicação para seu repentino afastamento.

— Vejo você mais tarde, certo? — eu disse. Segurei a gola de sua camisa, duvidosa de soltá-lo. — Ainda vai me ligar amanhã ao acordar? Seu sorriso me deu alívio.

— Sabe que sim, baby.

Voltei a ser "baby". Nunca tinha notado o quanto gostava dessa palavra. E quanto precisava ouvi-la nesse momento.

Mateo me deu um último beijo e ficou ali até que saí do estacionamento. Sorri quando pude vê-lo rir do escândalo que meu carro fazia. Provavelmente, meu Cherokee odiava estar longe das mãos de Mateo tanto como eu.

Merda. Realmente não queria deixá-lo. Agora mesmo, meu corpo ainda sentia a pressão de seu peso contra mim, embora ele já não estivesse ali. Era estranha e terrivelmente impressionante a forma como Mateo me afetava. E embora tentasse, não podia evitar compará-lo com Donovan.

Donovan. Lembrava de ter feito alguns ruídos com ele enquanto fazíamos sexo, porque era o que se esperava. Também lembro das minhas mãos e minha boca tomando-o, mas de novo, isso era o esperado.

"Esperado...", essa era uma forma estranha de descrever o sexo com alguém que acreditei que amava e com quem planejava passar minha vida. Mas em retrospectiva, era assim que me sentia, embora não tivesse admitido até agora. Ele não me excitava. Nem uma vez. O sexo com Donovan nunca foi bom.

Minha boca se abriu. Nunca tinha admitido isso antes.

A repentina revelação me deu calafrios e me assustou, embora não pudesse entender. Liguei o ar quente. Não ajudou. Não notei quão rápido estava respirando até que senti o horrível

gosto amargo contra minha língua.

Antes que o pânico me invadisse, liguei a rádio e comecei a cantar em voz alta uma canção de Kelly Clarkson. Isso sim ajudou, conforme as canções que seguiram. Suspirei, agradecida que a música me ajudasse a afastar os sentimentos de merda e a lembrança do caminho da casa com Noelle e Mateo.

Essa foi a primeira vez que ele me beijou.

Desliguei o motor ao estacionar na entrada de minha casa e me detive, sorrindo. Mateo. Agora, essa era outra história. Tinha a habilidade de me acender. Era difícil manter a boca fechada quando ele brincava e tocava... e nem sequer nos vimos nus. *Ainda.*

Parei com minha mão sobre a maçaneta. Mateo. Nu. Porra. Gemi, imaginando como seria ver ele estirado sobre meu sofá de novo, mas sem roupa desta vez.

Apressei-me para dentro de minha casa, só para encontrar Lourdes e sua namorada fazendo isso nesse mesmo sofá.

— Jesus, me desculpe! — Cobri os olhos com uma mão, me chocando contra o batente da porta quando tentei entrar no meu quarto.

— Evelyn, o que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui!

Ouviu um corpo se movendo e maldições antes que Lourdes

entrasse em meu quarto.

— Olhe, isso não foi o que quis dizer. Não recebeu o e-mail? — É sábado de noite. Por que diabos...

Seu malvado sorriso me interrompeu.

— O departamento tem um tipo de reunião de emergência com o presidente e os estudantes de primeiro ano de enfermagem, algo sobre exames roubados do escritório dos professores. As aulas de segunda-feira foram canceladas para as turmas do segundo ano... todas.

Congelei.

— Não pode estar falando sério.

— Olhe seu e-mail, querida!

Joguei minha mochila no chão enquanto revisava meu iPhone. Um e-mail do presidente do departamento cancelando as aulas. Tal como disse Lourdes. Um dia livre. Um dia que potencialmente poderia passar com Mateo.

— Lourdes! — gritou sua namorada da sala.

— Mulher, só espera no meu quarto! — Sacudiu meu ombro — Evelyn, pode ter uma vida esta noite. Com Mateo. Esta é sua chance, querida!

— Não tenho certeza de onde ele está — murmurei ainda surpresa.

— Então, mande uma mensagem pra ele!

Ela fechou a porta em minha cara e voltou para sua zangada e impaciente namorada. Tirei minha roupa, parada nua em meu quarto, enquanto olhava o telefone. A última coisa que queria era não ser desejada. E se ele já estivesse com mais alguém? Ou se já estava beijando outra garota? Merda. Poderia a idiota da Candy Lynn estar ali também?

— Só lhe envie uma mensagem, Evelyn! — gritou Lourdes de seu quarto.

Minha quase mãe me conhecia muito bem.

Enviei uma mensagem ao Mateo. Em lugar de responder, me ligou.

— Você vai poder vir?

— Cancelaram minhas aulas de segunda-feira. Tenho tempo agora. — Esperei impacientemente. — Tá bom assim?

Ele xingou.

— Claro, só tomei alguns shots.

— Com quem? — Minha mente imediatamente pensou na maldita Garota Shot.

— Com Ant. Estou em sua casa. — Ele fez uma pausa. Quase podia ver seu sorriso. — Por quê? Com quem você acha que eu estava?

— Não importa.

Ele riu, mesmo assim.

— Olha, eu não posso dirigir, mas quero você aqui comigo. Vou te enviar o endereço. — Fez outra pausa. – Assim, se você quiser, pode nos levar de volta para minha casa.

Se estivéssemos cara a cara, teria notado meu forte rubor e minha boca totalmente aberta. Não podia controlar meu rubor, mas fechei a boca para falar.

— Sim.

— Sim?

— Sim. Eu vou. É longe?

— Não. Estamos no Newtown Square.

Estacionei no grande estacionamento entre os edifícios do condomínio de três andares. As luzes de quase todos os apartamentos estavam acesas. Ouviam-se risadas e música por todos os lados. Supus que não teríamos que nos preocupar em despertar os vizinhos.

Olhei a mensagem e logo acima para os edifícios, tentando adivinhar onde terminava o Edifício D e começava o Edifício E. Saltei em meu assento quando alguém golpeou a porta do passageiro, como se houvesse um incêndio.

— Evelyn?

Noelle, com um copo vermelho gigante em sua mão e com aspecto de ter bebido bastante, estava de pé junto ao Grande Chris. Ele assentiu, com um grande barril em suas costas.

— Olá.

— Você veio para ver o Mateo? — perguntou Noelle aos gritos.

— Ah, sim — respondi, um pouco mais tranquila.

— Ele está lá! — apontou o caminho.

— Disse que você vai encontrar ele lá!

– Já te ouvi — gesticulei com a mão.

— Você vê. Eu te seguirei.

Segui atrás dela e do Grande Chris, estacionando no lugar vazio que Chris me assinalou. Ele me esperou, ainda com o barril em suas costas como se fosse uma mochila.

— Estamos com pouca cerveja — foi tudo o que disse.

Ele e Noelle ainda tinham seus uniformes do Clube Excess. Eu tinha colocado jeans justos, botas pretas e uma blusa branca transparente com uma regata por baixo. Os brincos de argola prateados que eu tinha ganhado da avó da Lourdes, quando me graduei, penduravam contra meu cabelo solto enquanto tentava seguir o passo do Grande Chris.

Me ajudou que Noelle caiu nas escadas e ele teve que deter-

se para levantá-la.

— Que diabos? — disse ela, soando como se os degraus tivessem feito de propósito.

O Grande Chris a ajudou a se equilibrar sem soltar o barril e sem dizer uma palavra. Assim era Chris, forte, silencioso e sempre cuidando de nós. Juro que ele poderia ter esmagado esse barril com seus dedos e, mesmo assim, foi incrivelmente cuidadoso ao guiar Noelle ao segundo piso.

A multidão que rondava com copos vermelhos clamou ao ver Chris chegar.

— Olá, senhoritas — disseram uns homens enquanto eu passava a seu lado e Noelle cambaleava.

— Olá! — gritou-lhes ela, fazendo com que lhe respondessem com uma careta. Voltou-se para mim e assinalou adiante com seu copo, derrubando cerveja.

— Segunda porta.

O Grande Chris se meteu na primeira porta, aproximando-se de Noelle. Eu segui avançando para onde ela tinha indicado, esperando que suas indicações fossem corretas. A música da casa retumbava nas paredes.

— Ouça Barbie. Quer que eu seja seu Ken esta noite?

Sério? Por acaso todos relacionavam loiras com Barbie?

Ignorei o cara que estava assobiando e entrei em um lugar abarrotado, parando bruscamente diante a um peitoral enorme. O cara gigante com o peito enorme sorriu. Começou a falar, mas não esperei para ouvi-lo.

Me movi em ziguezague entre os corpos e estava a ponto de dar a volta para sair, quando vi Mateo. Estava sentado em um sofá jogando um videogame de um apocalipse zumbi. Meus ombros relaxaram. Fui na direção dele e golpeei seu joelho com minha perna.

— Oi — disse sem fôlego pelo estresse de ter que acha-lo. Ele endireitou suas costas e seus olhos se abriram.

— Jamie, toma meu lugar. — jogou o controle. O cara no sofá oposto o apanhou e voltou a chutar traseiros zumbis. Mateo me surpreendeu quando, imediatamente, me puxou para seu colo. Sua mão roçou meu estômago para segurar meu quadril. — Pensei que fosse mandar uma mensagem quando chegasse, assim eu ia te buscar.

— Encontrei com Noelle e com o Grande Chris lá fora.

Noelle apareceu e lhe golpeou o ombro. — Olá, Teo. Evelyn está aqui te procurando.

Ele sorriu. — Obrigado, olho de falcão.

Observei o quarto, consciente dos sussurros apesar do ruído da música e dos olhares furtivos. As pessoas estavam olhando e

falando sobre Mateo e eu. Alguns eram funcionários do Excess, mas a maioria não nos conhecia.

Por sorte, apareceu Ant com dois grandes copos vermelhos, rindo.

— Qual é o problema com vocês? Nunca viram um irmão moreno com uma garota branca? Racistas filhos de puta. — Todos riram, seu humor e seu sotaque de rua exagerado dissiparam a tensão e todos voltaram para a festa, como estavam. Ele sorriu.

— Olá garota. É bom te ver fora daquele buraco.

Sorri, minha gratidão obviamente devida mais do que apenas a cerveja. — Obrigada, Ant.

Teo me passou seu copo e procurou em sua carteira, dando duas notas de vinte para Ant.

Ant riu e colocou o dinheiro no bolso.

— Merda, Teo. Realmente acredita que a pequena Evie vá beber tanto? — Teo pegou seu copo.

— Ela pode, se for o que ela quer.

— OH, então é para você. — Ant ficou sério e me olhou com rudeza. — Está tentando embebedar meu amigo para se aproveitar dele?

— Esse é o plano — respondi.

Ant riu forte, enquanto Mateo se engasgava com a cerveja.

Claro que, embora eu tentasse soar rude, não pude evitar que o rubor subisse por meu rosto.

Ant ficou conosco até que uma garota o levou para dançar, nos deixando a sós.

Mateo não era tímido na hora de me abraçar ou sussurrar coisas no meu ouvido.

— Queria que tivesse me chamado. Eu não gosto que ande por aí sem mim.

— Não pensei que haveria tanta gente. — Ninguém parecia particularmente perigoso, não como no clube de luta, mas foi difícil encontrar alguém conhecido.

— Ninguém vai te machucar aqui — Ele assegurou, lambendo suavemente minha orelha. — Especialmente agora que sabem que você está comigo.

Suas palavras me fizeram sentir a salvo e protegida. Também me deram uma confiança que não tinha tido antes. As pontas de meus dedos acariciaram seu pescoço enquanto sustentava seu olhar.

— Então, qual é o problema?

— Não quero que algum imbecil sinta que tem uma chance contigo esta noite. — E me beijou. Pouco se importando que pudessem nos ver.

E eu gostei.

A primeira cerveja atravessou por mim. Deixei o colo de Mateo para encontrar o banheiro mais próximo. Desta vez as pessoas me deram espaço e nenhum cara se atreveu a flertar comigo. Isso não significava que eu me encontraria sozinha. No minuto que saí do banheiro, Dee e Noelle estavam me esperando com largos sorrisos.

Dee deu golpes em seus incisivos com sua língua.

— O que está acontecendo entre você e Teo, Evelyn?

— Ainda não tenho certeza — disse-lhes sinceramente. — Estamos começando a sair.

O Grande Chris passou com uma bandeja cheia de shots de gelatina. Dee agarrou um. Noelle agarrou dois e me ofereceu um.

— Provavelmente você vai saber mais depois disto?

Brindamos e bebemos. Eram suaves, muito. Meu estômago se esquentou.

— E então? — perguntou Dee impaciente.

— Realmente não sei. Eu gosto dele. Ele é... bom comigo. — As garotas deixaram de sorrir e assentiram como se entendessem.

— Sim. Ele é boa gente — concordou Dee.

— E você não é uma vagabunda — adicionou Noelle. Ri.

— Ele saiu com muitas vagabundas?

Eu disse de brincadeira. Assim, não me agradaram suas inclinações de cabeça ou os olhares tão conhecedores que trocaram.

— Não sei sobre namoros, mas de vez em quando, saiu com algumas — disse Dee. Ela apontou para o pátio, onde Mateo se encontrava com Ant e outras pessoas.

Uma morena com cabelo comprido e cintura fina se aproximou de Mateo, enlaçando seus braços ao redor de seu pescoço e o puxando para ela.

Cada parte de mim se enfureceu. Só saí por cinco malditos minutos.

— Mas que diabos?

Mateo desenroscou suas mãos facilmente e disse algo que não pude ouvir. Se afastou dela e retomou sua conversa com Ant. Exceto que a vagabunda não saiu. Ficou ali, balançando seus quadris com o One Republic enquanto olhava Teo.

Meu sangue fervia. Tentava me controlar quando Dee disse:

— VMF.

— Pfff. — Noelle sacudiu sua cerveja.

— VMF total.

— O que?

Noelle assinalou com o mesmo dedo que sustentava seu copo vermelho. — Ela está dando ao Mateo seu olhar de "venha me foder".

Venha me foder? Merda.

Se os olhares matassem... bom, não sei que porra eu faria, mas meu punho poderia encontrar o rosto dela.

Dee se inclinou para mim.

— Vai deixar que essa puta convença seu homem? — perguntou.

OH, porra não. E fui avançando sobre eles com raiva.

— Eu ouvi isso — disse Noelle, arrastando as palavras e me seguindo.

Ant riu quando me viu chegar e acotovelou Mateo. Não sei o que Teo viu em meu rosto, mas foi suficiente para equilibrar-se da forma que faz quando está para jogar algum bêbado para fora do Excess, e saltou sobre mim.

— Ouça, músculos de cerveja — disse, agarrando forte meu quadril. — Quer dançar?

Mas não esperou que eu respondesse e me deu um beijo profundo. Tão zangada como estava, meu corpo se derreteu no seu. Fez uma pausa para me deslumbrar com um sorriso sexy e

voltou a fazê-lo. Era sua forma de me dizer que estava só comigo. E eu estava bem com isso.

A puta morena — *OH, sim, me esqueci dela* — pisoteou indignada. Mantive meus braços ao redor de Teo, encarando-a. Precisava lhe mostrar que ele era meu, ao menos esta noite. Ela esbarrou no encosto de uma cadeira da cozinha, quando Noelle a moveu com seu pé.

Ela se deteve para fulminar Noelle com os olhos.

Noelle lhe devolveu o olhar.

Dee também o fez.

Eu idem.

— Isso, continue caminhando, cadela —Noelle disse quando ela se foi. Dee riu.

— Pare de agir como garota do subúrbio. É uma mulher educada. — encolheu os ombros. — De algum jeito.

As mãos de Teo permaneciam em meu quadril. Esfregou minhas costas com seus polegares, tratando de captar minha atenção. No momento, entretanto, meu enfoque estava todo em Noelle.

— Você a fez tropeçar, por mim? — perguntei.

Os olhos verdes de Noelle piscaram enquanto me via por cima de seu copo de cerveja.

— Você cuidou de minhas costas. Agora eu cuido da sua.

Não pude deter meu sorriso. Um minuto atrás, estava furiosa. Mas tão zangada como estava, não era uma lutadora. Noelle, Dee e Mateo se asseguravam de que não tivesse que ser.

— Vamos dançar. — Mateo me empurrou para dentro da sala de estar enquanto um mix de Drake se transformava em outro do Will.I.Am.

— Você dança?

Ele riu.

— Porra, sim. Sou cubano.

Donovan só tinha dançado musica lenta comigo. Provavelmente, era porque não sabia dançar. Mateo? Ele sabia como se mexer.

Estava consciente de meu corpo e me virei mais consciente do dele. Nos unimos, nossos corpos balançando em sincronia enquanto ele segurava forte no meu quadril.

Passamos o resto da noite dançando e rindo com Ant, Grande Chris, Dee e Noelle. Mateo me deu o resto de sua cerveja e ele trocou a dele por água, dizendo pra eu me divertir, que ele nos levaria de volta. Perto do amanhecer, todos começaram a ir. Ant passou um braço ao redor de Noelle.

— Vai ficar comigo, doçura?

Ela bebeu o último gole de sua cerveja.

— Não.

— Por que não? Podemos fazer alguns lindos bebês. — Noelle revirou os olhos.

— Não. Seriam muito feios, Ant. Afro-ruivos e com sardas. Seriam bebês horríveis.

O peito de Mateo ressoou contra o meu enquanto ria.

— Ela não está mentindo, Ant. — Guiou-me para fora pela porta.

— Que merda está acontecendo contigo, Teo? — disse Ant. — era pra você ser meu aliado!

— Se comprometa com Noelle, como ela quer. Nos falaremos em breve, Ant.

O Grande Chris nos seguiu, dispensando o barril de cerveja para encontrar Dee e Noelle. Agarrei a mão que Teo envolveu sobre meus ombros.

— Ant e Noelle estão juntos? – sussurrei — Não tinha ideia. — O que explicava por que ele tinha ficado realmente puto quando descobriu que ela foi pisoteada.

Mateo riu de novo.

— Estiveram juntos a mais ou menos um ano. Mas Ant ainda queria ser livre. Eles terminaram, permaneceram como

amigos, mas posso dizer que ele ainda a quer.

— O suficiente para enrolar, mas nem tanto para comprometer-se. — Ele encolheu os ombros.

— Sim. Por agora.

Procurei no bolso de meus jeans, fazendo uma pausa antes de entregar minhas chaves ao Mateo.

— Você está bem para dirigir?

— Os shots que tomei foram há horas e nunca terminei a outra cerveja. Se eu não estivesse sóbrio, Ant teria dois companheiros de quarto, até que estivesse.

Sorri.

— Está bem. Confio em você.

Subimos. Teo teve que empurrar meu assento para trás por completo, para que suas longas pernas coubessem no meu carro.

— Droga, Evie, você tem pernas pequenas.

— Pensei que você gostava de minhas pernas. — Não tinha bebido muito... só duas cervejas e um shot. Mas isso era tudo o que precisava para me deixar enjoada e com uma boca grande.

— Eu gosto delas. E muito mais. — ele se inclinou e me beijou — Pronta para voltar para minha casa?

Estava amanhecendo e estivemos acordados toda a noite.

Mas não íamos a casa dele para dormir.

— Sim, estou preparada.

Mateo saiu com o carro, se encolhendo quando meu Cherokee rugiu como um leão e chiou como um exército de ratos.

— Eu realmente tenho que trabalhar nessa sua máquina, baby.

Não falamos em todo o caminho de volta a sua casa. E não era porque estivéssemos cansados. Sabia que ambos estávamos pensando no que aconteceria entre nós quando chegássemos ao seu apartamento e a porta se fechasse atrás de nós.

Meus batimentos cardíacos estavam acelerados, batendo um pouco mais forte quando nos movemos para a entrada da casa de Elaine. Mateo desceu em um pulo e pressionou os números na porta da garagem, logo retornou e estacionou meu Cherokee junto a seu Explorer.

Quando saímos, sua mão procurou a minha. Olhei sua palma estendida, tomando-a e sabendo que aí era onde pertencia a minha. Fechou a porta da garagem e me guiou pelas escadas sem outra palavra, sua maneira de caminhar era relaxada e confiante.

Seu apartamento estava estranhamente silencioso quando entramos, fazendo com que cada passo que dava com suas botas militares através da cozinha soasse muito mais ruidoso.

— Quer um pouco de água?

— Sim. Por favor. — Sentei no banquinho e coloquei meu telefone, minha identidade e os poucos dólares do meu bolso traseiro na bancada, onde ele tinha atirado minhas chaves.

Pegou duas garrafas do refrigerador, depois sentou junto a mim. Bebemos a água devagar, mas não nos levou muito tempo para terminar. Mateo me observou o tempo todo. E eu sabia, por que também não podia tirar meus olhos dos seus. Minhas mãos formigavam com adrenalina. Queria tocá-lo. Mas continuava nervosa e insegura do quão longe podia permitir deixar as coisas irem.

Donovan havia me fodido em mais de uma forma. E tinha me machucado, tão horrivelmente, que não tinha desejado mais ninguém depois disso.

Até Mateo.

Ele esfregou seus dedos contra meu rosto. — No que está pensando, Evie? — perguntou.

Brinquei com minha garrafa vazia.

— Só em você. — Essa era a verdade. Eu não me importava com Donovan quando Teo estava comigo.

— Então, vamos para a cama.

Ele recuou pelo caminho através da pequena sala de estar e pra dentro de seu quarto, me guiando com sua mão enlaçada com

a minha. Meu nervosismo deve ter se mostrado em minhas feições. Ele sorriu meigamente.

— Ouça, carinho. Lembra do que eu te disse, nada vai acontecer, a menos que você queira.

Ele sentou na borda de sua cama tamanho Queen e me puxou para me sentar em cima dele. Seus pés permaneceram no chão e meus joelhos descansaram em ambos os lados de suas pernas. Suas mãos cavaram meu traseiro, mas não se moveram e ele tampouco me beijou. Esperou que eu fizesse o primeiro movimento.

Minhas mãos se estenderam por seu rosto enquanto o olhava e meu cabelo caía em seus ombros. Dei uma mordida em seu queixo, depois algumas outras ao longo de sua mandíbula, desfrutando do sentimento de sua barba raspando suavemente contra minha bochecha. Seus ferimentos quase se curaram, mas beijei nas áreas que ainda ficavam. Um gemido ecoou em seu peito quando beijei atrás de sua orelha.

— Estou fazendo cócegas? — sussurrei.

— Está fazendo algo — murmurou. Sim. Você também está fazendo algo comigo.

Meus lábios passaram pelos seus. Não foi lento. Esta vez não queria que fosse. Os mordisquei e saboreei, até que ele colocou sua língua profundamente em minha boca. Foi então que as mãos de Mateo vagaram sobre meu traseiro, agarrando-o em uma

massagem possessiva.

Meus dedos se arrastaram por suas largas costas, tomando cada fenda de músculo. Detive-me em sua cintura e liberei sua camiseta de suas calças, rompendo nosso beijo para tirá-la de seu corpo.

Pensava que estava pronta para olhar mais dele. Mas Mateo sem camiseta me deixou paralisada. Não era como quando o vi no ring... lá estava lutando e ferido. Agora ele esperava ali, só por mim.

E estávamos sozinhos.

Demorei um longo tempo inspecionando seu corpo sarado e as brilhantes tatuagens serpenteando em seus braços fortes. Meus lábios se separaram. Mateo era muito gostoso. Sua forma firme me implorava para tocá-lo; assim como meu coração agitado.

Minhas unhas roçaram as suas tatuagens, que se estendiam em seus ombros, logo seguiram a seus peitorais até cair em seu abdômen.

Ele observou meus movimentos.

— Você gosta do que vê baby? — Quase não consegui responder.

— Sim. Eu gosto.

Sua mão percorreu meu braço, enquanto seu rosto

encontrava o meu.

— Também gosto do que vejo.

Então me beijou, o suficientemente devagar e profundo para me fazer esfregar contra ele. Detive nosso beijo e mordisquei seu pescoço, amando que sua mão deslizasse pela parte de trás do meu jeans. Ele xingou quando descobriu minha calcinha. Mas em vez de explorar mais profundamente, tirou minha blusa fina... e minha pequena regata... e meu sutiã.

Tudo jogado numa pilha no chão. Deitei de costas na cama, grunhindo quando sua boca grudou nos bicos dos meus seios e sua mão - *OH, Deus* - foi entre minhas pernas, com movimentos rápidos e rudes.

Tudo o que podia fazer era envolver sua cabeça em meu peito enquanto trabalhava. Não demorou muito tempo para eu perder o controle. Minhas pálpebras se agitaram e cravei minhas unhas em seus lençóis. Nunca tinha sentido algo assim.

Mateo respirou pesadamente contra meu ouvido quando terminei. — Você me deixa tão excitado, Evie.

Ele abriu os botões de meus jeans, mas o parei antes que pudesse baixar o zíper, cobrindo sua mão com a minha.

— Por favor, não — disse.

Mateo colocou seu rosto no travesseiro, agarrando forte ao redor dele. — Certo.

Me virei de lado. – Tudo bem?

Ele manteve seu rosto enterrado. — Sim.

Eu o observei. Sabia que estava duro pela forma em que acomodava seus quadris. Minhas mãos passaram por seu ombro.

— Está zangado comigo?

Levantou sua cabeça, seus olhos avelã ardendo com fogo. — Não. Mas quero muito lamber entre as suas pernas.

Se estava tentando me dar um orgasmo só com suas palavras, por pouco, quase conseguiu.

A palpitação por seu toque ainda pulsava através de mim, especialmente quando considerei permitir que ele fizesse o que queria.

Deslizei para fora da cama e coloquei minha camiseta. Mateo girou em seu lado.

— Você vai embora?

— Não — respondi em voz baixa. Meu calor corporal aumentou. Ele não queria que eu fosse. Podia escutar na sua voz. O que ele não sabia era que eu também não queria ir. Não até que eu retribuísse a ele um pouco do que me deu.

Tirei minhas botas e meias, olhando sobre meu ombro embora não pudesse vê-lo realmente.

— Pode tirar seus sapatos por mim? — Ele fez o que pedi,

lançando-os com suas meias, pro lado.

Meus pés descalços não fizeram barulho sobre os ladrilhos enquanto rodeava a cama. Beijei Mateo quando se sentou. Seus dedos deslizaram por meu cabelo, enquanto me devolvia o beijo. Puta que pariu, essa língua ...

Minhas mãos desabotoaram suas calças e entraram, nos fazendo ofegar. Eu tinha razão. Ele estava duro. E um inferno maior, do que eu tinha pensado. Encontrei seus olhos enquanto baixava suas calças e cueca, e os jogava no chão. Quando me sentei de novo na cama, meus lábios imediatamente procuraram os seus e minhas mãos começaram a acariciar.

— Tem alguma camisinha? — sussurrei, depois de algumas insinuações.

Mateo se conteve e soltou a respiração em um tremor, enquanto minhas mãos seguiam atormentando e brincando com ele. Mateo apertou os dentes quando meus movimentos ficaram mais agressivos.

— Pensei que você não queria fazer isso.

Sua necessidade por mim se intensificou sob meu toque.

— Não para nós. Ainda não. — Embora nesse momento já não estivesse muito certa. Minha cabeça flutuou com a ideia dele bombeando dentro de mim. Mesmo assim, me contive. — Isto é para você.

Ele gemeu e passou seus dedos pela minha cintura.

— Tem certeza? Não tem que ser só sobre mim... — Sua voz falhou quando minhas mãos se moveram mais rápido. Os nervos em seu pescoço tencionaram antes que sua cabeça caísse contra meu ombro. — Eu te desejo tanto, Evie.

O desejo me fez duvidar, mas no fundo ainda não podia. Mordi o lugar atrás de sua orelha.

— Só me deixe fazer isto por você, está bem?

Seu peito subiu e baixou algumas vezes, antes de alcançar a mesa atrás dele. Liberei-o para pegar a camisinha de sua mão e deslizá-la sobre ele, deixando um pouco de espaço na ponta. Continuei observando ele e a maneira como eu o afetava, até que o coloquei dentro da minha boca.

Comecei provando na ponta, baixando devagar. Quando não pude levá-lo mais longe, fiz meus movimentos mais rápidos para poder ir mais profundo, embora só por um momento. Mateo gemeu e amaldiçoou, afundando seus dedos em meu cabelo. Não pressionou ou empurrou, mas algo na forma com que acariciava meu couro cabeludo fez o momento mais sexy. Quando estava perto, tirei a camisinha cuidadosamente e o movimentei com minha mão. Enquanto ambos fechávamos os olhos, não soube quanto tempo mais poderia resistir a ele.

Capítulo 10

Despertei sacudindo na escuridão, sem saber onde estava.

— Oi. Está tudo bem. — Mateo se aproximou para acender o abajur. — Não se preocupe, estou aqui com você.

Me acomodei contra seu peito quente, permitindo que sua presença e a profundidade da sua voz me tranquilizassem. Considerando que era de dia, parecia estranhamente escuro.

— As árvores escurecem a garagem — disse, como se entendesse meu medo.

Exceto que ninguém entendia realmente. Como podiam, se eu mesma não entendia?

Esfreguei meus olhos, tratando de sacudir as lembranças de outro terrível sonho. — Que horas são?

Ele esticou seu corpo ligeiramente.

— Pouco mais de meio-dia. — Suas mãos esfregaram minhas costas. — Está com frio?

Puxou o lençol para cobrir minhas costas antes que pudesse lhe dizer que sim. Embora ainda estivesse agitada pelo pesadelo e por despertar em uma total escuridão, levantei o queixo e sorri.

— Obrigada.

Sorriu de volta e me ofereceu um pequeno beijo.

— De nada. — Mexeu no meu cabelo até que as grossas mechas caíram atrás de meu ombro.

— Ev, não tinha que fazer o que fez antes.

— Eu queria fazer — eu disse a ele, honestamente. — Foi bom para você?

— Eu gostei. Muito. — Então, ele deixou de sorrir. — É só que eu quero que você deseje isso também.

— Foi assim.

— Bom. Assim é como deveria ser. — A mão grande de Mateo deslizou pelo meu braço. — Então, qual é seu número?

Uau! Íamos por esse caminho, certo?

— Um.

Levantou o queixo, arqueando suas grossas sobrancelhas ligeiramente.

— Só um?

Apoiei minha bochecha contra seu peito.

— Sim. Mas não era bom. — Minhas unhas vagaram por sua pele. — E você?

— Mais de uma.

Soltei um pequeno suspiro.

— Eu achei isso. — Pela sua experiência, tinha que ser várias.

— Quer que eu diga quantas?

As mãos dele tocando mais alguém me deixou triste.

— Não, não quero saber. Só quero estar segura.

— Eu também. — Deslizei por seu corpo e o encarei. — Tomei cuidado, Evie. Farei um exame de sangue para provar. — Considerou suas seguintes palavras. — Você vai fazer um também?

Fiquei completamente quieta.

— No caso das coisas irem mais longe?

— Sim. Só no caso. Mas, isso não significa que tenham que ir mais longe.

Ele queria mais. Muito mais, baseada na maneira com que sua voz se aprofundou. E mesmo assim, não me pressionou. O

que ele não sabia era que eu também queria mais. O problema era que eu ainda estava na dúvida.

— Concordo, só quero levar as coisas devagar. Meu ex, ele... — Deitei sobre minhas costas e fiquei olhando o teto, tentando não permitir que a lembrança das ações de Donovan se interpusessem entre Teo e eu. — Só quero levar as coisas devagar — repeti, sem saber mais o que dizer.

Mateo deslizou seu braço a meu redor e me puxou para ele. Não me dei conta que estava chorando até que ele limpou uma lágrima de minha bochecha com seu polegar.

— O que ele fez? — perguntou, tentando disfarçar seu tom de voz.

Sacudi a cabeça, sem realmente compreender minhas lágrimas. Mateo estava sem roupas, mas apesar da regata e dos jeans que eu ainda vestia, sentia-me nua.

— Ele não foi bom comigo — foi tudo o que pude dizer.

— Então, ele era um imbecil.

A voz de Mateo permaneceu rouca, mas seus olhos estavam suaves enquanto me olhava. De algum jeito, consegui tirar meu olhar do seu.

— Posso conversar com você sobre uma coisa?

— Claro.

— Se fizer um exame de sangue e as coisas continuarem entre nós, você tem que fazer algo por mim. — Esperei ter coragem para falar. — Se estiver com alguém mais ou inclusive estiver pensando nisso, tem que me dizer. Não ficarei chateada. — Ri. — Está bem, possivelmente me chatearei um pouco.

Ele me puxou para seu colo.

— Só um pouco? Porra, Evie, eu ficaria puto. — Sorri.

— Só promete que vai me dizer, tudo bem?

Ele enrugou a cara quando lhe fiz cócegas no nariz com uma mecha de meu cabelo, apartando o olhar, antes de pegar meu pulso e acariciar minha mão com seu polegar.

— Trato feito. Mas você também tem que me dizer. Tudo bem?

— Sim. — Sorri pela maneira como ele me olhou. — Mas não acredito que tenha que se preocupar com isso.

Sua íris avelã arderam. — Ah, é?

— É.

Ele me puxou para um longo e profundo beijo. Quase imediatamente, pude sentir sua ereção pressionar contra meu estômago, onde a borda da minha blusa se levantou. Tirou minha blusa quando me estirei sob sua cintura e deslizou sua mão entre minhas pernas, por cima de meus jeans.

Meus gemidos imediatamente se juntaram aos dele. Mas enquanto lutava por tirar meus jeans, seu telefone tocou. Vibrou o suficientemente forte para sacudir contra a cômoda. Amaldiçoou e me tirou de seu colo, me surpreendendo ao atender ao telefone.

— Sim? O que aconteceu...? Está bem... Quando aconteceu isso...? Se acalme, pequena... Já vou... Não. Fique aí. Vou até você.

Ele desligou e saiu rapidamente da cama para colocar a roupa. Fez uma pausa quando se sentou para amarrar seus sapatos. Era quase como se tivesse esquecido que eu estava lá.

— Tenho que ir.

Coloquei o lençol contra meus peitos expostos e me ajoelhei na cama junto a ele.

— Está tudo bem? — Pelas linhas endurecidas em seu rosto, era uma pergunta estúpida. Eu simplesmente não sabia o que dizer.

Ele colocou suas botas apressadamente.

— Tenho que resolver algumas coisas. Ligarei pra você depois, tudo bem?

— Ah, tudo bem.

Ele deu um beijo rápido na minha cabeça e saiu do quarto, fechando a porta. Não olhou para trás. Merda, ele nem olhou pra

mim.



Mateo não me ligou e suas mensagens durante a semana eram curtas e limitadas. Tinha começado a me preocupar com seu estado e por nós... inclusive, se ainda havia um nós. Já tinha me comprometido com ele. Tinha ido ao médico para começar a tomar as pílulas anticoncepcionais e feito um exame para DST's na segunda-feira.

Quando chegou a sexta e ainda não tínhamos nos falado, fui atrás dele, depois de obter os resultados de meu exame de sangue na clínica. Estava limpa. Tinha suspeitado, mas era maravilhoso ter algo que realmente provasse isso. Nunca tinha sido infiel ao Donovan e não tinha estado com ninguém depois dele. Mas tinha aceitado que Donovan não era o cavalheiro que uma vez acreditei que fosse. Podia ser que houvesse uma séria rachadura nessa armadura. E se assim fosse, poderia ter me passado alguma doença.

Ao caminho da casa de Mateo, parei em uma loja de sanduiches e usei uns cupons para comprar dois grandes sanduíches e uma limonada gelada, esperando não estar cometendo um engano. Ele não havia me convidado. Mas pensei que ele também não havia me dito que não passasse lá sem avisar. Droga, eu era tão menininha às vezes. Minha única

preocupação era que minhas ações pudessem me levar, sem querer, ao nível de uma perseguidora psicótica.

Minhas mãos tremiam enquanto dirigia. Desde que tinha deixado Mateo no domingo, meus pesadelos estavam piores e se tornaram mais gráficos. Não sabia o que estava acontecendo. E comecei a me preocupar que Lourdes tivesse razão. Talvez realmente tivesse algo errado comigo.

Esperava que não. Faltando dois semestres antes da graduação, finalmente podia ver a luz no final desse longo, escuro e fodido túnel. E então tinha Mateo. Deus, eu realmente gostava dele. E, de verdade, gostava de como ele fazia eu me sentir.

Virei no caminho da entrada de Elaine, saudando quando a vi cuidando de suas flores. Apesar dos macacões que usava, estava bonita. E ainda era relativamente jovem. Esperava que pudesse encontrar alguém agradável.

Olhou em direção à garagem e logo depois de volta para mim antes de me saudar em resposta. Seu gesto pareceu estranho. Algo estava acontecendo. Não soube o que, até que bati na porta de Mateo.

Levou um momento para que abrisse a porta. Quando isso aconteceu quase caí das escadas. Uma jovem que se parecia com Vitória Justice, só que com peitos maiores, abriu a porta usando a camiseta do Clube Excess de Mateo. A calça de MMA estava enrolada várias vezes para ajustar-se na sua cintura fina. Ela não

era bonita. Não. Ela era deslumbrante.

Seu brilhante cabelo negro caía ao redor de seu rosto e peitos, em ondas emaranhadas. Ela se inclinou contra o batente da porta com uma mão acima, uma em sua cintura, me olhando audaciosamente, com grandes olhos escuros.

— Quem é você?

Meu coração, que inicialmente tinha deixado de pulsar, golpeou brutalmente contra meu peito.

— Ia fazer a mesma pergunta.

— Quem bateu na porta? — Mateo apareceu, seu corpo envolto só numa toalha. Seus olhos se arregalaram quando me viu.

— Oh, merda.

Deixei cair minha bolsa no chão e joguei a sacola com a comida sobre ele.

Agarrei minha bolsa e saí em disparada pelos degraus. Ele tinha mentido. O que era toda essa merda de prometer que me diria se estivesse com mais alguém? E sobre fazer um exame de sangue? Merda. Suponho que quando não fui no seu ritmo, saiu correndo para encontrar alguém que o fizesse!

— Ev! — Mateo saiu me perseguindo, xingando quando seus pés tocaram as pedras da calçada. Ele agarrou meu pulso antes

que eu pudesse sair. — Espere, não vá.

Me soltei de repente do seu agarre.

— Não me toque! — As lágrimas queimavam meus olhos. — Deus, eu confiei em você!

— Você tem uma namorada? — perguntou sua conquista da noite, perto de nós.

— Fique quieta — espetou ele.

A primeira de minhas lágrimas caiu. Merda. Não queria chorar na frente dele... ou dela.

Mateo agarrou meus pulsos quando tentei sair correndo. — Ev, isso não é o que parece.

— Por que não nos disse que tinha uma namorada? — perguntou ela. Congelei. *Nós?*

Outra garota, usando uma das camisetas de Mateo, uniu-se à primeira, esta era magra, com os cabelos escuros cacheados, e nos olhava pela varanda.

Fiquei boquiaberta e quase bati nele.

— Jesus Cristo, Mateo!

Ele sorriu. — São minhas irmãs.

Lentamente entendi suas palavras. — O quê?

Ele me liberou quando deixei de lutar e ajustou sua toalha.

— Fique quieta, Lety! — grunhiu quando a primeira garota começou a rir. Isso não a deteve.

— Isso é o que se ganha por não responder as mensagens da sua garota — ela disse a ele, gesticulando.

Ele entrelaçou nossos dedos. — Vem, apresentarei vocês.

Estupidamente o segui enquanto ele me conduzia de volta pela escada, ainda em choque, ligeiramente aliviada e mais que um pouco envergonhada. Suas irmãs entraram no apartamento. Ele deu um empurrão alegre em Lety quando seguia rindo.

— Pare de causar problemas — ele disse.

— Ai — disse ela, golpeando seu braço. E sorriu. — Olá. Sou Lety. E esta é Sofia.

Sua irmã caçula me observava com cautela. Apesar de ser um pouco mais alta que Lety, parecia tão frágil. Sua pele era do mesmo tom de oliva que Mateo e seus olhos verdes claros. Recordava Jessica Alba, com os mesmos cabelos ondulado.

— Olá — ela disse, tão baixo que apenas eu a escutei. Elas olharam para Mateo.

— Bom? — perguntou Lety. Mateo apertou os dentes.

— Esta é Evelyn.

Lety cruzou os braços.

— Ohhhhhh, então uma pequena gringa esteve ocupando seu tempo.

— Cuidado com o que diz. — Beijou meu rosto. — Vou tomar um banho. Só demorarei um pouco. — Apontou o dedo para Lety. — Seja agradável ou chutarei seu traseiro.

Lety fez um gesto de falar com sua mão. — Sim, sim, vá tomar seu banho, cara durão.

Ele estreitou os olhos. — E arrume a bagunça antes de sair. Você é culpada por Evie ter se zangado.

— Eu não fiz nada!

— Você nunca faz nada, não é?

Mateo passou pela sala e fechou as portas francesas que levavam ao seu quarto. Observei-o através do vidro, até que desapareceu no banheiro. Tão confortável como parecia com suas irmãs, não parecia tranquilo nos deixando juntas.

Lety e Sofia retornaram à cozinha e pegaram um rolo de toalhas de papel. Sofia manteve a cabeça curvada, de modo que seu cabelo ocultava a maior parte de seu pequeno rosto.

Lety não tinha medo de falar.

— Então, você está com nosso irmão?

— Ah, sim. — Esperou que dissesse mais. Minhas bochechas

se esquentaram diante da sua investigação. — É novo. As coisas são novas entre nós.

— Muito novas? — perguntou.

Sofia recolheu a bolsa de sanduíches, agora empapados com limonada. — Lety, deixa-a em paz.

Apesar da voz de sua irmã ter sido suave, Lety obedeceu e me deixou em paz. Limpou o azulejo com um pano, até que ficou brilhando.

— Está na escola de enfermagem? — perguntei. Ela jogou as toalhas sujas no lixo.

— Sim. Estou em um programa em BSN. Está na universidade? — Fique quase surpresa que ela perguntasse.

— Me formei na escola de enfermagem na primavera, com um grau associado. — Pode ser que eu soubesse um pouco sobre ela, mas ela não sabia nem um pouco sobre mim. — Mateo falou de mim antes, certo?

Lety e Sofia trocaram olhares. Lety encolheu os ombros.

— Não, mas não se preocupe. Teo não fala muito sobre sua vida aqui e se cala sobre as coisas que importam para ele.

Não estava certa se ela estava tentando me fazer sentir melhor ou ser condescendente. Seus suaves olhos escuros me fizeram pensar que era o primeiro.

— Vamos, Evelyn — disse ela. — Devo comida a você e a Teo. Você gosta de café da manhã? Isso é tudo o que ele parece ter.

— Ah, tudo bem.

— Sofi, quer fazer o toucinho? — Sofia assentiu, mas não falou novamente e manteve a cabeça curvada. Segui Lety na cozinha quando começou a abrir os armários. Tirou uma caixa de massa pronta para panquecas e me ofereceu.

— Quer ajudar?

— Não sou a melhor cozinheira — admiti. Lety sorriu para Sofia.

— OH, garota, se quer conservar a nosso irmão, tem que aprender a cozinhar. Esse menino gosta de comer. — Riu quando não me movi. — Vamos. Eu ensino se você não souber.

— Cozinhar?

Lety riu outra vez. Parecia que era algo que fazia frequentemente.

— Bom, não tudo... não ainda. Mas podemos começar com o café da manhã. — Empurrou a caixa e uma tigela em minhas mãos.

Virei a caixa para ler as instruções. Lety sacudiu a cabeça

— Não.

Colocou o pó da caixa na tigela e acrescentou água.

— Bem, agora usa o garfo para misturar tudo. — Comecei a fazer o que ela disse. — Não muito forte, do contrário as panquecas ficarão muito duras e ruins.

Fiquei olhando a tigela. — É o mesmo para os biscoitos?

— O que?

— Bater a massa de biscoitos. Batê-la muito fará os biscoitos ficarem duros?

— OH, sim, totalmente.

Tudo bem. Agora eu sabia então onde tinha errado com meus biscoitos para Mateo. Lety deu uma olhada para minha tigela e levantou meu pulso para que a massa gotejasse do garfo.

— Bem, essa é a consistência que você quer.

— Mas ainda tem pó de massa na parte superior. — Fiz uma careta quando as irmãs ficaram me olhando como se fosse uma completa idiota. — Como mencionei, não sou a melhor cozinheira.

Ambas me surpreenderam sorrindo.

— Não se preocupe — disse Sofia suavemente.

Estava colocando a mistura numa frigideira quando Mateo saiu de seu quarto em seus shorts de MMA e camisa preta. A água quente do chuveiro tinha agravado os hematomas em seu rosto e inchado mais sua pele. Deve ter tido outra luta desde domingo.

Exceto que quanto mais olhava para seu rosto, mais me dava conta de que algo estava errado.

Hematomas recentes se alinhavam em sua têmpora esquerda e se arrastavam ao longo de sua mandíbula. Eram ruins, mas o que as faziam pior era que se mesclavam com as antigas, que estavam em vários estados de cura. Mateo não tinha tido só uma briga esta semana. Tinha tido várias, pela sua aparência.

Ele perambulou pela cozinha e se agachou para beijar meus lábios. — Desculpa não ter ligado. Passei os últimos dias resolvendo alguns assuntos.

Lety bateu a colher de madeira fortemente contra a frigideira de ovos que estava preparando.

— Assuntos, claro.

Mateo se ergueu diante das palavras dela e esfregou minhas costas. — Conversaremos mais tarde, está bem? — disse.

— Tudo bem. — Toquei seu rosto com a ponta de meus dedos. — Você precisa de gelo.

— Não. Eu vou me preocupar com isso mais tarde.

Lety e Sofia nos olharam boquiabertas como se tivessem nos apanhado fazendo sexo. Minhas bochechas ruborizaram.

— Cale a boca e cozinhe — espetou Mateo quando Lety abriu a boca para dizer algo. — Jesus, você é um pé no saco.

Lety apontou com a colher para ele.

— Não use "Jesus" e "bunda" na mesma frase. É uma falta de respeito.

— Diz a garota repreendida por correr nua na universidade. — Mateo jogou a cabeça para trás, rindo quando a boca de Lety se abriu.

— Não acredito que você sabia sobre isso. — Lety fulminou Sofia com o olhar. — Quer saber, para alguém que não fala muito, acho que você abre a boca pelas razões erradas.

Sofia sorriu e foi então quando notei que seus traços eram semelhantes ao de Mateo. — Seja boazinha, Lety — ela disse. — Tem muito mais coisas que eu poderia dizer. — Lety pigarreou e apontou para a frigideira.

— Quando borbulhar assim, vire. Bem. Espere uns segundos mais e logo ponha em um prato. Do contrário, queimará ou ficará muito dura.

Sentamos a mesa e começamos comer. As panquecas que fiz estavam, de fato, muito boas. Mas não tinha muita fome. Estava confusa pela falta de contato de Mateo esta semana. Ele estava sentado a meu lado e começou a esfregar meu ombro.

— Está tudo bem, Evie?

Assenti, apesar de que, na realidade, não estava. Ele obviamente ele esteve lutando e passou um tempo com suas

irmãs. Mas parecia haver mais...

Lety nos observava de perto, sem perder a tensão.

— Como vocês se conheceram?

A mão de Mateo deslizou do meu ombro. — Ela trabalha no Excess.

Ela sorriu.

— Como um de seus guardas? — Ambos rimos disso.

— Sou garçonete nos fins de semana e nas noites de quinta-feira.

— Desde quando?

— Cerca de sete meses.

— Mmm, sete meses. — Lety bebeu seu suco, considerando sua próxima pergunta.

— E meu irmão só te convidou para sair agora? O que estava esperando, Teo? Ela é linda.

— Lety — advertiu ele.

— E educada.

Mateo deixou cair seu garfo.

— Sério, é a maior pé no saco desse planeta. — Lety riu.

— Só estou falando.

Mateo agarrou seu guardanapo enrugado. — Sim, sim, sei o que está dizendo.

Coloquei minha mão em sua coxa e olhei em direção de Lety.

— Não sei do que você está falando.

Seu sorriso se ampliou.

— Só digamos que você é um progresso, a comparar pelas prostitutas que estavam atrás de meu irmão.

Mateo cobriu o rosto com a mão.

— Caralho, Lety!

Lety limpou a boca com um guardanapo, ignorando meu profundo rubor.

— O que? Ela é legal.

— Merda — espetou Mateo. – Só para de falar.

Não estava segura de como responder. Mais que nada, estava agradecida de chegar com um adjetivo de não prostituta. Eu me perguntava se isso mudaria se ela soubesse o que tinha feito a seu irmão no domingo. Sofia riu, o gesto iluminando seu rosto. Tirou o cabelo do rosto. Foi então quando notei o grande hematoma que parecia abranger toda sua bochecha direita. Com todo esse cabelo, não tinha notado antes.

— OH, meu Deus, Sofia. O que aconteceu?

Ela puxou seu cabelo para baixo, retrocedendo atrás de Lety sem responder. Pus-me de pé, meus instintos me levando a ajudá-la.

— Querida, quer que a examine...?

Mateo agarrou meu braço e me manteve no lugar. — Baby, ela está bem. Só deixa-a sozinha.

Meus olhos viajaram para onde um rastro de contusões marcavam seus antebraços. Feridas defensivas. Ela não estava bem. Estava longe de estar bem. Alguém tinha machucado ela.

— Teo...

Os rostos tensos de Mateo e Lety deixaram claro que eu não deveria dizer nada mais. O mesmo dizia a expressão quebrada de Sofia. Abraçava-se protetoramente.

— Desculpem — disse ela. Como um pequeno rato, dirigiu-se para o quarto de Mateo, apenas fazendo barulho, se encolhendo como se tentasse desaparecer do mundo.

Lety correu atrás dela e fechou a porta. O comportamento da Sofia me deu a certeza de que tinha sido violentada. Motivo pelo qual Mateo tinha sido preso. Meu maior medo então era de que tivesse acontecido outra vez e era por isso que ela e Mateo estavam machucados.

Mateo se inclinou sobre a mesa, suas mãos agarrando as

bordas. Me virei para ele lentamente.

— Teo, como você conseguiu esses novos machucados? — Ele não me respondeu. Enrolei meus braços em torno dos seus. — Mateo, você está me assustando. Por favor, me diga o que aconteceu.

Lety saiu, sua expressão estranhamente fria.

— Deram uma surra nela, quando estava tentando proteger Sofia do nosso pai.





Capítulo II

A cara furiosa de Mateo se encontrou com a de Lety.

— Realmente você fala muito, sabia?

Ela encolheu os ombros em resposta.

— Desculpa.

— Desculpa? Por quê? Por dizer merda na frente da minha garota?

— Sim, sinto muito. — A confiança na postura de Lety diminuindo. — Escuta, não quero brigar contigo ou... causar problemas com sua garota. Tenho que voltar pra escola.

Os ombros de Mateo ficaram tensos.

— E Sofi?

— Vou deixá-la na casa do tio Lino. Estará segura ali até as acusações contra Carlos, na segunda-feira.

A conversa entre eles tinha continuado como se não estivesse ali.

— Quem é Carlos? — perguntei discretamente.

Lety deixou de prestar atenção ao Mateo antes de responder:

— Nosso pai.

O ódio em sua voz praticamente me parou.

— Ele a...? — Nem sequer pude dizer as palavras e de repente me senti insuportavelmente doente.

— Não, machucou seu rosto e o de Teo, mas inclusive Carlos tem limites quando se trata de seus filhos.

— Lety, já chega — alfinetou Mateo.

— Teo, não pretendo ser uma bocuda.

— Parecia outra coisa — ele disse.

Ela deixou cair suas mãos contra seu corpo.

— Sinto muito, Teo. Olhe, obrigada por ir nos ajudar e por nos permitir ficar enquanto as coisas se acalmavam.

Desapareceu em seu quarto quando Mateo não respondeu.

— Hora de ir, Sofia — escutei ela dizer, por trás da porta fechada.

Mateo girou, apoiou os braços sobre a mesa, juntando

rigidamente as mãos.

— Verei você hoje no trabalho, tudo bem? — Ele queria que eu fosse embora.

Não conhecia bem Mateo apesar de nosso recente tempo juntos, mas percebi a fúria e a humilhação que sentia. Era tão óbvio como a força que ele sempre mostrava.

— Está bem — respondi. — Verei você no clube. — A última coisa que queria era deixá-lo assim, mas tinha sido paciente comigo e lhe devia o mesmo em resposta. Parei na porta, com minha carteira na mão. — Sinto muito, Teo. Por tudo. Se puder ajudar você ou Sofia, por favor, me deixe saber, está bem?

Ele me parou nas escadas, fechando a porta atrás dele.

— Evie, espera. — Tomou minha mão quando voltei e estudou meu rosto para medir minhas emoções. — Escuta. Foi uma semana de merda. E é merda que eu não queria que você soubesse. Se não quiser me ver mais, entenderei e não vou te perturbar por isso.

Tive que ficar na pontas dos pés para puxá-lo por sua camisa e poder beijá-lo. Felizmente para mim, ele não lutou contra e foi maravilhosamente animado em sua resposta. Suas mãos agarraram minhas costas enquanto nossas línguas se encontraram uma e outra vez. Sim, ele também tinha sentido saudades.

Saltei quando Lety abriu a porta, minha cara se esquentou imediatamente, possivelmente perdi meu status de não prostituta. Ela tinha os olhos assombrados e bem abertos.

— OH, minha culpa.

As mãos de Mateo deslizaram por minhas costas.

— Poderia te matar.

— Mas então, como beijará sua bonita gringa atrás da porta, menino durão? — Riu e fechou a porta quando ele tentou apanhá-la.

— Gostei de te conhecer, Evelyn! — gritou.

Me mexi quando Mateo tentou me agarrar de novo.

— Fique com suas irmãs enquanto elas ainda estão aqui. Verei você esta noite. — Procurei em minha carteira e lhe dei um envelope.

Ele o observou.

— O que é isso? — Sorri.

— Um presente. — Beijei-o rapidamente e desci as escadas, deixando-o ler os resultados dos meus exames de sangue.



Mateo e eu apenas nos falamos no clube. Um número épico de universitários perdeu a cabeça, e Teo e sua equipe passaram a noite lançando traseiros pela porta como Frisbees. Não pude deixar de notar sua agressividade. Considerando o que seu pai tinha feito a Sofia e a ele, entendia-o e esperava que um pouco de tempo juntos e a sós o ajudaria a ficar calmo.

Me mexi nervosamente enquanto o seguia para casa depois que o clube fechou. Tinha feito o exame de sangue e provado que estava saudável. Isso significava que faríamos mais, certo? Eu queria mais. Então, por que estava tão assustada? Mateo não tinha me forçado a fazer nada. Não como...

Esse frio estranho fez cócegas em minha pele e quase perdi o controle do carro. Me esforcei em focar no caminho. Não como quem? De onde tinha vindo isso?

— Não como ninguém — insisti em voz alta, quando me senti entrar em pânico. Meu celular tocou, me sobressaltando e peguei minha bolsa para tirá-lo.

— O que aconteceu? — perguntou Mateo do outro lado da linha. — Pensei que você ia bater na calçada.

— Ah, cochilei um segundo.

— Como? Dormiu? — A preocupação apareceu em sua voz profunda.

— Não, nada disso. — Merda. De todas as palavras. — Só

estou cansada, querido. Isso é tudo.

Mateo desligou e continuou pelo caminho. Segui-o para uma rua ao lado e estacionei na frente dele. Baixei o vidro quando chegou a minha porta, seu cenho franzido com preocupação enquanto se inclinava na porta.

— O que aconteceu?

Forcei um sorriso.

— Nada. Só foi uma noite louca. Acredito que finalmente desgastei estas estúpidas botas.

Por um momento, Mateo não disse nada. Provavelmente porque sabia que eu estava mentindo.

— Quer que eu dirija?

— Não, eu estou bem — insisti.

— Ev, não tem que vir comigo esta noite. Droga, nunca tem que fazer nada. É só você dizer não.

Ele esperou minha resposta. Só o olhei e lutei para convencê-lo de que o queria e necessitava dele agora. Acariciou minha bochecha. Quando não respondi a seu toque, deixou cair à mão.

— Só me deixe te seguir de volta para sua casa para saber que está segura. Depois eu saio, eu juro.

Merda. Eu estava arruinando tudo.

—Não. Eu quero isso.

— Baby. Está tudo bem.

Trabalhei em convencê-lo.

— Teo, não quero ficar sem você esta noite. Me deixa ir com você. Por favor.

Ele estendeu seu braço na parte superior de meu Cherokee e apoiou sua cabeça ali, tomando seu tempo para falar.

— Está bem, mas se você mudar de ideia...

— Não vou. — Agarrei seu rosto e o beijei.

Ele não me beijou com o calor que esperava. Em vez disso, a preocupação enrugava sua testa.

— Tem certeza de que está bem para dirigir?

— Positivo — respondi. — Vamos.

Ele tamborilou na porta.

— Está bem. Mas preste atenção na estrada. Do contrário, seguirei te olhando pelo retrovisor para me assegurar de que não passe num semáforo vermelho.

Comecei a rir, mas logo me dei conta de que não era brincadeira, ele estava genuinamente preocupado que algo estivesse errado. No momento que retornou a seu carro fiquei

determinada a lhe provar - e a mim mesma - que estava bem, que não havia nada de errado comigo... e o muito que eu o desejava.

Quando chegamos em sua casa, Mateo caminhou até a cozinha e abriu o refrigerador.

— Quer um pouco de água?

— Não.

Suas costas se endireitaram quando me escutou tirar o suéter. E a camisa branca. E meu sutiã e short. Quando olhou por cima de seu ombro, tudo o que vestia era minha pequena calcinha. Também tinha tirado as botas e as meias três-quartos, mas havia algo mais que eu precisava fazer.

Enquanto observava, desfiz meu rabo-de-cavalo e deixei que meu abundante cabelo loiro caísse em uma cascata sobre meus ombros. Estava muito comprido. Precisava de um corte. Mas tive a sensação de que Mateo gostou da forma que ele caía sobre meus pequenos seios.

Andei até seu quarto enquanto ele cruzava a pequena distância que nos separava. Estava alcançando a caixa de camisinhas quando ele entrou. Inclinou a cabeça, sua respiração já agitada.

— Me diga se quiser parar — disse.

— Direi — prometi. Inspirei com força quando ele tirou a camisa, expondo o corpo que eu mal podia esperar para tocar. O

medo que parecia tão real há tão pouco tempo se foi. Se um pouco de nervosismo ficava, era só porque queria fazê-lo sentir bem.

— Venha aqui.

Rodeou a cama. Desta vez, quando me beijou, fez a sério, mas não me tocou até que peguei suas mãos e as pus sobre meus seios. Meus mamilos se endureceram com o primeiro contato, atraindo sua atenção até que desabotoei sua calça e o agarrei.

Ele já estava duro e gemeu quando comecei a acaricia-lo. Mas logo me surpreendeu levantando minhas mãos e as apartando. Beijou-me, sem me deixar tocá-lo. Me afastei.

— Fiz alguma coisa errada?

Ele pôs seus lábios contra os meus, respirando forte.

— Não. Só quero te tocar. Você vai deixar?

Mateo me levou a cama quando assenti, nos ajoelhando de tal forma que minhas costas estavam contra seu peito forte e nossos corpos encaravam um comprido espelho sobre a sua cômoda. A imagem parou momentaneamente o tempo. Nunca nos tinha visto dessa maneira, com seu enorme corpo sobre minha miúda figura e sua pele oliva contrastando com a minha.

— Não quero que tenha medo de mim — disse suavemente contra meu ouvido. — Presta atenção no que eu faço e me diga se estiver bem.

Inclinou meu queixo e me beijou, desta vez mais profundo,

enquanto suas mãos me rodeavam para brincar com os bicos dos meus mamilos. Gemi contra sua boca até que a abaixou para mordiscar meu pescoço e uma de suas mãos desceu, deslizando até minha calcinha, enquanto eu o observava.

Estremeci quando seus dedos percorreram minha pele sensível. — Demais? — ele sussurrou contra meu ouvido.

Minha cabeça caiu contra seu ombro. — Não. Por favor, não pare.

Ele enganchou um dedo na lateral da minha calcinha e brincou com o elástico, enquanto sua boca retornava à minha e sua outra mão brincava com meus mamilos. Gemi. Ele sabia como me enlouquecer.

A mão em minha calcinha puxou um lado do tecido, me expondo. Quando não protestei, roçou de lado a lado com os dedos na minha vagina latejante. Havia algo incrivelmente erótico em observar seus movimentos no espelho e sentir e antecipar seu toque.

Vê-lo e senti-lo... *OH, Deus.*

Rompi nosso beijo, respirando forte. A mão de Mateo subiu por meu estômago antes de escapulir de novo debaixo do fino tecido de minha calcinha. Ofeguei quando seus dedos deslizaram sobre mim em círculos. Foi lento no início e depois um pouco mais rápido. Gemi quando ele introduziu seus dedos.

Sucumbi pela forma de seus impulsos e pela maneira em que sua mão roçava minhas dobras sensíveis. Sem tentá-lo, minhas coxas apertaram sua mão, fazendo difícil continuar.

Retirou sua mão. — Quer que eu pare?

Pus minha mão sobre a sua. — Não — sussurrei diante da doce sensação que experimentava com seu toque. Mateo quase não podia falar. Seu fôlego quente sobre meu ombro.

— Então abre suas pernas para mim, para que eu saiba que está tudo bem.

Afastei minhas coxas, embora continuasse me mexendo. Ele me atormentou até que sucumbi a um orgasmo que sacudiu cada parte minha. Ele ficou em cima de mim, passando sua língua das pontas de meus seios, até muito, muito abaixo. Sua cabeça se meteu totalmente entre meus joelhos e...

Minhas unhas se afundaram nos lençóis e no cobertor, enquanto perdia o controle, total e completamente. Ao me fazer observar, Mateo deixava claro que era ele quem estava comigo, que estava a salvo e era bonita e sexy. Merda. Eu senti tudo, tão forte.

Isto não podia ser real.

Me afastei na cama, nos separando... minha respiração estava pesada, meu corpo inteiro tremia pelos efeitos de suas carícias.

Ele veio com calma até mim, respirando forte.

— O que aconteceu? Machuquei você?

Meu peito se elevava e baixava.

— Não. É só que eu não sabia que podia ser dessa maneira. — A preocupação fez com que ele me tocasse.

— De que maneira, Evie?

Mordi o lábio.

— Prazeroso.

Teo se ajoelhou de novo, com luxúria e algo mais cintilando em seus olhos cor avelã. Sua voz profunda baixou a um murmúrio.

— É, Evie. Quando é correto. — Lambeu seus lábios como se ainda pudesse me saborear. — Se me deixar, mostrarei o quão bom pode ser. — Ele estendeu sua mão, esperando minha resposta.

Olhei sua palma aberta brevemente antes de agarrá-la fortemente. Mateo me puxou até a ele, lançando minhas pernas sobre seus ombros.

E mais uma vez, observei seu rosto desaparecer entre minhas coxas...

Capítulo 12

Eu sentei na minha antiga cama, no meu antigo quarto, na casa grande onde cresci, agarrando fortemente o edredom contra meu corpo.

— Papai?

Ele não respondeu. Mas estava perto. Eu tinha escutado um barulho.

— Papai?

Minha voz tremeu, assim apertei mais forte minhas mãos. Eu sabia que tinha que sair da cama. Mas não queria. Algo terrível me esperava fora do meu quarto.

— Papai... Papai?

Minhas pernas se moveram lentamente, me forçando a sair da cama enquanto tropeçava apaticamente, ao lutar para atravessar meu quarto.

— Papai?

As lágrimas molhavam minhas bochechas enquanto caíam. Caminhei para a porta ainda aberta. Anteriormente ele esteve conversando comigo no meu quarto. O que foi que ele falou antes de sair?

— Papai!

Apertei o batente da porta, usando-o para me equilibrar e controlar minha histeria. Seu quarto me esperava no final do corredor.

— Ouvi um barulho papai. — Minha voz se rompeu, permitindo que saíssem os meus primeiros soluços. — Você escutou?

Meus pés descalços pressionaram contra a suave madeira da porta. Por que você não me responde?

Mas eu sabia o porquê.

Continuei me apoiando na parede para conseguir ficar de pé, enquanto me aproximava do final do corredor.

Abri a porta com as mãos trêmulas.

E encontrei meu pai.

Ele estava deitado sobre uma poça de sangue. Não tinha rosto. Tinha sumido, junto com a metade de seu crânio.

Despertei, hiperventilando e sem saber onde estava. Demorei

a perceber que estava na cama de Mateo, sozinha. Não queria chamá-lo. Não como tinha chamado a meu pai. Mateo não podia estar morto também.

Minha visão se converteu em um nauseante borrão, enquanto cambaleava para seu banheiro. Não queria me deprimir, assim, me esforcei em tranquilizar minha respiração frenética. De alguma forma, consegui chegar até a pia e abri a torneira para que saísse água fria.

Comecei a me molhar, sem me importar com a bagunça que estava fazendo, esfreguei meu rosto com força. Mateo não podia me encontrar assim. De novo, não. Então, esfreguei mais forte, tirando a imagem de meu pai morto da minha cabeça. De todas as coisas que eu poderia sonhar, por que ele e, Jesus, por que agora?

Caí sentada sobre o vaso sanitário, ofegando e soluçando. Merda. Se acalme. Agarrei a borda da pia, lutando contra o pânico.

— Foi só um sonho — insistia em voz alta.

O problema era que não tinha sido apenas um sonho. Foi assim mesmo que eu o encontrei.

Demorou um tempo para que minha respiração relaxasse. Quando aconteceu, me senti como se tivesse sido jogada de um carro em movimento. Mus músculos doíam. Gemi quando percebi que tinha deixado à água correndo. Me levantei e a fechei, logo agarrei uma toalha e limpei as evidências de minha loucura no

banheiro de Mateo.

Escutei uma chave deslizando pela fechadura da porta principal do apartamento. Segurei a porta do banheiro, assustada. Sabia que era Mateo. Não queria que me visse assim ainda... não enquanto meu cabelo molhado se aderia a todo meu corpo e a camiseta empapada grudava no meu peito.

A porta principal se abriu e escutei Mateo entrar. Entreteve-se na cozinha, antes que seus passos pesados se dirigissem para o quarto.

— Evie? Você está bem, baby?

Meu reflexo pálido me devolveu o olhar, enquanto me apressava a pentear meus cabelos com os dedos. Não, eu estava longe de estar bem, mas estava chegando lá. Mesmo assim, ele não tinha que saber de nada disso.

— Estou bem, Teo. Sairei em um minuto. — Minha voz trêmula me entregou.

— Você não parece muito bem.

— Sério, eu estou bem, querido. Acabei de acordar. — Fiz uma careta quando arranquei uma mecha de cabelo. — Ah, Tem uma escova de dente que eu possa usar?

Sua pausa me dizia que não acreditava em mim, mas respondeu, de qualquer jeito. — Olhe no estojo, se não tiver uma aí deve haver embaixo da pia.

Abri o estojo, onde encontrei uma escova de dente nova, ainda na embalagem. Também era onde Mateo guardava sua pasta de dente.

— Obrigada, saio em num minuto. — Sequei o rosto depois de escovar os dentes, procurei embaixo do lavabo esperando encontrar um pente ou escova.

Considerando o cabelo curto que usava, não me surpreendi quando não encontrei nenhum. Por alguma razão, isso me fez sorrir.

— Onde você estava? — perguntei, só para escutar sua voz.

Algo pressionou contra a porta. Sorri de novo, sabendo que estava apoiado contra ela. Tê-lo perto me tranquilizava e ajudava a controlar minha ansiedade.

— Dormimos muito, fui comprar algo para comer. Está com fome?

— Pãezinhos com queijo? — Meu estômago grunhiu. Mateo riu. Deve ter me escutado.

— Claro que sim. Sou um garoto da Filadélfia.

— Do Geno's? — perguntei.

— Não desta vez. — Sua voz ficou mais profunda. — Não podia ir tão longe sabendo que você estava na minha cama, nua.

Brinquei com a barra da camiseta que tinha me emprestado.

— Não estava. Bem, enquanto dormíamos, de todos os modos. — A camisa estava empapada. — Teo, pode me emprestar outra camisa? Esta está toda molhada, de lavar meu rosto.

— Claro, mas sinta-se livre para caminhar nua, prometo não olhar.

— Promete é?

— Com todo meu coração.

Minha risada e sua voz sexy ajudaram a devolver cor às minhas bochechas. Me inclinei contra a porta.

— A noite de ontem foi algo, não foi?

Mateo se moveu do outro lado da porta.

— Sim, foi. Algum arrependimento?

Rocei com meus dedos no batente da porta. Sorri delicadamente. — Não. Nenhum.

— Bom.

Abri lentamente a porta enquanto Mateo dava um passo para trás. Ele sorriu, parecendo maravilhosamente bem com umas calças esportivas cinza e uma camiseta.

— Olá, baby.

Devolvi o sorriso.

— Olá.

Ele me ofereceu uma camisa branca. — Tudo bem?

Assenti e tirei a camisa molhada. Os olhos de Mateo baixaram enquanto olhava cada parte de meu corpo.

— Você é realmente bonita, sabia?

Por alguma razão, a sinceridade por trás de suas palavras me deixou tímida. Minhas bochechas arderam e cobri meus seios com os braços. Mateo diminuiu a pequena distância entre nós e deslizou a camiseta pela minha cabeça. Permiti que ele me ajudasse e sorri quando suas mãos descansaram sobre meu quadril. Pareceu notar minha vergonha e se afastou. A maioria dos homens teria tentado mais. Mas Mateo não era como a maioria.

— Obrigada — eu disse e falei com sinceridade. Ele beijou meu rosto e pegou minha mão. — Vamos comer.

Ele me levou até a sala de estar e ligou a TV, sintonizando numa partida dos Phillies. Ajudei a desempacotar a comida e servi na mesa de café, logo sentei a seu lado no sofá. Ele olhou a partida e gritou quando os Phillies fizeram outro ponto, colocando-se em vantagem sobre seu adversário.

— Os Phils irão às finais. Posso conseguir entradas. Quer ir?

Me contive, enquanto desembrulhava meu sanduíche. A realidade do trabalho escolar acumulado me deu um tremor na

espinha.

— Depende de quando for.

Ele abriu uma lata de refrigerante e tomei um gole.

— No domingo é melhor para você?

— Normalmente, a não ser que eu tenha uma prova E as sextas-feiras durante o dia quando não trabalho nas quintas. — Mordi meu sanduíche.

— Vou ver se é possível uma partida no domingo. Provavelmente, funcione. — Mordeu seu sanduíche. Entre mordidas, me ofereceu batatas fritas. Nossa comida não era elegante sob nenhum padrão, mas havia muita. Além dos meus momentos com Mateo, nunca comia fora.

Peguei uma batata e olhei para cima, para ver os Phillies fazerem o terceiro strike.

— Eu vou fazer funcionar. — Ele sorriu.

— Ainda que você tenha prova?

Enchi outra batata de ketchup e sujei seu nariz com ela. Ele riu e limpou o rosto com o dorso de sua mão.

— Sim, gênio. — Meu sorriso desvaneceu. — Acredite ou não, eu gosto de passar meu tempo com você.

— Estou começando a acreditar, especialmente depois desta

semana. — Terminei a batata, inspirando profundamente.

— Como vai ser agora, no trabalho? Agora que estamos, você sabe, juntos.

— Igual. Acompanharei você quando puder, a menos que aconteça alguma merda com a qual tenha que lidar. — Ele sorriu. — Só não espere que eu te beije quando estivermos lá.

Eu endireitei minha coluna, sem ter certeza se ele estava brincando comigo. — Sério que não vai me beijar?

— Sim. — Molhou outra batata no molho.

— Por quê? Você me beijou quando me acompanhou até o carro.

— Isso é diferente. Estávamos fora e tínhamos terminado de trabalhar. — Ele se inclinou e me deu um beijo curto. — Você me distrai, Evie. Tenho que manter um olho em tudo e todos no clube. Não posso fazer isso se estou pensando constantemente em estar com você, a sós.

— OH. Então, temos que fingir que não estamos juntos? — Ele parou de comer.

— Não. Eu quero que todos saibam que você é minha garota. — Franziu o cenho. — Você acha que eu quero que um desses punks que sempre estão ao seu redor deem em cima de você?

Revirei os olhos. — Ninguém está prestando atenção em

mim, Teo.

— Acredite em mim, eles estão.

Não tinha certeza se isso era um elogio, mas foi assim que eu ouvi. Minha mão se curvou sobre seu joelho.

— Quando você começou a me notar? — Coloquei uma mecha de cabelo detrás da minha orelha.

— Sério, você quer saber? — Assenti. — Na primeira vez que você entrou e pediu a Sam por um trabalho.

Fiquei boquiaberta. — Sério?

Ele riu.

— Por que parece tão estranho, Evie? Nenhum fodido cara dali conseguia tirar os olhos de você.

Meu rosto avermelhou.

— Não, não foi assim. Fui durante o dia... você nem sequer estava lá! — Mateo começou a rir.

— Sim, eu estava. Mas você não percebeu.

— Não acredito. — Levantei e comecei a limpar a bagunça. Mateo me seguiu até a cozinha e jogou nosso lixo fora. Abri a torneira e comecei a lavar as mãos.

Ele inclinou seu peito contra minhas costas, sussurrando suavemente.

— Estávamos acabando a reforma do clube. Estava entrevistando um grupo de seguranças, enquanto Sam entrevistava as garçonetes. Você entrou, com uma roupa preta e saltos de matar. Seu cabelo solto balançava no ritmo de seus quadris.

Baixei o olhar, envergonhada.

— Não estava movendo os quadris. Só estava nervosa. — Mateo mordiscou minha orelha.

— Eu gostei da forma como você se movia. Você cruzou o bar, chegando até o Sam. Não tinha experiência e tinha acabado de completar vinte e um anos. Mas, disse ao Sam que aprenderia rápido, que era trabalhadora e que precisava que ele te contratasse.

— Você estava lá. — sussurrei. Lembrei de ver um grupo de homens grandes, mas seus tamanhos e quantidade me assustaram tanto, que não me incomodei em observar os rostos e desviei rapidamente o olhar. Se tivesse olhado, certamente teria lembrado de Mateo, definitivamente. Seu rosto sexy, esses lábios e, maldição, seu corpo duro agora pressionado contra o meu.

Agarrei suas mãos e as pus debaixo da água quente, me perguntando se nesse dia tinha visto o medo nos meus olhos ou o quanto precisava de trabalho.

Entrelacei meus dedos entre os seus, enchendo-os de sabão.

Ele me beijou no ombro.

— Estava ao lado da porta com o Ant e um grupo de homens que deixaram de me escutar só para te olhar. Vi você entrar. Vi você sair. — Riu. — E você nunca olhou para mim, nem uma vez.

— Lembro da multidão de homens grandes. — Fiz uma careta. — Um cara loiro me seguiu e se ofereceu para me acompanhar até meu carro.

Mateo franziu o cenho.

— Sim. Não contratei esse imbecil. Mas esperava que Sam te desse uma oportunidade, embora eu tenha pensado que não teria nenhuma chance com você.

— Por quê? — perguntei, antes de lembrar do medo que sentia ao conhecer seu passado. Deus, isso parece ter sido há tanto tempo.

— Você sabe por quê. — ele sacudiu as mãos e agarrou um pano de prato seco, cobrindo minhas mãos e as secando. — Você era uma dessas garotas boas que deveriam se manter afastadas de alguém como eu.

Ele deixou o pano de prato no suporte, me permitindo virar e envolver os braços em sua cintura. Coloquei minha cabeça contra seu peito e senti seu coração bater levemente contra meu rosto, enquanto suas mãos percorriam minhas costas.

— Quando diz "alguém como eu", você se refere a alguém

forte, valente e carinhoso? — Fiquei na ponta dos pés e beijei seu queixo.

Suas mãos se moveram mais para baixo.

— Eu me refiro a alguém que já esteve na prisão. Essa merda é um inferno, um mundo à parte e — Ficou tenso — Se for inteligente, é um lugar que você nunca vai querer voltar a ver.

Seus batimentos cardíacos continuavam pulsando contra minha orelha. O meu acelerou, ao pensar nele em uma cela e em tudo o que tinha sofrido.

— Como foi para você estar lá dentro?

Ele esperou antes de responder. Parecia que o tinha pego com a guarda baixa.

— Nas primeiras semanas tudo o que fiz foi brigar. Todos os dias, às vezes várias vezes ao dia. Tinha que ser brutal e não podia mostrar misericórdia. Tinha que provar que não podiam me vencer, mas devido a isso, incapacitei muitos homens, provavelmente para toda a vida. — Sua voz caiu ao recordar. — O resto do tempo, lutava em intervalos. Quando eu saía, só alguém realmente estúpido se atrevia a mexer comigo.

— Sinto muito.

— Sim. Eu também. — Pressionou suas mãos contra mim. — Sei que falei demais. Não é algo sobre o qual falo normalmente. Simplesmente... não deixe que isso te assuste, está bem? Você é

alguém que eu jamais machucaria.

Eu o apertei bem forte.

— Eu sei. — Ex-presidiários significavam problemas. Mas Mateo provou que era uma exceção à regra. Sua ternura, sua paciência e seu afeto, somado a lembrança da primeira vez em que me viu, me mostraram quem ele era realmente, e não quem ele foi por ter que sobreviver na prisão.

Levei-o comigo até a sala de estar e o empurrei no sofá, observando enquanto ele tirava a camisa, sem sinal da minha timidez inicial.

Ele sorriu e me puxou pra perto, aliviado, ao ver que eu não tinha medo de estar com ele. Ele beliscou meus seios.

— Já te disse o quão louco eu fico quando te toco? — exalou contra minha pele.

— Não. Certamente você deveria me mostrar isso. — Peguei suas mãos e as levei entre minhas pernas.

Mateo grunhiu contra meu ouvido. — OH, então é assim.

Alcancei suas calças e comecei a esfrega-lo, arqueando minhas costas.

— Sim, é assim.

Capítulo 13

Apesar de já estar escuro quando Mateo me acompanhou até o meu carro, ainda houve tempo de tomar banho e descansar antes que começasse nosso turno de sábado à noite.

— Se quiser ficar aqui essa noite posso te pegar e voltarmos juntos.

— Não posso querido. Não fiz nenhum trabalho escolar hoje, tenho um montão no que me afogar amanhã. — Eu disse, mas quando o olhei, ficou difícil de falar. Não tínhamos feito sexo, mas ele me deixava tão louca quando me tocava, que quase tinha pedido por mais. No final, entretanto, minha mente não me permitiu ceder.

— Está me chamando de distração? — Seus lábios passaram por meu pescoço. Sorri.

— Ah, sim, só um pouquinho — Ele se afastou.

— E se você trouxer seus livros para cá? — Eu quase cedi.

— É mais que isso, Teo. Também preciso dormir esta noite. — Mordi o lábio inferior. — Talvez você não tenha notado que não dormimos muito por aqui.

Seu olhar ficou intenso.

— Sim, eu notei isso.

Tentei ignorar o formigamento que sua atenção causou e pigarreei.

— Se puder adiantar minha leitura e o estudo, não terei que continuar dizendo não, quando me pedir para ficar.

— Está bem — ele disse finalmente, com um sorriso que poderia ter derretido o asfalto.

Digitou o código. A garagem se abriu, mas logo me deteve quando tentei ir pro meu carro.

— Espera um segundo, Ev. — Ele correu até a escada e retornou com suas chaves. — Leve o meu. Assim, posso dar uma olhada no seu motor amanhã e você não fica sem carro.

Olhei entre seu lindo carro e o meu horrível monstro — E você?

— Farei com que esse monstro funcione. Não tenho que estar em lugar nenhum até manhã de noite e o Ant dirige.

— Aonde você...? — Não tive que captar seu olhar de aço

para saber. — Vai ter outra luta?

— Sim.

— Isso foi rápido — eu disse, como uma idiota.

— Preciso do dinheiro.

Ele não tinha me dito quanto dinheiro fez na luta passada, mas sabia que devia ser muito. Também sabia que Ant tinha apostado nele. Havia falado isso na festa.

— Para que precisa de tanto dinheiro?

Ele esfregou a mandíbula como se estivesse debatendo o que me dizer.

— Carlos não dá dinheiro para minha família. Nunca deu, na verdade. Ajudo a sustentar a minha mãe e Sofia. O resto conseguem limpando escritórios.

— OH. Não tinha pensado nisso. — Não era de admirar que Mateo trabalhasse tão duro como fazia e arriscasse tanto no ring. Peguei minha carteira. — Aqui, me deixe te dar o dinheiro do jantar.

Ele cobriu minha mão.

— Não. Você é minha garota. Eu cuido das minhas garotas. — Meus olhos viajaram por seu braço até seu rosto.

— Realmente espero que esteja se referindo a mim e a suas

irmãs. Do contrário, vai perder muito pontos.

Ele riu e me puxou para mais perto.

— Sabe que eu estou. — Suas mãos foram para meu rosto e acariciou minha bochecha com seu polegar. — Você não vai me ver lutando outra vez, vai?

Minha mente debateu se deveria assistir à luta de Mateo. Se não fosse, passaria ao menos uma semana antes que estivéssemos sozinhos outra vez. Baixei a cabeça. Só haviam duas razões para eu ir: para me assegurar que ele saísse do ring inteiro e para que as outras garotas mantivessem distância. Não queria bancar a namorada psicopata. Precisava confiar nele. Mas o maior problema era o que acontecia dentro do octógono. Não podia continuar assistindo ele receber golpes. Já não teve o suficiente das mãos de seu pai?

— Mateo, é muito difícil assistir aos outros te machucarem. Mas eu vou, se você me quiser lá.

Apertei-o mais forte quando me beijou.

— Você é diferente. Sabe disso, não sabe? — ele disse. Sorri.

— Espero que queira dizer no bom sentido.

— Sim. — Ajustou seu aperto. — Não vou te obrigar a ir. Só faça seus trabalhos para que possa ver você com mais frequência, está bem?

— Está bem. Mas, por favor, tome cuidado, Teo.

Ele me beijou antes de eu subir no seu Explorer. Desta vez foi um beijo muito diferente, deixando claro que não queria que fosse.

— Me envie uma mensagem quando chegar em casa, Evie.

Entre seu beijo e esse olhar fumegante com que Mateo me observou, foi realmente difícil dar partida no carro.

— Está bem, prometo.

Saí do meio-fio com um carro que ronronava brandamente. O amplo corpo de Mateo desapareceu lentamente de meu espelho retrovisor. E senti saudades no momento em que sai.

Meus pensamentos se mantiveram em Mateo quando entrei no meu apartamento. Fechei a porta, logo fiz uma pausa, no pé da escada e enviei uma mensagem de texto pra ele.

Cheguei em casa.

Esperei por uma resposta. Quando nada chegou, comecei a subir os degraus. Estava na metade do caminho quando Mateo respondeu:

Bom. Mas queria que você estivesse aqui.

Sentei nos degraus e escrevi:

Também queria isso, um pouco.

Respondeu:

Um pouco?

Eu Ri.

Está bem, provavelmente mais que um pouco.

Ele respondeu:

Minha cama está fria sem você.

Grunhi, imaginando suas palavras transbordando de seus lábios carnudos. Escrevi:

Precisa dormir antes de trabalhar.

Ele respondeu:

Realmente não faz diferença dormir agora. Preferiria estar contigo.

Na verdade, eu também pouco me importava com um montão de coisas nesse momento. Exceto, possivelmente, correr de volta para ele. Em vez de dizer muitas coisas, minha resposta foi simples.

Sim. Eu também.

Sua próxima resposta foi um pouco mais neutra.

Vai estudar?

Podia escutar Lourdes andando no apartamento.

Provavelmente não.

Logo reuni um pouco de coragem e adicionei:

Estou muito ocupada pensando em você e em como me deixou excitada hoje.

Bem. Continue pensando dessa maneira — Foi sua resposta. Sorri e terminei de subir as escadas.

— Olá, querida.

Eu não gostava de seu sorriso e peguei a bolsa para ajudá-la.

— Ouça, Lourdes. — Examinei a caixa de cereais como se o bilhete do ganhador da loteria estivesse no fundo. Como uma idiota, inclusive sacudi a estúpida coisa antes de guardá-la. Qualquer coisa era melhor que enfrentar minha melhor amiga.

— Como foi sua noite, querida?

Seu tom deixou claro que queria os detalhes e os queria agora.

— Bem. — Peguei as frutas e guardei em nossa fruteira. — Mmm. As maçãs parecem boas.

Ela colocou uma bandeja de frango no refrigerador e fechou a porta.

— Não. Mateo é que parece bem. — Rodeou-me. — Você ficou fora o dia todo, Evelyn. Com um cara com grandes músculos

e um traseiro capaz de romper pescoços de frangos.

— Pescoços de frangos?

Ela fez um gesto com a mão.

— É uma gíria Porto-Riquenha. Mas não tente mudar de assunto. Me conta.

— Fomos para casa dele depois do trabalho e dormimos.

— Dormiram?

Jesus, eu não conseguia mentir. Muito menos as minhas bochechas vermelhas.

— Bom, estávamos cansados, você sabe, do turno no clube. Não acreditaria no comportamento de alguns desses loucos bêbados. — Guardei a alface na nossa pequena dispensa.

— Isso é tudo o que você tem para me dizer? — Seu sorriso diabólico voltou, quando viu meu rosto corar.

— Ele te deixou nua?

— Lourdes!

— Vocês fizeram. — Assinalou. — Sabia que iriam fazer.

— Não fizemos. — Seu sorriso se congelou. — Eu não fiz sexo com ele. — Bom, ao menos não no sentido bíblico.

Ela arrancou um pacote de cenouras das minhas mãos. — Está me dizendo que voltou para a casa de Mateo, e vocês não

foderam como animais?

— Animais?

— Fique quieta, Evelyn. Mateo é muito gostoso! — Tentei recuperar as cenouras.

Ela as segurou com força.

— Quente, Evelyn. HOT: Homem com H maiúsculo, sim quero lambê-lo. O: O querido Deus, faça isso mais duro. T: um Tesão.

Lutamos pelo saco de cenouras, rindo.

— Sua habilidade para soletrar é incrível — eu disse. — Sua mãe sabe que você consegue soletrar assim?

Lourdes tentou golpear meu quadril.

— Evelyn. Sou a maior lésbica do planeta, e inclusive eu quero ter um bebê de Mateo!

Grunhi, tentando tirar as cenouras. Merda, ela era forte.

— Se fosse assim, por que eu tive que te resgatar da escada de incêndios, para correr do filho da puta?

Ela rasgou o saco, derrubando as cenouras.

— Isso foi diferente. Lisa tinha acabado de terminar comigo e eu estava vulnerável. — Comecei a rir e a ajudei a recolher as cenouras. — Mas esquece do filho da puta — continuou ela. — Por

que não fizeram? Sei que você gosta dele. E droga, eu vi a forma como vocês se olhavam.

— Eu não estava pronta. — Atiramos as cenouras no cesto, a diversão de nossa briga desvanecendo-se lentamente. — As coisas estavam indo um pouco rápido, sabe? Fui de estar assustada em beijá-lo a estar nua com ele em, tipo, duas semanas.

Lourdes só ficou me olhando.

— Você ficou nua com Mateo e não começaram a fazer bebês?

Pensei que ia começar a pegar fogo. Lourdes não esperou que eu respondesse. Em vez disso, me passou um pequeno pote de sorvete Ben & Jerry's Chunky Monkey do refrigerador e logo agarrou um de chocolate para ela. Pegou duas colheres e fomos para a sala de estar.

— Fala agora — ela disse quando me sentei. Afundei minha colher, sabendo que não tinha como fugir.

— Nos beijamos. Muito.

— Ele também estava nu?

Pensei nele estendido sobre a cama e eu me ajoelhando. Lambi minha colher. — Sim.

— E ele estava de boa, com essa coisa de não transar? — Esperou a resposta com sua colher na mão.

— Ele queria.

— Obviamente.

— Sim, mas não me pressionou e me deixou tomar a decisão.

Ela lambeu seu sorvete.

— Você se dá conta de que isso deixa ele muito mais atraente?

— OH, sim. Eu sei.

— Mas mesmo assim... não fizeram sexo.

— Eu não podia Lourdes. — Mexi meu sorvete, pensando nas coisas. — Foi difícil não fazer. Especialmente depois do que ele fez pra mim.

— Depois do que ele fez pra você?! OH Evelyn, finalmente teve um orgasmo?

Mordi o lábio inferior e girei a cabeça.

— Sim, vários.

— Santa. Merda.

Minha mão apertou meus olhos. — Eu sei! Não sabia que podia ser assim.

— Ele caiu de boca em você, não foi?

— Lourdes!

— Eu sabia. — Ela riu. — Retribuiu o favor, pelo menos?

Raspei um pouco de sorvete do pequeno pote.

— Só digamos que eu deixei ele satisfeito algumas vezes.

— Algumas vezes?

Continuei tirando o sorvete com a minha colher, como se minha vida dependesse disso. — Sim.

— Vocês tomaram cuidado?

— Usamos camisinhas, visto que... ah, não me senti bem descer lá sem uma, até que eu saiba que é seguro.

Lourdes inclinou o queixo.

— Então ambos foram até a cidade, mas não chegaram a Vila do Sexo?

Deixei de sorrir.

— Não. Não consegui.

— Por que não, querida? Já fez tanta coisa com ele.

— É difícil, principalmente porque não houve ninguém desde Donovan. — Ela franziu suas finas sobrancelhas.

— Esse pequeno imbecil realmente brincou com sua cabeça, né?

— Sim. Mas não foi tudo culpa dele. — Recostei no sofá. — Minha vida é diferente do que era pra ser. Você sabe isso.

— Sei, mas nenhuma dessas merdas foi real, Evelyn. — Ela xingou quando uma parte de seu sorvete caiu em seus jeans. — Se fosse, o porco sem bolas não teria te expulsado e te deixado sozinha. — Limpou a sujeira. — Todos na sua vida se foram. Ele sabia disso e seus pais estúpidos e amigos perdedores também. Você não era uma estranha para esses idiotas. Não deveria ter precisado da minha avó para te salvar.

— Eu sei. E você tem razão. Mas levou muito tempo para aceitar que esta é minha nova realidade. — Meu olhar caiu sobre meu pote de sorvete meio vazio. — Conheci Donovan quando tinha seis anos, na escola, depois que nossos pais nos apresentaram. Ambos provínhamos de dinheiro e linhagens legendárias. Nossos pais também compartilhavam os mesmos pontos de vista políticos e estávamos associados com altos funcionários do governo. Brincavam sobre nós indo ao baile de formatura e nos casando. Então, você pode imaginar como enlouqueceram quando começamos a sair no primeiro ano.

Lourdes se acalmou enquanto escutava. Ela era provavelmente a amiga mais verdadeira que tive e que sempre terei, e mesmo assim, sabia muito pouco sobre mim. Tentei sorrir, mas não consegui.

— Ambos caímos na armadilha também, sabe? Começamos a falar de ir à universidade juntos, nos casar e fazer bebês que

continuariam nosso estimado patrimônio. — Parei de comer e coloquei meu pote na mesa. — Virou algo mais do que nossas famílias esperavam. Virou algo que ambos acreditávamos que aconteceria. Dei a ele minha virgindade. E tenho certeza que os pais dele sabiam disso. — Olhei pra ela. — Mas não me tornei uma puta aos olhos deles até que meu pai cometeu desfalque e perdeu tudo, desonrando o nome Preston e se matando, como um maldito covarde.

— Isso não tem nada a ver com você, Evelyn. Você tinha dezoito anos. Eles eram pessoas maduras que deveriam saber que não deviam pôr essa culpa sobre você.

— Sei o que está dizendo, Lourdes e eu concordo... agora. Mas também está falando como alguém que não conhece como as coisas funcionam. Há muita pressão entre as pessoas ricas sobre permanecerem ricos e no poder. Nada importa, a menos que faça isso. Não reconhecia realmente a profundidade desse mundo, até que deixei tudo pra trás, sobretudo porque a pobreza não fazia parte da minha vida. Mas agora faz. E por causa disso, os pais de Donovan não poderiam deixar que seu filho perfeito se casasse com alguém que já não era mais importante. — Meu punho fechou involuntariamente. — E por mais que Donovan tenha lutado no inicio, não demorou muito tempo para que concordasse com eles.

Lourdes estava completamente imóvel.

— Ainda dói. As atitudes das pessoas que eu acreditava que me amavam, machucam: meus tios, os pais de Donovan e até

mesmo Donovan. Mas tive que passar por essa merda para ver que você tinha razão. Nunca foi real.

O silêncio caiu entre nós. Quando não parecia que fosse dizer algo mais, Lourdes falou.

— Isso não explica porque você e Mateo não fizeram sexo. Por que não fez sexo com ele, Evelyn? É óbvio que você o deseja.

Minha voz tremeu.

— Parte disso é que realmente necessito que seja real. E não só alguém esperando para me jogar fora quando tudo acabar. — Considerei o resto, mas era difícil de dizer, especialmente porque me confundia e me assustava.

— Tem mais alguma coisa?

Fiquei olhando, incapaz de falar. Os olhos de Lourdes se arregalaram e ela se apressou em me abraçar fortemente contra ela. Desta vez a abracei igualmente apertado.

— Querida, você está tremendo. — Sua expressão estava angustiada. — O que aconteceu? É sobre o sexo? — Não me movi. Porque ela tinha razão. — Evelyn... só me diga do que você tem medo.

Meu sangue pulsava com força por minhas veias enquanto lutava para clarear meu medo. Era difícil descrever algo que nem mesmo eu podia entender.

— Querida?

Deus, eu me sentia estúpida. Mas se podia contar pra alguém, era pra Lourdes.

— Tenho medo que doa.

— Fisicamente?

— Sim. — Deixei cair minhas mãos e as esfreguei apressadamente contra meus shorts curtos. — Não posso explicar, Lourdes. Mas eu tenho medo de que quando ele empurrar dentro de mim, vá causar uma dor terrível, que vai ser ruim e... me fará chorar. — Como se fosse um sinal, minhas lágrimas começaram a fluir.

Lourdes me abraçou outra vez.

— Mateo te machucou quando esteve com ele?

Deixei cair minha cabeça contra seu ombro. — Não. Tudo o que ele fez foi bom.

— Então por que você pensa isso? — Minha voz continuou tremendo.

— Não sei o que está errado comigo, Lourdes. Há algo sobre fazer sexo que me apavora...

Capítulo 14

O grupo de estudantes de enfermagem do primeiro ano que foi pego colando foi suspenso, mas o resto de nós também pagou por isso. Nossos professores ficaram mais exigentes e nossa carga de trabalho duplicou. Suspeitava que o departamento começou a duvidar de todos nós e queriam ver quem realmente pertencia ao local.

Obrigada, idiotas do primeiro ano.

O que aumentou meu estresse foi a falta de sono. Pesadelos me perseguiam. E logo que nosso apartamento escurecia, não conseguia ficar quieta. Inclusive com a luz do abajur, ficava muito assustada. Não dei importância, atribuindo isso ao estresse. Mas algo continuava me incomodando, advertindo que era algo mais do que a faculdade. Trabalho extra não deveria provocar sonhos onde mãos me tocavam sem minha permissão e uma voz me advertia que não gritasse.

Revisava as fechaduras das portas e janelas obsessivamente quando chegava à noite. A única coisa que parecia me consolar era a voz profunda de Mateo, quando me ligava para dizer boa noite. Devido aos nossos compromissos, só tínhamos falado brevemente por telefone durante a semana. Mas quando chegava o fim de semana, passava minhas noites com ele.

Os pesadelos ainda vinham quando estava com Mateo, mas ele me ajudava a ficar calma e dormir de novo, ou simplesmente me tranquilizava com sua presença.

— Ninguém vai te machucar enquanto estiver aqui — ele dizia quando eu despertava assustada. E eu acreditava. Mateo... não sei, só fazia que tudo fosse melhor.

Depois de algum esforço, duas semanas depois, ele e Ant conseguiram lugares para as eliminatórias. Agora, os fanáticos do Philly estavam incrivelmente hostis, especialmente quando confinados em um estádio abarrotado de fãs do Nova Iorque e, santo inferno, como é que não ficaram loucos quando o jogador do Mets agrediu um admirado jogador do Philly, com uma bola na virilha no final do jogo .

Pareceu um acidente, a meu ver. Mas para os fãs do Philly, isso não importou. Queriam sangue e continuaram procurando, mesmo depois que o Philly conseguiu a vantagem e ganhou o jogo.

Os fortes braços de Mateo se envolveram ao meu redor enquanto saíamos de nossos assentos e nos movíamos até os

degraus. O Grande Chris, Dee, Ant e Noelle seguiram atrás de nós. No momento, Ant e Noelle estavam juntos. Ant tinha aceitado o compromisso. Era isso ou Noelle tinha decidido que os bebês afro-ruivos com sardas eram bonitos.

A primeira rajada de ar frio nos golpeou quando alcançamos o nível da rua. Estremeci contra Mateo. Apesar da multidão amontoada ao nosso redor e seu braço me pressionando fortemente contra ele, eu estava congelando. Era minha própria maldita culpa por usar uma camisa tão fina e tentar ficar linda. Mateo tirou seu casaco e me ofereceu.

— Pegue, Evie. Vista.

Apertei o casaco contra mim. — E você?

— Estou bem. Simplesmente vista.

Ele riu quando o fiz... as mangas passavam muito além de minhas mãos.

— Estou ridícula — eu disse.

— Não, você está sexy. — Me puxou para ele e me beijou. Mas então, sua atenção foi para frente.

— O que houve?

— Briga.

Um fã dos Phillys e um dos Mets estavam nisso. Não demorou muito para que seus amigos se unissem. Mateo me

protegeu ao seu lado, andando sorrateiramente através da multidão.

— Foda-se! — gritou o Grande Chris a algum perdedor que tentou empurrar Dee. Chris golpeou o cara tão forte que o idiota levou vários segundos para levantar.

Dee afastou o Grande Chris; também Ant, que puxou Noelle.

— Não comece essa merda, Chris — disse-lhe Ant. — Não tenho dinheiro para a fiança, cara.

O tom de Ant era todo negócios, mas o foco do Grande Chris permaneceu unicamente em Dee. Ele deu uma olhada para os braços magros ao seu redor, e logo olhou seu rosto estupidamente assombrado. Dee não se deu conta de seu repentino interesse, mas eu sim. Me perguntei por quanto tempo ele tinha mantido uma paixonite por ela.

— O que aconteceu? — perguntou Teo quando me pegou olhando de volta para eles.

— Nada... ainda — respondi.

Conseguimos chegar inteiros em seu Explorer, quando mais fãs enlouquecidos começaram a correr no meio da crescente multidão e seguranças saíram de todas as direções. Dee ignorou o caos ao redor e pôs sua cabeça para frente.

— Teo, poderia me deixar primeiro? Tenho que pegar Glori na casa da minha mãe.

— Claro. — Seus olhos se dirigiram para o espelho retrovisor. — Noelle, onde vai ficar esta noite?

— Com o Ant.

Ele assentiu.

— Tudo bem. Primeiro Dee, depois você, e então deixarei Evie e o Grande Chris.

Mateo seguiu o tráfego, lutando para sair do estádio. Minhas aulas não começavam até às dez da manhã seguinte. E embora estivesse pronta para elas, queria adiantar os estudos para poder ver Teo outra vez na noite seguinte. Íamos sair para comer e talvez ver um filme depois.

Ainda não tínhamos feito sexo, do tipo real, esse no qual ele ficaria dentro de mim. Embora tivesse me dado os resultados de seus exames pouco depois que lhe mostrei os meus. A ideia de seu pênis dentro de mim continuava me assustando. Nem Lourdes nem eu conseguíamos descobrir o motivo disso. Ou o motivo de ter conseguido fazer com Donovan e não com ele.

Comecei a me preocupar que Mateo me visse como uma provocadora e tinha falado com ele. Ele sorriu com paciência, me assegurando que nós só faríamos quando eu estivesse pronta. E embora não lhe disse quão assustada estava, pensei que ele podia sentir.

A paciência de Mateo só me deixou mais apaixonada por ele.

Donovan nunca foi doce, protetor ou interessado em algo que tivesse para compartilhar ou dizer. E se Donovan tivesse me dado o casaco de suas costas, teria sido mais pra aparentar ser cavalheiro e um membro bem-educado da alta sociedade. Mateo tinha feito só para me manter quente.

Algo a respeito de seu simples gesto e como tinha me conduzido com segurança através da furiosa multidão me afetou. Foi como se algo finalmente fizesse um clique, me dando a coragem para levar as coisas ao próximo nível. Inspirei com dificuldade e coloquei minha mão em seu ombro.

— Pode me deixar por último?

Ele me encarou durante um segundo. Isso o deixaria mais longe do caminho. — Como quiser, Evie.

Provavelmente, pensou que queria passar um tempo a sós com ele na minha casa. Não, eu simplesmente necessitava de um pouco mais de tempo com ele, para ver seu sorriso, para ver como esses olhos me olhavam. E para me lembrar de que não havia nada me mantendo afastada dele, exceto meu medo estúpido.

Mateo não criava os pesadelos. Ele não tinha me machucado, como as mãos cruéis em meus sonhos. E jamais o faria.

Ele primeiro deixou a Dee, depois o Grande Chris. Finalmente, quando Ant e Noelle saíram com pressa, rindo de algo

que Ant disse, ficamos sozinhos.

Mateo colocou seu carro no estacionamento de Ant. Girou em seu assento, os ângulos de sua expressão afiados com preocupação.

— O que aconteceu?

Olhei para frente por um momento, sem saber se podia encará-lo nesse instante. De algum jeito, consegui.

— Quero passar a noite com você.

Nossos horários noturnos nos permitiam passar juntos as últimas horas da noite e parte do dia. Mas, nunca tinha ficado uma noite completa. Mateo sabia o que eu estava dizendo.

Ele brincou com uma mecha de meu cabelo.

— Tem certeza?

— Tenho.

Parecia vacilante e mexeu sua mandíbula.

— A oferta ainda está de pé, Evie. Pode dizer não, em qualquer momento que desejar.

Neguei lentamente com minha cabeça.

— Não vou dizer não.

Mateo tomou seu tempo dirigindo ao seu apartamento. Em vez de tirar minha roupa, sentou-se na cama e me colocou em seu

colo. Seus dedos acariciaram meu cabelo, seu olhar procurando meu rosto até que caiu em meus lábios.

Me inclinei para ele e o beijei. Sua resposta foi lenta, a princípio. Suspeitei que estivesse me dando tempo para que eu mudasse de ideia. Mas eu não ia, e precisava mostrar isso a ele.

Minhas mãos se apressaram a desabotoar e baixar o zíper de seu jeans, deixando claro que eu queria mais que sua boca na minha. Obviamente, era a afirmação que Mateo necessitava. Ele arrancou minha camisa e meu sutiã, atacando meus peitos e puxando os mamilos com os dentes.

O rosnado forte que ele deu, enquanto minha mão se movia e o profundo gemido que soltou, enquanto eu passava minha língua por sua orelha, só fez meus esforços mais urgentes. Mas quando Mateo empurrou seu dedo dentro de mim fui eu quem gritou de desejo.

Tirei o restante das minhas roupas e o ajudei a sair das suas. Quando estávamos nus, minhas mãos retornaram a ele, abraçando-o enquanto caíamos na cama. Mateo retirou seus dedos. E, por um momento, apenas nos beijamos e passamos nossas mãos sobre a pele quente um do outro.

— Está pronta? — ele perguntou, seus olhos queimando nos meus e sua mão enorme deslizando pelos meus seios. — Eu quero ouvir você dizer.

— E eu quero você dentro de mim — sussurrei, mantendo-o

perto.

Então me beijou com força, primeiro minha boca, logo os seios, depois minha barriga. Recostou meu corpo ao longo da cama e enterrou sua cabeça entre minhas pernas, chupando, provando, me golpeando rapidamente com sua língua, fazendo meu corpo sacudir e gritar seu nome.

Lágrimas se derramaram de meus olhos e meus quadris moeram contra ele, até que ele levantou minhas coxas em seus ombros em um movimento rápido. Puxei os lençóis loucamente e me estiquei quando cheguei ao orgasmo. Já não estava mais pedindo sexo para Mateo. Jesus Cristo, eu estava implorando.

Mateo me baixou na cama e subiu sobre mim, separando minhas pernas. Seus lábios roçaram contra minha garganta e ele se esticou entre nossos corpos, passando a cabeça de seu pênis duro contra minha pele palpitante. Enterrei as pontas de meus dedos em seus ombros. Deus, o que ele estava fazendo? Ele estremeceu contra mim, empurrando, mas sem entrar completamente.

— Sim ou não, Evie. Me diga, sim ou não — gemeu.

Meu corpo e minha mente já não me pertenciam, a espera estava me matando de tanto que o queria. E mesmo assim, ele perguntou, me dando a oportunidade de parar e me mostrando o homem atento que era.

A princípio, não consegui falar e ele começou a sair de mim.

Mas eu precisava dele e o puxei de volta para mim, bloqueando meus olhos nos seus. De alguma forma, encontrei minha voz.

— Sim.

Ele fechou os olhos com força e murmurou um palavrão, depois voltou a deslizar sobre mim, respirando com dificuldade e sussurrando palavras suaves em meu ouvido.

Embora eu estivesse desejando e esperando por ele, ofeguei quando entrou em mim. Lenta, completa e profundamente, Mateo se empurrou dentro de mim, nos transformando em apenas um.

Meus joelhos caíram para os lados, meu corpo lhe dando boas vindas. Ele colocou seus braços ao meu lado, me observando enquanto se deslizava dentro e fora, dentro e fora, movendo seus quadris contra os meus. Soltei um palavrão, deixando ele saber o bem que me fazia.

Minhas palavras e gemidos pareciam deixa-lo louco. Cada impulso ficava mais intenso, com mais urgência. Estiquei a seu redor, tentando igualar seus impulsos enquanto minhas mãos passavam por suas costas e sua boca deslizava sobre a minha.

Foi tão duro. Tão rápido. E era o que eu precisava. Cheguei ao orgasmo duas vezes, antes de sentir sua liberação.

Ele diminuiu o ritmo enquanto terminava, respirando com dificuldade, seu corpo sólido brilhando com suor.

— Eu não quero parar. E você?

Neguei com minha cabeça. — Não.

Mateo continuou se movendo, tendo outra ereção. Ele agarrou meus quadris e virou sobre suas costas.

— Certo, baby, me ensina o que sabe.

Por um instante congelei, sem saber o que fazer. Isto era novo para mim. Tentei me mover para cima e para baixo, meus movimentos dormentes. Tentei girar, mas isso não parecia natural.

Mateo me puxou para baixo para me beijar, logo agarrou meus quadris e me guiou, me mostrando exatamente o que precisava fazer. Para frente e para trás, ida e volta, ida e volta. Levantei, enquanto o movimento se acelerou e descobri meu ritmo. Para frente e para trás... para frente e... e... *OH, Deus*.

Luxúria rasgou através de mim enquanto me movia mais rápido, mas não pude continuar. Estava vindo com muita força para me concentrar. As mãos de Mateo se apertaram em mim, continuando meus movimentos e me deixando fora de controle.

— Está com frio?

Sorri.

— Não. Só um pouco envergonhada.

Mateo passou sua mão por meu corpo.

— Por quê? As janelas estavam fechadas.

Enterrei minha cara contra seu peito quando ele riu. Sabe essas garotas loucas, que gritavam muito durante o sexo? Sim. Ao que parece, eu era a líder delas.

Meus dedos riscaram os desenhos firmes de seu peito.

— Você sabe do que eu estou falando. Não sou experiente. — Já tinha feito sexo, mas, evidentemente, não do tipo que desfrutasse ou que me permitisse brincar ou explorar.

Mateo afastou meu cabelo do rosto e seus olhos de aço de cor avelã se encontraram com os meus.

— Isso não me importa. Você é sexy pra caralho, e eu te desejei durante muito tempo.

Belisquei a ponta de sua mandíbula sem barbear.

— Eu também te desejei. — Inclinei meu queixo longe dele. — Só que estava com medo.

— De mim? — Seu tom diminuiu primitivamente. — Eu nunca faria nada que te machucasse, Evie.

— Eu sei. Não é isso.

— Então, o que é?

Não queria falar a respeito das mãos que me atormentavam e dessa dor horrível que temia sentir ao fazer sexo, especialmente quando tudo tinha saído tão bem.

— Minha última relação não terminou bem.

Seus olhos observaram meu rosto. Tinha a esperança de que ele não visse minha expressão. Mas ele viu.

— Ele machucou você? — Não respondi. A mão de Mateo roçou ao longo da curva de minha coluna vertebral. — Você não tem que se preocupar com essa merda a respeito de mim. Entendeu?

— Sim. Entendi.

Me aconcheguei contra ele, que me beijou e me manteve assim durante muito tempo, segurando meu corpo quente com o dele.

— O que te fez mudar de opinião esta noite? – Ele finalmente perguntou.

— Você.

— Ah, é? Por quê?

— É só que eu realmente gosto de você, Mateo — admiti em voz baixa. Ele ficou completamente imóvel.

— Eu realmente, gosto de você também.

Meu telefone tocou, na minha bolsa no outro cômodo. Deixei tocar porque não queria interromper o beijo que ele começou, mas então meu celular continuou tocando várias vezes. Alguns alertas também me deram a entender que tinha uma mensagem de texto.

Depois outra. E outra, depois dessa. Gemi, sabendo quem era.

— Quem diabos está ligando? — perguntou Mateo.

— Minha avó.

— O quê?

— E minha irmã. E minha amiga. E minha companheira de quarto. Todas em um só pacote. — Sentei. — É Lourdes. Esqueci de ligar pra ela. É uma coisa que nós duas fazemos, só para nos assegurarmos de que a outra está a salvo.

Ele caiu na cama.

— Por um momento, achei que você diria que ela estava pronta pra chutar minha bunda. — Passei meu dedo sobre seu lábio inferior.

— É o tipo de coisas que você gosta?

— Baby, você já sabe o que eu gosto. — Sua mão deslizou para cima em minha coxa.

Me retorci, me afastando.

— Mantenha esse pensamento.

Ele me agarrou pela cintura quando tentei sair da cama.

— Prefiro manter outra coisa. — Ele me apertou quando me retorci. — Vamos, Evie, não me deixe.

Quando seus dentes encontraram o ponto atrás da minha

orelha, quase esqueci minha missão. Mas então o telefone começou a tocar de novo. Girei de repente, para acariciar o rosto de Teo.

— Tenho que ligar para Lourdes antes que ela ligue para a polícia, para os hospitais, para o Controle de Animais e qualquer outra pessoa que a escute.

Mateo brincou com meu mamilo, com seu polegar.

— Não demore muito.

Vi sua mão me deixar.

— Não demorarei, acredite.

Fui para a sala de estar, parando quando vi quão escura estava, apesar da pequena luz de seu quarto.

— Teo. Onde está o interruptor da luz? — Tinha esperança de que não estivesse junto à porta de saída.

— Na parede a sua esquerda. — Ele fez uma pausa. — Quer que a acenda? — Ouvi ele arrastar os pés à beira da cama.

— Não. Eu estou bem.

A luz iluminou a área quando acendi o interruptor. Deixei escapar um suspiro, agradecida que meu pânico crescente desapareceu rapidamente. Corri até minha bolsa, que estava na cozinha. Meu Deus, fazia muito frio aqui. Tirei meu telefone quando começou a tocar de novo. Meu primeiro erro foi responder.

O segundo foi retornar à cama com meu telefone.

— Olá?

— Onde, cacete, você está? Disse que estaria de volta depois da partida.

Mateo nos cobriu com a manta.

— Sinto muito, Lourdes. Decidi ficar com Mateo esta noite.

Seu leve conflito foi seguido por...

— Por todas as sagradas bolas de merda. Finalmente fizeram sexo!

Cobri a base de meu telefone quando Mateo começou a rir, logo retirei minha mão só para gritar.

— Lourdes!

— Foi bom?

Mateo sorriu, esperando que respondesse. — Foi? — perguntou ele.

— Não vai me dizer? — Exigiu ela. Olhei de relance para Mateo.

— Jesus, Lourdes!

— Para mim parece que foi duro e sujo. Ele se parece com um cara desse tipo, duro-e-sujo.

Tentei ir para outro cômodo. Mateo me arrastou de volta - sem parar de rir - e me levou para cama.

— Lourdes, ele pode ouvir você!

Ela fez uma pausa e logo se zangou.

— Evelyn, você está no viva-voz?

— Não!

— Sabe que odeio que me coloquem no viva-voz, Evelyn!

Como diabos, me converti na vilã do filme?

— Lourdes, não estou no viva-voz!

— Então, como é que ele pode me ouvir, Evelyn?

— Porque você está falando muito alto! — Outra pausa.

— Não falo tão alto assim! — disse ela, na defensiva.

Coloquei minha mão sobre os olhos, me unindo a Mateo em sua risada.

— Sim. Olha, verei você em casa amanhã, depois da aula.

— Certo. Mas me manda uma mensagem se decidir transar de novo. Assim, vou saber que você está bem.

Cobri meu rosto com os lençóis, ruborizando rapidamente.

— Está bem, Lourdes.

Mateo me agarrou pelos tornozelos e me puxou para o final da cama.

— Vamos. Vamos te dar mais coisas para contar a Lourdes amanhã.





Capítulo 15

Minha professora de psicologia, a Sra. Harte, caminhou frente à classe com o rosto presunçoso, enquanto continuava com sua aula.

— Sei que isto pode parecer surpreendente, mas a cada dois minutos alguém é agredido sexualmente nos Estados Unidos — ela disse. — De acordo com o RAINN, a Linha de Ajuda Nacional Online do Abuso Sexual, quarenta e quatro por cento das vítimas têm menos de dezoito anos e oitenta por cento têm menos de trinta.

Tudo bem, isto era algo que eu não queria discutir, especialmente depois de ter compartilhado semanas maravilhosas com Mateo.

Uma estudante ao meu lado levantou a mão.

— Quantas vítimas conhecem seu atacante? — perguntou. — Minha professora agitou um folheto do RAINN antes de responder. — Duas de cada três.

A turma se surpreendeu coletivamente. Retorci-me incomodada e olhei para o relógio da parede. Jesus, quando ia

acabar esta aula? Lourdes tinha aproveitado suas aulas de psicologia. Eu? Não podia esperar que o semestre acabasse. Algumas coisas na vida eram escuras. Muito escuras. Eu necessitava de luz, não de mais coisas horripilantes, que me mantinham acordada e assustada a noite.

Nas últimas seis semanas eu estive abatida. Entre trabalhar no clube, me manter em dia com os trabalhos e ter tempo para estar com Mateo, o que eu mais precisava era dormir. Inclinei a cabeça contra minha mão e fechei os olhos, desejando que todo meu estresse desaparecesse.

Não tenha medo, sussurrou uma voz distorcida. Levantei a cabeça bem a tempo para ver a estudante de enfermagem que se sentava na minha frente deixar a sala com sua bolsa de livros protetoramente contra ela.

A Dra. Harte a observou partir, sua voz estava quebrada pela tristeza.

— Este não é um tema fácil, se alguém precisar de um descanso, pode ir sem problemas.

— Poderíamos mudar de tema? —alguém perguntou. Ela virou para observar as filas de assentos atrás dela, com uma expressão angustiada. — Quero dizer, talvez ajude. Esta merda é perturbadora.

— Poderíamos — disse a professora, ignorando sua escolha de palavras. — Mas isso não muda o que está acontecendo. Como

mulheres, somos vulneráveis. Mas os homens e os meninos não são imunes. Segundo os estudos do RAINN, um de cada seis homens serão vítimas de abuso sexual e um de cada dez meninos será abusado sexualmente antes de completar dezoito. — Caminhou para sua mesa. — Este não é o melhor dos temas. Mas é nossa realidade e uma que não podemos ignorar. O conhecimento e a consciência são a melhor forma que temos para nos proteger e proteger as nossas crianças.

— Às vezes não podemos — disse a mesma pessoa de antes.

— Não. Às vezes não podemos. — Ela ofereceu à classe um sorriso. — Mas terá que lembrar que não importa o que aconteça, a única culpa é do atacante...

Não grite. Arregalei os olhos. Eu conhecia a voz que estava na minha cabeça... nas minhas lembranças. Mas não sabia o porquê.

Não grite, insistiu com mais firmeza.

Fechei os olhos fortemente, minha respiração doía, minha pele estava terrivelmente fria. A voz me atiçava e me empurrava, exigindo que a escutasse. Eu não queria. Assim, abri os olhos e tentei me centrar.

A Dra. Farte tinha umas cópias do folheto do RAINN. Olhei para o folheto enquanto lia as advertências em voz alta. Embora tampouco quisesse escutá-las, tentei. Sua voz era muito melhor

que a voz fantasmagórica de minha cabeça.

— Sempre temos que estar atentos ao nosso arredor e sobre quem está perto. Saber onde estamos e quem pode nos ajudar em uma situação perigosa. Evitem zonas isoladas, senhoritas. Ninguém pode ajudá-las se estiverem sozinhas.

Ela olhou por cima do folheto de forma cuidadosa, sem deixar o olhar sobre alguém por muito tempo.

— Caminhem com atitude. São da Filadélfia. Sei que todas têm essa confiança em si. — Seu sorriso se desvaneceu apesar de algumas estudantes terem dado risada. — Inclusive, se não souberem aonde vão, ajam como se soubessem. Os alvos dos atacantes são aqueles que se consideram vulneráveis e aos que se têm fácil acesso. Façam o que tiverem que fazer para se sentirem seguras.

Ela cruzou entre as filas de assentos enquanto lia.

— Confiem sempre em seus instintos. Se algo não parecer bom ou seguro, provavelmente não é. Além disso, não andem com muitas coisas. Precisam de suas mãos livres, caso precisem se defender...

— Não lute contra mim — Meu corpo tremeu e meus olhos me queimavam. Merda. Por que está acontecendo isto?

A atenção da Dra. Farte passou pela classe, detendo-se em mim quando voltei a respirar fortemente. Baixei o olhar, minhas

ações implorando para que ela recuasse.

Felizmente, ela fez. Mas, inclusive quando escutei seus passos voltando em direção a sua mesa, não levantei a cabeça.

— Sei que todas têm celulares — continuou a Dra. Farte. — Carreguem sempre com vocês e sempre carregado. Também vejo que são estudantes pobres e famintas e às vezes pensam que seu dinheiro deveria ser gasto com umas cervejas e batons. Mas sempre deveriam levar ao menos vinte dólares na carteira ou no bolso, cada vez que saírem. Podem utilizar para um táxi se precisarem de uma carona segura para casa.

Ela também disse algo mais a respeito de usar só um fone de ouvido quando caminhamos, assim ficamos mais alertas daquilo que nos rodeia, mas sua voz ia e vinha. Me belisquei, tentando sair desta montanha de medo quando a Dra. Farte baixou seu folheto do RAINN.

— Nunca estejam sozinhas com alguém que não conheçam ou em quem não confiem. Não posso enfatizar isso o suficiente. E se tiverem medo, provavelmente o terão por alguma razão.

Ela olhou para o relógio. Eu poderia ter chorado. Ainda faltavam vinte minutos da maldita aula. A Sra. Farte recolheu suas coisas.

— Vamos terminar aqui. Verei vocês na quinta-feira.

Todo mundo recolheu suas coisas. Tirei minha mochila de

debaixo da minha mesa, onde ninguém poderia ver minhas mãos tremerem. Quando finalmente me levantei, todo mundo já tinha saído, exceto a Dra. Farte, que sorriu para mim, amavelmente.

— Você está bem, Evelyn?

Tentei encolher os ombros.

— Só assustada pelo tema. É um mundo que dá medo, sabe?

— Sei.

Ajustei minha mochila sobre o ombro esquerdo. Ela continuou esperando diante de mim.

— Vamos passar logo ao tema da esquizofrenia? — perguntei. — Tenho algumas perguntas sobre isso. — Realmente não tinha. Mas suponho que ela não percebeu.

— Estudaremos desordens mentais na próxima semana. — Ela estendeu um cartão de visita pra mim. — Tenho uma clínica privada, onde ofereço ajuda grátis a meus alunos. Se alguma vez precisa conversar, me chame.

Fiquei olhando o cartão, mas não o peguei. Aceitá-lo era como admitir que algo não estava bem. E nada poderia estar mal agora. Tinha muito o que fazer. Além disso, se consegui aguentar quando encontrei meu pai morto, poderia aguentar tudo.

Continuava dizendo isso para mim mesma. Sai de perto dela e tentei sorrir. — Não preciso conversar, mas obrigada.

Saí sem dizer outra palavra e a Dra. Farte não me deteve.

Meus olhos se moviam para todas as direções em meu caminho até à saída. Não conseguia impedir a sensação de que alguém estava me observando, esperando para me fazer mal. Corri para meu carro emprestado e travei as portas rapidamente, ligando o motor, ansiosa por deixar o campus para trás.

A voz, estranhamente familiar, me deixou tão rapidamente como chegou. As palavras da Dra. Farte e a aula eram uma história diferente. Seguiram-me todo o caminho até a casa de Mateo.

Não conseguia parar de tremer e culpava o dia frio de novembro. Com os dedos, aumentei a temperatura do ar quente do Explorer de Mateo. O verão se estendeu até outubro. Mas agora já tinha ido. As folhas que caíam dançavam na minha frente, enquanto entrava no caminho da casa de Elaine.

Cumprimentei ela ao passar. Ela sorriu e acenou de volta, com as mãos cheias de mantimentos. Pensei em parar e lhe advertir sobre ter as mãos ocupadas em caso de ter que lutar contra um ataque potencial... Estremeci, tentando deixar de ser paranoica. Ela estava em casa, Mateo e eu estávamos perto se precisasse. Bom Deus, eu esperava que nada lhe acontecesse... ou a nenhum de nós.

Reduzi até parar diante da garagem. Abri os olhos de repente ao ver os restos de meu motor apoiados sobre o chão da garagem.

Mateo estava trabalhando no meu carro, arrumando coisas que não me lembrava nem como se chamavam e substituindo coisas que eu não conseguia pronunciar.

Passos a minha direita me fizeram girar. Esse sorriso que eu tanto amava me saudou antes que me envolvesse em seus braços. Abracei-o forte, lhe dando boas-vindas com meus lábios quando me beijou.

— Oi, baby — ele disse. — limpou alguma ferida desagradável hoje? — Eu ri.

— Não, Teo. Isso é só na clínica. Além disso, hoje tive aula de psicologia.

— Mmm. O que você está fazendo aí com o meu motor?

— Estudando desordens. — Apontei meu motor, tentando distrai-lo.

— Ele morreu?

— Não. Só precisa de uma cola.

— Foi o que pensei.

Ele riu, sabendo que eu estava mentindo. — Vamos, tenho que treinar.

Segui-o até a garagem, para a área onde mantinha sua academia. Tirou a camiseta e se posicionou para fazer levantamentos. Sentei num velho sofá e apertei o cronômetro do

meu celular.

— Está bem, vamos.

Mateo começou suas repetições, seus movimentos rápidos, forçando os músculos com cada movimento. Fiz uma pausa só para vê-lo, antes de pegar meu livro e material de estudos. Quando terminou com seus levantamentos, mudou para agachamentos e depois para abdominais. Podia conviver com os agachamentos, mas os malditos abdominais me paravam o tempo todo. Ele se inclinava em um bom ângulo e logo puxava para cima, golpeando um lado e o outro. Gancho de esquerda, golpe superior, impulso, cada movimento esticando as protuberâncias de seus braços e endurecendo seu já rígido abdômen.

Reduziu a velocidade quando viu que eu estava babando nele.

— Ev, não me olhe desse jeito.

— Não sei o que quer dizer — disse inocentemente, embora meu sorriso zombador dissesse outra coisa.

Ele deslizou para fora de seu banco, rindo.

— Espera um momento até que eu termine, doce menina.

Obriguei-me a folhear meu livro de psicologia quando ele foi malhar no saco de arreia. Me surpreendeu que o saco ainda fosse utilizável. Mateo o destruía quase que diariamente. Uma fita adesiva juntava a maior parte dos grandes rasgos, mas estava

voltando a se despedaçar.

Mateo chutou, alto e baixo, misturando golpes que eram tão fortes que podia sentir as vibrações através do chão e ruidosos para ter que tapar meus ouvidos. Embora seu oponente não lhe devolvesse os golpes, era a única parte do treinamento que era difícil de olhar.

Tão suave como era comigo, Mateo tinha muita raiva. A maior parte pelo que aconteceu com sua irmã caçula, Sofia, e raiva do seu pai, vi rastros de sua raiva escapar. Explicava sua agressão para os idiotas bêbados no Excess e o porquê era tão brutal no Octógono.

Mateo passou toda uma vida com seu pai o espancando. Cada vez que ele e sua família pensavam que ele havia desaparecido, Carlos reapareceria, igualmente zangado e rancoroso, às vezes até mesmo mais do que a última vez que o tinham visto. Teo nunca falava dos detalhes, exceto de vez em quando, deixava escapar algo quando estávamos na cama, falando em voz baixa depois do sexo. Mas nós dois ficávamos vulneráveis nessas ocasiões.

Li meu livro de psiquiatria e tomei notas. Trinta minutos mais tarde, quando ele foi para a esteira, eu estava pronta para iniciar os testes escritos. O rugido constante da esteira aumentou até que ele terminou de correr. Essa era a resistência que eu simplesmente não tinha. Se ele de repente passasse a ter interesse por sair com uma corredora de maratona, eu teria problemas.

Felizmente, ele parecia gostar das pequenas aspirantes a enfermeiras.

Essa rotina de estudar enquanto ele treinava começou pouco depois que demos nosso último passo de intimidade física. Ajudou-nos a passar tempo juntos, que normalmente não teríamos. Eu realmente gostava muito do nosso tempo e acreditava que ele também. Só desejava ter um material diferente de estudo no que me concentrar.

Brinquei com minha caneta quando terminei de preencher as respostas de meu teste escrito, meus olhos passando sobre as palavras. Violação. Penetração. Abuso sexual. Incesto.

Meu estômago retorceu brutalmente. Fechei o livro. Estas malditas discussões não tinham feito nada mais que alimentar meus pesadelos.

Cada vez que dormia, as imagens se tornavam piores, eram mais gráficas e frequentes. Não as entendia. Não tinham sentido. Mãos. Mais que nada recordava as mãos que me tocavam sem permissão e davam passo a essa dor entre minhas pernas. Quase tão mau quanto o medo paralisante que traziam esses toques. Às vezes despertava gritando ou tremendo tão violentamente que Mateo levava muito tempo para me acalmar.

— Estou contigo, baby — dizia-me. — Não tenha medo. Nunca deixarei que ninguém te machuque.

Me assustei quando Mateo sentou ao meu lado e pegou sua

toalha.

— Está tudo bem?

— Sinto muito, minha cabeça estava em outro lugar. — Seu rosto demonstrava preocupação.

— Posso ver.

O que quer que ele tenha visto em minha expressão o preocupou. Assim tratei de distrai-lo uma vez mais. Meus dedos deslizaram sobre sua têmpora onde o suor fazia uma linha até seu queixo.

— Realmente se esforçou hoje. — Sua atitude séria me advertiu que algo estava acontecendo.

— Tem outra luta logo?

Não respondeu.

— Duas?

Esfregou minhas costas, sabendo que estava preocupada.

— Três. Todas na semana que vem. — Encolheu os ombros. — As apostas são altas de novo. Não tenho escolha.

Merda. Eu realmente não gostava disto.

— Como vai lutar três noites e o trabalho no clube?

— Ant e o Grande Chris vão cobrir meus dias. Minha mão

baixou lentamente.

— Teo, gostaria que não fizesse isso.

— Sei que você não quer que eu lute, Evie. Mas é a forma como faço dinheiro para minha mãe e irmã.

— Elas sabem como você consegue esse dinheiro?

— Não e nem vão saber.

Cobri meu rosto.

— Deus, Teo...

— Não quero brigar por isso, especialmente com você. Mas aí fora não há nada para um cara como eu. Esse ano que perdi na prisão me custou muito. Já não sou assim tão jovem.

— Mateo, você só tem vinte e três anos.

— Isso é muito velho para começar num ring de MMA real, especialmente vindo de baixo. Sem um patrocinador, eu teria que pagar por tudo. E onde deixaria a minha família?

— Não estou dizendo para não ajudar sua família. Mas deve haver outra maneira. Você é capaz de muito mais do que lutar. Queria que pudesse ver isso.

Ele se inclinou para frente, apoiando seus cotovelos em suas pernas. — Evie, eu não sou você. Nunca vou à universidade ou a grandes empresas.

Merda. O deprimi totalmente sem querer. Meus braços foram para o seu pescoço.

— Não me importo com isso. Mas você é um líder natural. É inteligente, organizado e é forte. — Minha voz se suavizou. — E quando digo forte, não estou falando de sua habilidade para lutar.

Mateo não disse nada por um longo momento. Espero que tenha pensado no que havia dito. Não tinha certeza. Sua expressão tensa era difícil de ler. Mas não queria brigar com ele e tratei de lhe dar espaço. Algo me dizia que tampouco gostava de sua situação. Mas no momento, não podia ver nenhuma outra forma de sair.

Coloquei meu queixo em seu ombro.

— Vai ver sua mãe e irmã no Dia de Ação de Graças?

Não tínhamos discutido sobre as férias. Quando estava com Donovan, nossas famílias celebravam juntas ou revessávamos entre uma e outra. Entretanto, isto era diferente. Não estava certa se Mateo esperava algo. O que eu sabia, era que não tinha me convidado para passar com ele.

— Não sei ainda. Geralmente, decido no último minuto. Meu tio Lino me quer em sua casa, mas veremos.

— Não celebram todos juntos?

Ele ficou de pé abruptamente e colocou seu casaco e então retornou ao ginásio para empilhar seus pesos.

— Não é tão fácil. As reuniões familiares tendem a ser algo fodido. O Dia de Ação de Graças é melhor, e o Natal não é muito diferente.

— OH.

Mateo se manteve de costas para mim quando terminou. Por um momento, só olhou a parede com suas mãos em seus quadris.

— Carlos se apareceu na escola de Lety.

Fiquei de pé, sem me preocupar que minhas anotações caíssem no chão da garagem.

— Ela está bem?

Mateo não se moveu.

— Não a tocou. Só apareceu bêbado e fez um escândalo. Alguns amigos dela se envolveram e chamaram a segurança. Lety estava tão humilhada que levou alguns dias para admitir quem era. Não está liberado para retornar ao campus, mas as regras nunca incomodaram Carlos antes. — Amaldiçoou. — Não achávamos que a acharia, mas como sempre, minha mãe cedeu e disse a ele.

OH, Deus.

— Lety pode tentar uma ordem de restrição?

— Não é algo que fazemos.

— O que quer dizer com ‘é algo que não fazem’?

Então Mateo me olhou, sua expressão inflexível.

— É uma coisa de respeito entre latinos. Nossos pais podem nos fazer o que quiserem. Mas não podemos lhes devolver merda nenhuma.

— Mas e se ele...

— Não importa, Evie. É assim que fomos criados, não importa quanto seja injusto. — Terminou de empilhar seus pesos, então arrastou o banco que usava para os agachamentos para o lado oposto de sua área de malhar. Ele deixou o banco cair com um forte ruído.

— E você? O que vai fazer no Dia de Ação de Graças?

Virei para minhas anotações e livros, me sentindo impotente para ajudá-lo e decepcionada de que não passaríamos as férias juntos. Mateo significava tudo para mim. Mas não estava tão segura de que eu também significasse tudo para ele.

— Geralmente Lourdes me convida para ir para casa com ela. Sua família sempre foi amável.

— Então, vai ficar bem?

Supus que teria que ficar.

— Sim. Ficarei bem.

— E o Natal?

— A mesma coisa. Provavelmente passarei com ela. — Coloquei as últimas coisas em minha mochila, pensando que simplesmente deveria ir. Mas ele ainda tinha que me levar porque meu motor estava em partes, sobre o chão sujo de sua garagem.

— Sua família celebra o dia vinte e quatro? — ele perguntou. Quando assenti, acrescentou — A minha também. A maioria dos latinos faz assim. O dia vinte e cinco tende a ser um dia tranquilo.

Brinquei com o zíper da minha mochila desgastada.

— Sim. Abrimos presentes no dia vinte e quatro depois da meia-noite e passamos a maioria do dia seguinte comendo.

Ele veio atrás de mim e enroscou seus braços ao redor de minha cintura, então pôs um beijo em minha cabeça. Seus gestos eram tão suaves que me fizeram querer chorar sobre como eu me sentia insegura.

— O que você acha de dirigir de volta e passarmos o dia vinte e cinco juntos? — ele disse. — Só eu e você.

Mordi meu lábio com força, tentando não enlouquecer. — Tem certeza de que é isso que você quer?

Mateo me girou lentamente para olhá-lo, suas sobrancelhas franzidas o suficientemente forte para escurecer seus olhos. Suspirou quando captou a tristeza de minha expressão. Tratei de escondê-la, mas Mateo nunca perdia nada.

— Baby, nunca pense que não quero passar tempo contigo. Porque eu quero. Porra, é tudo o que sempre quero fazer. Mas te levar para minha casa, simplesmente é algo que não vai acontecer.

Eu não esperava uma resposta tão franca. E me doeu mais do que poderia ter imaginado.

— É porque eu sou branca?

— Não, isso não tem nada a ver.

— Então, o que é?

Ele esperou um pouco para me responder.

— É um monte de merda. Primeiro, minha mãe não é a pessoa mais saudável, ao menos, não em sua cabeça.

Acariciei seus braços, quase assustada de perguntar.

— Ela também te machucou?

— Não, ela nunca levantou uma mão para ninguém. — Suspirou. — Isso é parte do problema.

A compreensão suavizou minha voz. — Ela já te protegeu do Carlos alguma vez, certo?

A atenção de Mateo foi em direção à casa.

— Nem a mim nem a minhas irmãs. Mas isso é só parte do problema. Ela não precisaria nos proteger se tivéssemos tido um pai que valesse alguma coisa.

Ele não teve que dizer mais nada, mas eu podia ver sua determinação indo embora. Minhas mãos deslizaram ao longo de seu peito.

— Pode falar comigo. Quero estar aqui para você — Mateo acariciou minhas costas, considerando minha oferta.

— Carlos é um fodido, Evie. Muitas drogas, muito álcool. Não sei porque é da maneira que é. Só sei que nos pune, cada vez que está zangado. — Então me olhou. — E sabe exatamente quando e como nos ferir.

Por um segundo, captei o brilho de medo em seu olhar. Não durou, mas o reconheci pelo que era. Aquele sentimento feio no fundo de meu estômago retornou.

— Está preocupado de que Carlos me faça algum mal?

Seu corpo se esticou como se estivesse preparado para atacar.

— É algo que pensei. Mas ele não sabe nada sobre você ou onde nos encontrar. Quero manter assim. — Me puxou pra mais perto dele quando viu a preocupação refletida em meu rosto. — Não quero que você fique assustada, Evie. Nunca deixarei que nada te aconteça. Juro Por Deus que não vou permitir.

— Eu sei. — Mas não estava preocupada comigo. Esperei para ver se ele continuava. Quando não o fez, perguntei — Há algo mais que queira me dizer?

Embora eu estivesse apoiando minha bochecha contra seu peito, senti quando ele sacudiu a cabeça.

— Não vale a pena continuar nessa merda, baby.

— Tudo bem. — Isto era mais do que ele alguma vez havia me dito. E parecia que tirava muito dele. Segurei ele mais perto, desejando poder tirar sua dor, como ele fez comigo. — Se alguma vez você quiser falar sobre sua família ou qualquer outra coisa, sabe que pode.

Ficamos imóveis por vários segundos. Eu gostava da forma como seu coração pulsava fortemente contra meu ouvido. Uma das mãos de Mateo deixou minhas costas para brincar com meu cabelo. Elevei meu queixo e lhe retornei o pequeno sorriso que ele me dava. Mas então, algo mudou em seu olhar.

— No que está pensando? — perguntei.

— Que estou suado e cansado. — se inclinou e beijou meu pescoço. — Se apenas tivesse uma sexy enfermeira disposta a me dar um banho de esponja.

Queria que ele esquecesse nossa conversa e sua dor. Talvez não pudesse tirar a dor de seu passado. Mas podia fazê-lo sentir melhor. Minhas unhas passaram por debaixo de seu casaco.

— OH, apenas isso.

Sorriu.

— Quer tomar um banho comigo?

— Talvez.

— Talvez? — Ele pressionou um beijo duro em meus lábios. — O que posso fazer para você mudar de ideia?

— Mmm. Talvez um pouco mais disso.

— Se isso for tudo o que precisa, posso te dar muito mais — Minhas pálpebras fecharam quando seus lábios retornaram ao meu pescoço.

— Vamos lá para cima — sussurrei, obrigando minhas mãos a ficarem quietas.

Ele levantou minha bolsa e agarrou minha mão enquanto me conduzia pelo seu apartamento. No momento em que a porta se fechou, estávamos um sobre o outro, arrancando nossas roupas do nosso caminho para a ducha.

Eu gritei e ele xingou, quando a água fria respingou em nós.

— Sinto muito, baby. — Ele me segurou e me afastou da água, enquanto ajustava a temperatura, ambos rindo.

Deixamos de rir quando ele virou para me olhar. A água escorria por seu cabelo, gotejando ao redor de seu rosto sexy e esses incríveis olhos que sempre me capturavam e me mantinham no lugar.

— Quer saber de uma coisa? – ele perguntou, suas mãos

deslizando sobre minha cintura. Assenti, incapaz de falar, presa pela força do seu olhar. — Você é a melhor coisa que já me aconteceu.

E me beijou, antes que pudesse lhe dizer o mesmo.

Corri para a cozinha um momento mais tarde quando meu telefone tocou. Mateo ficou no quarto, estirado sobre a cama enquanto pedia comida para nós.

A mensagem que recebi era de Lourdes.

Não venha para casa esta noite. Donovan veio te buscar.

Capítulo 16

Lourdes tinha gritado com Donovan, dando a impressão de ser mais louca do que se pode considerar normal. Disse que ele partiu confuso e que achava que estava na casa errada, exatamente o que ela queria. Não se atreveu a aparecer de novo. E não contei isso para Mateo. Principalmente, porque não queria que se preocupasse, mas também porque temia o que poderia acontecer. Mateo era protetor. Encontrar-se com alguém que tinha me ferido poderia resultar em um desastre.

Minhas aulas de psicologia tiveram um final feliz e dei boas-vindas às férias de inverno como uma forma de salvação. Os pesadelos ainda persistiam, mas Mateo estava ali para me segurar quando acordava sobressaltada e assustada. Sem escola, ficava na casa dele a maior parte do tempo, desfrutando de tudo o que nossa relação nos trazia e a segurança que sua presença me oferecia.

Mateo subiu em mim, seu formoso corpo nu e quente. Justo como tinha prometido, estávamos passando o Natal juntos. Era legal, ele e eu sozinhos na cama, sem nenhum lugar para ir e nada com que se preocupar.

— Olá, bonita.

Passei minha mão por seu cabelo curto. Estava começando a crescer. Eu gostava, mas amava a forma como ele estava sorrindo mais ultimamente. Ainda parecia sonolento, depois de nossa longa soneca. Me retorci debaixo dele.

— Olá querido.

— Está pronta para seus presentes?

Sorri.

— Totalmente.

Ele deslizou até a borda da cama e procurou debaixo dela, mantendo suas pernas compridas estendidas por todo o colchão. Sobressaltou-se quando raspei minhas unhas contra seu traseiro perfeito, olhando para trás.

— Está tentando começar alguma coisa, senhorita?

Sorri.

— Talvez.

Ele abandonou os presentes debaixo da cama e chegou até

mim. Rolei para longe.

— Mais tarde... eu prometo — acrescentei, quando um sorriso sexy se estendeu ao longo de seus lábios. — Vamos abrir os presentes primeiro.

— Concordo.

Gritei quando ele me deu um tapa na bunda antes de voltar para a beira da cama, rindo. Deveria ter feito outra coisa ao invés de girar meu corpo nu para meu namorado brincalhão. Sua risada ecoou com força suficiente para sacudir o colchão. Queria jogar e brincar um pouco mais, mas isso definitivamente acabaria com nosso momento de abrir os presentes e eu estava ansiosa por ver o que Mateo iria achar de seus presentes.

Minha mala estava jogada no chão. Puxei-a para mim e peguei duas caixas. Mateo colocou três presentes na cama, na minha frente. Me entregou um.

— Você primeiro.

Levantei a caixa envolta em papel com desenhos natalinos. Estava cuidadosamente embrulhada, mas o pacote tinha um laço. Vi que Mateo levou tempo e cuidado de embrulhar ele mesmo. Sorri quando tirei um boné rosa do Phillies.

— Aw. Obrigado, baby. — Pus sobre minha cabeça e me inclinei para lhe dar um beijo. — O que você acha?

Seus olhos viajaram por minha pele nua, detendo-se em dois

pontos em particular. A princípio, não disse nada. Então pegou seu celular.

— Acredito que tenho um novo fundo de tela para meu iPhone. Joguei-me sobre ele.

— Não se atreva!

— Mas Evie... é Natal... vou manter todas as partes importantes cobertas.

Lutamos pelo telefone, rindo, mas ele finalmente colocou seu celular de volta na mesa de cabeceira.

— Você não é divertida, sabia? — Agarrei um de seus presentes.

— Estou certa de que encontrarei uma maneira de lhe compensar por isso.

Diferentemente do presente de Mateo, o meu tinha laço grinalda e um montão de coisas natalinas de enfeite, todas grudadas no papel que o envolvia.

— Droga, Evie, quer que eu abra o presente antes do ano acabar?

Deitei sobre meu estômago e cruzei meus joelhos flexionados, apoiando minha cabeça em minhas mãos.

— Você tem até julho.

Ele sorriu e jogou o laço sobre minhas costas. Teve que

arrancar alguns enfeites com os dentes, e apenas rasgou a caixa ao meio.

— Você é tão viril — refleti.

Ele riu.

— Com uma certeza do caralho. — Tirou um grosso casaco de lã de cor ferrugem.

— Isto é bonito. Muito bonito. — Me beijou. — Obrigado.

Seu próximo presente para mim foi uma pequena peça de roupa íntima: uma regata transparente cor de rosa com uma calcinha fio dental que combinava. Levantei ambos e os sacudi para ele.

— Eu realmente espero que nenhuma dessas vendedoras putas tenha se oferecido para experimentar isso para você.

— Fizeram, mas elas não eram meu tipo. — Ele piscou quando eu ri. — Você vai usar isso para mim?

— Com o boné?

— Porra, sim, com o boné.

Tirei as etiquetas e me vesti enquanto Teo rasgava sua segunda caixa.

— Está perdendo alguns.

— O que? — Procurou através dos diversos laços e tirou

vários cartões de presente de iTunes. — Legal. Vou baixar algumas músicas. — Ele me beijou de novo e voltou a trabalhar na abertura do resto da caixa.

Cobri minha mão com a sua.

— Tome cuidado com este, Teo.

Ele não pareceu entender, até que tirou um cordão com pingentes de brilhante que eu tinha comprado.

— Santa Merda. — Examinou o cordão, mas logo franziu o cenho. — É por isso que você fez todas essas horas extras no clube?

Encolhi os ombros.

— Meu semestre tinha terminado. Não era grande coisa. — Pelo menos, foi isso que eu disse. Lourdes tinha ficado louca quando confessei o quanto custou o cordão. Mas Mateo sempre dava. Já era hora dele começar a receber.

— Evie, você não deveria ter gastado tanto.

Tirei o cordão dele e o pus ao redor de seu pescoço. Droga, ficou bem nele. Acariciei seu peito.

— Eu queria te dar algo bonito.

Ele tendia a observar meus movimentos quando o tocava. Desta vez, ele manteve o foco no meu rosto, sua expressão séria.

— Você precisa se preocupar com os gastos da escola — Dei-

lhe um pequeno beijo.

— Só falta um semestre. E o cordão já está pago.

— Evie...

— Só me deixe fazer isto por você, tá bem?

Envolvi meus braços ao redor dele quando me abraçou. Suas mãos deslizaram mais abaixo e ele colocou sua cabeça em meu ombro.

— Obrigado. — Ele esperou um segundo e disse: — Tenho mais um.

Me entregou uma caixa grande quando o soltei. Abri, para encontrar outra caixa menor no interior... uma que continha um bonito anel de brilhante, com um desenho complexo de rosas que rodeavam o exterior. Pequenos diamantes acentuavam o centro de cada flor. Meus lábios se separaram. Era... precioso.

Ele o elevou quando não disse nada e o colocou em meu dedo anelar.

— Eu sei que você se pergunta a respeito de outras garotas... especialmente quando tenho uma luta. Esta é minha maneira de dizer que não tem nada com o que se preocupar. Só quero estar com você. — Seus olhos aumentaram quando viu minha expressão e me atraiu para ele. — Por que está chorando?

— Só estou feliz — choraminguei.

— Você não parece feliz, baby.

— Sou uma garota. É assim que as garotas ficam quando estão felizes.

— Bom, merda... devia ter comprado um Xbox. — Meu corpo tremeu quando ri contra ele. Levantei meu queixo.

— Quer saber a verdade?

— Vai fazer te fazer chorar?

— Provavelmente.

Ele limpou o rastro das minhas lágrimas.

— Bom. Vamos lá.

— Eu acho que te amo.

A palavra com A não resultou tão bem como eu teria gostado. Mateo não disse isso. Talvez porque, além disso, tinha usado a palavra "acho". Isso era uma mentira. Eu sabia que o amava. Sabia pela forma que me fazia sorrir, cada vez que pensava nele. O problema era que, embora tivesse sido mais honesta, não estava segura que Mateo fosse capaz de me amar, sem importar quão amável era.

A infância realmente podia foder uma pessoa.

Depois de uma longa e incômoda pausa, ele me beijou e me agradeceu pelos presentes. Tivemos uma grande noite, mas algo tinha mudado entre nós. Eu não sabia se era bom ou ruim, mas

me dei conta disso durante a semana seguinte, no clube.

Excess se converteu no lugar para se estar na véspera de Ano Novo. O tema foi fantasia. E Sam, abençoado seja o coração dos bastardos baratos, realmente tinha contratado um decorador profissional para converter o clube num bosque encantado. Ramos de folhas e luzes penduradas nas vigas. Cabeças de dragões e de unicórnios apareciam das cabines e as videiras se envolviam ao redor das barras e mesas.

Os garçons, incluindo Sam, planejavam se vestir como elfos. Jace, nosso DJ, optou por ser um anjo da morte com asas negras ao longo de seu corpo. Todas as garçonetes pretendiam se vestir como fadas. Os únicos que não estavam fantasiados eram os seguranças.

— Há muita merda em potencial — disse Teo quando tinha lhe perguntado.

— Não podemos ter nada que possa ficar no nosso caminho.

Já havia uma linha formada ao redor do edifício quando cheguei, quarenta minutos antes do Ano Novo. Me apressei para dentro do clube e cruzei a pista, onde Mateo estava reunido com sua equipe.

Um minúsculo macaquinho de cor roxa formava a primeira parte de minha fantasia. Suspensórios muito finos sustentavam o sutiã em seu lugar. Os shorts curtos eram tão apertados e a malha tão fina que nem sequer podia vestir uma calcinha. Assim

eu tinha optado por meias-calças orvalhadas com purpurina, no lugar. Uma autêntica malha lavanda, que começava no meu sutiã e acabava em cima do meu joelho, servia como a parte exterior. Tinha descartado minhas botas e substituído por sandálias de salto alto, na cor prata, que davam um rebolado extra a meus passos. Pensei que se meus pés podiam aguentar as botas de puta, podiam aguentar os saltos brilhantes.

Meu cabelo solto e as asas lavanda flutuavam atrás de mim, enquanto eu escrevia uma mensagem de texto. Mateo não tinha visto meu traje de fada. Mas o notou quando cruzei com ele enquanto estava ladrando instruções a sua equipe.

— Comprovem as armas que esses imbecis trazem, mesmo se elas parecerem falsas. Cuidado com protuberâncias em... — Sua voz, normalmente focada e inflexível, sumiu, perto de mim.

— Puta que pariu — disse Ant, limpando a garganta. — Todos vocês, filhos da puta, melhor deixarem de jogar olhares à mulher de Teo. Ele não gosta disso!

Ignorei ele e enviei uma mensagem de texto para Mateo.

Pare de olhar fixamente para minha bunda.

Meus passos se aceleraram, até que abri a porta do vestiário. Um rugido de vozes me saudou. Tendo em conta que tínhamos uma incrível quantidade de trabalho pela frente, todo mundo parecia emocionado pela noite.

Noelle estava terminando a maquiagem de Dee. Dee, que estava num traje de fadas todo branco. E inferno, estava fantástica! Noelle tinha acrescentado sombra branca e azul por cima de suas pálpebras, logo fez um desenho a lápis que se parecia com as asas de mariposa quando Dee fechou os olhos. Terminou com Dee acrescentando brilho. Por algum milagre, ela parecia ter criado o mesmo aspecto em si mesma em azul escuro e verde.

— Noelle, isso está impressionante. — Pus meu pequeno bracelete no meu armário. Embora fizesse muito frio, tinha optado por deixar meu casaco, no meu novo Cherokee. Queria que Mateo visse minha fantasia por completo e esperava que gostasse. Sorri. Deixá-lo sem palavras era mais do que podia ter esperado.

— Obrigada, Evelyn. Pegue meu babyliss e ligue. Dee vai começar com seu cabelo enquanto faço sua maquiagem, se apresse, estamos ficando sem tempo.

Dee se levantou e admirou a obra de Noelle num pequeno espelho, já que as outras garçonetes estavam amontoadas no grande espelho que se estendia ao longo da parede. Ela pôs o espelho de um lado e sorriu.

— Você está bonita, Evelyn. Teo já te viu?

Meu telefone tocou quando ela perguntou. Ri quando vi a mensagem de texto de Teo.

Não estava olhando sua bunda. Estava muito distraído

por seus peitos.

Inclusive com minha fantasia, meus seios eram modestos.

— Sim. Ele me viu quando entrei.

Noelle me empurrou para a cadeira.

— Evelyn, vamos. O babyliss está preparado, garota.

Toda a prática de Noelle deu seus frutos. No momento em que ela terminou, eu estava pronta para estrear como um extra na próxima fantasia épica de Peter Jackson. Dee terminou de enrolar meu cabelo e jogar spray. A única coisa que fiz foi passar brilho nos lábios.

Joguei com as ondas compridas em cascata ao redor das minhas pequenas curvas.

— Todo este cabelo vai ficar no meu caminho esta noite. — Noelle riu.

— Me agradeça quando fizer uma montanha de gorjetas. — Sorri e abri os braços para puxá-las contra mim.

— Feliz Ano Novo! — disse enquanto as abraçava. Tínhamos passado de mal nos falarmos a cuidar das costas uma das outras. Eu não era muito sentimental, mas queria que soubessem que valorava sua amizade.

Devolveram meu abraço, me apertando. — Feliz Ano Novo, Evelyn — disseram ambas.

A música começou, mostrando a todo mundo que já era hora. O grupo de garçonetes se precipitou para fora. Esperei que as mais emocionadas passassem e logo saí, só para me deter quando encontrei Mateo me esperando no corredor. Ele sacudiu a cabeça quando me viu.

— Merda, Ev. Está sexy esta noite. Vou ficar feliz quando esta merda terminar, para que possamos celebrar na sua casa.

Meu corpo se enrijeceu com entusiasmo, com a esperança de que gostasse do que tinha planejado para nós.

— Você está bem de olhar também, Teo. — Avancei para ele, querendo tanto que a noite passasse rapidamente para que pudéssemos ficar sozinhos e que esses músculos pudessem se envolver ao meu redor. Mordisquei meu lábio inferior e o olhei, sabendo que meu acanhamento o deixava louco.

— Vai manter sua regra de não me beijar no trabalho esta noite? — Ele gemeu e olhou para o teto, com as mãos nos quadris.

— Eu tenho que fazer isso, baby. Sei que estas pequenas cadelas punk vão criar problemas. Tenho que me manter atento por você e pela segurança de todos.

Ele esfregou a mandíbula e sorriu. — Mas está difícil manter minha cabeça no jogo com você vestida assim. Não poderia ter se vestido como um troll ou algo assim?

— Prefere que eu me vista como um troll... do que assim?

— Não, mas preferiria estar em casa com você, com as portas fechadas. — Deixou escapar um comprido suspiro enquanto seus olhos se arrastavam por meu corpo. — Agora tenho que me preocupar com alguns fodidos retardados que vão tentar passar as mãos em você.

Aproximei-me o suficiente para que meus seios levemente roçassem seu peito.

— Você é o único que deixarei que me toque — Seu olhar endureceu e também sua voz.

— Vai haver um monte de bêbados e loucos esta noite. Se alguém te jogar qualquer merda, fala pra mim ou para minha equipe. — Inclinou-se e me deu um pequeno beijo na testa. — Seja cuidadosa. Não quero que lhe machuquem.

Acariciei o braço dele, reconhecendo sua preocupação.

— Serei. Você também.

Mateo pegou minha mão. Saímos juntos da pequena sala para o clube escuro. Ele deu um apertão extra na minha mão quando travei, afrouxando o aperto quando me sentiu relaxar. Quando ele esteva seguro de que eu estava preparada, me deixou na seção VIP e cruzou o piso para tomar seu posto no bar da frente. As luzes intermitentes do clube iluminavam seu rosto. Vi-o cobrir seu fone de ouvido, falar pelo microfone e mandar abrir as portas. Quase imediatamente, a primeira onda de público se

apressou para entrar.

Com a mesma rapidez, Mateo teve que agir. Um grande homem vestido como um gigante saltou da parte posterior e se lançou contra um homem em uma fantasia louca de gnomo. O gnomo caiu para frente. Antes que o gigante pudesse tentar golpear alguém, Mateo o tinha no chão. Dois guardas chegaram e escoltaram o idiota enorme para fora. Mateo revirou os olhos quando me pegou olhando. Sim. Ia ser esse tipo de noite.

Jace falava no microfone.

— É véspera de Ano Novo, amigos. Vamos começar esta festa!

Sua mescla do B.o.B era o que as pessoas precisavam para continuar entrando, movendo seus quadris no ritmo sexy. Gargalhadas e gritos acompanhavam os sorrisos enquanto as pessoas apreciavam a decoração. Encheram as cabines, fazendo twerk[1] e shimmy[2] em seu caminho através da pista de dança e assinalando às garçonetes adiante.

Uma garota meio nua, vestida como uma ninfa levantou as folhas que cobriam seus peitos e olhou de esguelha para Ant. Seu rosto se manteve inflexível, mas as bordas de seus lábios se torceram em um sorriso quando Noelle esbarrou contra ela.

— Desculpe-me — ela murmurou.

[1] *Dançar como se estivessem seduzindo um casal no meio da pista com movimentos lascivos e sensuais, incitando a mímica de posições sexuais.*

[2] *É um movimento de dança no qual o corpo se mantém imóvel, à exceção dos ombros, que se alternam em ida e volta*

Minha seção se encheu primeiro, meninos ricos que agitavam seus passes especiais enquanto entravam em manada. Fui a primeira cabine que se encheu e recolhi seus passes especiais, colocando os pedaços de papel sobrecarregados em relevo sob meu iPad.

— Feliz Ano Novo em nome do Clube Excces. Recebam uma garrafa de Cristal por conta da casa. Agora, quem quer shots?

Seis mãos fizeram gestos para mim. OH, sim, eu ia ganhar muito dinheiro esta noite.

As garçonetes arrastavam suas bundas entre as mesas e o bar, onde o barman não podia misturar as bebidas com rapidez suficiente. Logo, eu estava levando minha oitava bandeja cheia de cerveja, shots e bebida de primeira e serpenteando no meu caminho de volta para minha cabine. Em minha pressa, quase trombei com uma gárgula gigante que chegava tarde à festa VIP.

— OH, sinto muito — eu disse, baixando a bandeja à mesa. — Estarei com vocês num momento.

Entreguei os pedidos o mais rápido que minhas mãos puderam conduzir, sem derramar uma só gota. Sim. Tomem isso, cadelas.

A garota do final gritou, já muito bêbada.

— Olá, baby! — ela chiou, olhando para a gárgula. Agarrou seu pulso, insistindo que entrasse com seu enorme corpo na

cabine enquanto os outros em seu grupo davam espaço para ele.

A gárgula se sentou, quase desaparecendo por completo. Minha intuição me advertiu que poderia estar drogado com êxtase, mas quando tirou sua máscara lentamente, me dei conta de que estava só em estado de choque.

O cabelo loiro e os olhos azuis da lenda do futebol americano me saudaram. Também o fez com uma voz que tinha ouvido mil vezes em meus sonhos.

— Evelyn? — perguntou Donovan.

Capítulo 17

Quando Donovan me deixou e meu mundo se destroçou passei meses imaginando cenários onde o veria. Imaginava ele correndo para mim na rua, me tomando entre seus braços e jurando me salvar. Na falta de melhores termos, eu estava sem casa e sem dinheiro. Tinha passado de ter tudo a ter nada. Pensei que precisava ser salva. Pensei que alguém me salvaria. E pensei que esse alguém seria Donovan.

Donovan. O menino que me levou ao baile de formatura e a reuniões familiares. O menino do meu primeiro beijo e a quem entreguei minha virgindade. O menino que disse que me amava.

Não foi até que finalmente deixei de chorar que me dei conta de que era meu trabalho que me salvava, quando reconheci a profundidade de sua covardia e a crueldade de suas palavras. "Mercadoria danificada", essa foi a última coisa da qual ele me chamou, antes que eu saísse de seu carro caro e ele se afastasse rápido, para começar uma vida sem mim.

Nunca quis vê-lo de novo. E esperava nunca ter de fazê-lo. Tinham passado mais de três anos e agora ele estava ali, sentado na minha frente, esperando que anotasse o seu maldito pedido de

bebida. Sempre pensei que o golpearia na cara se alguma vez o visse de novo. Ou, ao menos lhe diria o grande idiota que ele era.

Não fiz nada. Só congelei.

— Cristo, Evelyn... olhe para você.

— Donnie, quem é ela? — A garota aumentou seu aperto nele. Sua surpresa se tornou em crueldade quando Donovan continuou me olhando. — Donnie? Quem demônios é esta estúpida cadela?

— Minha ex-namorada — ele disse.

Seus amigos, que estavam falando alto uns com os outros sobre a música que estava a todo volume, caíram em silêncio e me olharam com a boca aberta.

Minha respiração saiu em uma rajada.

— Não me chame assim!

Dei-lhes as costas e me choquei contra Dee, que agarrou sua bandeja para que não caísse.

— Evelyn, o que houve? — Seu olhar disparou para Donovan.

— Esse imbecil mexeu com você?

Meu corpo cambaleou para trás, meus pés terrivelmente instáveis. Dee gritou quando me inclinei.

— Evelyn!

Forcei meu caminho através da entristecedora multidão, tentando escapar por entre as massas. Donovan foi atrás de mim. Sem olhar para trás, eu sabia que ele estava vindo. Podia sentir ele se aproximando.

Meu coração acelerou e minha mente se dividiu entre sair correndo e confrontá-lo. Ao final, sua inesperada chegada e as emoções que se moveram por sua presença me mantiveram correndo para frente. Não estava segura para onde correr, só sabia que precisava pôr espaço entre nós dois. Virei abruptamente à esquerda e passei entre duas pessoas altas que dançavam. Estava quase no bar dos fundos quando alguém pegou minha mão e me puxou para trás.

Donovan. *Merda*. Ele me tinha e não ia me deixar ir. Meu corpo inteiro lutou contra seu aperto, tentando me liberar.

— Me larga!

— Evelyn, pare. Escuta, eu sei que fodi com tudo. Mas eu quero te ajudar. — Seu olhar deslizou sobre meu corpo. — Deus, me deixe te tirar desta merda.

— Eu não quero a sua ajuda! — gritei.

Dois grandes corpos pararam entre nós. O aperto de Donovan se afrouxou o suficiente para poder me liberar. A equipe de Mateo tinha respondido e não estavam felizes de encontrar

Donovan me incomodando.

— Pare com essa merda, cara. — disse um deles, empurrando-o para trás.

Usei essa oportunidade para correr. Não podia acreditar que apesar da minha roupa, meu cabelo e minha maldita maquiagem, Donovan me reconheceu.

— Malibú!

Fui para o pequeno corredor e para o vestiário, congelando no meu lugar quando escutei a voz de Sam. Ele correu para me alcançar, suas orelhas loucas de elfo já inclinadas.

— Eu vi o idiota te perseguir. — Ele viu minhas respirações falhadas. — Ele tocou em você?

Sacudi minha cabeça, mas não pude formar um só pensamento. Sam olhou de volta para o clube e logo para mim.

— Filho da puta. Precisa ir embora? Quer que Teo te leve para casa?

Excess estava agora em sua máxima capacidade. De parede a parede havia corpos dançando e se chocando uns contra outros, gritando sobre a música. Não podia deixar Sam com uma garçonete a menos e sem o líder de sua equipe de segurança.

— Não. Só preciso me manter longe desse cara.

— Quer que eu chute o traseiro dele? — Pegou seu celular.

Elevei uma mão. Donovan não iria silenciosamente. Tampouco nenhum de seus amigos, se fosse jogado. Isso levaria a perguntas que eu não queria responder.

— Não. Só preciso cobrir uma seção diferente.

Sam assentiu, mas podia dizer que ele suspeitava que houvesse mais nisto do que só um perdedor me incomodando.

— Troque de lugar com a Cristmas. Ela está na seção oposta, a mais afastada. Se o rico desprezível se aproximar novamente, deixará meu clube.

Segui Sam até a seção de Noelle, que sussurrou algo em seu ouvido, lhe dizendo o que acontecia. Ela franziu o cenho quando me viu.

— Algum cabeça de merda está te incomodando? — Encolhi os ombros como se não fosse uma grande coisa. — Não se preocupe Evelyn. Deixa comigo.

— Obrigada, Noelle. Te devo uma. — Trocamos de iPads e levantei sua bandeja de copos vazios.

Ela me girou para o bar.

— A mesa trinta é a primeira, depois siga o resto em linha.

De onde estava, vi Donovan observando a multidão, um olhar ansioso e determinado em seu rosto, antes de finalmente retornar à seção VIP. Conhecia ele o suficiente para saber que não se daria por vencido facilmente, assim passei as seguintes duas

horas vigiando minha sombra. Em algum momento alguém me empurrou e pensei que ele tinha me encontrado, se preparando para me arrastar para fora do clube.

Deveria ter ido quando Sam ofereceu. Com tanta merda golpeando o chão e tantos loucos drogados com Deus sabia o quê, seria difícil obter ajuda, se precisasse. Mas não podia permitir que Donovan me reduzisse a uma pilha de nervos como tinha feito da última vez que o tinha visto. Assim, peguei meus pedidos, levei minhas bebidas e cuidei de minhas próprias costas.

Quando o relógio estava a uns minutos de dar meia-noite, Jace pôs uma mescla de Dom Omar e Florida, junto com uma contagem regressiva. Como um fantasma, Donovan apareceu na minha seção, aproximando-se de repente de mim. O desespero em seu rosto me assustou. Ele não ia dar um passo para atrás sem uma briga. Abandonei minha mesa e me movi rápido, sem me preocupar sobre como Mateo reagiria, só queria ele perto.

— Dez, nove! — gritou a multidão, na contagem regressiva.

Apressei-me ao último lugar onde tinha visto Mateo fazendo vigilância. — Oito, sete!

Detive-me de repente. Mateo tinha saído do seu posto e Donovan estava quase comigo.

— Seis, cinco!

Fui na direção do gorila que tinha tomado o posto de Teo, só

para ter a alguém do mesmo tamanho de Donovan por perto.

— Quatro, três!

Cambaleei, quando dois braços fortes foram ao redor de minha cintura. Meu corpo brigou instintivamente, tentando me libertar.

— Shhh, está tudo bem.

— Dois, um!

Quase chorei, quando suaves olhos cor avelã se encontraram com os meus.

— Feliz Ano Novo!

Pétalas de seda choveram do teto. Mateo me beijou profundamente, rompendo sua própria regra. Beijei-o de volta, me dissolvendo contra seu corpo firme e sem querer soltá-lo nunca.

Ele me puxou para mais perto, seus lábios deslizando sobre minha mandíbula.

— Eu te amo, Evie — murmurou contra minha orelha. Sorriu quando me joguei para trás e ele viu minha expressão surpresa. — Sim. Nunca disse isso a ninguém antes.

Lancei meus braços ao redor dele. Puta Merda. Ele disse. E totalmente a sério. Meu sorriso caiu quando vi Donovan vários passos atrás. Ele ficou em seu lugar, no meio de uma multidão de clientes gritando e se beijando. Dei as costas, sem querer que me

roubasse este momento.

— Também te amo, Mateo — sussurrei.

Quando olhei para trás, Donovan tinha voltado para a densa multidão. Não podia vê-lo, mas sabia que ele estava aqui.

Só assim soube que esta era à noite em que meu passado e meu presente se chocariam.

Até o final da noite, trinta pessoas foram tiradas, dezesseis foram presas por distribuir pílulas ou pó para cheirar e três foram levadas numa ambulância até o hospital. Mateo dirigiu tudo isso sem sequer suar.

Passei através da noite, fazendo um recorde de quinhentos dólares em gorjetas e evitando Donovan pelo resto da noite. Enquanto tirava a maquiagem no vestiário, rezei para que a noite só terminasse. Tomei meu tempo me refrescando, esperando que Mateo estivesse preparado para ir quando eu saísse do vestiário.

Quando dei um passo fora, ele, Sam e outros de seu grupo estavam falando com dois policiais. O oficial Pete foi chamado pelos vândalos encontrados com cocaína e êxtase. Dois dos idiotas também tinham seus bolsos cheios de Rohypnol[1].

Imbecis.

— Evelyn?

Girei-me para onde Noelle esperava no bar com Dee. Julian, nosso barman, se inclinou contra a borda, um montão de dinheiro

[1] *É um tranquilizante 10 vezes mais potente que o Valium. É a droga utilizada para o golpe do boa noite cinderela.*

empilhado na frente dele. Caminhei para eles.

— O que aconteceu?

Considerando a quantidade de dinheiro que Noelle tinha ganhado, não parecia feliz.

— Há duas altas aqui.

— Caramba, Noelle. Você realmente trabalhou...

— Todas do menino na fantasia de gárgula, Evelyn. Ele me disse que eram para você. E que haveria mais. Quer que ligue pra ele e diga como entrar em contato com você. — Ela esperou que eu dissesse algo, mas só fiquei ali, congelada, sendo assim ela continuou — Quem diabos é ele? E por que demônios deixou todo o dinheiro para você?

Continuei sem dizer nada. Julian sacudiu sua cabeça.

— Teo não vai gostar desta merda. É como se este imbecil estivesse tentando te comprar ou algo assim.

— Por favor, não diga a ele.

Bom, isso atraiu a atenção de todos.

— Evelyn? — Dee caminhou para mim. — Se está acontecendo alguma coisa, deve dizer isso ao seu homem.

— Não há nada para dizer. — Cruzei meus braços. — Podem ficar com o dinheiro, dividam entre vocês. Não me importa. Não

quero nada dele.

— Então você o conhece? — perguntou Dee.

— Sim, conheço.

Não me seguiram enquanto andava através da pista. Mateo passou entre a multidão, sua expressão tensa.

— Sinto muito. Não posso ir ainda. Encontrarei contigo na sua casa, está bem?

Não era nada do que eu queria escutar. Tentei focar minha atenção e evitei olhar para meus amigos e a pilha de dinheiro pulverizada frente a eles. Esperava que não dissessem ao Mateo sobre o dinheiro e o guardassem para si mesmos. Mas sabia que estavam preocupados, assim, provavelmente não ficariam calados.

Deus. Tudo o que eu queria era ir embora com Mateo. E agora nem sequer podia fazer isso. Forcei um sorriso.

— Certo. Verei você depois — Ele esfregou meu ombro.

— O que aconteceu baby? Está zangada comigo?

— Não. Só estou cansada. — Fiquei na ponta dos pés para beija-lo, logo pensei melhor e parei. Meu menino durão tinha uma reputação a manter, e eu sabia que os policiais e toda sua equipe estavam nos observando. — Foi uma longa noite. Mas prometo esperar acordada até você chegar. Tente não demorar muito, tudo bem?

— Evie, espera. — ele puxou meu braço. — Não vá sozinha. Chris — chamou. — Pode acompanhar a minha garota?

— Sim.

Chris me conduziu até meu carro. Fiquei atrás dele, tentando me defender do maldito frio, mas acima de tudo, tentando me esconder do público que ainda estava na saída. Meus instintos me advertiam de que Donovan estava entre eles.

— Está tudo bem, garota? — perguntou o Grande Chris.

— Só preciso me esquentar um pouco, Chris.

Quando cheguei ao meu carro, arranquei as asas de fada e pus meu casaco vermelho e cachecol preto, sem me importar que estivessem muito frios e, de repente, me senti insuportavelmente exposta. O Grande Chris esperou até que eu dirigi para longe. Não havia dito mais nada, mas como todos outros, suspeitava que algo estava errado.

A neve caía em grumos em meu caminho para casa, acumulando-se com os centímetros que já cobriam o chão. Quatro centímetros de neve cobriam meu caminho da entrada quando cheguei em casa, dez minutos depois. Meus nervos esgotados me fizeram querer correr a toda velocidade, mas estava com medo de cair sobre meu traseiro.

A neve úmida derretia sobre minhas sandálias e molhava meus pés, mas era a presença de Donovan que me gelava até a

medula.

Em minha pressa de chegar até à porta, não tinha visto o Infinity QX80 estacionado do outro lado da rua. Um carro como esse não pertencia a meu bairro de classe trabalhadora. Não tinha me advertido minha professora sobre estar atenta ao que acontece ao redor?

Donovan esperava sob a pálida luz em meu alpendre. Desfez-se de sua fantasia e tinha trocado por um comprido casaco preto de lã. Aparentemente, também tinha se desfeito de seu encontro. Me perguntei brevemente que desculpa ele tinha dado para deixá-la e vir até mim.

Por um momento, ele não se moveu, mas lentamente desceu os degraus, seu rosto tenso.

— É aqui que você vive agora?

Não respondi, meus olhos ocupados observando a área. O apartamento inferior estava vazio. Os novos moradores não se mudariam em duas semanas. Lourdes estava com sua namorada e os vizinhos estavam dormindo ou ainda celebrando o ano novo.

Donovan suspirou.

— Cristo. Fui eu que fiz isto?

— O que você quer Donovan? — Queria ter posto força em minha voz, mas esta ferocidade pura me surpreendeu.

Ele franziu o cenho como se não pudesse entender minha

raiva. — Te ajudar, Evelyn. Por que mais estaria nesta vizinhança de merda? — A ira queimou através de mim.

— Não preciso da sua ajuda. Ajudei a mim mesma quando você me expulsou, como se eu fosse um lixo.

— Chama isto de ajudar a si mesma? É uma porra de uma garçonete, Evelyn, e está vivendo em um maldito buraco! Tem ideia do que minha família diria se soubessem que eu estive aqui?

— Imbecil elitista! — explodi. — Estou construindo uma vida, tenho um trabalho honesto e pago minha universidade. — Sua ignorância me fazia desejar bater em seu nariz perfeito. — Vou me formar na escola de enfermagem esse semestre. Fiz isso por mim mesma, sem que ninguém me ajudasse. E aqui está você, tendo a audácia de acreditar que eu sou uma perdedora patética que você deveria salvar! — Meu peito doía e as lágrimas que ardiam em meus olhos eram inevitáveis. — Você viu o que queira ver. Há muito tempo deixei de me importar com o que você e sua família pensam.

Observamo-nos por um longo momento, nossas respirações rápidas eram visíveis no frio ar noturno.

— Eu não sabia que você estava estudando — ele disse, finalmente.

— Agora você sabe. E pode ir embora. Não volte aqui novamente.

Comecei a subir minhas escadas, mas as palavras de Donovan me seguraram em meu lugar.

— Lamento te deixar. — ele se moveu atrás de mim. — E lamento não ter te ajudado quando precisou.

As lágrimas derramaram por meu rosto, empapando minhas bochechas frias.

— É por isso que você está aqui? Para pedir desculpas?

— Em parte — ele disse tranquilamente. — Não foi fácil para mim... me afastar. Sei que pensa que foi. Mas foi a coisa mais difícil que eu fiz. — Ele não me olhou nos olhos, em vez disso, observou o pátio de meu vizinho, onde a neve pesada inclinava os arbustos para o chão. — Supunha-se que estivéssemos juntos, certo? Casar. Ter filhos.

Limpei o rosto com meu cachecol. Donovan tinha engordado mais do que da última vez que o tinha visto e tinha mais barba. Seu cabelo loiro, uma vez curto, agora estava mais comprido e atrás de suas orelhas. Não era o mesmo menino que eu tinha conhecido, mas rastros desse menino ainda permaneciam no homem que ele se tornou. Apartei a dor que sua presença me causava.

— Essa foi à única coisa boa que aconteceu quando você se foi. Me dei conta que a vida que tínhamos imaginado juntos era só uma fantasia. Uma que fico muito feliz de não ter se tornado

realidade.

Ele suspirou.

— Ainda está realmente brava comigo por te deixar, não é?

— Não me importa que tenha terminado comigo. O que eu não gosto é que você esteja aqui. Suas mensagens. Suas ligações. Jesus, Donovan. Eu segui em frente. Por que você não pode fazer o mesmo?

— Porque te deixar foi um erro.

Me arrepiei.

— Não finja que ainda há algo entre nós. Porque não há e não haverá.

Ele caminhou para mim, lentamente.

— Meu avô morreu duas semanas antes do dia de Ação de Graças.

Sua resposta, embora surpreendente, explicava sua aparição aqui. Por um segundo, minha determinação se desgastou. Seu avô sempre tinha sido gentil comigo.

— Sinto muito. Sei que eram próximos.

— Sim. Bom. Ele tinha câncer. Não sei se você sabia disso. — Ele enterrou suas mãos profundamente em seus bolsos quando sacudi a cabeça. — Ele deixou sua casa para mim e, eventualmente, cada centavo que tinha. Quando seu pai morreu,

meus pais tinham o dinheiro e, portanto, o controle. Eu não tinha nenhuma opção, a não ser me afastar. Mas agora eu tenho. Deixa eu te compensar isso.

Minha resposta foi firme e incontestável.

— Não.

Ele deixou sair um suspiro agudo.

— Puta que pariu, Evelyn. Estou te pedindo perdão. Eu estava acostumado a ser esse tipo de pessoa.

— Donovan, você não está me pedindo que te perdoe. Está tentando me pagar por sua culpa, pela forma como você me tratou.

— Eu nunca te maltratei!

— Mercadoria danificada. — Minhas palavras o deixaram congelado, forçando seus olhos a se arregalar com a familiaridade delas, enquanto os meus se estreitavam com raiva. — Lembra de me chamar assim? Meu pai estava morto, a reputação da minha família destroçada. E essas foram as palavras com as quais você me deixou.

Donovan ficou rígido.

— Meu Deus, Evelyn... eu não lembrava, tá bom?

Meus lábios se abriram, enquanto algo se retorcia profundamente dentro de mim. Minha mente cintilou com a

imagem do rosto empalidecido de Donovan, enquanto eu me sentava em seu carro, contando a ele sobre encontrar meu pai. Apartei a visão e os gritos que ameaçaram sair, diante da lembrança.

Entra. Só entra. Precisa entrar, disse a mim a mesma.

Automaticamente, caminhei pelas escadas. Donovan tentou alcançar minha mão.

— Não me toque! — gritei.

Um Explorer preto rugiu em meu caminho de entrada. Mateo saltou fora, saindo disparado para nós. Me desfiz do aperto de Donovan e desci as escadas para interceptá-lo.

Mateo me empurrou atrás dele, me defendendo com seu corpo. Não tinha se incomodado em vestir um casaco e ainda tinha sua camiseta preta e as calças camufladas.

— Você está bem? — Seu olhar letal estava fixo em Donovan quando me perguntou isso.

— Sim. Estou bem.

Ele voltou seus olhos para mim. Viu que estava chorando e culpou Donovan. — Se você colocar a porra das suas mãos nela de novo, farei você sangrar. — Donovan se endireitou.

— Donovan, não — adverti meu ex-namorado que era grande, forte, atlético e ágil.

Mas Mateo sabia como lutar. E foi treinado para matar.

Não me atrevi a me mover. E rezei para que Donovan tampouco o fizesse.

— Este é seu ex? — perguntou Mateo.

Meus braços se apertaram ao redor dos dele.

— Sim.

Uma calma perigosa caiu sobre Mateo. Merda, nunca o tinha visto tão zangado. Ele tirou um maço de notas de seu bolso e o sustentou no alto.

— É o filho da puta com dinheiro? — Lançou o dinheiro aos pés de Donovan. Donovan empunhou suas mãos.

— Isso é para Evelyn.

— Para que? — A voz de Mateo se aprofundou em um grunhido. — Para mantê-la calada, de modo que ninguém saiba que a violentou?

O rosto do Donovan perdeu toda sua cor antes de ficar vermelho. Sua cabeça se voltou para mim.

— Foi isso que você disse a ele? O que eu te violentei?

— Teo, ele-ele não fez isso. — Outra imagem cintilou e Donovan estava em seu carro. Desta vez, ele estava chorando.

— Não foi ele quem...

OH, Deus.

Uma cortina de lembranças palpitou contra meu cérebro, golpeando meu crânio. Tentei força-los a desaparecer, desta vez, negaram-se a ir, exigindo que os visse, que os escutasse, que os sentisse.

— Evie. Evie. — Mateo me apanhou quando caí. Minha respiração era tão irregular, tão rápida, que queimava meus pulmões.

— Se afaste dela, caralho!

Como se eu estivesse vendo um filme antigo em uma tela manchada, revivi o pior de meus pesadelos...

Finalmente tinha dormido depois de saber que meu pai tinha roubado milhões e iria ser processado no dia seguinte. Despertei abruptamente com ele no meu quarto.

Mãos. As mãos do meu pai me tocavam. Puxavam minha camiseta. Colocava-as entre minhas pernas. Não se detinha.

— Não! — gritei-lhe. — Papai, não!

Seu fôlego cheirava a uísque e soluçou quando lutei contra ele. As lágrimas filtrando-se por seu rosto em rios.

— Estava acostumado a me deixar quando era menina.

Quando eu era uma menina...

— Evelyn. Jesus Cristo, ela precisa de um médico!

Logo que escutei as palavras de Donovan, tudo parecia estar desaparecendo. Inclusive a voz de Mateo, enquanto me implorava para que ficasse com ele.

Eu já não estava ali. Estava de volta nesse quarto onde meu pai tinha me traído, agarrando com mais força meu edredom contra meus peitos enquanto o eco do disparo ressonava em meus ouvidos.

Por isso que ele havia se suicidado. Não só pela ruína de nossa família. Também por sua admissão do que tinha feito.

Não, Mateo, eu queria dizer. *Donovan não me estuprou. Foi meu pai.*

Capítulo 18

Despertei no hospital com a mão de Mateo firmemente na minha. Seu tórax se apoiava na minha cama. Ele levantou a cabeça quando me mexi.

— Oi, baby — disse.

Sentou-se na borda da cama e me puxou para ele quando comecei a soluçar. Ele me segurou durante muito tempo, esperando até que as lágrimas - que pensei que nunca terminariam - finalmente cessassem.

Lourdes estava sentada tranquilamente em um pequeno sofá, perto de uma janela grande. Nem ela, nem Mateo, pareciam ter dormido.

— Meu pai me estuprou. — admiti, com minha garganta tão irritada que as palavras me doíam em mais de um sentido. Provavelmente tinha chorado mais do que sabia, até agora.

— Nós sabemos. — As lágrimas brilharam nos olhos escuros de Lourdes. Ela se levantou e os secou. — Não vou mentir, esta merda é realmente horrível. Mas eu quero que você saiba que vai conseguir a ajuda que precisa. Vai ficar bem, querida. Só fique conosco e vai ficar bem.

Meus olhos examinaram a área, ainda me sentia aturdida pelos medicamentos que me deram durante meu colapso. O quarto grande parecia uma suíte de hotel. Não tinha equipes médicas que pudessem ser vistas. Os ralos de ventilação e o sistema de intercomunicação sobre minha cabeça eram as únicas evidências de que era um hospital. Era agradável. Muito agradável.

— Não posso me dar o luxo de estar aqui, Lourdes.

Comecei a me levantar. Mateo me manteve quieta com um só toque no braço.

— Tem que fazê-lo, Evie. Ao menos por agora, baby. — Lourdes se aproximou mais.

— Evelyn, vai ficar tudo bem. A Dra. Farte tem privilégios aqui. Chamei-a nesta manhã. Ela vai arrumar as coisas com o pessoal para ficar cuidando de você...

Ela disse umas coisas a respeito de Xanax e a Dra. Farte vindo mais tarde, mas minha atenção voltou para Mateo. Deus, eu estava com medo sobre o que ele devia estar pensando de mim.

Minha voz se quebrou quando nossos olhares se encontraram.

— Sinto muito... por tudo.

O rosto de Mateo se endureceu.

— Não tem nada que lamentar. Você era uma menina e ele era um homem que deveria ter pensado melhor antes de ferir sua garotinha...



Donovan chegou para me ver na manhã seguinte, antes que me dessem alta. Acredito que Mateo só permitiu que ele entrasse no meu quarto porque ele tinha ajudado a me trazer para o hospital. Com minha permissão, Mateo acenou e nos deixou a sós.

Durante muito tempo, eu não soube o que dizer. Donovan não era perfeito, de jeito nenhum. Mas sua presença e a insistência em que eu recebesse o tratamento médico, demonstraram que ele se importava, mesmo que esse sentimento fosse gerado pela culpa.

Sentou-se numa cadeira dobrável perto da minha cama. A mesma cadeira na qual Mateo esteve esperando que eu despertasse.

— Ainda amo você, Evelyn — ele exclamou. — Nunca deixei de te amar — Fiquei olhando minhas mãos.

— Não acredito que você me ame, Donovan. Acredito que você ama o que sonhamos e planejamos ser. — Olhei seu rosto. — Ambos sabemos que eu já não sou mais essa pessoa.

— Eu sei que não é. — Seu pé bateu no piso com nervosismo, seu olhar fixo sobre o chão. — Você mudou muito. A Evelyn Preston que eu conhecia não teria gritado, especialmente em público. — Riu, sem humor. — E ela não teria me mandado a merda.

Minha garganta se fechou com a dor.

— Eu não podia me dar ao luxo de ser amável quando você foi embora. Se tivesse sido, não teria sobrevivido.

No silêncio entre nós, me dei conta da razão pela qual Donovan sentia atração por mim. Ele era o macho alfa desde seu maldito nascimento. Ele não teria desfrutado de uma companheira em iguais condições. Ele queria alguém passivo. Assim, quando cheguei, era alguém obediente e fácil de manipular, alguém que não fazia um escândalo. E é obvio que ele me tomou. Tudo fazia sentido agora.

— Então, você agora está com esse latino. O gorila.

— O nome dele é Mateo. E sim, nós estamos juntos. — Eu tinha esperanças de que isso não mudasse agora, considerando que...

Donovan esfregou as mãos em suas calças. — Você o ama?

— Sim, amo. — A verdade é que eu o amo, sinceramente. Deus, eu não posso perdê-lo.

— Sim, que seja. — Donovan lançou um suspiro zangado, devolvendo minha atenção ao momento. — Por que diabos o deixou pensar que eu te estuprei?

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Eu não sabia que era isso que Mateo pensava. Se soubesse, não teria deixado que acreditasse. — Meus dedos apertaram os lençóis. — Ele sabia que me tinha me machucado e acredito que ele simplesmente presumiu que foi fisicamente.

— Você sabe que eu nunca te faria isso. — ele se endireitou quando não respondi. — Cristo, Evelyn, em nenhuma vez eu te obriguei!

— Não, não obrigou. Mas sempre foi a respeito de você, Donovan. O que te agradava. As posições que você mais gostava. As coisas que você queria experimentar. — Suspirei, um pouco envergonhada por falar tão abertamente, mas sobre tudo envergonhada por não ter falado quando mais importou. — Eu estava ali com você, disposta. Mas, minhas necessidades eram provavelmente a última coisa na sua cabeça.

No início, as linhas tensas em seu rosto expuseram sua comoção por minha brutalidade. Depois ele abriu a boca, disposto a discutir, só para voltar a fechá-la, esfregando o rosto.

— Eu era um adolescente idiota. E sinto muito. — Seus olhos brilharam. — Nunca tive a intenção de te fazer mal, Evelyn. E eu vivi com a culpa por ter te abandonado, desde que eu fui embora.

Sondamos as expressões um do outro. Suponho que cada um de nós estava esperando que o outro revelasse mais. Mas bastante havia sido dito, ao menos no que diz respeito à nossa relação.

— Eu concordo. — disse, finalmente.

— "Concorda"? Isso é tudo? — A expressão sombria de Donovan se intensificou, enquanto entendia o profundo significado atrás de minha singela resposta. — Vamos ser amigos outra vez?

— Não vejo como podemos ser amigos — admiti. — Aconteceram muitas coisas, sabe? Se... — suguei saliva. — Poderia me dizer o que aconteceu na noite que me deixou com a família de Lourdes? Obviamente, reprimi muita coisa. Acredito que é hora de começar a preencher os espaços em branco.

Ele ficou de pé e olhou pela janela.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — perguntou, com a voz tensa. — Não passou muito bem ao saber do seu pai.

Recolhi meus joelhos e apoiei em meu peito. Donovan provavelmente tinha razão. Mas ele era o único com as respostas e

sabia que não o veria depois de hoje.

— Por favor, me conte.

Ele vacilou, antes de se virar para mim.

— Quando nos inteiramos dos roubos de seu pai, meus pais me disseram que eu não podia mais vê-la. Que eu não precisava disso e que era melhor para meu futuro. — Soprou. — Eu não gostei que me dissessem o que fazer, não quando se tratava de você. Assim esvaziei minhas contas bancárias e te busquei.

— Devíamos ter fugido juntos. — Tinha me esquecido de nosso plano estúpido. Provavelmente porque era outra parte de meu passado que não valia a pena recordar.

— Não parecia certo — ele disse. — Foi no mesmo dia que seus tios e seus advogados se reuniram na delegacia de polícia, te acusando de saber onde estava o dinheiro. Você tinha passado o dia sendo interrogada, então eu supus que estava estressada por tudo o que tinham feito você passar.

Vestígios do dia apareciam aqui e ali... eu subindo no novo Audi de Donovan... o meu medo, por causa do que eu tinha que contar a ele.

— Você não falou durante muito tempo, Evelyn. Assim, entrei no parque que estávamos acostumados a ir quando queríamos estar sozinhos. Foi quando você me contou o que seu pai te disse antes de se matar. Você sabe, a respeito do que te fez

quando era uma garotinha.

Fechei os olhos, permitindo que suas palavras me levassem de novo há esse dia. Donovan tinha recebido minhas notícias pior do que eu poderia ter imaginado. Ele não disse nada, nem sequer quando comecei a chorar. Não me abraçou. Não me tocou. Fiquei esperando que ele me confortasse com palavras ou carícias, mas a única coisa que ele fez, foi me olhar como se eu fosse uma estranha. Então, de repente, começou a chorar. Eu não entendia por que ele parecia tão devastado. Era como se ele tivesse sido a vítima, em vez de mim.

Tinha ligado o carro e dirigido de volta à casa da avó de Lourdes sem dizer uma palavra.

— O que você está fazendo? — perguntei então, apesar de já saber que tudo tinha terminado entre nós.

— Não posso ficar com você, Evelyn — ele me disse. — Não assim. — Eu não entendia o comportamento dele.

— Por favor, não me deixe também. — eu tinha implorado. — Não fiz nada de errado, eu juro!

Donovan segurou minha mão. As lágrimas molhando meu rosto lhe disseram que eu lembrava de tudo. Ele não precisou contar muito da história, para que o incidente retornasse a minha mente.

— Foi por isso que você me chamou de "mercadoria

danificada". Por causa do que meu pai fez. — Minha voz tremeu, mas me obriguei a me manter forte em sua presença. — Pensei que era só porque minha família tinha me jogado na desgraça. — Olhei nossas mãos. — Suponho que não deveria ter dado tanto crédito a você.

A expressão horrorizada de Donovan se encontrou com a minha como se o tivesse esbofeteado.

— Eu era um idiota insensível, Evelyn. E você tem razão, não foi culpa sua. Mas sua confissão me deixou apavorado.

— Sim, bom, também fiquei apavorada, tendo em conta que aconteceu comigo! — Tirei minha mão da sua. — Deus, Donovan, que tipo de pessoa faz isso a alguém a quem diz amar? Eu estava traumatizada, e você agiu como se tudo fosse a respeito de você!

Ele afundou seu rosto com uma expressão destroçada no colchão, debaixo de mim. — Sinto muito, Evelyn. Sinto muito.

Pus uma mão sobre meus olhos e chorei. A minha outra mão acariciava o cabelo de Donovan, enquanto ele soluçava. Talvez não devesse ter feito. Mas, anos atrás, ele tinha sido meu mundo. A sua própria maneira, ele sabia que queria ser amável. Mesmo assim, não chegava nem perto do que eu necessitava ou do que eu merecia.

— Eu quero que você tenha uma boa vida, Donovan — disse com sinceridade. — Só que, quero que a tenha sem mim. Por

favor, vá embora. Não quero voltar a ver você de novo.

Ele levantou a cabeça, seu rosto dividido entre dor e arrependimento. — Evelyn.

— Apenas vá... Eu perdoo você pelo que fez. Mas não te perdoarei se você ficar. Minha vida já não te inclui mais.

Ele passou uma mão grosseiramente sobre o rosto, ficando de pé. Durante um longo momento não fez outra coisa a não ser me olhar fixamente. Quando falou, sua voz era apenas uma sombra.

— Se alguma vez você precisar de um pouco de dinheiro, um lugar para viver, qualquer coisa, me procure, tudo bem?

Fiquei olhando para ele, ambos sabíamos que nunca aconteceria. Ele se deteve, com a mão na porta.

— Sempre amarei você, Evelyn.

Capítulo 19

Minha sessão de aconselhamento com a Dra. Farte começou uma semana depois. Meus encontros com ela duravam quarenta minutos, às vezes mais, quando falávamos mais sobre o meu problema. Durante as várias semanas, determinamos que o abuso começou depois da morte da minha mãe, quando eu tinha quatro anos e continuou regularmente até meus sete anos, quando meu pai conseguiu algum controle sobre seu alcoolismo.

— O que eu não entendo é que muitas pessoas abusam do álcool e das drogas e, mesmo assim, não abusam sexualmente de seus filhos.

— Tem razão, Evelyn — concordou a Dra. Farte. — Mas o abuso de substâncias pode afetar severamente o julgamento de uma pessoa. O alcoolismo também deu a seu pai uma saída para desculpar suas ações.

Esfreguei minhas têmporas, tentando suprimir a crescente dor de cabeça que nossas sessões traziam.

— Por que reprimi tudo isso?

Ela cruzou suas mãos em seu colo.

— A mente regularmente tende a enterrar determinadas coisas, que nossa psique não consegue suportar.

— Mas dessa maneira as coisas ficam piores. — Me inclinei para pegar um lenço. — Quero dizer, se eu lembrasse disso poderia ter me tratado há muito tempo, não agora, não quando as coisas finalmente estão indo bem para mim.

— Talvez não, Evelyn. A morte do seu pai, somada com a perda de um suporte financeiro e emocional, foram estressantes e difíceis para suportar. Sua mente estava tentando te salvar, tal como seu corpo faria, se fosse uma ferida que ameace sua vida.

— Então, por que agora?

Sua voz, já suave, tornou-se ainda mais suave, enquanto interpretava minha montanha de angústia.

— Detonantes internos e externos podem agitar nossas lembranças. Música, aromas, estresse... quase tudo pode evocar experiências suprimidas. Você está na escola de enfermagem, que é um curso difícil. As aulas de psicologia do semestre passado não foram fáceis, uma vez que abordou temas relacionados com seu abuso.

— Sim, esse foi um puta detonador. — Limpei meus olhos. — Comecei a escutar a voz do meu pai na minha cabeça durante sua lição sobre abuso sexual. Acredito que havia coisas que ele estava acostumado a me dizer quando me machucava. — Limpei meus olhos de novo. — Não reconheci sua voz, mas suponho que

não estava pronta ainda.

— Talvez. — ela se inclinou para frente. — Agora que está preparada, quero que tire um tempo para se curar. Não fique muito ansiosa em superar, certo?

— Está bem.

Ela se reclinou de novo em sua cadeira, enquanto começava a me acalmar.

— Se estiver pronta, eu gostaria de falar com você sobre Mateo. — Ela sorriu amavelmente quando mexi meus ombros. — Você encontrou alguém que se preocupa profundamente, Evelyn. Tão maravilhoso como isso é, pode trazer de volta alguns traumas do passado.

— Mas ele é uma boa parte da minha vida.

— Acredito que é óbvio que ele é uma influência positiva em sua vida. Mas, o que você precisa perceber é que fazer sexo com o Mateo te deixa vulnerável.

Não queria ficar na defensiva, mas fiquei.

— Mateo nunca... ele não me machucaria, de maneira nenhuma.

— Não é isso que quero dizer, Evelyn. — Ela me ofereceu outro sorriso paciente. — O sexo afeta as mulheres em muitos níveis; tira nossas emoções e barreiras, inclusive aquelas que

estão plantadas com cimento em seu lugar.

Meus ombros relaxaram quando me dei conta de onde ela queria chegar. — Barreiras que provavelmente estavam me protegendo das lembranças.

— Sim e acredito que essas mesmas barreiras evitaram que você desfrutasse do sexo com Donovan.

Brinquei com a barra de meu suéter. Confiava na Dra. Farte, mas às vezes, era difícil olhá-la quando falava.

— Me desligava dele. Todas as vezes. Era porque meu pai estava vivo, nessa época?

— Provavelmente, pode ser isso. A presença de seu pai era um aviso de que o contato sexual poderia ser doloroso e aterrador, embora provavelmente não se desse conta disso num nível consciente. Quando seu pai morreu, essa ameaça e a ideia do que isso representava, já não estavam presentes.

Então, quando Mateo chegou e o perigo se foi, pude desfrutá-lo. Especialmente desde que Mateo era tão paciente, me esperando para que estivesse preparada.

A Dra. Farte se sentou silenciosamente, como se soubesse o que eu estava pensando.

Então, eu disse:

— A noite que o traficante de drogas foi ao clube, aquele com a pistola, também foi outro detonante. Quando ele disparou a

pistola, o som quase me paralisou. — Também foi a primeira vez que comecei a mostrar interesse em Mateo. Jesus, entre começar a ter minhas lembranças de volta e a crise na véspera de Ano Novo, era uma maravilha que houvesse algo entre nós. — Agora que sou consciente do que me aconteceu, mais lembranças surgirão?

— Muito provavelmente. Algo importante aconteceu Evelyn e só estamos começando a desvendar seu abuso. Você vai ter dias bons e uns não tão bons. Mas acredito que você vai superá-los.

— Obrigada.

— Verei você na próxima semana, tudo bem?

A Dra. Farte me guiou até a sala de espera, onde Mateo estava olhando entre as pilhas de folhetos que lhe tinha dado. Seu olhar se suavizou quando viu o inchaço ao redor de meus olhos, lhe deixando saber que tinha experimentado outra sessão difícil.

— Você está bem? — Me puxou contra ele e beijou minha testa quando eu não respondi, me dando conta de que provavelmente choraria de novo, se eu falasse. Ele acenou para a Dra. Farte. — Obrigado, Doutora.

Subimos no carro de Mateo. O consultório da Dra. Farte estava localizado quase a quarenta minutos de meu apartamento, nos permitindo bastante tempo para falar, embora geralmente disséssemos muito pouco depois de meu tempo com ela.

— O que você acha dos folhetos? — Mateo entrou na estrada.

— O lugar parece muito legal e de acordo com as investigações que fiz, supõe-se que oferecem a melhor capacitação aos mecânicos.

Pus minha mão sobre seu braço.

— Então, você quer ir?

— Não posso, Evie.

Esfreguei seu braço, mesmo sabendo que não poderia sentilo através de sua pesada jaqueta de couro.

— Por quê?

— O dinheiro. Não tenho a quantia necessária para tudo o que eu gostaria de aprender. — Passou um sedan, quando se fez óbvio que o condutor estava muito ocupado falando em seu celular. — Esse foi o motivo de ir para o exército, para começar.

— Talvez pudéssemos falar com alguém sobre obter um empréstimo. A escola tem suas maneiras de te conectar com bancos.

— Evie, sou um ex-detento, que é segurança de um bar. Ninguém vai me dar nenhum dinheiro. Eu já tentei.

Não dissemos nada, até que ele virou para estacionar em frente à minha casa. Desta vez, ele não se incomodou em

estacionar na garagem, deixou seu carro perto da calçada.

Me mexi, incomodada, sem querer deixá-lo ainda, mas sabendo que estava a ponto de ir. Não tínhamos feito sexo desde antes do Ano Novo. No início, pensei que ele estava me dando tempo. Mas, as semanas tinham passado e ele não fazia nada mais do que me beijar. Ele tinha me levado para comer no dia dos namorados, mas além das nossas viagens no carro, nunca estávamos sozinhos.

Brinquei com o anel que ele tinha me dado, girando-o para lembrar que ele ainda estava ali.

— Você quer entrar?

— Não posso. Preciso treinar. Tenho umas lutas se aproximando.

— Umas lutas? — Não me respondeu, nem virou em minha direção. — Teo.

— Olha, não vou estar perto de você na semana que vem. Tenho muito o que fazer. Você pode ver se Lourdes pode levar você para as consultas?

Meus intestinos se torceram um pouco. Ele estava me deixando?

— Eu posso ir sozinha.

Sua mão deslizou sobre o volante.

— Não quero que vá sozinha. Sei que algumas de suas consultas se tornam intensas.

Mais de uma vez, eu tinha chorado todo o caminho de volta para casa. A culpa cavou um buraco no meu coração. Não conseguia me lembrar da última vez que tinha rido, ou inclusive, que tinha tentado sorrir. O sexo que fizemos na uma vez foi tão livre e gostoso, agora acabou. Jesus. Mateo era um homem viril de vinte e três anos. Quantas vezes poderia chorar em seus braços, sem que ele recebesse nada de volta?

— Ficam, mas... Vou ficar bem. — Tirei meu cinto quando o silêncio caiu sobre nós. Quando ele me olhou, o beijei profundamente. No início, seus braços foram ao redor de minha cintura e ele me beijou de volta, pressionando sua boca forte contra a minha.

Mas então, se afastou.

— Tenho que ir, Evie.

Evitei seu olhar quando a pontada da sua rejeição queimou meus olhos. Chorar na frente dele não era o que precisávamos ou o que nos manteria juntos. Além disso, já fazia o suficiente disso em sua presença.

— Bem, me ligue mais tarde. — sai do carro. Ele esperou até que eu entrei em meu apartamento, antes de se afastar.

Ele não esteve no clube nos três turnos seguintes em que trabalhei.

— Onde o Teo está? — perguntaram Noelle e outros. Mas eu não sabia.

— Ele tinha coisas para fazer — foi minha única resposta.

Passou uma semana antes que eu visse Mateo. Ele mandava uma mensagem ou ligava todos os dias para ver como eu estava e tinha ligado depois da minha sessão seguinte de terapia, para se assegurar de que eu estava bem. Na profundidade de sua voz rouca, pude sentir que ele ainda se preocupava. Mas, não tinha certeza de que isso fosse suficiente para nos salvar. Queria ser forte para ele. Ele merecia. Mas as lembranças do que meu pai tinha feito tinham me deixado só como uma casca do que uma vez fui; eu não era mais a garota que Teo havia dito que amava.

Merda. Sentei em uma velha cadeira, lendo a mesma passagem de um livro, uma e outra vez, e mesmo assim, não tinha sentido. Finalmente me rendi, muito distraída por Mateo e nossa última interação em seu carro. Não era só a rejeição que me incomodava, foi me dar conta de que ele estava escondendo alguma coisa.

Eu não gostava que houvessem segredos entre nós. Mas

talvez ele preferisse. Provavelmente, era melhor que aprender que minha primeira experiência com o sexo foi forçada por meu pai.

Esfreguei os olhos, irritada, ansiosa e com o coração quebrado. A leitura não estava me levando a lugar nenhum, assim pulei até o final do capítulo, para me focar nos exercícios da unidade. Talvez, se eu pudesse só terminar isso, sentiria que obtive algum êxito.

Meu telefone tocou. Peguei quando vi o número de Mateo na tela, fiquei imediatamente feliz e aliviada de que ele tivesse ligado.

— Oi, baby — eu disse, suavemente.

Houve uma pequena pausa, antes que uma voz profunda murmurasse do outro lado.

— Não é o Teo, Evelyn. Sou eu, Ant. — Ele deixou sair uma longa respiração, como se debatesse entre falar ou não. — Escuta, você sabe que Teo é meu menino, mas eu preciso que você venha ao clube de luta.

Não falei imediatamente. Ant não estaria ligando, a menos que houvesse uma emergência.

— Está... está tudo bem? — Ele não respondeu. — Ant me diga se ele está bem. — Ant amaldiçoou.

— Não. Não está. Deram uma surra muito feia nele. Você se lembra de como chegar até aqui?

Minha voz era um pouco mais alta do que um sussurro. —

Sim.

Sua voz endureceu como o metal. — Então, você precisa vir pra cá.

O medo fechou minha garganta como um punho. Deslizei meus pés dentro das minhas botas e fui colocar meu suéter comprido.

— Vou para lá. Só, Deus, ele precisa de um médico? — Agarrei minhas chaves e minha bolsa e corri para fora de meu apartamento.

— De certo modo, temos um.

— De certo modo? O que significa isso?

— É um médico técnico em emergência. Faz curativos dentro do ring, quando as coisas vão mal. Mas, Evelyn, ele é só um menino e há uma sala cheia de gente que precisa de ajuda.

Minhas mãos tremiam tanto que não conseguia colocar a chave na ignição. Fúria e medo golpearam através de mim e levou tudo o que tinha não soltá-la contra Ant. Saí do estacionamento.

— Ant, se ele estiver tão mal, como está me fazendo pensar, ele precisa de um médico. Leva ele agora para uma emergência!

— Evelyn, ele não vai. Tão fodido como está, vão chamar a polícia.

— Não me importa. Eu só me importo com ele. Ele está

acordado? Ele sabe onde está... merda, ele sabe quem ele é?

— Parecia desacordado quando o Grande Chris e eu o arrastamos para fora do octógono. Mas acredito que sabe, agora.

Se Ant estava tentando me fazer sentir melhor, estava fazendo um trabalho de merda.

— Ele está tendo problemas para respirar? — perguntei através de dentes apertados.

— Suas costelas estão ferradas, sendo assim, dói pra respirar.

Um fluxo de palavras nada gentis saiu da minha boca, enquanto eu entrava na autoestrada.

— De que cor os lábios dele estão?

— Os lábios dele? Que porra eu...

— Estão rosados? Sim ou não?

Ele esperou antes de falar.

— Estão rosados... ensanguentados, mas rosados.

— Bom, isso é bom. Isso significa que ele está recebendo oxigênio suficiente. — Suspirei, me obrigando a desacelerar enquanto conduzia pela I—76. A última coisa que eu precisava era levar a polícia para lá. — Ele é capaz de responder perguntas?

— Pode falar, sim.

— Qual é seu ritmo cardíaco?

— Você está perguntando merdas que eu não sei responder.

— Então verifique! — soltei. — Pergunte se a dor vem de seu abdômen... poderia ter rompido o fígado, ou se sente que seu coração está pulsando muito rápido.

— Você acha que pode ter acontecido algo grave? — Meu aperto no volante se intensificou.

— Se ele está sangrando internamente, sim. — Ant amaldiçoou umas vezes.

— Devia ter te chamado antes. Não?

Empurrei meu nervosismo de lado, sabendo que Ant só queria ajudar Mateo.

— Só verifique isso para mim. Por favor.

Tinha pegado a saída, antes que Ant retornasse à linha.

— Doug diz que o ritmo cardíaco dele está em cem e que sua pressão arterial está em 11 por 7. — Ele esperou. — Isso é bom? Teo está bem?

Parei no semáforo e olhei para ver em que rua estava. — Ele está estável. Olha, estarei aí em dez minutos. — A voz de Ant baixou.

— Estacione na igreja. Mandarei o Grande Chris pegar você. Evelyn, sei que está preocupada com ele, mas não saia do seu

carro sozinha.





Capítulo 20

O Grande Chris estava me esperando no estacionamento da igreja quando cheguei. Estava praticamente fora de mim, quando patinei até parar, perto de um velho sedan.

Corremos as três quadras até o ginásio de MMA. Inclusive através da porta de metal pesada, conseguia ouvir o rugido. A sala estava repleta de pessoas, enquanto dois homens do tamanho de grandes rochas se atacavam no Octógono. Tão ansiosa como estava para chegar até Mateo, o número épico de espectadores me fez parar.

— Último throwdown de pesos pesados. — disse Chris em meu ouvido.

— O quê?

— Luta de três dias. Esta noite é a rodada final. Doze lutadores por categoria de peso. Eliminação simples. Um ganhador.

Meus pés vacilaram e eu pensei que iam me derrubar. Os dois no Octógono estavam tão machucados, que seus rostos se assemelhavam a carne amassada. O sangue saía de suas bocas e

olhos.

— Mateo lutou neste torneio, certo? — O Grande Chris baixou o olhar.

— Sim. Na categoria de peso pesado. — Minha cabeça deu voltas, mas consegui avançar.

— Ele perdeu, não foi?

O Grande Chris endireitou o queixo.

— Não. Ele ganhou todos os rounds. — Ele puxou meus ombros quando meus joelhos se dobraram e me conduziu através da multidão. O conglomerado de pessoas se fez mais denso perto do Octógono. O Grande Chris me acompanhou - de forma segura - através deles para o vestiário, olhando para qualquer pessoa que tentasse bloquear nosso caminho.

Entramos na sala de blocos de cimento com os berros da multidão ecoando em nossas costas. As duchas corriam toda a parede da nossa esquerda, arrastando água de cor rosa para o ralo aos nossos pés. O lugar era pequeno e estreito e se parecia com um hospital no campo de batalha para soldados feridos, em vez de um lugar para trocar de roupa e guardar pertences.

Lutadores em diferentes etapas de lesões e recuperação se alinhavam às paredes. Os caras maiores estavam vestidos, esperando seu turno no Octógono, encontrando-se com os olhares dos outros de forma provocativa ou uma raiva latente. Os outros

estavam sentados contra a parede, incapazes de ficarem em pé, as contusões cobrindo seus corpos feridos e colorindo sua carne.

O Grande Chis me levou mais à frente a uma pequena seção onde um cara do tamanho de Mateo estava deitado em uma maca. Sangue vermelho brilhante cobria a maior parte de seu rosto e toalhas manchadas cobriam o chão junto a ele. O médico estava inclinado sobre ele, limpando seu rosto com quadrados de gaze para poder terminar de costurar a pele que costumava ser a sobrancelha esquerda do lutador.

O Grande Chris fez um gesto para ele com um movimento de seu queixo.

— O oponente de Teo.

Os hematomas que pintavam e inchavam seu corpo quase pareciam falsos... muito obscenos e cruéis, para serem causados por apenas um ser humano. Meu estômago revirou e tive que controlar minhas náuseas.

— Mateo fez isto?

O Grande Chris assentiu.

— Sim. Teo está bastante fodido ultimamente. É como se ele não pudesse se controlar, uma vez que começa a se mexer. O árbitro sempre tem que fazer com que ele recue. Ele está assim desde o Ano Novo.

— Desde o Ano Novo? — repeti.

— Sim. Com muita raiva, sabe. — O Grande Chris me moveu, franzindo o cenho para qualquer pessoa que tentasse se aproximar de mim, mas com cuidado de não chegar muito perto. Quando ele diminuiu a velocidade, eu soube que finalmente tínhamos chegado a Mateo.

Mateo estava curvando para frente, sem falar, sem fazer um som, simplesmente sustentando uma bolsa de gelo contra seu lado esquerdo. A única evidência de sua dor, era a cabeça inclinada e suas feições endurecidas. Quando parei na frente dele, ele levantou o olhar lentamente.

O lábio inchado de Mateo estava dividido no meio e seu rosto machucado era da cor do vinho tinto. Suturas cutâneas adesivas haviam sido aplicadas em seu olho direito inchado e sua mandíbula inferior. Apoiou-se em seu lado esquerdo enquanto se voltava para Ant.

— Você chamou a minha garota?

Ant o olhou, cruzando seus braços.

— Ela tem que estar aqui, cara. Doug é só um menino e você precisa de atenção.

Assobios e vaias fizeram que eu olhasse para trás. Minha velha amiga, a garota do ring, se aproximou, vestida com um pequeno biquíni rosa e levando uma bolsa de plástico na mão. Seu sorriso sensual se alargou enquanto se aproximava.

— Trouxe mais gelo, baby — ela disse a Mateo.

Seu rosto delicado e muito maquiado se voltou de pedra quando me encontrou ali de pé.

— OH. É você — disse.

— Sim. Acertou. — Arranquei a bolsa de sua mão. — Pode sair agora. Seus serviços já não são mais necessários.

Algo em minha expressão a manteve em seu lugar, e esse mesmo algo a fez ir um segundo depois, só com uma pequena olhada para trás. Apesar de sua dor e seus movimentos limitados, os braços fortes de Mateo se envolveram ao redor de minha cintura e me puxaram para mais perto dele.

— Evie, você sabe que não era isso.

— Não. Já não sei de mais nada — respondi com sinceridade.

A dor em meu tom me delatou. Afastei-me dele quando afrouxou seu aperto. Alguém tinha deixado uma pilha de gaze com álcool no banco, além de um estetoscópio e um manguito de pressão arterial. Usei uma das gazes para limpar o estetoscópio.

— Ev, eu estou bem.

Ignorei e coloquei o aparelho em suas costas.

— Respire. — Não o fez, ao princípio. Esperei, lhe dando uma oportunidade. Estava a dois segundos de perder a paciência

quando ele finalmente fez o que pedi. — De novo — eu disse, movendo o estetoscópio para diferentes seções de suas costas enquanto ele seguia respirando.

Se não houvessem respirações ruidosas, isso significava que não havia danos nos pulmões. Ele estava respirando muito bem, embora o esforço claramente o fizesse sentir dor. Coloquei meu dedo em seu pulso durante um minuto inteiro sem falar com ele. Seu ritmo cardíaco tinha baixado a setenta, normal para ele. Tomei outra vez a pressão arterial; esta vez 10 por 6.

— Preciso ver seus olhos. — Usei o aplicativo de lanterna do meu iPhone para checar suas pupilas. Não se dilataram tão rapidamente como deveriam. Ele tinha uma concussão. — Mova sua mão.

Sua mão direita se separou de seu lado. Agachei-me para inspecionar a pele danificada e púrpura em seu peito e deslizei meus dedos sobre cada costela. Os ossos estavam gravemente machucados, mas intactos e no lugar correto. Nada parecia quebrado. Foi só por isso - e porque seus sinais vitais eram estáveis - que não o arrastei ao hospital mais próximo.

— Chris, você pode me trazer esparadrapo e uma toalha limpa? Tenho que imobilizar a área.

Chris voltou rapidamente com tudo o que pedi. Deu um passo para trás, me observando enquanto trabalhava e mantendo afastado qualquer espectador. Ant sustentou a toalha dobrada

cheia de gelo contra as costelas de Mateo enquanto eu passava o esparadrapo desde seu esterno até sua coluna vertebral.

— O gelo e a pressão ajudarão com a dor e a inflamação — eu disse para Ant quando seu olhar se dirigiu para mim.

— Está melhor, Teo? — perguntou Ant. Mateo me observou enquanto respondia. — Sim. Eu estou bem.

— Vamos leva-lo para casa — eu disse.

O Grande Chris e Ant flanquearam seus braços, agarrando-o quando ele cambaleou.

— Merda, Teo — disse o Grande Chris. — Está tudo bem?

— Ele tem uma concussão — eu disse. Segui na frente, esperando que me seguissem dividida entre gritar com Mateo e chorar. Deus, como ele podia fazer isto a si mesmo?

Um cara perto da fila de trás me parou no caminho. Me olhou de lado e esticou a mão para tocar meu rosto.

— Olá, doce senhorita. Para onde vai? — Ele era jovem e estúpido. Golpeei sua mão e tentei passar ao redor dele. Ainda arrastava meus pés, quando ele segurou meu cotovelo.

— Afaste-se dela! — grunhiu Mateo, embora eu já tivesse me libertado com um puxão.

— Kevon, está mexendo com a mulher errada — advertiu Ant.

Kevon retrocedeu com as mãos estendidas. — Sinto muito, Teo, eu não sabia que ela era sua.

Um grupo de meninas vestidas com quase nada de roupa se apressaram para a fila. Mais de uma se deteve para sorrir para Mateo. Possivelmente ainda era dele, mas talvez ele também tivesse mais que uma. Seguiram em frente, pulando ao redor do peso pesado que saiu do octógono, todo ensanguentado.

O Grande Chris e Ant me ajudaram a levar Mateo para o estacionamento da igreja e colocá-lo no assento da frente de meu Cherokee. O mesmo automóvel que ele, basicamente, tinha reconstruído para mim.

— Devemos colocá-lo na parte traseira para que possa dormir? — perguntou o Grande Chris.

— Não. Só recline o assento. Tenho que ficar de olho nele, caso desmaie.

Eles esperaram até que eu saísse, antes de me seguirem no carro do Ant.

— Está zangada, não é? — perguntou Mateo no carro escuro e silencioso.

— Estou sentindo muitas coisas agora. — Não o olhei e nem nos falamos depois que Ant e o Grande Chris o ajudaram a entrar em seu apartamento. Mateo devia estar sentindo mais dor do que eu suspeitava, para se inclinar tão fortemente sobre seus amigos.

— Você vai ficar com ele? — Ant o deitou na cama.

Mateo se sentou, mas não se recostou totalmente. Supus que ele queria salvar o que restava de seu orgulho.

Eu o respondi, enquanto entrava na cozinha.

— Tenho que ficar. — Agarrei duas garrafas de água na geladeira. — Tenho que acordá-lo a cada duas horas para verificar seu estado e como está reagindo à concussão.

— Não me diga. — O Grande Chris trocou olhares com Ant. — Até mais tarde, Teo — gritou Ant e sussurrou para mim — Nos chame se precisar.

— Obrigada.

O Grande Chris o seguiu para fora. Coloquei as garrafas de água debaixo de meu braço e fechei a porta quando saíram. Voltei para Mateo sem dizer uma palavra e o ajudei a tirar os sapatos e a roupa, deixando-o só de cueca. Não olhei pra ele, inclusive quando passava um pano úmido quente sobre sua pele torturada.

Levou um tempo para limpar o sangue seco de seu peito e rosto, e tive que trocar a água da bacia várias vezes. Quando ele finalmente estava limpo e seco, empurrei seus ombros, fazendo com que se deitasse.

Ele agarrou meu pulso quando estirei a colcha sobre ele.

— Ev, escuta...

— Não. — eu disse. — Você tem que descansar e eu não quero brigar por isso agora. — Agarrei meu iPhone e ajustei o temporizador para duas horas, depois tirei as botas e me arrastei debaixo dos lençóis com ele. No inicio, tudo o que eu podia fazer era olhar para parede, de costas para ele. Mas quando ele passou seu braço ao redor de minha cintura, já não pude ignorá-lo.

— Pensei que você me amava — ele disse, em voz baixa.

Engoli a queimadura ameaçando consumir minha garganta.

— Isso é parte do problema — sussurrei.

Passei o resto da noite despertando Mateo a cada duas horas. — Me diga seu nome.

— Mateo — ele respondeu, nas primeiras vezes.

— Temos que continuar fazendo isto? — murmurou em algum momento perto do amanhecer. — Continuo sendo eu, baby — disse finalmente em voz baixa. Sim, essa resposta foi a que mais doeu.

Liguei para o coordenador do curso para lhe dizer que perderia dois dias, logo liguei para Sam e lhe deixei uma mensagem avisando que não faria meus dois próximos turnos. Nunca havia perdido aulas ou o trabalho, mas de maneira

nenhuma ia deixar Mateo sozinho.

Ant deve ter ligado para Sam, já que ele me enviou uma mensagem:

Tudo bem. Cuide dele, Malibú.

Da próxima vez que despertei Teo, tinha panquecas, ovos e salsichas na mão. Também tinha ibuprofeno, paracetamol e alguns itens de primeiros socorros - cortesia de Elaine. Ela tinha batido na porta logo depois de falar com Sam e me perguntou do que eu precisava.

Coloquei a bandeja em sua mesa de cabeceira. O inchaço em seu rosto tinha aumentado e sua pele parecia deformada.

— Primeiro coma, depois tome esses comprimidos. Do contrário vai passar mal do estômago. — Dei um comprimido de paracetamol e dois de ibuprofeno e os coloquei cuidadosamente em seu guardanapo.

— Você vai comer? — ele perguntou em voz baixa.

— Não estou com fome. — Esperei que se sentasse na cama antes de lhe dar a bandeja. — Quando você terminar, vou aplicar gelo sobre suas costelas e trocarei o esparadrapo.

Saí, antes que ele pudesse dizer alguma coisa. Depois de terminar de limpar a cozinha, voltei com os suprimentos médicos e as bolsas de gelo. Dobrei uma toalha sobre o gelo e retirei com cuidado o esparadrapo velho. Meus dedos passaram sobre as

costelas de novo, só para me assegurar de que os ossos não estavam quebrados. A área se obscureceu durante a noite, mas tudo parecia bem.

— Aqui, pegue a toalha.

— Evie...

— Um pouco mais forte. Vai ajudar com a inflamação.

— Ev...

— Entre o gelo e os remédios, deve se sentir melhor logo. Se não, tem que me dizer. — Minha voz tinha começado a tremer e me mantive perto das lágrimas. Mateo era amável, inteligente e o melhor homem que já conheci. Eu o amava com cada parte de mim. Me devastava vê-lo ferido e ver que o que tínhamos havia se dissolvido lentamente, frente a meus olhos.

Terminei rapidamente e agarrei outro pacote de gelo para colocá-lo sobre seu rosto inchado. Desta vez, Mateo agarrou meu pulso e não me liberou, me obrigando a me sentar junto a ele.

— Fala comigo. — ele disse. – Você está me ignorando, isso está me matando — Afastei meu queixo.

— Sim, bom, ver você assim está me matando também. — As lágrimas rolavam por minhas bochechas quando o encarei. — Jesus Mateo, poderia ter ficado paralisado ou pior. E se Ant não tivesse me chamado, você teria escondido isso.

Ele não disse nada. Em troca, me puxou para ele, seu aperto

suave, mas firme.

— Você não precisa dessa merda agora, especialmente com tudo o que está passando.

Ele estava tentando me proteger. Talvez se eu não fosse tão pateticamente fraca, ele não precisaria fazê-lo.

— Preferiria que tivesse me dito. — Pus meu braço ao redor de seu ventre, com o cuidado de evitar suas costelas. — Eu não quero te perder. E tenho medo que seja exatamente isso que está acontecendo.

Ele me deu um beijo na parte superior de minha cabeça.

— Isto era algo que eu simplesmente tinha que fazer.

Me afastei.

— Por quê?

Seu lábio inchado e partido se apertou em uma linha firme. Ele não ia me dizer.

Baixei o olhar, tentando evitar que minhas frustrações se derramassem em forma de lágrimas.

— Se precisar de mais dinheiro para sua família, posso pegar mais turnos às quintas-feiras.

— Não é isso.

O silêncio se estendeu entre nós. Depois de um momento,

levantei a bolsa de gelo do chão e a apliquei sobre seu rosto. Por mais que seu silêncio me doesse, não podia deixá-lo. Não com a gravidade de suas feridas.

— Se não vai me contar por que precisa de mais dinheiro, ao menos vai me dizer se esteve com alguém mais?

— O quê?

Pensei na Garota do Ring e em como ela se referiu a ele como "baby". Ela esteve ali com ele antes que eu chegasse. Isso era evidente. Eu gemi, porque sim, doía muito dizer isso.

— Você prometeu que ia me dizer se...

Sua coluna vertebral se endireitou e suas sobrancelhas se apertaram tanto quanto o inchaço permitiu.

— Você sabe que não te trairia.

— Mateo, eu já não sei de nada. — Minha mão tocou suavemente seu rosto. — Tudo o que eu sei é que estou realmente fodida. Nunca soube quanto, mas estou. E meu maior medo é que estou te perdendo por causa de tudo o que tem de errado comigo.

Os olhos de Mateo perfuraram os meus.

— Fodida ou não, você continua sendo a melhor coisa que já me aconteceu na vida. — Engoli o nó na minha garganta.

— Então, o que está acontecendo entre nós? E por que você está tão zangado? O Grande Chris me disse como estava no ring...

a agressão, o ...

— Não. — Sua voz era firme. — Nada dessa merda é sua culpa.

— Sinto como se fosse minha culpa.

Ele olhou pra mim, por um momento.

— Deite comigo.

— O que?

Ele se reclinou suavemente, apertando suas costelas até que ficou deitado. Fez um gesto para mim, do seu lado bom, quando não me movi.

— Vem comigo.

Eu fui, me inclinando para trás e estendendo uma colcha sobre nós para mantê-lo quente.

— Vou te contar algo e não quero que tire conclusões erradas. — Não me mexi, insegura e assustada do que ele ia dizer. — Eu sabia o que tinha acontecido. Soube no primeiro momento em que te vi entrar no clube. Mas aquela noite no estoque, quando te encontrei, soube que era realmente pesado.

Ele demorou mais um pouco, como se estivesse recordando. Nunca tínhamos falado dessa noite. Mas, embora me envergonhasse, ele deve ter tido uma razão para trazê-la agora. Acariciou meu braço.

— Tinha te visto, tentando ser dura, tentando se manter forte. Continuava tentando. Então, o Ano Novo chegou e eu soube o que tinham feito com você. Você se quebrou como vidro, na minha frente. — Ele tragou a saliva. — E me destroçou totalmente. Eu não podia te ajudar, apesar de ter prometido te manter a salvo.

O ar se paralisou e eu senti como se meu coração tivesse parado de bater. Por tudo o que me doía, nunca me dei conta de que, possivelmente, ele também estava ferido por mim. Assim como provavelmente tinha sido ferido quando sua irmã pequena foi violentada. Minhas lágrimas gotejaram sobre seu peito.

— Eu sinto tanto. Estive tão distante. Pensei que você não conseguia lidar com o que aconteceu comigo.

Ele agarrou minha mão e entrelaçou nossos dedos.

— Não posso, mas só porque não pude te proteger e porque não posso consertar o que aconteceu. — Fez uma pausa. — Assim que me coloquei no ring, liberei minha ira e te ajudei da única maneira que podia.

Levantei-me de lado, a tensão em meus músculos tão forte que pensei que minha força romperia meus ossos.

— Do que você está falando? — ele ficou com os lábios apertados de novo e isso me assustou. — Mateo, por favor, me diga.

— Você quer mesmo saber? — Assenti, embora já não tivesse mais certeza.

Ele deixou escapar um suspiro, apertando firmemente seu lado esquerdo quando lhe doeu.

— Pedi ao hospital que me enviasse a fatura da sua internação. Seu ex ofereceu para pagar toda a maldita coisa, mas você é minha garota. Eu tinha que cuidar de você. — Sua mão livre acariciou meu cabelo. — Estou pagando pouco a pouco. Ontem à noite, fiz o suficiente para pagar o resto.

Eu estava temendo receber a fatura. E agora nunca o faria. Mateo tinha se assegurado disso. Cobri meu rosto com uma mão, com o coração quebrado por tudo o que ele tinha sofrido por mim, e furiosa comigo mesma, por estar tão danificada que ele havia se sentido obrigado a me salvar.

— Meu Deus, Teo. Não posso permitir que faça isto.

— Eu já fiz.

Meus olhos examinaram seu rosto, seus braços, seu torso, apreciando cada golpe que ele tinha resistido por mim.

Ele me arrastou para perto dele. — Evie. Não chore.

Mas eu chorei, de qualquer jeito.

— Baby... droga, você está me matando. É por isso que eu não podia te contar.

— Vou te pagar tudo.

— Não. Você não vai. — ele disse, sua voz grave e profunda. — Só melhore Evie. Só quero que você melhore.

Capítulo 21

Passei as duas semanas seguintes entrando e saindo do apartamento de Mateo. Ele se recuperou de suas feridas físicas com bastante rapidez, mas acredito que gostava da forma carinhosa que eu cuidava ele. E eu gostei da forma como isso nos aproximou. Ainda não tínhamos feito sexo, mas ele já não estava tão distante ou cauteloso sobre me beijar.

Ele gemeu contra minha boca e me pôs de costas, suas mãos deslizando por baixo de minha camiseta. Era final da manhã de domingo e tínhamos acabado de acordar, depois de outra noite louca no Excess.

Eu me perguntei por que ele parou e por que suas mãos não passavam além de da minha barriga. Talvez, ele precisasse de mais estímulo. Assim, tirei a camiseta.

Mateo gemeu, mas logo inclinou a cabeça na direção oposta. Arrastei-me para ele e envolvi meus braços ao redor de seu pescoço, excitada por sua pele quente contra a minha.

— O que houve? — Ele afastou seu rosto do meu e manteve suas mãos para si mesmo. Meus ombros caíram. — Teo, você não me deseja mais?

Sua cabeça girou para mim.

— Como você pode pensar isso? Você é tudo o que eu desejo. — Soltou um suspiro de frustração. — A doutora me disse que te desse tempo e que você me diria quando estivesse pronta.

— É por isso que você não me toca? — Ele franziu a testa.

— Você quer que te toque?

Os músculos aumentaram o volume de seus braços e seu peito se apertou, me puxando mais perto. Assenti lentamente, minha voz tão rouca que me surpreendeu.

— Tenho muita vontade que me toque.

Seus braços rodearam minha cintura e seus olhos cor avelã faiscaram.

— Se eu te tocar, vai me dizer se for demais?

— Vou. Prometo.

Suas mãos baixaram, pegando meu traseiro.

— Falo sério, Ev. Quero que as coisas sejam boas entre nós.

— Eu também — eu disse. E isto ajudaria. Sabia que faria. Senti sua dúvida e a odiei. Para ser honesta, a única coisa que eu temia do sexo com Mateo agora, era que ele não ficaria tão excitado, sabendo o que aconteceu comigo.

Ele se inclinou e seus lábios se encontraram com os meus,

quando a campainha tocou. Ele xingou, de novo.

— Minhas irmãs estão aqui... aconteceu alguma coisa.

Ele se apressou para vestir seus jeans. Eu corri e procurei uma roupa limpa na minha bolsa de viagem.

— Está tudo bem?

Ele colocou a camisa.

— Elas são as únicas, além de você e Elaine, que conhecem o código e Elaine utiliza a outra garagem.

Tinha me arrumado, colocando rapidamente uma calcinha e prendi o cabelo, vestindo uma blusa quando bateram na porta mais uma vez. Mateo me deu um beijo rápido.

— Desculpe por isso. Saia quando estiver pronta.

Ele fechou as portas. Seus pés golpearam através da cozinha e eu o ouvi abrir a porta.

— O que aconteceu?

Ouvi a voz de Lety.

— Carlos apareceu em casa ontem à noite. Sofia correu até os vizinhos e chamou a polícia.

Parei no meio do caminho de subir o zíper de meus jeans, perturbada pela notícia, depois me apressei e terminei de me vestir. Pus um moletom enquanto saía do quarto. Os olhos de

suas irmãs se arregalaram quando me viram.

— Ah, olá, Evelyn — disse Lety, voltando a olhar para Mateo. — Não sabia que ainda estavam juntos.

Mateo franziu o cenho.

— Sim. Estamos. — Ele se aproximou de mim, tomando minha mão e me levando até o sofá.

Lety se sentou do outro lado de Mateo, enquanto Sofia caminhava tranquilamente até a pequena poltrona reclinável de pele em frente da TV. Mateo passou o braço a meu redor.

— Por que chamou a polícia? — Sofia juntou as mãos nervosamente.

— Ele estava drogado ou bêbado, exigindo que mamãe lhe conseguisse comida.

Mateo se arrepiou a meu lado. — Ele bateu nela?

— Não, mas eu sabia que ele estava a ponto de fazer. Tinha aquele olhar maldoso em seus olhos. Você sabe, aquele que ele tem sempre antes de explodir. — A voz da Sofia era trêmula. — Então eu fui e chamei a polícia. Tinha drogas com ele. Levaram-no algemado.

Ninguém disse nada. E talvez não fosse meu lugar, mas falei mesmo assim. — Ele está preso?

Lety respondeu quando Sofia simplesmente olhou suas

mãos. — Sim. Entretanto, não sei quando vai sair.

Embora a voz de Mateo fosse dura, pude ouvir sua preocupação.

— Carlos se dará conta de que foi você quem chamou a polícia. No segundo que sair, vai querer alguma compensação.

Sofia assentiu sutilmente.

— Eu sei. Mas não podia deixá-lo bater na mamãe. Ela estava doente e... — Pus minha mão no joelho de Mateo.

— Talvez você devesse chamar Pete. Provavelmente, ele conhece alguém nas forças que poderiam contatar.

Mateo e o oficial Pete se tornaram amigos. Ele se levantou. — Boa ideia. Já volto.

Mateo desapareceu em seu quarto, me deixando com suas irmãs. Lety girou para encarar Sofia.

— Se tivermos sorte, ele está metido com algo ilegal, até mesmo tráfico de drogas. Se for assim, talvez o prendam por mais tempo. De qualquer maneira, acho que você deveria ficar com o tio Lino por um tempo.

Quando Sofia assentiu, Lety se virou para mim e cruzou os braços. — Então, você e Teo ainda estão juntos?

Minhas bochechas se esquentaram sob seu escrutínio.

— Sim. Tivemos alguns momentos difíceis, mas estamos

bem. — Então ela sorriu.

— Bom. É exatamente o que ele precisa.

— Espero que sim — eu disse, em voz baixa.

Podiamos ouvir a voz de Mateo na outra sala. Sofia e eu nos sentamos em silêncio enquanto Lety enviava uma mensagem de texto a seu tio, assegurando-se de que Sofia podia ficar com ele por um tempo.

— Tio Lino disse que sim e disse para você se assegurar de levar roupa suficiente, no caso de ter que ficar mais tempo.

Sofia logo assentiu. Deus, a coitada parecia tão assustada. Queria abraçá-la, mas tinha medo de que seria demais, especialmente com alguém tão retraída e tímida.

— Ouça, Sofia — eu disse, depois de um momento. Ela levantou o queixo. — Sei que não é do jeito da sua família. Mas tinha razão em proteger a sua mãe da maneira que fez.

Seus olhos verdes brilharam.

— Obrigada, Evelyn — ela disse em voz baixa.

Mateo voltou, colocando seu telefone no bolso de trás.

— Pete vai fazer algumas ligações e enviar uma mensagem de texto. — Sentou-se a meu lado.

— Eu sinto muito, Evie.

Inclinei-me para ele.

— Não sinta. Só quero você a salvo.

Ele deslizou seu braço ao redor de minha cintura e me acariciou com os dedos.

— Não posso acreditar que toda essa confusão na minha vida não te faça fugir. — Pus minha mão sobre a dele.

— Sabe que eu poderia dizer o mesmo, não sabe?

Sua boca se curvou em um sorriso e ele me surpreendeu, me beijando. Sorri contra seus lábios. Sim. As coisas estavam muito melhores entre nós.

— Puta que pariu. Isso esclarece tudo! — disse Lety, interrompendo nosso momento. — O que foi, Evelyn? Você tem Kriptonita na sua bo...?

— Lety — advertiu Teo.

Ela deu de ombros. — Eu ia dizer "bolsa", nojento.

— Não me faça te dar umas palmadas — disse Mateo, mantendo seu braço apertado a meu redor.

Minha atenção voltou para Sofia, sentada na poltrona reclinável. Então, uma ideia me ocorreu.

— Teo, disse a Sofia que Killian estava perguntando por ela?

Logo apanhei a expressão "OH Merda" no rosto de Teo e

soube que tinha sido intrometida. Sofia se endireitou lentamente, com os olhos muito abertos.

— Quem?

— Baby, não...

— Não, o quê? — perguntou Lety, de repente curiosa.

Ia parar nesse mesmo momento, até que apanhei o toque de rubor estendendo-se pelas bochechas de Sofia. *Santa. Merda.* Então, isto era o que ela precisava ouvir.

— Killian, o antigo companheiro de luta de Mateo, esteve perguntando por você.

A boca de Sofia abriu e fechou várias vezes.

— Killian Ou'Brien esteve perguntando por mim? — Seu rubor se aprofundou quando assenti. — O-o que ele disse?

— Não importa, caralho. Você tem apenas dezoito anos e está na escola preparatória. Ele tem vinte e não estuda. — Mateo apontou pra ela. — Mantenha sua cabeça na escola, que é aonde pertence.

— Ah, merda. — Lety sorriu para Sofia. — Você gosta do Killian. — Ela ignorou Mateo quando xingou e voltou a cair no sofá, beliscando a ponte de seu nariz. — Sempre gostou?

A voz de Lety se desvaneceu, enquanto o rosto da Sofia ruborizava em um vermelho brilhante.

— OH, Merda. É sério? — Lety girou na minha direção. — Killian e sua família viviam em nossa rua quando estávamos crescendo — explicou.

— Deixa pra lá, Lety — disse Teo.

Lety o ignorou.

— Quando crianças, ele e Sofi eram inseparáveis; quando ele não estava chamando na nossa porta, ela estava chamando à sua, perguntando se ele podia sair para brincar.

— OH! Isso é tão doce — eu disse.

— Estou fodido — murmurou Teo.

— Foi o mais doce que vi em toda minha vida — disse Lety. Ela olhou para Sofia. — Mas nunca suspeitei que houvesse algo mais. Puta. Merda, Sofi. Você e Killian!

Se Sofia tivesse o poder de desaparecer, acredito que poderia utilizá-lo agora. Ela levantou uma mão.

— Provavelmente, não é nada.

— Não acredito nisso, menina. — Lety sorriu em minha direção. — Nos diga o que ele disse, Evie.

Era estranho ouvir alguém, além de Teo, me chamar de Evie, mas eu gostava de escutar. Lancei um olhar vacilante a Mateo.

— OH, não se preocupe com ele — disse Lety. — Pode lhe dar algo mais tarde e ele vai se esquecer de tudo isto. — ela foi

para longe, quando Mateo pegou uma almofada o jogou nela, mas mesmo assim acertou sua cabeça.

Esfreguei a perna de Teo, tentando acalmá-lo.

— Killian perguntou como você estava — disse a Sofia. — E disse a Mateo que te dissesse olá.

Lety se sentou no sofá, fazendo que Sofia se inclinasse um pouco para trás.

— Quando foi isso e por que diabos você não me disse, Teo? — Mateo a olhou.

— Devido a seu nome não ser Sofia e não ser de sua conta. Além disso, ela é só uma menina.

Dei uma olhada em Sofia, que estava nervosa na beira do sofá.

— Foi em setembro, enquanto estávamos na Filadélfia. — Não cuspi mais detalhes. Embora eu gostasse de criar laços com suas irmãs, minha lealdade permanecia com Mateo. E pelo que sabia, elas não conheciam suas atividades de luta.

— Setembro — repetiu Lety. — E nunca lhe disse. — Assinalou. — O que aconteceu, Teo? Killian é mais quente que o inferno, e se está perguntando por Sofi, tem que haver uma razão.

Mateo soprou e se inclinou para frente. — Viu o que você fez? — ele disse.

Meus dedos esfregaram suas costas. — Shhh. Está interrompendo o tempo das garotas.

Quando ele sorriu, quase me desfiz. Deus, senti falta desse sorriso sexy e o calor entre nós. Sua mão arrastando-se à parte traseira de meus jeans me disse que também tinha sentido falta disso.

Lety suspirou dramaticamente.

— Inferno, estamos aqui. Consigam um quarto. — Mateo atirou outra almofada em Lety.

— Não teríamos que fazê-lo se seus traseiros não estivessem aqui. Não tem algum ensaio ou alguma merda que escrever?

Lety riu e atirou a almofada de volta para ele.

— Iremos, talvez, depois de escutarmos mais sobre Killian. Evie, o que você estava dizendo?

— Isso é praticamente tudo — acrescentei em um tom de desculpa. Os ombros da Sofia desabaram.

— Viu? Ele só estava dizendo olá. — Inclinei-me ao redor de Mateo para olhá-la.

— Não acredito. Ele fez um ponto ao perguntar por você e como você estava. — Afastei as mãos de Mateo. — E quando seu irmão o acusou de perguntar por você, ele não negou.

Mateo gemeu quando as pálpebras de Sofia se abriram.

— Merda, baby.

— O que você fez?

Lety ficou de pé rapidamente, seu rosto vivo com emoção. — Tem que convidá-lo para ir contigo ao aniversário da Sol. — Sofia sacudiu sua cabeça.

—Não sei, Lety. Passou muito tempo desde setembro. E se ele estiver com alguém?

— Há somente uma maneira de descobrir. — Lety estendeu sua mão. — Teo, me dê seu telefone.

Ele franziu o cenho.

— Não vou dar merda nenhuma. Tudo isso é uma confusão. Ela é só uma menina. Killian é um homem crescido.

Tirei o telefone de seu bolso e atirei para Lety, antes que Mateo pudesse me agarrar. Ela correu ao seu quarto enquanto eu tentava evitar que a perseguisse.

Meus esforços acabaram. Mateo me levantou por cima de seu ombro como se não fosse nada e bateu na minha bunda.

— De que lado está?

Lety fechou as portas francesas, mostrando seu celular através da janela. — Qual é seu código de desbloqueio?

— Dois, um... — Mateo me deixou cair ao chão e me beijou, tentando manter meus lábios calados. Passei a dar o código para

Lety com meus dedos antes que Teo segurasse minhas mãos atrás de minhas costas.

Puxei seu lábio inferior com meus dentes.

— Não comece algo que não quer terminar — sussurrei contra sua boca.

Seus quentes olhos cor avelã se encontraram com meu olhar brincalhão. Ele sabia o que eu estava pedindo.

— Lety, talvez não seja uma boa ideia... E se ele só estava tentando ser agradável? — perguntou Sofia.

— E se ele quiser um pouco mais? — gritou Lety através das portas francesas, enquanto se deslocava entre os contatos do Teo. — Não perguntou por mim ou pelo Mateo, perguntou por você.

Pobre Sofia. O nervosismo em sua voz era tão óbvio quanto suas bochechas vermelhas.

— É que já faz um longo tempo desde que o vi. Talvez, tempo demais.

Mateo me arrastou em um forte abraço.

— Viu, ela não quer sua ajuda, Lety. Deixe de ser bisbilhoteira.

Lety lhe fez um gesto com a mão, detendo-se quando algo na tela chamou sua atenção.

— OH, esta é uma linda foto sua, Evie. Você está linda com

esse boné.

Mateo riu quando cobri meu rosto. Lety não tinha ideia do quanto tinha sido recortada essa foto.

Lety sorriu.

— Enviarei meu número em uma mensagem de texto para que nos mantenhamos em contato.

— Parece bom. — Sorri pelos esforços de Lety e dos palavrões de Mateo.

Seus olhos aumentaram quando encontrou o que estava procurando. Com uma piscada em minha direção, tocou a tela e foi trabalhar enquanto Sofia enterrava seu rosto em suas mãos.

— Olá, Killian. É Lety. Minha prima Sol fará seu aniversário de 15 anos no dia dezesseis de abril. Envie uma mensagem de texto a Sofia e lhe deixe saber se for vir. Sei que ela adoraria ver você. — Passou o número de Sofia, e então saiu do quarto de Teo, saltitando.

Sofia se dobrou na poltrona reclinável de couro.

— Acho que vou vomitar.

— Eu também — disse Mateo, tirando seu telefone das mãos de Lety e nos puxando para o sofá. — Sofi, não sei o que você vai dizer a Killian. Droga, pelo que sei, ele bem que poderia aparecer na festa, mas deixa eu te dizer, ele já esteve metido com um monte

de garotas.

— Você também — assinalou Lety. — Mas olhe como está indo agora — Não sei o rosto de quem ficou mais vermelho, o meu ou o do Teo.

Passamos o resto do dia com suas irmãs, falando e esperando notícias de Carlos. Perto do entardecer, Pete enviou uma mensagem de texto. Carlos ficaria três meses na prisão, tendo em vista a quantidade de drogas com as quais foi encontrado. Embora isso não significasse que Sofia estaria a salvo quando Carlos fosse liberado, no momento, não podia machucá-la.

Mateo e eu caminhamos com elas até a saída. Lety tinha movido seu velho e grande automóvel para a rua, quando Teo saiu rapidamente para comprar nosso almoço.

— Tem certeza de que não querem ficar para jantar? — perguntou. — A lasanha da Evie será melhor que comer na universidade.

Lety sorriu a seu irmão. Esta vez não foi brincalhona ou zombadora. Era simplesmente doce. E, talvez, um pouco triste.

— Tenho que voltar para a escola e me encontrar com meu grupo de estudo. — Teo inclinou a cabeça.

— Vai ter tempo para levar Sofia para casa?

— Sim. Não vamos nos encontrar na biblioteca até a meia-

noite.

— Estudo a meia-noite?

— Sim.

Teo a olhou da cabeça aos pés.

— Seu novo namorado também está nesse grupo de estudo? — A risada dela respondeu sua pergunta.

— Jesus, Lety. Não fique grávida.

— Teo!

— Falo sério, Lety. — Passou uma mão por seu cabelo curto. — E não se esqueça de me enviar uma mensagem de texto quando deixar Sofi e quando chegar em seu dormitório.

— Não vou esquecer. — Lety sorriu e me abraçou. — Foi bom ver você de novo, Evie. Vai no aniversário da Sol?

Considerando que Mateo não o tinha mencionado antes, não tinha certeza. — Não sei. Mas foi realmente bom vê-las de novo.

Ela sorriu de novo e beijou minha bochecha. Sofia não foi tão amigável, mas me ofereceu um sorriso amável.

— Adeus, Evie — ela disse em voz baixa.

— Adeus, Sofia. Deixe-me saber se Killian te ligar.

Ela assentiu, embora suspeitasse que era muito tímida para me contar isso, mesmo que ele ligasse. Não podia ver seu rubor na

escuridão, mas sabia que ele estava ali, pela forma como seu olhar se desviou para baixo. Ela esperou um momento antes de olhar para o meu rosto.

— Estou realmente agradecida que esteja com nosso irmão, Evelyn. — Seu comentário doce realmente me comoveu e tratei de não começar a chorar.

— Obrigada. Também estou muito grata.

A mão quente de Mateo acariciou minhas costas. Quando levantei o olhar, beijou-me nos lábios.

— Nos dê uns minutos. Está bem, baby?

— Está bem.

Ele foi abraçar suas irmãs, cada uma com um braço. Levantou-as ao mesmo tempo, as apertando fortemente.

Saudei-as, embora provavelmente não me viram e caminhei pelo grande caminho até a entrada. Tinha chegado à piscina coberta quando o ruído de um golpe na cozinha de Elaine me fez parar. Soava como um animal enjaulado que estava tentando se liberar. E me assustou.

— Teo! — gritei, antes de correr pela grama. Elaine gritava. Jesus, tinha alguma coisa machucando Elaine!

— Teo! — gritei mais forte. — Teo, vem rápido!

Abri a porta da cozinha, e congelei no lugar. Essa imagem

ficaria gravada na minha memória para sempre.

Elaine estava curvada sobre a mesa da cozinha. A mesma mesa na qual tínhamos decorado biscoitos de Natal com malditos confeitos! A sua roupa de donzela francesa estava pendurada abaixo de seus seios, que estavam descobertos, e Sam, *Sam!* batia em sua bunda, suas calças até os tornozelos, sua bunda nua conduzindo dentro dela com tudo o que podia, seu cabelo branco resplandecendo em todas as direções.

Ele tirou a mordaça de sua boca, quando me viu de pé.

— Malibú?

— Ah, Jeesu... — foi tudo o que consegui dizer antes de fechar a porta e correr. Mateo me alcançou quando eu estava na piscina.

— Evie, o que aconteceu?

Agitei minhas mãos e corri, me negando a parar até que estivesse em seu apartamento. Ele baixou o zíper de sua jaqueta e fechou a porta, me observando enquanto andava de um lado para o outro. Aproximou-se lentamente, com as mãos para cima.

— Baby o que aconteceu?

Apontei violentamente para a porta. Ele a olhou e depois olhou para mim. — Está me assustando. Só me diga o que aconteceu.

— Acabei de descobrir que Sam e Elaine estão fazendo sexo

na cozinha — derramei e não disse mais nada. — Sobre a mesa.

Mesmo assim, Mateo só me olhou.

— Como dois macacos.

Abriu a boca e começou a rir. Fiquei horrorizada.

— Você acha que isso é engraçado? — Ele caiu ao chão, agarrando sua barriga. — Teo!

Como não me respondeu, tirei a jaqueta e o moletom. Estava quente dentro de seu apartamento e, apesar dos calafrios proporcionados por Sam e Elaine, não podia esperar para me livrar das minhas roupas pesadas.

Entrei na cozinha, enquanto ele continuava enlouquecendo no chão e tirei do congelador a lasanha extra que tinha feito. Por um momento, simplesmente fiquei olhando. Elaine tinha me ajudado a preparar isto. Jesus. Como alguém que é capaz de fazer algo como isso, pode fazer algo como aquilo?

Depois de colocar o prato no forno e ajustar o temporizador, sentei-me no chão junto Mateo e embalei sua cabeça em meu colo. Acariciei seu cabelo, revirando meus olhos enquanto ele continuava rindo. Limpou seu rosto cheio de lágrimas.

— Pensei que ela fazia a contabilidade de Sam — eu disse estupidamente. Teo estalou em risadas de novo. — Suponho que também foda com Sam.

— Poderia ter passado o resto de minha vida sem ver isso... e

essa mordaça de bola na boca... — Golpeei seu ombro quando ele riu de novo. — Poderia parar? Você não estaria rindo se tivesse visto.

Ele sorriu pra mim. — Sim, eu estaria.

Voltei a acariciar seu cabelo e suspirei. — É, estaria.

O humor se dissolveu lentamente de seu rosto.

— Tenho que te contar uma coisa. — Foi à mesa onde tinha sua correspondência e chaves. — Aqui. Leia isto.

Meus olhos se abriram quando li a carta onde o aceitavam em um programa de formação especializada em mecânica.

— Vou pôr um pouco de dinheiro nisto. Elaine e Sam vão cobrir o resto até que eu possa lhes pagar. — Sorriu. — Assim, se os vir fodendo como macacos na mesa da cozinha de novo, só deixe que se divirtam. Eles merecem.

Ignorei seu comentário sobre Sam e Elaine e lancei meus braços ao redor dele.

— Isso é incrível. — Quis lhe dar um breve beijo. Exceto que quando deslizei minha língua contra a dele, não quis parar. O calor esquentou cada parte de mim, enquanto minhas mãos passavam sobre seu peito duro e nosso beijo aprofundou. Sim, eu queria muito mais com ele.

Mateo se sentou quando cheguei à fivela de seu cinto. Seus olhos ardiam, mesmo assim, suas mãos apertaram as minhas e as

mantinham estáveis.

— Tem certeza que está pronta? Porque podemos esperar.

Todas aquelas tatuagens épicas se enrolavam ao redor de seus braços e, mesmo assim, suas mãos agarrando as minhas, eram incrivelmente suaves. Mas, eu não queria que fossem suaves agora. Levantei e puxei sua camiseta, me detendo para olhar seus músculos volumosos.

— OH, sim... totalmente preparada.

E não era essa a luz verde que meu homem precisava? Mateo arrastou sua língua contra mim, afundando-se profundamente em minha boca. Minha mão deslizou por seu abdômen definido e mais abaixo, acariciando o crescente volume em seus jeans. E embora fosse eu quem o estava tocando, gemi quando o agarrei com as duas mãos.

Mateo puxou minha camiseta e abriu meu sutiã, me fazendo ofegar enquanto apertava meus mamilos entre seus dedos.

— É... demais? — ele perguntou, sua respiração rápida.

— Não. Por favor, não pare.

E ele não parou, deslizando suas mãos debaixo de minha calcinha. Minha cabeça tombou para trás quando seus dedos avançaram mais.

— OH, Deus... Teo.

Enquanto eu gemia, ele xingava enquanto baixava seus jeans e colocava minha boca ao redor dele. Relaxou seu corpo, dizendo meu nome uma e outra vez, entre grunhidos e maldições, conduzindo seus dedos mais rápidos.

Gozamos deitados no chão. Pensei que tínhamos terminado, mas então ele me levantou e me levou até o quarto. Meu corpo tremia enquanto tirávamos o que restava de nossas roupas. Mateo me arrastou para a cama e me pôs em cima dele.

— Está tomando anticoncepcional, certo?

— Sim. — Merda, quase não conseguia falar. Seus olhos estavam vidrados de luxúria.

— Bem. Muito bem.

Sabia o que ele queria, inclusive antes que arrastasse meus quadris até a sua boca. E mesmo assim gritei, me agarrando à cabeceira enquanto me sacudia em cima dele. Meus dedos estavam arranhando a parede no momento em que me puxou para seu colo.

Sua cabeça se inclinou para encontrar meus seios. Agarrei-o contra mim enquanto seguia me movendo, minha mente dava voltas. Não havia dor. Não havia lágrimas. Não havia lamentos.

Só existia Mateo e seu corpo se retorcendo debaixo de mim.

Capítulo 22

Verifiquei o recipiente a meus pés - pela enésima vez - e me agachei para ajustar a embalagem de plástico, convencida de que aquela coisa frágil não seguraria os pimentões recheados que Lourdes e eu tínhamos feito. Mateo esfregou meu joelho.

— Está tudo bem, Evie. Não se preocupe com isso. — Olhei-o enquanto tomava a saída para a Filadélfia.

— Você acha que seu tio Lino vai se zangar porque perdemos a missa?

— Nah. Além disso, se perguntar, só vou dizer a verdade. Ele é homem, vai entender.

Mateo riu quando cobri o rosto.

— Não tem graça — eu disse. Sua mão deslizou por minha saia. A afastei. — Não se atreva. É por isso que estamos atrasados.

— Evie. Não pode usar essa saia e esperar que eu não queira passar as mãos embaixo dela.

Puxei a barra do meu vestido roxo escuro.

— Querido, fazer seus movimentos sobre mim é uma coisa, me puxar para o quarto é outra. Além disso, tentei de te dissuadir para que não perdêssemos a missa.

Ele deu de ombros.

— Talvez tenha tentado. Não consegui mais te entender quando começou a gritar.

— Você é tão engraçado, não é?

Ele sorriu.

— Não, só estou muito entusiasmado com você. Meu corpo se esquentou. — Sim, o meu também.

Esfreguei o braço. Droga, ele estava sexy. Uma camisa azul royal de manga comprida que abraçava seu corpo e essas calças frouxas cor areia — as únicas calças sociais que tinha, segundo ele.

— No que está pensando? — perguntou.

— Que será bacana não ter que trabalhar no Excess esta noite. Meus pés ainda estão doendo, depois de meu turno de ontem.

— Você trabalhou duro ontem à noite cobrindo a mesa da Dee.

— Eu sei, mas sua filha estava doente.

Ele me olhou atravessado.

— Isso era tudo o que estava pensando?

— Não. — Inclinei-me para ele. — Também estou com vontade de voltar para sua casa, depois da festa. — Nossa vida sexual estava voltando ao normal e eu não poderia estar mais feliz. Estávamos próximos, em muitos sentidos. Mais próximos do que antes de ter lembrado do meu abuso.

Mateo piscou um olho pra mim.

— Eu gosto de você na minha cama. A sua é muito pequena. — Ele não estava se queixando mais cedo, recordei. Seu sorriso sexy me deu vontade de pular.

— Isso é porque não estávamos dormindo nela.

Ainda estávamos rindo quando ele parou em uma rua cheia de casas da classe trabalhadora e automóveis parados em fila dupla.

— Chegamos — ele disse, parando o carro no lugar que uma Yukon acabara de sair.

Saí e agarrei a embalagem. — Eu cuido disso, Ev — ele disse, dando a volta.

O frio da brisa de abril enviou calafrios por meus braços descobertos. Pus minha jaqueta, preocupada que não seria suficiente.

— Deveria ter trazido um casaco.

— Tenho um moletom na parte de trás, se precisar. Mas não acredito que precise. Lino disse que teria aquecedores externos, visto que Sol e todas as outras meninas estão usando vestidos de verão.

Ajustei minha jaqueta.

— Acredito que vá ficar bem. — Beijou a parte superior de minha cabeça. — Me deixe saber se não estiver.

— Já era hora de aparecerem. — A voz amigável de Lety me fez sorrir, antes que eu me virasse. Ela correu para nós em um vestido coral, parecido com o meu, exceto que o dela tinha mangas e o meu não tinha nenhuma. Ela estava incrível. O menino alto e loiro, de pé, vestido com camisa e calças a seu lado, parecia pensar o mesmo. Observou-a saudar seu irmão e manteve os olhos fixos nela quando me cumprimentou. — Fico feliz de ver você, Evie — ela disse. — Fico contente que Teo pôs uma calça e te trouxe.

Ela saiu do alcance de Teo, quando ele tinha a intensão de pegá-la. Seu encontro se adiantou quando Lety se deslizou atrás dele.

— Olá, Teo — disse o cara, lhe estendendo a mão. — Como vai?

— Tudo bem. Está sendo bom com minha irmã?

O cara riu e deu um tapinha nos ombros do Teo.

— Claro. Sua ameaça a minha vida e de meus meninos foi muito contundente, cara. — Havia algo familiar em seu rosto, mas não estava certa do que era. Ele tinha um ar de reconhecimento quando me viu. — Evelyn Preston? — perguntou.

Lety se interpôs entre nós, seus grandes olhos escuros se arregalando ligeiramente.

— Conhece a namorada do meu irmão? — Ela sorriu de novo.

— Sim, conheço. Ela estava no baile de debutantes da minha prima, Courtney.

— Foi uma debutante? — Mateo me perguntou. — Essa merda ainda acontece?

— Só entre nós, os meninos ricos brancos, Teo — ele respondeu. — Amigo, você não tem ideia de quão afortunado é por ser latino e do gueto.

Lety lhe deu um empurrão.

— Deixe de ser desagradável.

Quando seu namorado riu de novo, me dei conta de onde o conhecia. Apontei-o.

— Você é Brody Quaid. Você e seus amigos roubaram o bolo... e os sapatos de Courtney... e sua maldita coroa.

— Não... — Lety tampou a boca. — Está falando sério? — Brody deu de ombros.

— Tivemos que fazer isso. Era uma festa chata, até que animamos as coisas. Além disso, Courtney é uma verdadeira cadela, pode perguntar para qualquer um. — Ofereceu-me uma piscada lenta. — Tudo bem que eu não sabia que uma debutante poderia xingar feito um marinheiro.

Todos nós rimos, exceto Teo. Ele pegou a embalagem de dentro do carro com cuidado e fechou a porta. Esfreguei suas costas.

— O que aconteceu?

Ele observou Brody e Lety de pé diante de nós. — Não sabia que você tinha sido uma debutante.

— Não é grande coisa, Teo.

— Isso foi o que você falou sobre o lugar onde cresceu. — Deixei cair minha mão.

— E eu falei sério, como estou falando agora.

Eu não gostei da forma que Teo pareceu se afastar. Ele me levou até a minha antiga casa quando o primo de Lourdes me informou que estava à venda. Imaginei que meus tios finalmente tinham consegui ela para si mesmos e estavam tirando proveito disso. Meu objetivo era dizer um último adeus a meu passado. Teo tinha vindo pelo apoio moral. Não podia prever como reagiria.

— Esta é a escola onde você estudou? — Tinha perguntado quando entrou no grande lugar.

Ele sabia que eu tinha ido a uma escola particular e pensou que era onde o tinha levado.

— Não. Essa era a minha casa.

Observou o exterior do imóvel.

— Caralho. — foi tudo o que disse.

— Vamos, Teo. Eles estavam nos esperando. Tio Lino quer começar o quanto antes e MA já está dando um ataque sobre a comida fria. — Lety e Brody se apressaram. Ele pendurou seu braço ao redor dela, mas tirou imediatamente, quando ela encolheu os ombros.

— Já lhe disse isso, não pode ficar todo grudento na frente de minha família. É algo sobre respeito. — Ela riu quando Brody deu a volta e tentou retornar ao lugar onde tínhamos nos encontrado. — O que você está fazendo?

— Te levando de volta para o carro. Assim, posso te faltar com o respeito e te tirar de meu sistema antes da festa. — Ele levantou as mãos em sinal de rendição quando Teo estreitou os olhos. — Quero dizer, da melhor maneira possível, cara — ele disse.

Teo suspirou.

— Tem sorte de que pode me fazer rir. — Lety disse. — Se

comporte. — Ela moveu seu dedo para nós. — Isso vale para vocês dois também. Mãos fora... Brody! — disse, chiando enquanto ele a carregava.

— Última vez. Juro.

Sorri quando passamos e eles começaram a se beijar.

— Eles parecem realmente apaixonados.

— Suponho que sim. — Ele soprou. — Me surpreende que eles estejam fazendo funcionar.

— Por quê?

— Por que eles são de dois mundos diferentes — ele respondeu, em voz baixa.

E nós também, foi o que tinha dado a entender. Não queria pensar no que não disse, tendo em conta o muito que o tinha deprimido ver minha casa da infância. Assim, em vez disso, lhe dei uma cotovelada.

— Você gosta dele, não gosta?

Ele sorriu.

— Sim, mas não posso deixar que o menino branco saiba. Do contrário, poderia machucar a minha irmã.

— Esse menino branco é tão alto como você. — Olhei, enquanto terminavam seu momento de beijos. — E não acredito que tenha que se preocupar com nada. Ele é um bom menino...

autêntico, não como alguns dos outros meninos com os quais cresci.

Os passos de Mateo desaceleraram quando viu seu antigo companheiro de treinamento dando a volta na esquina. Killian colocou as mãos na jaqueta de couro preta que levava e cruzou a rua, seu enfoque adiante.

— Kill apareceu? — perguntou Teo para Lety por cima do ombro.

— Sim. Ele realmente queria ver Sofia — ela respondeu em voz baixa.

— E?

Lety soltou a mão de Brody e cruzou os braços.

— E Sofi ficou um pouco tímida. Foi difícil para ela falar com ele... não importa quão duro Killian tentou.

— Bom.

— Teo!

— Não quero Sofia com ele, Lety — insistiu Mateo.

— Por quê? — Brody colocou as mãos em suas calças. — O crack que me vendeu pareceu de boa qualidade.

Teo apertou os lábios para reprimir seu sorriso. Lety golpeou o braço de Brody, seu corpo tremendo de rir.

— Brody, para de tentar ajudar.

Teo limpou a garganta.

— Ela precisa de tempo, Lety. Só deixe ela quieta. Com um pouco de sorte, ela vai entrar para um convento e virar freira.

— Freira? — Lety negou com a cabeça. — Que gentil, Teo.

— Isso parece sexy. — Brody baixou a voz para soar como Batman. — Você vai se vestir assim para mim, depois? — ele perguntou para Lety.

— Brody, é um idiota. Evie, não o incentive — ela disse, quando eu ri.

Demos a volta na esquina em uma rua que estava fechada e cheia de filas de móveis de jardim. Como Mateo disse, os aquecedores foram colocados a cada poucos metros, elevando a temperatura do final da tarde a um nível cômodo.

A grande multidão de latinos se separou quando nos viram. Nós os olhávamos como eles nos olhavam.

Brody se inclinou para frente e disse em voz baixa:

— Psst, Evelyn. Quer me ajudar a limpar o caminho? No três, grite: "Imigração!".

— Você é um fodido, cara — disse Teo. Desta vez, ele não conseguiu conter sua risada, o que não fez nada para deter a minha risadinha.

Lety cobriu a boca, mas ainda não conseguia se acalmar.

— Brody, para! Falo sério. Vai conseguir que chutem sua bunda.

— Não se preocupe bonita. Esta é minha gente.

— Brody, sua gente leva iPads e pacotes de barras de proteína. A minha leva facões e armas de fogo, se comporte antes que Mateo tenha que te derrubar para salvar sua lamentável bunda.

Brody franziu o cenho, parecendo confuso.

— Pensei que havia dito que minha bunda era boa e mais apertada que...

— Brody!

Ela lhe deu uma cotovelada quando um homem corpulento com um terno escuro surgiu em nossa frente, seu bigode espesso dividido ao longo de sua boca. O pouco cabelo que conservava rodeava a base do crânio. Atrás dele seguia uma pequena mulher com um vestido florido. As olheiras rodeando seus olhos e suas rugas sugeriam uma vida que a tinha derrubado mais de uma vez.

— Olá, Teo! — disse o homem, lançando seus braços ao redor dele.

— ¿Qué pasa, Tío Lino? Felicidades.

— E ai tio Lino? Felicidades — Brody traduziu pra mim. —

Rosetta Stone[1] — acrescentou com uma piscada, me fazendo sorrir.

A alegria de Mateo não durou quando liberou seu tio e se inclinou para beijar a outra mulher.

— Olá, mamãe — disse em voz baixa. Tomou minha mão e me levou suavemente para frente. — Esta é minha namorada, Evelyn.

— Muito prazer, Senhora Três Santos — eu disse, soando como a garota mais branca do planeta.

— Prazer em conhecê-la, também — repetiu em voz baixa, com uma expressão indecifrável.

Tio Lino foi mais amável e me ofereceu sua mão. Como a mãe de Mateo, ele tinha um forte sotaque espanhol.

— Olá, Evelyn. Me alegro que Teo pôde te trazer para nossa celebração.

— Obrigada. E felicidades a você e sua família.

— Obrigado, minha menina. É um momento agridoce para um pai. — Ele sorriu amavelmente. — Se me der licença, está na hora de apresentar a minha filha. Guardamos um lugar na frente para que vocês possam ver melhor. Por favor, é da família agora.

As palavras do tio Lino aqueceram meu coração. Ele desapareceu entre a multidão antes que eu pudesse agradecer sua

[1] *É um software de ensino de línguas*

hospitalidade.

Mateo lutou contra a possibilidade de me apresentar a sua família. Mantinha-se cauteloso sobre eles e seu passado e alerta sobre me livrar de qualquer dano. Sorri, sentindo um pouco mais de confiança, mas ele estava ocupado olhando para sua mãe.

A Sra. Três Santos disse algo em espanhol para Lety. A felicidade que emanava de Brody havia se dissolvido da cara de Lety no momento em que prestou atenção a sua mãe. Devido às palavras de sua mãe, a tensão aumentou entre elas. Lety soltou um suspiro e levou o prato das mãos de Mateo.

— Nos encontraremos no trono — disse antes de seguir para a direção em que seu tio foi.

— O que aconteceu? — perguntei.

— As mulheres estão a cargo da comida — murmurou Brody. — A senhora Três Santos está enlouquecida que Lety deixou que Teo carregasse o prato no lugar de carregá-lo ela mesma.

— É da Evelyn, Mamãe — disse Teo. — Só o carrego porque não quero que ela derrame nada sobre seu vestido.

— Lety poderia ter tirado de você. Ela conhece nossos costumes — disse sua mãe. Ela assentiu de novo em minha direção antes ir.

Não estava certa se a mãe de Mateo fosse daquelas que

diziam grosserias, mas sem dúvida tinha um talento para dizer "Foda-se" sem utilizar essas palavras.

— Lamento se coloquei Lety em problemas, Teo.

— Não se preocupe Ev. Minha mãe é muito apegada à tradição e espera que minhas irmãs sigam nossos costumes.

Tentei olhar para frente, mas já não podia vê-la na multidão.

— Eu deveria seguir suas tradições enquanto estou aqui? Não quero ofender ninguém.

Ele entrelaçou nossos dedos.

— Não. Não quero você fazendo o tipo de merda que minha mãe pensa que é importante.

Brody avançou pouco a pouco, sua expressão mais tênue.

— Vamos para frente. Não quero deixar Lety sozinha por muito tempo.

— Elas já estavam brigando? — Mateo se esticou, como se já soubesse a resposta.

Brody encolheu os ombros.

— Não. Mas o atrito cresceu entre elas desde que a vimos na igreja. Não levará muito tempo antes que cheguem a isso.

— Merda — murmurou Mateo. — Venha, vamos.

Não estava familiarizada com um aniversário de quinze anos.

Wiki explicou um pouco. Mas vê-la foi totalmente incrível. Quinze das melhores amigas de Sol, junto com quinze companheiros e um adicional para Sol, faziam seus acompanhantes. As garotas vestiam vestidos cor de rosa pálido, incluindo Sofia, que era uma das que estava entre eles na festa de Sol.

O vestido de Sol era de um tom mais profundo de rosa e mais elaborado, fazendo com que se destacasse entre o mar de tons mais claros e os vestidos mais simples. A apresentação, a qual se parecia mais a um banquete de bodas que a uma celebração de aniversário, também incluía um menino e uma menina que levavam os sapatos e a coroa de Sol em travesseiros de cetim. Através de lágrimas felizes e orgulhosas, seus pais lhe colocaram sua coroa na cabeça e a ajudaram a vestir seus sapatos. Acabava de conhecer Sol, mas não pude evitar me emocionar quando vi o amor que seus pais derramavam por ela.

— Droga, baby. — Mateo me abraçou e beijou o lugar perto da base de minha orelha, tentando ser doce e me consolar. Brody não parecia acreditar em "doce" ou inclusive "consolo", o humor era seu melhor amigo.

— Evelyn, comece a gritar como se tivesse visto um fantasma ou, melhor ainda, à avó morta de alguém — sussurrou. — Isso dará a Teo e há mim tempo para roubar os sapatos e a coroa.

— Um fantasma? — repetiu Lety. — Sério, Brody?

— Sua gente acredita em toda essa merda mística e, puta

que pariu, Teo e eu precisamos de uma distração!

— Ohhhh, então agora são 'minha gente'.

— Até que soe o sino para o jantar, boneca.

— Shhh — sussurrei, tentando não rir.

A dança entre pai e filha foi seguida por mais danças entre Sol e seus acompanhantes. Minha boca se abriu. Cada dança foi cuidadosamente coreografada e tudo girava em torno de Sol. Todo o assunto era mais complexo que um recital de dança, misturando música tradicional e moderna.

— Quanto tempo demora para preparar tudo isto?

Embora Mateo tivesse que manter suas amostras de afeto a um mínimo, não conseguiu. Minhas costas descansavam contra seu peito e ele ajustou seu aperto em minha cintura.

— Várias semanas. Um aniversário de quinze anos é um grande investimento de tempo e é caro pra caralho. Devem treinar as danças ao menos duas vezes por semana com alguém que se especializa neste tipo de coisas. — Bufou. — Estamos fora, mesmo assim meu tio e tia gastaram muito.

O par de Sofia a fez girar. Seus movimentos, embora bem ensaiados, pareciam rígidos. Ela não estava relaxada em torno do jovem menino com quem dançava. Ele era lindo e respeitoso e poderia dizer que gostava dela pelo modo como lhe sorria e tinha o cuidado de olhá-la nos olhos.

Sofia não lhe devolvia o sorriso. Parecia indiferente e um pouco nervosa. Dado seu passado, podia simpatizar com seu comportamento, mas tratei de não me centrar nisso.

— Sofia está linda. Eu gosto de seu cabelo assim para cima. — Sim ela parece bem.

Cobri as mãos de Mateo.

— Você pagou pelo vestido e pelas joias, não é?

— Lety ajudou e desembolsou um pouco de dinheiro para que alguém arrumasse o cabelo dela. — Ele pôs seu queixo na parte superior de minha cabeça. — Era importante para Sofia estar nisto. Ela não teve uma festa de quinze anos, nem Lety.

— Não é um grande problema — disse Lety, embora me desse conta de que era.

Brody acariciou as costas dela. O gesto foi sutil, não como Mateo me abraçava, mas a mãe de Lety lançou a ele um olhar de advertência.

— Jesus — murmurou Lety, pondo um pouco de distância entre eles. — Sinto muito, Brody.

— Não se preocupe — sussurrou. — Deixarei que me faça coisas sujas mais tarde, para me recompensar por isso.

A risadinha de Lety valeu outra careta de sua mãe. Toquei seu ombro, tentando demonstrar que estava do lado dela. Lety

negou com a cabeça.

— Não se preocupe, Evelyn. É assim que é. Já deveria estar acostumada com isso.

A música terminou. Depois de um longo aplauso e agradecimentos de Sol e seus pais a seus convidados, era hora de comer. Brody nos deixou e se aproximou de um grupo de mulheres que estavam reunidas perto do bufê. Não estava certa do que ele estava fazendo e me estiquei um pouco quando Lety cobriu o rosto.

— OH, não, Brody, não — disse ela.

Sem vergonha alguma, Brody levantou as mãos sobre sua cabeça e gritou: — Minha família!

Santa Merda.

As mulheres o abordaram, mimando-o e guiando-o a uma mesa como se Brody fosse da família. Ele deu uma piscada para Lety. Ela riu e negou com a cabeça.

— Ele é tão puxa-saco. — Mateo soltou. — Tem certeza de que seu pequeno menino branco não deveria entrar na política? O punk sabe como dirigir um público.

As bochechas de Lety se ruborizaram enquanto ela ria.

— Isso não é nada. Deveria ter visto todos o olhando quando chegamos na igreja. Deus, eu estava toda preocupada de que eles fossem cruéis com ele. Mas então ele se pavoneou para o altar

como se fosse o dono do lugar e começou a falar em espanhol com o padre e as carolas. — Lety golpeou as mãos a seus lados. — Isso foi tudo. Foi tudo o que fez para impressioná-los. Terei sorte se puder ficar a sós com ele esta noite.

Me aproximei dela quando, começou a se afastar. — Escuta, aonde você vai?

Ela fez uma careta.

— Servir comida aos homens. É o que se espera que eu faça.

— Eu deveria ir também?

Ela sorriu de um só lado. — Sabe falar espanhol?

— Não. Estudei francês.

Ela olhou para onde Brody já estava cavando um prato de comida. Uma horda crescente de mulheres de idade avançada o rodeava, oferecendo mais e acrescentando a seu prato. Ela suspirou e me estendeu a mão.

— Então é melhor que você venha comigo, garota.

Lety e eu passamos a hora seguinte servindo a comida. Mateo e Brody passaram esse tempo comendo.

— Quanto tempo você e Brody estão juntos?

Lety acrescentou bananas fritas e um pouco de feijão no prato de um menino.

— Só um pouco. Nos conhecemos em nosso primeiro semestre de química. — Ela sorriu com carinho, como se recordasse. — Ficamos amigos imediatamente e passávamos uma incrível quantidade de tempo juntos. Mas apesar de ter gostado dele desde o começo, não tinha nem ideia de que ele gostasse de mim do mesmo jeito.

Golpeei-a com meu cotovelo.

— Por quê? Você é tão bonita. — Não dizia isso só para animá-la. Lety era dessas latinas sensuais pelas quais os homens babavam o tempo todo. Não tinha que tentar ser sexy. Simplesmente era.

Ela raspou a colher na tigela de alumínio.

— Não sei. Mas Brody parece pensar que sim e isso é suficiente para mim. — Encolheu os ombros. — Ele é meu tudo, sabe?

— Bom, é óbvio que ele te adora.

Lety ficou quieta.

— Assim espero.

A senhora Três Santos se aproximou e lhe falou algo em espanhol. Lety deixou cair a colher grande na frigideira.

— MA, ele comeu. Isso é o que importa.

A senhora Três Santos cortou seu olhar em minha direção e

se foi. Sim, essa mulher nunca me doaria um rim.

— O que foi isso?

Lety puxou seu avental.

— Ela está zangada porque não servi Brody diretamente. Porque esse é meu lugar, sabe? Servir meu homem sem se importar com mais nada.

Mateo e Brody estavam bebendo cervejas e falando com um grupo de homens em espanhol. Brody disse algo que fez os homens rugirem uma risada e fez que Teo cuspisse sua cerveja. Fiz um gesto com minha colher em direção a ele.

— Deveria ter servido Mateo...?

A expressão estoica de Lety se partiu e, por um momento, pensei que ia chorar.

— Não se preocupe, Evie. Enquanto Teo siga sustentando, minha mãe não vai dizer coisa alguma para você. Merda. — Ela alisou seu avental. — Os homens e os meninos estão alimentados e servidos. É nossa hora de comer.

Lety e eu enchemos nossos pratos antes de caminhar para a zona designada para comer, mesas forradas com toalhas de picnic. Parecia que toda a comunidade tinha sido convidada para a festa de Sol. Música latina ecoava pelos enormes alto-falantes colocados em cada degrau dos vizinhos. As pessoas se reuniam em pequenos grupos, rindo e bebendo, enquanto alguns enchiam

as ruas só para dançar.

Sentamo-nos com Sofia, que sustentava um pequeno bebê em seu colo. Seus compridos e volumosos cachos ricocheteavam enquanto balançava o bebê ao ritmo da música. Com a maior parte do cabelo preso na parte superior da cabeça, pude ver todo o seu rosto e o quão bonita era. Enquanto Lety era toda picante, Sofia era doce, delicada e tinha uma beleza etérea.

Ela jogou uma olhada para o meu prato, sem saber que a estava olhando. — Esses pimentões que fez estavam bons, Evelyn. Chegou a prova-los?

Perguntei-me imediatamente quantos meninos admiravam Sofia sem que ela se desse conta.

— Não, não provei. — Mexi a comida em meu prato até que encontrei um camarão para pegar com meu garfo. — Estou feliz que acabaram e que ninguém passou mal.

Lety riu.

— OH, pare com isso. Teo disse que você está se convertendo em uma ótima cozinheira.

— É só porque sua senhoria e minha companheira de quarto estão me ensinando. — Lety me bateu na perna.

— Nesse caso, também te ensinarei. Vamos começar com *ropa vieja*, é um caldo de cabeça de gado Cubana. É fácil e é o favorito de Teo.

— Gosta mais que feijão frito — assinalou Sofia.

— Feijão frito?

Lety sorriu.

— Está aprendendo, Evie. Já poderemos fazer de você uma de nossas irmãs.

Sorri, apreciando a facilidade com que me aceitaram como a namorada de seu irmão. Tendo em conta quão próximas eram de Mateo, isso era grande.

Ele e Brody se aproximaram, quando terminava meu último pedaço de comida.

— Terminou de comer, baby? — Levantei as sobrancelhas.

— Sim. Terminou de socializar? — Me puxou para ele.

— Por agora. Vamos dançar.

Mateo me conduziu à aglomeração de gente dançando na rua. A música cubana não era algo ao qual estava acostumada, mas tinha o ritmo de anos de aulas de dança. Também tinha o exemplo de Lety, que rebolava a meu lado com Brody.

— Está tudo nos quadris, Evelyn. Me observe.

Ela levantou os braços e se moveu, deixando Brody ignorar a política de "mãos fora". Eu imitava seus movimentos, permitindo me guiar dos simples passos aos mais complexos, até que ficaram

naturais. Ela riu quando Brody sussurrou algo em seu ouvido.

Mateo também disse algo, exceto que não me fez rir. — Evie, não tem nem ideia do que está me fazendo agora mesmo.

Sorri alegremente. — Ah é? E o que poderia ser?

Os murmúrios construindo-se e os passos vacilantes nunca permitiram que Mateo me respondesse. Apesar da música festiva e da celebração, o ambiente que nos rodeava mudou com rapidez. Uma figura descomunal passou entre a multidão, agitando medo nas pessoas que nos rodeavam. Soube quem era antes que alguém pudesse dizer algo. Ele e seu filho eram parecidos.

O pai de Mateo observou a multidão, seu olhar vicioso caindo diretamente sobre Sofia, que seguia sentada na mesa sustentando o bebê em seu colo.

Capítulo 23

Mateo me empurrou para junto de Brody.

— Fique com ele, Evie — disse sem me olhar. Ele e Lety se dirigiram através da multidão, enquanto Carlos Três Santos caminhava para Sofia.

Os olhos da Sofia aumentaram quando viu seu pai e ela ficou quieta como um cervo enfrentando um grande lobo. Sabia o que estava pensando: não era para ele estar aqui. Era para ela estar a salvo. Agora, já não estava.

— OH, Deus — articulou.

O tio Lino o interceptou. Sorriu e falou com calma, tentando guiá-lo para longe de Sofia.

— Carlos, não faça isto, cunhado. É o aniversário de quinze anos de minha filha,

— Aniversário ao qual não fui convidado — cuspiu Carlos, seu acento grosso e pesado com despeito. Moveu o queixo do tio Lino. — Mas convidou a minha puta e seus filhos? Não foi?

— Carlos, ela é minha irmã e eles são seus filhos. — Ele

disse algo mais, desta vez em espanhol, com voz suplicante.

Carlos fez um gesto com seu braço gigante, com força suficiente para que tio Lino tropeçasse na rua. As pessoas ofegaram.

— Tio Carlos, por favor — rogou Sol quando ela e sua mãe correram junto de Lino.

Minha respiração se liberou em um estremecimento. Não sabia muito sobre Carlos Três Santos. Mas o fato de que todos ao seu redor estivessem retrocedendo e as experiências que Mateo tinha compartilhado, me advertiram que deveria ter medo.

E eu tinha.

Tatuagens coloridas de mulheres e Santos pintavam seus braços e cicatrizes grossas danificavam seu rosto. Mas foram esses olhos avelã frágeis e enlouquecidos que mais me assustaram.

Rastros de pó branco se aferravam a barba de seu rosto. Crack, cocaína, heroína... não sabia o que tinha usado, mas fosse o que fosse, provavelmente tinha acendido sua ira.

— Vamos — sussurrou-me Brody. Sacudi minha cabeça lentamente.

— Não acredito que você vai embora.

Mateo e Lety estavam ao lado de Sofia, que se encolheu como um bebê. A mãe do pequeno menino abriu caminho através da

multidão e o pegou de volta, justo quando Carlos fechava a distância restante.

Carlos olhou o pequeno menino, que tinha começado a chorar.

— É teu? Sua puta? Esteve se prostituindo de novo, ou estava muito ocupada enviando seu pai para a cadeia?

Lágrimas gotejaram dos olhos claros de Sofia. Deus, ela estava aterrorizada.

— Deixe-a — ordenou Lety. Estava tentando dizer que a deixasse em paz, sabia que o estava fazendo, como sabia que queria desviar a atenção de seu pai de Sofia.

Mateo levantou Sofia e a arrastou para trás dele, protegendo-a com seu corpo. Mas isso deixou Lety vulnerável e seu pai não perdeu tempo.

O golpe do Carlos no rosto de Lety foi como o estalo de um chicote. Sofia gritou quando Lety girou e caiu na calçada.

Tudo ocorreu de uma vez. Brody xingou, lançando-se para frente e gritando por Lety. Homens - alguns dos quais tinham estado brincando com ele mais cedo - barraram Brody e o empurraram para trás. — Fique fora disto, homem! — gritou um deles. — Este é um problema de família.

Mateo levantou Lety da rua. Virou para trás, se esquivando do punho de seu pai. Ele afastou suas irmãs para um lado,

enquanto mantinha seu pai no seu campo de visão.

— Vamos, vamos! — insistiu.

Sangue jorrava do nariz de Lety e dos arranhões em suas mãos e joelhos. Tinha batido no chão com força. Ela cambaleou para os braços de Sofia, desorientada e incapaz de se manter em pé. Sofia tentou ajudá-la, mas seu corpo magro quase que não podia sustentar a sua irmã.

Jesus Cristo.

O sangue, a violência, tudo alimentava a raiva de Carlos. Ele empurrou o peito de Mateo, seus golpes fortes e cruéis. Mateo esquivava de cada golpe, atraindo seu pai para longe de Lety e Sofia. Sua respiração era pesada e seus olhos se encontravam com os de seu pai enquanto cada um dos murros de Carlos o acertavam. Não me dei conta de que estavam me segurando até que tentei me soltar.

— Deixem-me ir. Merda, deixem-me ir! — Mas o grupo de mulheres me sustentava com força.

Carlos se virou. Como seu filho, ele sabia como lutar. Mateo bloqueou alguns, se esquivou de outros, mas não estava devolvendo os golpes. E ele precisava devolver. Carlos não ia parar. Queria que seu filho sangrasse.

Um gancho no queixo de Mateo o enviou voando à mesa de bufê. Gritei, quando Carlos saltou em cima dele com uma faca

apertada em seu punho. Sacudi violentamente, tentando me liberar.

— Teo. Mateo!

Os gritos das mulheres me sustentando ecoavam sobre meus soluços. Carlos baixou a faca. Teo agarrou o pulso de seu pai, mantendo a ponta afiada afastada de seu rosto.

Lety estalou entre a multidão com seus passos instáveis e se atirou em cima de seu pai. Usando o peso de seu pequeno corpo, puxou o braço de seu pai para baixo. A faca caiu de sua mão e ela a golpeou longe, com seu pé. Salvou o irmão, mas lhe custou outro golpe no rosto.

Uma vez mais, Carlos enviou Lety cambaleando para o chão, onde caiu e não a vi se levantar. Brody se livrou dos braços que o seguravam, enquanto corria gritando o nome dela.

Os punhos do Carlos golpearam Mateo, que não fez mais que levantar seus braços em defesa. Gritei seu nome, meus soluços incontroláveis. Mas não conseguia me soltar e ninguém os ajudava.

Passou uma eternidade antes que Carlos finalmente parasse. Ou tinha dado a entender seu ponto ou se cansou de golpear seu filho. Cambaleou-se para o lado, deixando Mateo afundar-se no chão sujo.

Sangue saía da boca de Mateo e se filtrava através de uma

ferida em sua testa, gotejando sobre sua camisa rasgada. Seu olho direito — o mesmo lado que tinha sido brutalizado semanas atrás — estava inchado completamente, cegando-o.

Liberei-me do grupo de mulheres quando afrouxaram seu aperto e corri para o lado de Teo, caindo de joelhos perto dele. As pontas de meus dedos riscaram a pele em seu rosto golpeado, manchando-se de vermelho, quase imediatamente. Cristo, ele estava ferido gravemente e eu não sabia por onde começar a ajudá-lo.

— Teo.

Ódio endureceu seu olhar enquanto observava seu pai se afastar. Ele cuspiu sangue, grunhindo com cada respiração. Merda. Voltou a machucar suas costelas.

Carlos ficou rígido. Olhou por cima de seu ombro, de repente consciente da minha presença. Seu olhar lascivo, luxurioso e faminto me paralisou. Reconheci esse olhar. Recordei vê-lo no rosto de meu pai... na última noite em que tentou me violentar.

— Quem é esta, Teo?

Mateo ficou de pé imediatamente, embora o rápido movimento tenha lhe doido. Fiquei de pé, me dando conta de que era mais vulnerável no chão.

— Perguntei quem é esta. — Carlos riu. — É uma coisinha bonita. Você quer saber se seu papai a aprova?

Carlos veio para frente. Mateo ficou na minha frente, seus punhos apertados com força. Algo em Teo mudou. Não estava certa do que era, mas pressenti. Do mesmo modo que senti meu coração pulsando e meu terror aumentando. Desta vez Mateo não ia apenas se abaixar e ser golpeado.

Carlos o empurrou com força. Mateo cambaleou ligeiramente, mas enfrentou seu pai nariz com nariz. Sua voz profunda baixou a proporções letais.

— Não me importo com o que você faz comigo. Mas você não vai tocar na Evie. — Carlos riu. Ele não tinha medo. Empurrou suas mãos contra o peito de Mateo.

— Quer jogar duro comigo, imbecil?

— Dá outro passo pra perto de minha garota e você vai ver quão duro eu sou, velhote.

Quase não vi Carlos se mexer, mas Mateo viu. Ele o derrubou no chão em um piscar de olhos. Carlos chutou com sua perna, cravando seu pé nas costelas machucadas de Teo, rompendo seu aperto. Carlos veio na minha direção. Mateo o derrubou antes que pudesse me tocar e o jogou contra a mesa.

Ambos os homens se golpearam com ardor. Senti cada golpe nas vísceras. Mateo tomou a dianteira, batendo em seu pai tão forte que Carlos caiu no chão.

E isso foi tudo. Foi assim que tudo terminou. Mateo tinha

tido força para enfrentar o pai o tempo todo, mas agiu somente quando pensou que eu estivesse em perigo, só isso o obrigou a lutar. Eu não entendia. Mas, nesse momento, não me importava. Simplesmente queria que estivéssemos em algum lugar a salvo.

Mateo ficou de pé, exausto e respirando tão rápido que pensei que perderia a consciência. Sofia se apressou para nós e me ajudou a levá-lo.

Todo mundo se separou, nos observando, suas expressões sombrias. A música parou em algum momento. Não conseguia lembrar quando, mas no silêncio escutava cada respiração que Mateo puxava e cada arrastar de seus passos pesados.

Tio Lino e outros homens apareceram com tacos de beisebol antes que pudéssemos nos afastar muito.

— Vá, Teo — disse-lhe amavelmente. — A polícia está a caminho. Manteremos ele afastado de vocês até que cheguem no carro.

A Sra. Três Santos passou pela multidão com uma vassoura e um balde. Deteve-se e se encontrou com o rosto de Mateo, sua expressão distante e ilegível.

— Ainda é seu pai — disse-lhe secamente.

Meus lábios se separaram. Seu marido quase tinha matado seu filho. E, de algum jeito, Mateo, que tinha se adiantado para proteger a mim e as suas irmãs, era a quem ela tinha repreendido.

Quase roboticamente, ela se agachou e começou a limpar a rua lotada de comida e pratos quebrados. A forma como trabalhava com a vassoura, mostrou que deve ter limpado os desastres de seu marido milhares de vezes antes. A multidão a observava, a comoção empalidecendo alguns de seus rostos enquanto a lástima e o asco infestavam outros.

Lety, com a camisa de Brody pressionada contra seu nariz abandonou os braços de seu namorado. As lágrimas molhavam seu rosto. Ficou de pé em frente a sua mãe, olhando-a brevemente antes de perder o que restava de compostura.

Avançou, chutando o balde e derramando o conteúdo pelo asfalto manchado. Gritou com sua mãe em espanhol, quase que histericamente. Sol, sua tia e algumas outras mulheres apareceram e levaram Lety. Lety brigou contra seu aperto, gritando vulgaridades a uma mulher que nunca compreenderia o nível da dor de sua filha.

Brody as seguiu. Desta vez ninguém o deteve. Sequei as bochechas, meu corpo tremendo.

— Vamos sair daqui, Teo — roguei.

Quando estávamos chegando à esquina, seu pai o chamou

— Você não é nada, Mateo — gritou com a boca cheia de sangue. — Você acha que é diferente, mas é igual a mim. E nenhuma garota branca em seus braços vai mudar isso...

Capítulo 24

Não saímos imediatamente. Mateo abriu a janela traseira da Explorer. Ficamos apoiados contra o para-choque e esperamos a polícia chegar. Teo não iria embora até saber que suas irmãs estavam seguras. Sol e sua mãe haviam trazido uma toalha, uma garrafa de água e um pouco de gelo. Ele não me permitiu ajuda-lo e quase não disse uma palavra. Deixei-o sozinho. Sabia que suas lesões eram ruins, mas sua capacidade de permanecer na posição vertical e sua respiração regular demonstravam que pelo menos estava estável.

O que precisava agora era espaço. Sabia que estava envergonhado e ferido e possivelmente muito mais. De acordo com Sofia, tinha cometido o último pecado familiar.

Tinha batido em seu pai. O homem que lhe tinha dado a vida.

Não importava que Mateo estivesse me defendendo. De fato, minha participação foi pior. Eu não era sua esposa. Assim, tinha traído a sua família por uma qualquer. Sofia não tinha me chamado assim. Mas a explicação de seus costumes deixou claro que era o que a maioria dos presentes acreditavam.

Tamborilei meus dedos contra o para-choque e estremeci no frio da noite. A temperatura tinha baixado pelo menos uns dez graus, uma vez que o sol se pôs. Mateo não parecia ter se dado conta. Sustentou a bolsa de gelo contra seu olho e deixou cair à toalha ensanguentada entre nós. Deteve o sangramento da ferida de sua cabeça, mas ainda acreditava que se beneficiaria de cuidados médicos. Inclusive se eu mesma o checasse.

Mateo quase não se moveu enquanto viu a polícia tirar seu pai e subi-lo na parte traseira da viatura. Sofia disse que Carlos tinha golpeado um dos policiais e resistiu à prisão. Entre a agressão a um policial, as drogas que se encontravam em seu poder e outra violação da liberdade condicional, ia diretamente para a prisão.

— Você ou Lety vão apresentar queixa? — perguntei em voz baixa.

— Não. Como disse nossa mãe, esse pedaço de merda continua sendo nosso pai.

Pobre Lety. De onde estávamos sentados, podia escutá-la brigando com Brody. Deslizei para fora do para-choque quando escutei suas vozes se intensificando. Estavam de pé no final da quadra, sob a luz esbranquiçada de um velho farol, suas vozes acaloradas.

Lety disse algo que não pude distinguir, então girou sobre seus pés e se afastou de Brody, se aproximando de nós. Brody a

olhou, seu peito subindo e descendo tão rápido, que eu conseguia ver de onde estávamos.

— Foda-se! — gritou ele.

Pensei que correria atrás dela. Em vez disso, ele foi na direção oposta, desaparecendo pela rua.

Meus ombros caíram. Era a única coisa que podia fazer para não chorar por eles. Este não era o mesmo casal que tínhamos encontrado, apenas umas horas atrás.

Mateo subiu à calçada enquanto Lety se aproximava.

— O que aconteceu? — ele perguntou.

Lety desacelerou, com o rosto pálido e inchado pelo choro e pelos golpes de seu pai.

— Terminamos.

— O que?

Ela soluçou e estendeu suas mãos.

— Vamos, Teo. Você acha que um menino como ele quer ficar comigo? Depois de toda esta merda? — Seu rosto se enrugou e ela saiu correndo, seus gritos ficaram horríveis e estrangulados.

Mateo inclinou a cabeça.

— Vamos. — O tom absoluto de sua voz me impediu de perseguir Lety.

— E sua irmã?

Ele negou com a cabeça e fechou a parte de trás de seu carro.

Vi-o subir e ligar o motor. Pensei que ele iria sem mim. Mas esperou, apesar de ter levado um tempo para me mover.

Assim que coloquei meu cinto de segurança, Mateo bloqueou as portas e se afastou da calçada, sua condução surpreendentemente estável. Olhei atrás de mim, aonde a festa recomeçou de onde tinha parado, mas Lety tinha escapado.

— Não posso acreditar que ela terminou tudo entre eles.

Mateo não disse nada, mas desacelerou no final da rua. Sofi estava de pé na esquina, ainda bonita em seu vestido apesar da violência que tinha experimentado. Uma larga jaqueta de couro preta cobria seus ombros. Meus olhos se abriram. Ela esperava com Killian e essa era a jaqueta dele, me dei conta disso pela forma como ela ficava larga em seu pequeno corpo.

Killian secou uma lágrima de sua bochecha.

— Merda — murmurou Teo e baixou o vidro. Agarrei seu braço.

— Querido, deixe-a sozinha. Ele está sendo gentil. — Suspirei quando seu olhar voltou para mim. — Merece um sorriso hoje, não acha?

— Não é o sorriso dela que Killian quer.

— Teo, por favor.

Sofia deu um passo atrás de Killian quando captou o olhar de seu irmão.

— O que aconteceu, Teo? — perguntou Killian. Seus braços musculosos se sobressaíram quando os cruzou sobre seu enorme peito. O tipo era imenso, mas havia algo surpreendentemente tranquilo nele. Sua voz e os olhos azuis escuros se mantiveram relaxados. Teo, nem tanto.

— O que está acontecendo contigo e minha irmã? — espetou Mateo.— Não acha que já fez o suficiente?

Não sabia o que Teo quis dizer com seu comentário, mas parecia que Killian sim. Killian apertou sua mandíbula. Por um momento, não tive certeza do que ia acontecer. Ele deu uma olhada para Sofia, suavizando sua postura enquanto observava seu estado assustado.

— Não está acontecendo nada, cara. Eu simplesmente a estou acompanhando e me assegurando de que está a salvo.

— É melhor que isso seja tudo, Kill.

Killian pôs sua mão nas costas da Sofia e a levou em direção à festa. Ambos mantiveram seus olhos em Teo até que ele pisou no acelerador e se afastou.

— Merda — ele disse, olhando o espelho retrovisor.

—Deixa pra lá. — eu disse, suavemente.

Mateo não respondeu. Mas me dei conta de que continua zangado.

Enterrei meu corpo mais fundo no banco e puxei a minha jaqueta mais apertada. Teo ligou o aquecedor para mim, mas foi à única vez que ele reconheceu minha presença. Ele precisava tempo. E eu dei. Jesus, era o mínimo que eu podia fazer por ele.

Apoiei a cabeça contra a janela, repentinamente cansada. Não me dei conta que tinha dormido até que ele parou na calçada em frente da minha casa.

Me mexi, totalmente acordada, mas confusa. — Pensei que ia ficar com você esta noite. — Mateo ficou olhando para frente.

— Não é uma boa ideia.

— Por quê? — Ele não me respondeu. Meu estômago se revirou. — Olha, se você precisa ficar sozinho esta noite pelo que aconteceu, é uma coisa. Mas se...

A ira e algo mais encheram as feições de Mateo.

— Acho que deveríamos deixar de nos ver.

— O que? — Mais uma vez, ele não me respondeu, seu silêncio quase como um ataque físico. — Teo, por que você está fazendo isto?

Ele se virou para mim.

— Evie, não estamos indo a lugar nenhum. Não consegue enxergar? Eu consigo.

Desta vez, eu é quem estava zangada.

— Ainda não estávamos indo a lugar nenhum, quando você me jogou na cama esta manhã? — Ele voltou sua atenção para a rua. — Porque se não estávamos, tenho certeza de que não foi o que pareceu.

Ele apertou sua mandíbula.

— Acabou, Evie. Precisa ser assim.

Ele poderia ter me apunhalado no coração, pela forma como doía.

— Droga, não faça isto, Teo.

— Nós não temos um futuro juntos, Evie.

— Não diga isso. — Minha voz se quebrou. — Eu amo você. E você disse que também me amava.

Mateo fechou os olhos.

— Logo você vai se formar, vai trabalhar num hospital e conhecer um médico...

— Não faça isso.

— ... um residente...

Abracei meu corpo, sacudindo a cabeça.

— Pare.

— ... ou algum outro cara com um título que possa te dar mais do que eu. — Então ele me encarou, sua expressão estava dolorida. — Você merece. Não estou dizendo que não merece. Mas estou dizendo que eu não sou o cara que pode te dar isso.

— Não quero uma porra de um médico ou qualquer outra pessoa. Eu quero você! — Minhas lágrimas caiam. — Por que não consegue ver o que você significa para mim?

— Foda-se, Evie. Você viu de onde eu sou e para onde eu vou? Esta merda que você viu hoje é praticamente nada, em comparação com o que aconteceu no passado. Sofia vai terminar como nossa mãe, uma mulher maltratada que prefere esperar e ver seu marido bater nela e em seus filhos antes de dizer algo contra ele!

Fiquei imóvel, deixando que ele falasse e liberasse tudo o que tinha dentro de si.

Ele bateu no volante, apesar do movimento ter lhe causado bastante dor, uma vez que pressionou a mão contra suas costelas.

— Meu pai esteve me fazendo sangrar desde antes que eu pudesse caminhar. Estava acostumado a me dizer o que ia fazer, muito antes de seu primeiro golpe, só para que eu soubesse o

quanto ia doer. E a Lety? Ela foi concebida de um estupro... algo que nosso pai joga na cara dela, como se lhe devesse por ter nascido. Esqueça todas as vezes em que ela foi golpeada. Isso é o que mais fode com sua cabeça. — Ele suspirou. — E isso provavelmente arruinou suas chances com um cara decente.

— É por isso que você está terminando comigo? Sua cabeça está tão fodida, que por causa disso acha que não merece ser feliz?

Mateo ficou completamente imóvel, salvo por sua respiração, que era pesada e entrecortada pela ira.

Tirei o cinto de segurança, me arrastei pelo console central para seu colo. Ele não lutou comigo, então eu o beijei. Quando me devolveu o beijo e senti seus lábios contra meus, sabia que não seria capaz de deixá-lo ir. Meus braços se enrolaram ao redor de seu pescoço.

— Pra mim, você é a pessoa mais importante neste mundo. — sussurrei. — Eu te imploro, não me deixe.

A voz de Mateo tremeu.

— Evie, está deixando esta merda muito mais difícil para mim do que já é.

Afoguei um soluço.

— Não pode ser mais difícil do que o que você fez por mim hoje. Brigou com seu pai por mim, Mateo. Jesus, não posso

imaginar o que isso fez a você.

Sua respiração se acelerou como se estivesse recordando, e seu aperto em minha cintura aumentou.

— Ev, mesmo estando tão fodido, continuo sendo filho do meu pai. Tenho antecedentes criminais. Arruinei minha vida, como ele sempre disse que eu faria. — Ele engoliu a saliva. — Vi de onde você vem e para onde você vai. Nunca vou ser suficientemente bom para você. Fui um idiota por pensar que poderia ser.

Meu corpo tremia, pela força com que chorava.

— Alguma vez parou para pensar que, talvez, eu tenha me perguntado se sou suficientemente boa para você? — Lentamente, ele levantou o queixo. Tive sua atenção então. Procurei em seu rosto enquanto minhas lágrimas reprimidas caíam sobre meu vestido. — Fui estuprada repetidamente por meu pai, Mateo. E embora saiba que não foi minha culpa, nunca me senti tão suja na minha vida.

Suas mãos cavaram meu rosto, sua expressão esmagada.

— Baby... por que diabos você pensaria isso?

A suavidade de sua voz provocou mais lágrimas.

— Não posso evitar de me sentir assim. Cada vez que penso no que ele me fez, eu sinto. — Tomei ar, lutando pra continuar. — Mas meu maior temor era que você sentisse o mesmo... que

pensaria que eu era suja e que não era digna de ser amada.

Seus músculos endureceram e seus olhos se cravaram nos meus. — Nunca pensaria isso de você.

— E não penso menos de você pelo que seu pai te fez ou porque esteve na prisão ou porque não teve uma vida perfeita. — Minhas mãos agarraram seus pulsos. — Nossos pais não eram bons homens, Mateo. Isso não quer dizer que não merecemos algo bom em nossas vidas. — Deixei-me cair contra ele. — Você é o melhor em mim. Por favor, deixe que eu seja o melhor em você...





Capítulo 25

A formatura finalmente tinha chegado. Todo esse duro trabalho, todas as horas até tarde, todo o sacrifício, tudo isso havia finalmente dado seus frutos. Minha emoção não me deixava ficar quieta. Agarrei a parte inferior de meu assento enquanto o presidente do departamento subia no púlpito para anunciar os nomes dos formandos.

Pareceu uma eternidade. E quando chegou o momento, perdi minha sempre amorosa mente. O presidente sorriu.

— E graduado como o melhor de sua classe, Mateo Três Santos.

A família e os amigos de Mateo, incluindo todos do nosso grupo no Excess, ficaram de pé, unindo-se a mim enquanto eu gritava com loucura. Mesmo de longe Mateo me viu e me deu aquela piscadela e o sorriso que eu amava.

— Esse é meu menino! — gritou Ant.

Lourdes apertou meu braço. — Parabéns, querido!

Girei meu anel de compromisso, de repente nervosa. Tinha convidado a todos que amavam Mateo para a cerimônia e também

para nossa nova casa para celebrar. Com tanta gente, esperava que tivesse feito comida suficiente.

Meu Deus, loucos meses tinham passado desde minha formatura. Às vezes, as horas passavam tão rapidamente que minha cabeça poderia girar. Em outras ocasiões, como durante meus turnos lentos no hospital, os minutos se arrastavam dolorosamente. Dito isto, seguíamos avançando e por isso não mudaria nenhuma maldita coisa.

Mateo e eu tínhamos tido nossos reveses. Eu continuava trabalhando para lutar contra meu trauma infantil e ele com o dele. Entretanto, a nossa relação floresceu.

A vida não foi inicialmente boa para nenhum de nós. Mas estávamos bem. E apesar dos demônios de nosso passado, nada mudaria isso.

Mateo ficou rodeado no minuto que abandonou o palco... por suas irmãs, Dee e sua filha, Noelle, Ant, Grande Chris, Sam e Elaine e vários membros da família que não poderiam estar mais felizes.

Ant lhe deu tapinhas no ombro.

— Mateo, o mecânico. — Ele fez um gesto com o queixo para ele. — O que aconteceu, Teo? Lutar não foi suficientemente bom para você, irmão?

— Não, valeu a pena. — Fez um gesto para Sam. — Meu

sócio quando abrir minha loja.

Sam sorriu como o chefe orgulhoso que era e apertou as mãos de Mateo.

— Me devolva o dinheiro como combinamos filho, e eu ficarei feliz. — Ele gritou quando viu que eu me dirigia através da multidão. — Malibu. Você vem ou o que?

Ri e revirei os olhos. — Sim, Sam, já vou.

O sorriso de Mateo se ampliou quando finalmente o alcancei. Gritei, quando ele me levantou em seus poderosos braços e me fez girar, me beijando com força e sem se importar que nos vissem. Seu sorriso se suavizou enquanto me baixava lentamente ao chão.

— Sabe, só estou aqui graças a você.

— Não, isto foi tudo você, querido. — Neguei com a cabeça. — Deus, estou tão orgulhosa!

Ele se inclinou para frente e me puxou para mais perto, sussurrando em minha orelha — Amo você, Evie.

Apertei-me contra ele com mais força, meus olhos cheios com lágrimas grossas.

— Também te amo, Mateo. Para sempre.

E isso era perfeito.

Fim





ONCE LOVED

Ele é o menino dourado do campus. Ela está recolhendo os pedaços de seu quebrado passado. Mas nos abrasadores romances de segundas oportunidades de Cecy Robson suas diferenças só fazem sua conexão mais explosiva.

Cada lembrança que Lety Três Santos tem de sua infância vem com uma cicatriz; algumas emocionais, algumas físicas. Seu pai é um abusivo, viciado em drogas e sua mãe permite seu comportamento destrutivo. A universidade oferece um novo começo para Lety... até que seu pai encontra uma maneira de arruinar isso também. Agora, depois de perder sua formatura, Lety deve permanecer na escola de algum jeito, pagar a matrícula e fazer ouvidos surdos aos rumores que a seguem. E tem a intenção de fazer tudo sem a ajuda de Brody Quaid.

Brody é uma estrela, um estudante com média de 4.0... e como estudante de primeiro ano se apaixonou fortemente pela bonita e enérgica Lety. Mas sua relação não continuou porque ele não conseguia romper os muros que ela pôs ao redor de seu coração. Com Lety ferida mais que nunca, Brody se esforça por recuperá-la e fazer acreditar no amor real e no



verdadeiro companheirismo. Isso significará a abertura de segredos encerrados em seu próprio passado... e confiar em alguém mais do que nunca se atreveu.

Lety sabe quão doloroso pode ser depender do homem errado. Também sabe o muito que Brody quer fazer isto da maneira correta. Mas precisa mais que apenas desejo para construírem um futuro juntos.

Capítulo 1

Abandonei o vestiário. Apenas tinha falado com alguém da minha equipe de remo e embora ninguém tivesse dito nada diretamente, fui consciente de cada olhar, cada sussurro. Apesar dos melhores esforços do decano, tinha vazado que o homem preso no dia anterior era meu pai. Queria gritar. Carlos queria me humilhar e tinha conseguido. Depois de seus punhos, a humilhação era sua arma favorita.

Minha bolsa de lona golpeou contra minhas costas enquanto me apressava através do centro esportivo, meus passos apressados enquanto caminhava junto a um grupo de jogadores de futebol.

— Não é Lety Três Santos? — tinha perguntado a garota



no centro. — Cujo pai descontrolado golpeou a polícia do campus?

Dei a volta.

— Sim. Essa sou eu. — Olharam-se atônitas. Não tinham esperado que respondesse e não estavam preparadas para minha reação. — Algo mais que queiram saber?

As três fecharam suas bocas. Seus pais nunca tinham aparecido no campus fora de controle. Seus pais não eram ex-condenados. E, seus pais não tinham passado a vida toda as machucando. Eu não podia dizer o mesmo.

Carlos tinha vindo aqui somente uma vez mais, exigindo dinheiro para drogas. Se não tivesse testemunhas teria me batido por negar lhe dar dinheiro. Meu pai era muitas coisas: um viciado, bipolar e um imbecil. Mas estúpido não era um de seus traços. Assim se foi, mas não antes de me chamar de cadela diante de meus amigos.

Uma das outras garotas encolheu os ombros.

— Melody não se referia a nada com isso — disse. — Só estava perguntando.

— Há coisas melhores sobre as quais perguntar — respondi.



Afastei-me com muita fúria. Minha mente insistia que deveria permitir que os comentários e a atenção passassem por mim. Saint Jude era um pequeno colégio privado com pouco mais de dois mil estudantes vivendo no campus. Os rumores viajavam rápido e quando o resto dos estudantes chegassem em dois dias, viajaria inclusive mais rápido. Mas, eventualmente, todo mundo esqueceria.

Exceto eu, possivelmente.

Abri as portas de vidro que dirigiam ao centro atlético. Duas garotas caminhando para o edifício com bolas de voleibol colocadas sob seus braços e me viram enquanto entrava. Alguém me apontou com uma sacudida de seu queixo e falou com sua amiga em voz baixa.

Caramba, me pergunto do que estão falando?

Avancei sem dar outra olhada em sua direção. Não podia brigar com todo mundo, era muito malditamente exaustivo. Assim cortei caminho para a esquerda em direção ao campo de futebol, onde seguiam alguns jogadores. Embora não estava perto deles, deixaram de chutar a bola para me observar enquanto passava. A vergonha me fez querer me acovardar e baixar minha cabeça. Em seu lugar, obriguei-me a manter minha cabeça erguida. Era uma garota dura da Filadélfia, depois de tudo, apesar de que estava quase



soluçando no interior.

Mantive meus olhos fixos para frente, para onde terminavam os campos e começavam os atalhos através do bosque. Se pudesse chegar ali, encontraria um pouco de consolo dos sussurros e olhares de julgamento. Ao menos, isso era o que tinha esperado.

A brisa de final de agosto agitava as folhas das árvores e balançava meu comprido cabelo. Respirei fundo, desfrutando do ar fresco e do entorno tranquilo enquanto entrava nos atalhos. A pesar do drama do dia anterior e da atenção negativa que havia me trazido, realmente amava estar aqui e preferia a localização remota do campus que as ruidosas ruas e sua desagradável agitação.

Localizada numa pequena cidade nos subúrbios do Allentown, Saint Jude estava rodeada de bosques e campos de milho. Os atalhos do campo através dos bosques serviam como pista para os atletas e como um lugar para que os bebedores menores de idade celebrassem suas exclusivas festas ilegais. Você podia estar completamente bêbado, mas se seguisse qualquer atalho, chegaria até os campos ou na estrada principal. Os campos de milho eram usados para a iniciação dos alunos do primeiro ano: os estudantes do primeiro ano corriam nus através dos caules altos em troca



de uma camiseta de cinco dólares.

Não deveria ter sorrido, considerando meu dia, exceto que o fiz. A corrida do campo de milho foi a primeira vez que Brody e eu tínhamos visto o outro nu. E mesmo assim usávamos nossas camisetas de cinco dólares.

Meu sorriso se desvaneceu. Brody, Deus, Brody. O que ia fazer com ele? Era doce e inteligente e bom para mim. Mas eu não era boa para ele, apesar de que realmente queria ser.

Meus passos ansiosos desaceleraram quanto mais pensava nele. Tínhamos nos conhecido na classe de química, no começo de nosso primeiro ano. Apresentou-se só como Brody poderia, me lançando uma bola de papel enrugada na minha cabeça.

— Faça isso de novo e chutarei seu traseiro, menino bonito — tinha advertido. Ele sorriu.

— Acha que sou bonito?

Não, penso que é mais quente que Alex Pettyfer de pé no inferno, mas não disse isso. Em seu lugar disse:

— Malditamente desagradável — foi minha resposta. Voltei quando a professora entrou na sala de aulas. Fiquei rígida quando ouvi um papel enrugando-se atrás de mim. Mesmo assim, ignorei Brody e liguei meu computador



portátil, certa que não faria de novo, quando outra bola de papel ricocheteou em minha cabeça. Como uma reação instintiva, lancei meu livro de química. Brody o apanhou antes que golpeasse suas costelas. No lugar de zangar-se, riu e me acompanhou até o elevador depois da aula.

Pelo resto do ano ficamos praticamente inseparáveis, mas não foi até o começo do seguinte semestre que nos convertemos em mais que amigos próximos, mas não durou.

Graças a Carlos, de novo.

Minha prática de remo de duas horas tinha sido brutal, mas foram os pensamentos sobre minha família que me deixaram repentinamente cansada. Deixei o atalho depois de outros cinco minutos de caminhada e cruzei a estrada. Não estava pronta para me dirigir ao meu quarto, assim virei para o pequeno jardim de reflexão no topo da colina. Sentei-me em um dos bancos de madeira, permitindo que minha bolsa de lona caísse sobre o meio-fio de cascalho. Eu gostava do lugar e o visitava frequentemente, me dava uma sensação de calma que sempre tinha ansiado quando era menina.

Desta vez a paz não durou e não fiquei só por muito tempo. Um desfile de passos trovejou a minha esquerda. Levantei meu olhar e vi os membros da equipe de Lacrosse correndo para mim em seu caminho para os atalhos. Todos



corriam sem camisa, exceto Brody. Como vice capitão, corria na frente junto de seu amigo Logan.

O Lacrosse não começaria até o próximo semestre. Mas Saint Jude tinha ganhado o campeonato de terceira divisão da NCAA (*National Collegiate Athletic Association por sua sigla em inglês, É uma associação composta de 1.200 instituições, conferências, organizações e indivíduos que organizam a maioria dos programas esportivos universitários dos Estados Unidos.*) os últimos dois anos.

O treinador planejava manter seu título e os fazia treinar muito antes que começasse a primeira partida.

O olhar do Brody piscou quando me viu. Seu corpo se esticou. Não estava preparada para vê-lo, mas não deveria estar tão surpresa. A equipe corria no perímetro do campus ao final de cada treino e terminava nos atalhos.

Reduziu a velocidade até deter-se. Seus companheiros de equipe, em sua maior parte, lançaram-me um olhar antes de cruzar a estrada e desaparecer nos atalhos. Alguns deles ficaram olhando cuidadosamente.

— Irmão, vamos – insistiu Isaac Parker.

— Alcançarei vocês mais tarde, meninos. — Brody se uniu comigo no banco, colocando um pé no assento. — Olá,



Lety.

Isaac falou com Brody como se eu nem sequer estivesse ali. — Está certo que quer fazer isto? Seu pai está bastante fodido. Brody se elevou em toda sua estatura.

— Como alguém que foi apanhado masturbando-se com desenhos animados enquanto usa roupa íntima rosa. — Encolheu os ombros. — Mas mesmo assim sigo passando um tempo contigo.

Um par de meninos riu com força enquanto o rosto do Isaac se tingia de vermelho. Brody sorriu.

— Não importa, Isaac. Não é o primeiro menino que... espera, não importa. Provavelmente é. Mesmo assim, não é nada do que se envergonhar, amigo. Só segue fazendo sua coisa... e possivelmente a próxima vez tente com velhos episódios de Baywatch no lugar de desenhos animados. Pode ser que seja menos horripilante.

Isaac retrocedeu, franzindo o cenho, antes de se separar com o resto da equipe atrás dele.

— Até mais tarde, Lety — gritou Logan com um gesto.

— Até mais tarde — disse, embora provavelmente muito baixo para que Logan escutasse. Brody sentou no banco junto a mim. Puxei a barra da minha calça. Qualquer coisa



era melhor que enfrentá-lo.

— Obrigada.

— Dia difícil?

Suspirei.

— Pode-se dizer isso.

Brody brincou com as mechas onduladas de meu cabelo, sua voz profunda baixando.

— Por que não me chamou ontem à noite ou me mandou uma mensagem de texto hoje?

— Não tinha muita vontade de falar, realmente.

— Inclusive comigo? Estávamos acostumados a falar de tudo, recorda? — Deixou escapar um suspiro quando não respondi. — Letz, pensei que estávamos começando a chegar a alguma parte.

Seu apelido não deveria ter puxado meu coração da maneira que o fez, mas tudo que Brody fazia tinha esse efeito em mim.

— Também pensava o mesmo.

— O que mudou?

Fiz um gesto para seus desaparecidos companheiros de



equipe.

— Não é óbvio? Meu louco pai de merda apareceu, me recordando por que está melhor sem mim.

Brody passou seus dedos através do cabelo loiro. — Não posso acreditar que nos esteja fazendo isto outra vez.

Minhas mãos caíram a meu lado.

— Brody, não estou tentando te machucar. Por que não pode simplesmente aceitar que não sou a pessoa mais indicada para você?

— Por que não pode aceitar o que significa para mim?

Minha cabeça baixou. Não era o tipo de garota que chorava muito. Mas quando se tratava dele, era impossível lutar contra as lágrimas. Alguém como Brody nunca devia apaixonar-se por alguém como eu. Eu era uma minoria do lado equivocado da cidade. Ele era o atleta popular que vinha da riqueza e que todas as garotas bonitas e livres de drama que o rodeavam esperando sua oportunidade para saltar.

— Porque não estamos destinados a estar juntos — respondi com sinceridade.

— Isso é uma merda. Passamos nosso primeiro ano unidos pelo quadril, nos divertindo. — Seu tom se



aprofundou. — E quando finalmente acordou e se deu conta do muito que te desejava, ninguém podia meter-se entre nós.

Cobri meus olhos.

— Brody, não. Não posso pensar em nós dessa maneira.

— E eu não posso me deter. — Suas grandes mãos puxaram meus pulsos e os baixaram lentamente. — Disse a sério no aniversário. Rompeu meu fodido coração.

Tristeza e ira cruzaram sua expressão, mas ele não era o único afetado pelo que eu tinha feito. Minha voz tremeu.

— Acha que foi fácil deixar você ir? Não foi o único esmagado. Chorei cada dia durante um mês quando rompemos.

— Então por que o fez? E por que está fazendo isto agora?

Minha visão se nublou enquanto pensava sobre o horrível dia quando rompi nossa relação. Carlos tinha quebrado meu nariz e tinha me dado uma concussão cerebral, logo após chegar drogado com cocaína a uma festa familiar. Brody tinha observado o sangue saindo de mim, incapaz de liberar-se dos homens que o seguravam. Teria dado o que fosse para lhe economizar essa parte de minha



vida. Em seu lugar, ele tinha visto tudo.

— Nunca serei o suficientemente boa para você e sabe.

— Está errada. — Atraiu-me para ele. Seus lábios empurraram contra mim até que os meus se abriram e lhe permiti acesso. Não deveria ter feito. Sabia que não deveria, mas minha resolução se derrubou e me entreguei, rodeando meus braços ao redor de seu pescoço.

Seus braços fortes se envolveram ao redor de minha cintura e aprofundou nosso beijo. Sua língua se moveu com a minha, dando voltas e me incitando a jogar. Minha coluna se arqueou enquanto me atirava mais contra seu corpo. Não tinha me beijado desde o dia em que me afastei e agora não queria que parasse.

Gemi brandamente, lhe devolvendo sua amostra de afeto com igual força e entusiasmo. Deus, tinha sentido saudades dessa boca. Nosso beijo se intensificou, convertendo-se em mais. Tomamos nosso tempo, como se nada mais importasse. Quando finalmente nos separamos, ambos estávamos ofegando.

— Não deveríamos ter feito isso — disse.

Sorriu.

— Sim, deveríamos. A verdade é que não sei por que



paramos.

Afastei-me quando tentou me beijar de novo, desejando que a vida fosse assim fácil.

Brody agarrou meu queixo, inclinando-me brandamente para que me encontrasse com seu rosto.

— Letz, vamos. Estamos melhores juntos que separados. Baixei minhas pálpebras.

— Não pode dizer isso a sério.

— Sim, faço. Passei todo o ano passado tentando te superar.

Minhas mãos se estenderam através dos músculos volumosos de seu amplo peito. Dessa vez eu sorri.

— OH, sim. Vi todas as garotas oferecendo-se para te ajudar com seu dilema. Inclinou sua cabeça para um lado.

— Como vi você e Justin Kalabrowski beijando-se no baile No — Pants.

— Não estava beijando-o. — Sim, estava. Estava no corredor perto do banheiro e tomou tudo o que tinha não golpear aquele merdinha.

Levantei as sobrancelhas.



— Penso que Karen Enderson, seu encontro, não teria gostado disso. Ou era Linda Marrington? Ou Jessica Gustfenson? Ou Cindy Vincent? Mmm, possivelmente estou confundindo todas com Lissette Miller. — Golpeei meus dedos contra ele. — Esqueci alguma?

Sorriu.

— Wendy Jenner.

Meus dentes se apertaram.

— OH, sim, a boa e velha Wendy. A garota que canta à tirolesa durante o sexo. Como poderia esquecer?

— Disseram-me que não é realmente um canto à tirolesa, a não ser um gemido emocionado. — Riu quando o fiz, mas logo sua expressão se escureceu. — Para que conste, nenhuma delas significou nada. Só garotas com as que saí algumas vezes.

Sorri brandamente.

— E para que conste, não beijei Justin. Ele me beijou. Pôs os olhos em branco.

— Lety vi vocês. O cara estava sobre ti como um pedaço de fita adesiva.

— Se viu isso me viu golpeando-o com o joelho nas bolas



quando disse que parasse e não o fez?

A ira esticou seus músculos e aprofundou seu tom.

— Não. Não vi.

— Bom, isso foi o que aconteceu.

— Sempre odiei esse cara. Lembre-me de bater na sua bunda da próxima vez que o vir. — Minha cabeça caiu contra seu peito quando me atraiu para si. Escutei o constante batimento do coração, sentindo uma sensação de paz que não tinha sentido em muito tempo.

— Não funcionou, já sabe — disse depois de um longo tempo.

— O que não funcionou?

— Sair com todas essas garotas. Nunca te superei.

Agarrei o tecido cinza de sua camiseta. Sabia ao que se referia. Os poucos encontros nos quais minhas amigas tinham me convencido a ir foram, no máximo chatos. Nenhum dos caras me atraía um sorriso fácil ou me fazia feliz como Brody. Nenhum deles me fazia sentir sexy e desejada. Brody tinha sido meu tudo, exceto que sabia que não podia lhe oferecer tudo em troca.



Suas mãos desceram por minhas costas.

— Se não me desejasse, Lety, juro por Deus que me afastaria. Mas me deseja. Vejo na forma como me olha. E sei pela forma como me beijou.

— Nunca foi porque não o desejo, Brody. Só estava tentando evitar que se machuque.

Brody fortaleceu seu aperto.

— Letz, não vou fingir que sua família não está fodida. Mas se pensar que é a única com um passado fodido, está errada.

Seu tom tinha reunido uma borda estranha e perigosa que me assustou. — Do que está falando?

Afrouxou seu aperto e deixou cair seus braços, inclinando a cabeça para um lado. — Esqueça.

— Brody...

Ficou de pé e colocou suas mãos em seus quadris, olhando o chão fixamente. Por um minuto, pensei que ia correr.

Levantei-me.

— O que acontece?



Moveu sua mandíbula.

— Agora não, está bem?

A forma como disse me fez pensar que nunca seria um bom momento. Agarrei suas mãos e as sustentei com força.

Olhou-me e deu um forte aperto em minhas mãos. — Quero outra oportunidade contigo. Permitirá que aconteça?

Apesar de nosso beijo, não estava convencida. Éramos tão diferentes.

— Não sei se posso, baby. Talvez seja melhor que sejamos simplesmente amigos.

Riu brandamente e me atraiu de novo para ele.

— Não pode me dizer "baby" como estava acostumada a fazer e esperar que seja só seu amigo.

— Inclusive se isso for o melhor para você? Então deixou de sorrir.

— É o melhor para mim. Simplesmente não sabe ainda.

Seu tom e seu olhar me mantiveram no lugar. Meu novo iPhone, um presente de meu irmão, vibrou em minha bolsa de lona, me dando uma desculpa para me soltar de seu aperto. Procurei através de um par de calças extra e puxei o



aparelho. Uma mensagem de texto do decano Riley.

Lety, está disponível para me encontrar em meu escritório a primeira hora da manhã?

Grunhi, sabendo que não eram boas notícias.

Posso estar aí às oito e trinta.

Não levou muito tempo para responder.

Sim.

Brody franziu o cenho. — O que aconteceu?

Bati meu dedo na parte posterior de meu celular, me debatendo entre lhe contar ou não.

— O decano me chamou para vê-lo esta manhã. Os O'Sullivan vão revogar minha bolsa.

— Pelo que fez Carlos? — Brody amaldiçoou quando assenti. — Não podem fazer isso.

— É um colégio privado e uma doação privada.

— É uma discriminação de merda.

Sacudi minha cabeça.

— Não, se estão declarando que é por falta de recursos.



— Fodidos imbecis.

Sim, algo assim.

— O decano está tentando ver se podem me conseguir um empréstimo. Suspirou.

— Um empréstimo? Vamos, com seus antecedentes e qualificações, deve ser fácil conseguir.

— Cheguei ao máximo de tudo para o que sou elegível. Com os custos crescendo no ritmo que tem feito, necessitava da bolsa para ficar na escola. — Chutei o cascalho aos meus pés. — Pode ser que consiga outro trabalho.

Brody suspirou.

— Já está tendo que trabalhar sua bunda desta maneira.

— Não tenho outra opção.

Seu olhar se bloqueou com o meu. — Sim, tem. Poderia te dar o dinheiro.

Endireitei-me. Brody vinha do dinheiro e todos sabiam. Muitas putas em busca de ouro tinham tentado fazê-lo seu gênio da lâmpada. Eu não seria uma delas. Eu não seria minha mãe. Ela me mostrou que nunca deveria depender de um homem... para nada.



Agarrei minha bolsa de lona.

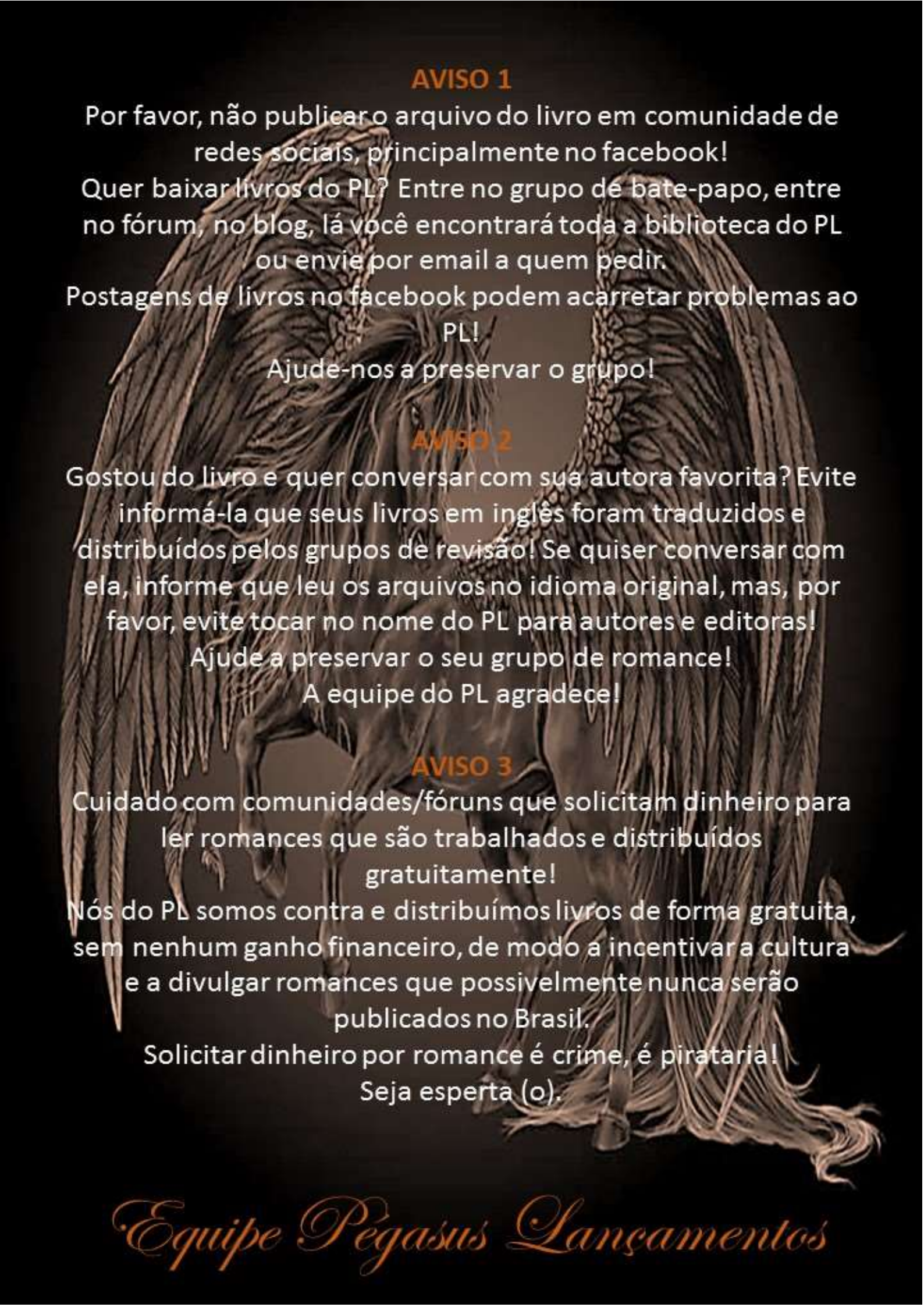
— Posso me virar não se preocupe por mim.

— Lety...

— Estarei bem. — Apressei-me pelo caminho para o quarto onde vivia, desejando como o inferno simplesmente poder deixá-lo ir. Quis dizer o que disse: Brody merecia algo melhor que eu.

Continua...





AVISO 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL , ou envie por email a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!
Ajude-nos a preservar o grupo!

AVISO 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

AVISO 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!
Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).

Equipe Pegasus Lançamentos